

Hum fio de voz, não quebra silencio

Retórica e pedagogia do silêncio em Rafael Bluteau

Ana Isabel Araújo Marques Rafael

Dissertação de Doutoramento apresentada à

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ORIENTADA pela Professora Doutora Maria Luísa Malato Borralho



P O R T O
2 0 1 2



S I L E N C I O

*Sou mais antigo que o Mundo,
E antes que Deos falasse, eu sou.
Desde a eternidade, o nada foy meu irmão.
Ainda hoje no Mundo reyno,
E o meu reynado he de noite.
Sou o que na agonia
Ao ultimo arranco se segue;
Sou o Benjamim de S. Bruno,
Sem pronunciar palavra,
Nas suas casas impero.
Sou a causa de não ser
Tudo o que se pódera dizer.
Não chego aos ouvidos,
Os olhos me não enxergaõ;
Nas praticas não deixo de servir,
Por mi logo se conhece
O que vay do discreto ao tolo.
Não persuado, nem dissuado;
Senaõ dou bons conselhos,
Nunca dey conselhos maos.
Sou a alma do segredo.
E sem recorrer a Galeno.
Para dores de cabeça sou bom.
Tomara dizer claramente
O que na realidade sou,
Mas sem deixar de ser o que sou,
Não he possivel que o diga.*

(Rafael Bluteau, «Prosa Symbolica», *Prosas portuguesas...*)

Índice

Índice.....	4
PREÂMBULO	6
I. O TÓPICO BIOGRÁFICO: uma forma de atenção ao silêncio e à palavra.....	10
II. O TÓPICO VERBAL: uma forma de atenção ao silêncio	43
1. Entre as linhas da história.....	44
2. O <i>tertium genus</i>	48
3. Uma diferente influência	53
4. Um inventariar por favor.....	63
5. A visão neutra	66
6. Do inventário à invenção.....	81
7. O legislador estrangeiro	88
8. As letras, evidentes e silenciosas.....	95
9. As palavras “suplicantes”	101
III. O TÓPICO DO SILÊNCIO: uma forma de atenção à palavra.....	114
10. A página em branco.....	115
11. O tesouro alquímico	121
12. Antologias, calados jardins	134
13. Retiros, jardins e hortas.....	139
14. Segredos e máscaras.....	147
15. O silêncio da infância.....	171
16. Babel como solução	177
CONCLUSÃO	181

1. Ler Bluteau no espaço indelével entre as linhas.....	182
2. Ler Bluteau entre as vozes mudas	190
3. Ler Bluteau à sombra do silêncio	196
4. Ler Bluteau na atualidade.....	217
BIBLIOGRAFIA.....	227
1. ATIVA	228
2. GERAL	230

PREÂMBULO

PREÂMBULO

É retórico não só o que se diz e o que se mostra mas também o que se cala ou o que se dissimula. Subjacente ao argumento está, quase sempre, a sua dissimulação como mero argumento. Como num violino, o som certo não provém tanto da existência das cordas, mas da afinação pontual, circunstancial, dessas cordas, das que se vibram como das que se mantêm em silêncio.

(M. L. Malato e P. F. da Cunha, *Manual de Retórica & Direito.*)

A obra de Rafael Bluteau é pouco conhecida. A crítica centra-se quase sempre nos aspetos linguísticos e, todavia, o seu pensamento literário e religioso merece, propomos, um olhar igualmente atento. Tanto mais que, até ao século XIX, as questões científicas da língua não estavam separadas dos seus pressupostos teológicos e a palavra Literatura cobria aspetos da língua que iam muito para além das questões estéticas.

Devemos contudo sublinhar que este trabalho se não inscreve claramente na História da Literatura Portuguesa, *stricto sensu*. Mas nos elos (silenciosos ou silenciados) que existem entre as disciplinas da História da Literatura e da Retórica, e entre a Retórica do silêncio e a Pedagogia da palavra. Porque este estudo sobre Rafael Bluteau visa universalizar um autor que, tendo escrito entre os séculos XVII e XVIII, permanece um autor atual. Atual porque atravessa o tempo. E é precisamente porque a atualidade ignora um contexto fixo e estático que interessa demonstrar a importância da atualidade deste autor para a atividade de crítica/leitura e da resistência/escrita. Bluteau é atual porque não é atual: é de sempre.

As figuras do pensamento (tropoi) contrastam com as figuras em geral e a verdade do discurso funda-se muito para além do que é dito por um autor dentro dos

trâmites do tempo, merecedor de ser aqui (re)valorizado. Um sentimento intensificado pelo desprezo, ou somente esquecimento que os séculos posteriores parecem reconhecer-lhe.

Ao recorrer e jogar com os sentidos do inefável¹, com todos os processos elípticos, perifrásticos, simbólicos e metafóricos implícitos a uma escrita do não-dito, do inter-dito, o nosso Autor transforma as limitações da linguagem num infindável potencial semântico.

A importância da palavra em Rafael Bluteau não ignora a importância do silêncio. E porque na retórica do silêncio é fundamental repensar a eficácia da palavra, ininteligente seria uma pedagogia da palavra que não problematizasse a eficácia do silêncio, essa misteriosa e sublime «retórica do não»², num «fio de voz [que] não quebra silêncio.»³

Em nenhum trabalho sobre Bluteau nos parece ter sido evidenciada a importância da atenção crítica às entrelinhas, pelo menos de forma sistemática. E por isso a queremos evidenciar, ao mesmo tempo que a importância de Bluteau no pensamento do século XVIII, não tanto para nele realçar uma atitude “iluminista”, que o desloque da poética “barroca” seiscentista, o que já foi feito pontualmente por alguns críticos⁴, mas para atualizar essa atitude, sublinhando-a através da sua pedagogia.

¹ Na medida em que «há todo um universo verdadeiramente subestimado de comportamentos por explorar e estudar que funciona exteriormente ao conhecimento consciente e em justaposição com as palavras.» (Edward T. HALL – *A linguagem silenciosa*, trad. Manuela Paraíso, Lisboa: Relógio D’Água Editores, 1994, p. 9.)

² Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 239. Leia-se, ainda, Carlo MICHELSTAEDTER – *La Persuasion et la Rhétorique*, trad. Marilène Raiola, Paris: Éditions de L’Éclat, 1989.

³ Rafael BLUTEAU – «Vocabulário de Termos próprios, e metaforicos...», *Vocabulário Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 455 (TERMOS Concernentes ao não falar, e guardar silencio).

⁴ V., por exemplo, Hernâni CIDADE — «Dom Raphael Bluteau», in *Revue de Litterature Comparée*, Paris: Boivin et Cie., 1938, pp. 69-82 ; Ofélia Paiva MONTEIRO – «No Alvorecer do ‘Iluminismo’ em Portugal: D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde da Ericeira (1ª parte/2.ª parte)», in *Revista de História Literária de Portugal*, Coimbra: Coimbra Editora, 1962; Ana Araújo RAFAEL – «Bluteau e a afirmação do presente», *O vivente livro: o mito da biblioteca ideal nas Prosas Portuguezas de Rafael Bluteau*, Tese de mestrado apresentada na FLUP, Porto: [s/n], 2008, pp. 60-77. Note-se ainda que apesar de não constar, na íntegra, um artigo sobre Rafael Bluteau no *Dicionário de Literatura* de Jacinto do Prado Coelho, são muito precisas as remissões que acompanham a sua entrada: «Bluteau, D. Rafael. V. Divisa, Emblema, Iluminismo, Linguística e Neoclassicismo. Na Literatura Portuguesa.» (*Dicionário de*

Assim, não curaremos da obra de Rafael Bluteau para o situarmos num contexto histórico-literário, mas para entendermos como “moderno” esse contexto.

Este trabalho corresponde a uma ousada tentativa de alterar o que não pode ser alterado por uma só voz. A frequência do cânone, do ponto de vista literário e musical, é sempre uma força de vozes em consonância. Por isso nos deparamos com um paradoxal desígnio quer nos pontos de partida quer nos de chegada.

«Caminante no hay camino, / se hace camino al andar».⁵ De facto, esse caminho vai-se construindo e, tal como numa espiral, cada meio círculo cria o centro de um novo círculo mais amplo.

O caminho da persuasão não é um caminho de todos ou com todos. O texto não tem uma aprendizagem unívoca e obrigatória, com o fito de fazer o seu caminho. A verdade absoluta como fim de persuasão é um logro. Não só essa situação seria o fim da retórica, mas o fim da linguagem. E o fim da existência humana tal como a conhecemos.

«Não persuado, nem dissuado»⁶, afirma Bluteau sobre o silêncio. Só persuadimos com certeza os que já estão persuadidos e há sempre um elemento afetivo (do domínio do *pathos*) ainda nos argumentos de autoridade (do domínio do *ethos*) ou nas premissas dos exemplos (centradas no *logos*). Entenda-se, também pois, o valor pedagógico do silêncio que decorre da inexistência de discursos absolutos pelo *logos*. E no entanto assim se espera ter sido fiel ao autor e às suas intenções. Àquele que diz ser o silêncio «a causa de não ser/Tudo o que se pódera dizer».⁷

Literatura, Literatura Portuguesa, Literatura brasileira, Literatura Galega, Estilística Literária, dir. Jacinto do Prado Coelho, 4.^a ed., 5 vols., Porto: Mário Figueirinhas Editor, 1997, vol. 1, p. 114).

⁵ Antonio MACHADO – *Poesías Completas*, Madrid: Residencia de Estudiantes, 1917, p. 229.

⁶ Rafael BLUTEAU – «Prosa Symbolica...», *Prosas Portuguezas...*, vol. II, pp. 46-7 (SILENCIO, v. *supra*).

⁷ Rafael BLUTEAU – «Prosa Symbolica...», *Prosas Portuguezas...*, vol. II, pp. 46-7 (SILENCIO, v. *supra*).

I. O TÓPICO BIOGRÁFICO: uma forma de atenção ao silêncio e à palavra

Foi o Padre D. Rafael de estatura menos ordinaria, de muito agradável, e especiosa presença, rosto redondo, de côr muito alva, faces rubicundas, olhos quasi pretos, e todas as feições muito proporcionadas, e na sua conservação notavelmente attrahia os animos.

(Thomaz Caetano de Bem, Memorias Historicas Chronologicas...)

I. O TÓPICO BIOGRÁFICO: uma forma de atenção ao silêncio e à palavra

Não contamos biografias inocentemente. Elas reproduzem não um conjunto de factos, mas um conjunto de temas e argumentos.⁸ Mas, porque não há fontes muito abundantes ou diversas para traçar o percurso biográfico de Rafael Bluteau, escrever um percurso biobibliográfico de Rafael Bluteau exige, na verdade, uma forma de atenção ao pouco que sabemos dele. O seu silêncio desde logo, porque quase não nos deixou indicações biográficas. E o silêncio dos outros depois do seu. Porque os outros só falaram dele depois de morto e sempre parecerá suspeito o elogio “post mortem”. Dos registos biográficos e bibliográficos de D. Rafael que chegaram até nós salientam-se o *Elogio...*⁹ de Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde da Ericeira, a «Oração» de José

⁸ Note-se, desde logo, a distinção entre Tópica (o tema/a estrutura) e Topos/Topoi (o sub-tema, o argumento ou elemento de uma estrutura), mas também entre os lugares-comuns (ideias partilhadas e compreendidas por todos) e os lugares-próprios (que só alguns podem conhecer, pelo estudo, pela ciência, pela sensibilidade...). Leia-se sobre o assunto: *Enciclopédia Einaudi: oral/escrito, argumentação*, dir. Ruggiero Romano, 43 vols., Lisboa: Imp. Nac. – Casa da Moeda, 1987, vol. 2 (Biografia). Leiam-se ainda os seguintes verbetes do *Vocabulario* de Bluteau: «TÔPICA, A Topica de Aristoteles. He o mesmo que a sua Dialectica, ou os lugares communs da sua Logica [...]» e «TOPICO. Na Filosofia, *Topicos*, ou *lugares Topicos*, são certos principios géraes, aos quais se pôdem reduzir todas as provas, de que se usa nas materias que se tratão. E na Rhetorica *argumento Topico* he hum argumento provavel, tomado de varios lugares, & circunstancias do caso.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1721, Tomo VIII, p. 203).

⁹ Cf. Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular, e Academico da Academia Real da Historia Portuguesa...», *Colleçam dos Documentos e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa*, Lisboa: Pascoal da Sylva, 1734, pp. 1-17.

Freire Monterroio Mascarenhas, que dá início ao *Obsequio Funebre...*¹⁰ de Joaquim Leocádio de Faria, e a «Oração Funebre e Panegyrica»¹¹ de Diogo Rangel de Macedo, que o encerrou.

A estes três registos não foi de todo alheio o estudo de Tomás Caetano de Bem, «Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», inserido nas *Memorias Historicas Chronologicas...*¹², executado aproximadamente sessenta anos depois da morte do nosso Autor. Até porque ele os menciona no final da sua exposição.¹³

Contudo, Tomás Caetano de Bem é considerado o principal biógrafo de Rafael Bluteau porque nos lega o único estudo crítico de carácter inteiramente biobibliográfico, uma vez que todos os outros registos se inserem no contexto da sua morte, formatados retoricamente pelo subgénero do elogio fúnebre, e por ele desvalorizados, em certa medida. Devemos também salientar que a comparação das fontes usadas por T. Caetano de Bem nos revela outras insuspeitadas fontes: a singularidade do seu texto não se restringe ao enquadramento genérico da biografia, tida por mais objetiva, ou à sua acrescida extensão. O que caracteriza o texto de Caetano de Bem é um largo suporte epistolar (a correspondência de Rafael Bluteau) a que Caetano de Bem parece ter tido acesso, e sem o qual muito se perderia.

Ressalvando-se assim a exiguidade das fontes, Rafael Bluteau terá descendido de uma família francesa, de apelido Chevalier. Dela todos os mananciais falam, e referem sobretudo o estatuto político-social do avô paterno de Bluteau. O qual terá sido presidente do Parlamento de Paris e embaixador de Luís XIII, pelo menos por duas

¹⁰ Cf. Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre, dedicado a saudosa memoria do Reverendissimo Padre D. Raphael Bluteau, Clerigo regular pela Academia dos Applicados...*, Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734, pp. 1-18.

¹¹ Cf. Diogo Rangel de MACEDO — «Oração Funebre e Panegyrica...», *Obsequio Funebre, dedicado a saudosa memoria do Reverendissimo Padre D. Raphael Bluteau...*, Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734, pp. 154-64.

¹² Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, 2 vols., Lisboa: Regia Officina Typografica, 1792-94, vol. 1, pp. 283-317. Note-se ainda a breve biografia, elaborada no século XIX, por José Barbosa Canais de Figueiredo CASTELO-BRANCO, *Estudos biográficos ou notícia das pessoas retratadas nos quadros historicos pertencentes à Bibliotheca Nacional de Lisboa*, Lisboa: F. A. da Silva, 1854, pp. 239-40.

¹³ Cf. Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, pp. 316-7.

vezes, na corte de Carlos I de Inglaterra. Segundo Francisco Xavier de Meneses, «esta illustre Familia» terá contraído alianças com «a de du Puy e a de Callonge».¹⁴

Apenas Monterroio Mascarenhas e Caetano de Bem se referem aos seus antepassados, em passagens que preferimos citar aqui, para que se comecem a assentar os por demais evidentes paralelismos, sobretudo entre as fontes ditas primárias, de Monterroio Mascarenhas e Xavier Meneses (a que se junta por vezes a de Rangel de Macedo) e a fonte dita secundária, de Caetano de Bem.

*A seu avô, que era Presidente no Parlamento de Pariz, mandou duas vezes por seu Embaixador à Corte de Inglaterra o Christianissimo Rey Luiz XIII. e nam foy este o Varam, que só havia ilustrado a sua estirpe: já anteriormente a tinham acreditado muito Gastam Chevalier com as suas Poesias; e os dous irmãos Roberto, e Antonio Chevalier, traduzindo na lingua Franceza os dous principaes Poetas Latinos no Epico, e no Lyrico, Virgilio, e Horacio.*¹⁵

*Seu avô paterno foi Presidente do Parlamento de París; e a este mandou duas vezes o Christianissimo Rey Luiz XIII. por seu Embaixador á Corte de Inglaterra. Não foi este o Varão o que só havia ilustrado a sua geração, porque já anteriormente a tinham acreditado muito Gastão Chevalier com suas Poesias; e os dous irmãos Roberto, e Antonio Chevalier, com as suas traducções dos dous principaes Poetas Latinos no Lyrico, e no Epico; Horacio, e Virgilio na lingua Franceza.*¹⁶

Em plena concordância, todos os registos associam o local do nascimento de Rafael Bluteau a um certo delito, sempre pouco especificado, e por alguns quase que minimizado (Monterroio Mascarenhas¹⁷ e Rangel de Macedo¹⁸), que seu pai terá cometido e devido ao qual se encontraria refugiado em Inglaterra.

O seu nascimento aparece também associado à escolha do seu nome de família, distinto do de seus pais. A questão da preferência de D. Rafael pelo nome Bluteau é referida por todos os biógrafos, excetuando Rangel de Macedo que não aborda esta

¹⁴ Cf. Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Collecão dos Documentos e Memorias...*, pp. 3-4.

¹⁵ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 4.

¹⁶ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 283.

¹⁷ Cf. Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 4.

¹⁸ Cf. Diogo Rangel de MACEDO — «Oração Funebre e Panegyrica...», *Obsequio Funebre*, p. 158.

questão. Ao que parece, Bluteau terá nascido na corte de Inglaterra, na cidade de Londres (local momentâneo de refúgio da sua família), no dia 4 de Dezembro de 1638, a um sábado, em casa do Superintendente da Cozinha da rainha da Grã-Bretanha, cujo nome era Bluteaw, e que, não sendo de nacionalidade francesa, foi protetor da família do embaixador caído em desgraça e exilado. Facto que parece ter influenciado o nosso Autor na adoção deste apelido, adoção feita por ele, na maioridade e não por sua família no contexto do seu nascimento.

Vejamos como Caetano de Bem parece aproveitar-se alternadamente dos testemunhos, quer de Mascarenhas, quer de Meneses, de modo a produzir um relato próprio, o mais completo possível, mas que também muito perde pela facilidade do trabalho que revela. Uma manta de retalhos, que vai colhendo aqui e ali, sem grandes preocupações com a originalidade do seu texto:

*Viu a primeira luz em quatro de Dezembro do anno de 1638. em casa de Monsieur Bluteau, Superintendente da Cozinha da Rainha da Grã Bretanha, onde a caso por circunstancias particulares se achavam alojados seus pays [...]*¹⁹

*[...] ausentando-se de França, com toda a sua Casa, por hum delicto, a que os poucos annos, e a liberdade da vida militar, que professava, serviaõ de desculpa [...]*²⁰

*[...] e quiz o Reverendissimo D. Raphael fazer eterno o agradecimento desta hospedagem, deixando o apelido de Chevalier pelo de Bluteau [...]*²¹

[...] sacrificou generosamente o indicio da sua nobreza à memoria do seu agradecimento; e depois de restabelecido na sua Pátria, donde já

Vio a primeira luz em sabbado 4. de Dezembro do anno 1638. em Londres, e em casa de Milord Bluteaw (em Francez Bluteau) Superintendente Geral das cozinhas da Rainha da Grão Bretanha, aonde seus pays se achavam alojados , tendo-se retirado de França por causa de hum delicto, que Monsieur Chevalier commettêra, a que os seus poucos annos, e a liberdade da vida militar que professava podiaõ servir de desculpa; e querendo o Padre D. Raphael fazer eterno o seu agradecimento por esta hospedagem, trocou o proprio apellido de Chevalier pelo de Bluteau, sacrificando generosamente o indicio da sua nobreza ao ardor do seu agradecimento, e deixando por este modo indelevel na posteridade juntamente com o nome, e memoria de seu bemfeitor; e restituído depois á sua verdadeira patria,

¹⁹ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 4.

²⁰ Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Collecção dos Documentos e Memórias...*, p. 3.

²¹ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 4.

*naõ necessitava de encobrir o nome,
antes quiz parecer menos illustre, do que
ser julgado por ingrato.*²²

*aonde já lhe não era necessario encubrir o
nome, quiz antes parecer menos illustre, do
que ser avaliado por ingrato.*²³

O nome Bluteau teria assim sido o escolhido, mesmo quando «já lhe não era necessario encubrir o nome», ou independentemente de qualquer disfarce político. Talvez para afastar e atenuar essa mesma suspeita, negando-se essa intenção com o momento da escolha definitiva do nome? Não se sabe. Ou talvez como Monterroio Mascarenhas quer fazer parecer: «Como desde a sua meninice se queria dispor para a Providencia, nem o apelido da sua Familia quiz herdar.»²⁴ Facto aliás que Caetano de Bem omitiu ou a que não deu a devida importância, ainda que este motivo possa perfeitamente ter estado na base da sua decisão de rutura genealógica. Afinal, D. Rafael pode muito bem ter afirmado desde cedo a sua inclinação religiosa, ainda mais, e como veremos mais à frente, quando a posição da família não parecia favorável a tal decisão. Seria, nesta linha de pensamento, oportuno para si a cessação de uma hereditariedade que não escolheu. A abnegação do nome familiar auxiliaria sem dúvida os seus propósitos futuros, ainda mais quando a sua posição de filho varão em nada o facilitaria.

Interessa, talvez, falar de dois outros membros da restante família directa do nosso Autor. A mãe, Maria Felice, cujo nome sabemos somente por intermédio de Francisco Xavier de Meneses²⁵, e uma irmã mais velha, da qual não sabemos sequer o nome, mas que terá igualmente seguido a vida religiosa, ainda segundo informação de Xavier de Meneses, fonte muito evidente de Caetano de Bem. Monterroio Mascarenhas e Rangel de Macedo não a mencionam em nenhum momento. Seguindo a mesma metodologia, evidenciemos a dependência das duas fontes:

*[...] sua irmã, que com vida
igualmente larga, e iguaes
virtudes, teve nobilissimo*

*Soube esta Senhora imitar as virtudes de seu irmão,
assim como o imitou em gozar de huma vida
igualmente dilatada, porque abraçou tambem o*

²² Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Colleçam dos Documentos e Memorias...*, p. 3.

²³ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 283.

²⁴ Cf. Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 4.

²⁵ Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Colleçam dos Documentos e Memorias...*, p. 3.

<i>emprego de Abbadessa Benedictina, e perpetua do Mosteiro de Cosni, no Condado de Nevers, da Provincia de Leão [...]</i> ²⁶	<i>estado Religioso, professando o Sagrado Instituto da Ordem Benedictina, em que teve o nobilissimo emprego de Abbadessa perpetua, no Mosteiro de Cosni, no Condado de Nevers, na Provincia de Leão.</i> ²⁷
--	---

Ainda com a idade de seis anos, Rafael Bluteau terá regressado com a mãe²⁸ (ou com os pais²⁹) a Paris, distanciando-se das agitações políticas que se fizeram sentir após a morte de Carlos I. No mesmo navio, aliás, da rainha Henriqueta Maria de França, que também procurava refúgio da rebelião inglesa. Este episódio da sua vida infantil merece dos biógrafos algumas considerações. Tanto Monterroio Mascarenhas como Francisco Xavier de Meneses o mencionam. Desta vez, Caetano de Bem parece ter preferido a passagem de Mascarenhas, à qual apenas acrescenta alterações sinonímicas ou meros amplificadores, para melhor compreensão frásica:

<i>As civis alterações, e execrandos disturbios, que no anno de 1644. começaram a afligir Inglaterra, (e hoje confessam com bastante pejo haverem sido desordens, os descendentes dos memos, que as commetteram, festejando como Martyr o Rey, que naquele tempo declamavam por delinquente) obrigaram a Rainha Henriqueta a deixar o Throno, e o thalamo, buscando no Reyno, que lhe deu o ser, conservaçam à sua existencia, e refugio à sua afflicçam. Embarcou-se o Reverendissimo D. Rafael de idade de seis annos com sua mãy, no mesmo navio, em que esta lastimadissima Princeza passou a</i>	<i>As civís alterações, e execrandos disturbios, que no anno de 1644. começárão a affligir Inglaterra, (a que hoje os descendentes dos memos que as commettêrão, confessão com bastante pejo terem sido desordens, celebrando como Martyr o mesmo Rei, que naquelle tempo accusavão por delinquente) obrigárão a Rainha Henriqueta Maria de França a deixar o thalamo, e o throno, e buscar no Reino que lhe deo o ser conservação á vida, e allivio á sua afflicção. No mesmo navio, em que esta lastimadissima Princeza se embarcou, fez tambem viagem em idade de seis</i>
---	---

²⁶ Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Colleçam dos Documentos e Memorias...*, p. 4.

²⁷ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 284.

²⁸ Cf. Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, p. 283.

²⁹ Cf. Francisco Xavier de MENESES — «Elogio do reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», p. 4.

*França, e sahiu felizmente por entre canhoens das naos Inglezas, que sem interpolaçam vomitavam ferro, e fogo, porque a fogo, e ferro, queriam extinguir a Real Familia; porém desde entam o começou a livrar a Divina Providencia, porque os tiros, que se destinavam à ruina, só pareceram salva.*³⁰

*annos o Padre D. Rafael com sua mãe. Por entre os canhões das náos Inglezas, que barbara, e ansiosamente pertendendo extinguir a Real Familia, sem interpolação vomitavão ferro, e fogo, passarão a França, soccorrendo nesta ocasião a Providencia com bem manifesto testemunho da innocencia [...]*³¹

É interessante aqui sublinharmos a valorização dos elementos proféticos na sua biografia. Este carácter profético gerado pela proteção divina com que Monterroio Mascarenhas termina este episódio é partilhado por Francisco Xavier de Meneses que também aborda a questão, revelando-nos um lado profético/divino de inspiração heróica/política que o texto de T. Caetano de Bem mantém. O exílio da rainha Henriqueta Maria teria protegido Rafael Bluteau da heresia protestante e este teria sido o Hércules, o herói que vence o mal (religioso/político) por intermédio do escudo divino (representado pela mesma rainha).

*Mas não deixarey de advertir, que a mesma Santa Tutelar, que desde o seu nascimento o preservou dos rayos da inveja, tambem na sua infancia o livrou dos da heresia; porque tendo seis annos, sahiraõ seus pays de Inglaterra, conduzindo-o a França, e a sua irmãa [...] ao embarcarse, seguindo a Rainha Henriqueta Maria, que com os Principes seus filhos se ausentou de Inglaterra, por evitar os funestos effeitos da rebeliaõ, dispararaõ, contra o pequeno Navio que transportava a innocente, e Catholica Familia de Monsieur Chevalier, outros rayos, não menos fulminantes, os canhoens Inglezes e o que havia de ser Hercules Gallico, que como o antigo, com as cadeas de ouro na boca, prendesse a todos com a preciosa eloquencia, tambem foy Hercules, vencendo no berço aquellas serpentes de fogo.*³²

Expostos os registos que abordam este episódio, devemos sobre eles fazer algumas considerações. Desde logo sobre as suas ligeiras oscilações. Caetano de Bem

³⁰ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, pp. 4-5.

³¹ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, pp. 283-4.

³² Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Colleçam dos Documentos e Memorias...*, p. 4-5.

preferiu a passagem de Monterroio Mascarenhas, é certo, contudo este último não inclui a irmã na viagem, ao contrário de F. Xavier de Meneses. Este último, por seu lado, não fala da viagem com a mãe (como os dois anteriores), mas com os pais e com a irmã. Como se vê, as fontes primárias não estão de acordo relativamente a quem (mãe ou pais, com irmã ou sem irmã) terá acompanhado Rafael Bluteau na dita jornada de regresso a França. O que parece ser certo, uma vez mais, é o facto de Caetano de Bem fundir as informações: inclui a irmã na viagem (tal como Francisco Xavier de Meneses) mas fala da mesma viagem não com os pais, mas com a mãe (tal como Mascarenhas). Quando essas informações se complementam, melhor, quando se contradizem, ele parece escolher uma, sem referência alguma ao porquê da sua escolha ou sequer à não concordância das mesmas fontes. O que parece interessá-lo é sobretudo a leitura profética, a construção mítica de Rafael Bluteau.

Continuemos a comparar as fontes. Ao que tudo indica, o percurso estudantil do nosso Autor desenvolve-se pelos seguintes locais: no Colégio de La Flèche, um dos colégios jesuítas mais prestigiados, o mesmo onde estudara René Descartes (nele Bluteau foi Porcionista, estudou Gramática, Humanidades e Retórica); no Colégio de Reims, fundado em 1606 pela Companhia de Jesus, após a autorização de Henrique IV (aqui aperfeiçoou o estudo da Retórica) e finalmente no Colégio de Clermont, então frequentado por Molière e um século mais tarde por Voltaire (desta vez para o estudo da Lógica, «porta, e introdução para todas as sciencias»³³).

Ao analisarmos esta etapa da vida de Rafael Bluteau, vemos nitidamente como Caetano de Bem articula os textos, quer de Mascarenhas, quer de Meneses, de modo a construir o seu texto:

*Em Pariz, aquella grande emporio da Monarchia Franceza, (nam só na Europa, mas em todo o Mundo celebre) começou ser Aplicado, porque principiou a applicarse aos estudos.*³⁴

[...] *Em Pariz estudou dous annos Grammatica, e oito no Collegio de la Fleche, sendo nelle Porcionista, continuou as*

Em París, emporio da Monarquia Franceza, e não menos das letras, começou D. Rafael a se applicar aos estudos. No famoso Collegio de la Fleche, em que por tempo de oito annos foi Porcionista, aprendeo a Grammatica Latina, e Grega, e logo as Humanidades, ouvindo as lições do

³³ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 284.

³⁴ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 5.

*Humanidades com o grande Mestre o Padre Daroy Jesuita, que nos ultimos dous lhe ensinou Rhetorica, se aperfeiçoou em Rheimo, no terceiro anno desta eloquente Faculdade, em que fez o mais admiravel progresso, que não deveo menos à natureza, que à Arte. Voltou a Pariz, donde no Collegio de Clermont, da Companhia, lhe ensinou Logica o insigne Padre Herault, depois Confessor da Rainha Catholica D. Maria Luiza de Orleans; e como já estava, não só bem instruido na lingua Grega, mas com perfeito conhecimento da Latina, pode entender o texto dos Filosofos antigos, e os diversos Systemas dos modernos, cultivando ao mesmo tempo algumas partes da Mathematica, brilhando o seu engenho na subtileza dos argumentos, descobrindo na Fysica as propriedades dos corpos, na Methafysica a dos espiritos, e na Ethica o recto uso das paixões, que sempre soube moderar, sem que a austeridade de Religioso perturbasse a urbanidade de Cortezaõ, nem na opulencia dos Palacios se esquecesse da moderação dos Claustros.*³⁵

*Padre Francisco le Roy, Jesuita. Nos ultimos dous annos, e com o mesmo Preceptor, se applicou ao estudo da Rhetorica; e passando ultimamente para o Collegio de Rheims, aqui se aperfeiçoou nesta tão nobre, como importante faculdade, em a qual não deveo menos á arte, que á natureza. **Para maior conhecimento da Poetica, tão util para o exercicio da Rhetorica, ouviu tambem as lições do famoso Jesuita Lourenço le Brun, a quem soube perfeitamente imitar no discreto, e no suave.** Para entrar em o estudo das sciencias mais severas, voltou a París; e no Collegio de Clermont, da Companhia, ouviu os preceitos da Logica; porta, e introdução para todas as sciencias, que lhe dictou o insigne Padre Herault, que depois foi Confessor da Rainha Catholica D. Maria Luiza de Orleans, cultivando ao mesmo tempo algumas partes da Mathematica, em que não menos brilhava o seu raro talento.*³⁶

Constatamos assim que F. Xavier de Meneses é o único a fazer referência aos mestres jesuítas de Rafael Bluteau, tanto a Francisco Le Roy como a Herault. Nem Meneses nem Mascarenhas, nem mesmo Diogo Rangel de Macedo, falam ou referem o estudo da Poética, da sua importância para a Retórica, com o mestre, também jesuíta, Lourenço Le Brun. Verificamos também que, apesar de adotar o testemunho de F. Xavier de Meneses no que remete para os estudos de Bluteau no Colégio de Clermont, Caetano de Bem abrevia em muito a parte final do mesmo testemunho, reduzindo-o ao

³⁵ Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Collecção dos Documentos e Memórias...*, p. 5.

³⁶ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memórias Historicas Chronologicas...*, p. 284.

estudo da Matemática. Poderemos ver nessa opção uma valorização do espírito científico de Bluteau?³⁷

Este percurso terá sido no entanto interrompido por uma forte vocação religiosa que parece ter crescido a par dos seus estudos ou vice-versa. D. Rafael terá decidido deixar a vida mundana, da qual já lograva algumas mercês, para entrar na ordem teatina:

*Cresciam os seus estudos, e com elles os desejos de seguir a vida Ecclesiastica. Recebeu Ordens Menores; e lograva já hum Beneficio simplez, quando com desprezo de todas as esperanças do seculo, se deliberou a sahir delle, batendo à porta desta inclyta Religiam [...]*³⁸

*Crescia nos seus estudos, e nelle igualmente os desejos de seguir a vida Ecclesiastica. Recebeo as Ordens Menores, pouco tempo depois a graça de hum Beneficio simples; porém quando o mundo o lisonjeava com as melhores esperanças, se resolveo ao deixar. Bateo ás portas da Religião Theatina [...]*³⁹

Francisco Xavier de Meneses não refere este *beneficio simples*. Contudo, talvez porque foi bastante próximo de Bluteau, dá-nos detalhes do seu noviciado, que Mascarenhas, por seu turno, não relata:

Floreciam já felizmente na opiniam geral os seus estudos,

Para este Sagrado, e seguro retiro o conduzio o conselho do Padre D. Estevão Scheatino, Preposito

³⁷ Sobre as novas ciências, e sempre com um domínio e uma eloquência distintos, talvez mesmo inigualáveis, «Personne, dans ce mouvement, ne dépasse Bluteau [...] modernité de ses curiosités intellectuelles. Toutes les inventions, tous les progrès des sciences de son temps, il les connaît et les cite.» (Hernâni CIDADE – «Dom Raphael Bluteau», pp. 77-8). «O célebre Galileu, o famoso Giordano Bruno e o notável matemático, da *Academia Real das Ciências de França*, Cossini, são alguns dos nomes que D. Rafael, algo cansadamente, cita, no que concerne à astronomia e seus sistemas modernos. Desacreditando os sistemas antigos, sobretudo o sistema geocêntrico de Ptolomeu, tem, no entanto, o cuidado e a delicadeza de os respeitar, pelo valor que assumiam ainda no século XVII, e ainda que lhes contraponha o sistema heliocêntrico de Copérnico. Fontenelle e Descartes também não lhe passaram ao lado, bem como as matérias referentes à filosofia natural, a qual introduz como objecto do labor académico. Alerta, inclusive, para a incerteza comum a todas as ciências e elege, dentro das matemáticas, a geometria como única fonte de certeza científica, uma vez que procede por demonstração.» (Ana Araújo RAFAEL – *O vivente livro: o mito da biblioteca ideal nas Prosas Portuguezas de Rafael Bluteau*, p. 42).

³⁸ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 5.

³⁹ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 284.

quando esta Sagrada Religiam da Casa de Santa Anna Real de Pariz, dos Clerigos
 lhe concedeu o seu habito, Regulares [...] No anno de 1660. foy o
 mandandolhe fazer o seu Reverendissimo Padre D. Rafael ter o seu
 noviciado em Florença.⁴⁰ Noviciado em Florença, donde o recebeo o Padre
 D. Lourenço Cocche [...] ⁴¹

Caetano de Bem parece estar mais ou menos atento às vantagens e desvantagens de cada uma das fontes porque, ainda que opte sempre por um discurso o mais completo possível, muitas vezes o transpõe abreviado ou até mesmo incompleto. É o caso destas informações de Xavier de Meneses sobre o ano do noviciado, bem como o nome do padre que recebe Bluteau em Florença. Informações essas que parecem ter sido desvalorizadas por T. Caetano de Bem.

[...] sendo Preposito da nossa Casa de Santa Anna, a Real de París, o Padre D. Estevão Schiatino; e porque os seus estudos lhe tinham conciliado hum geral applauso, e mostrava boa indole, com gosto, e muita facilidade lhe concedeo a Religião o seu sagrado habito, e lhe mandou fazer o seu Noviciado á nossa Casa de S. Miguel de Florença.⁴²

Significativamente, todos os biógrafos referem que a escolha de Bluteau pela vida religiosa terá sido contrariada pelos familiares e amigos. Monterroio Mascarenhas e F. Xavier de Meneses também o indiciam, sublinham mesmo fortes tentativas de persuasão por parte daqueles. Porém, esta *aliança* de tentações terrenas não seria suficiente para aliciar Bluteau, que parece assim atender unicamente às tentações espirituais, preferindo a eternidade à temporalidade.

Restituiu-se ao Rey Carlos II. o Throno da Grã Bretanha; e abriu-se nova porta às esperanças da sua Familia, no favor daquelle Monarcha.⁴³ Restituiu-se a este tempo o throno da Grã Bretanha ao Rey Carlos II. e se abriu de novo a porta ás esperanças da sua familia no favor deste Monarca, que como seu antigo Protector lhe offerecia os primeiros

⁴⁰ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 5.

⁴¹ Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Colleçam dos Documentos e Memorias...*, pp. 5-6.

⁴² Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 284.

⁴³ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 6.

offerecia grandes lugares na sua Casa, como occuparaõ os Bluteaus, de quem reconheceria a adopção...⁴⁴

[...] Instava sua mãy, em que deixasse o habito, segurandolhe empregos ventajosos, e vaidosas honras. Apoyavam os parentes estes officios, lembrandolhe o amor, e a solidam da mãy, o amparo da irmã, e a continuacão da sua prole, em que era unico. Recordavamlhe os amigos os seus passados divertimentos, a liberdade da vida secular, as delicias da Corte; porém a nada attendia: sempre perseverava na sua resolução. As instancias, e carinhos da mãy, os rogos, e saudades dos parentes, os affectos, e a lembrança dos amigos, o amor da Patria, a gloria das honras, e a conveniencia dos cargos, poderiam fazer brecha nos animos mais constantes; porém nem unidas todas as forças desta aliança, poderam ser bastantes a contrastar a fortaleza de Varam tam grande. Tudo rebateu, tudo desprezou [...]⁴⁵

[...] o novo soldado, já provecto no tyrocinio, respondeo constantemente com a palavra Divina, de que não havia de largar das mãos o instrumento, com que era agricultor no Sagrado, e fecundo terreno da Religião [...]⁴⁶

lugares na sua casa, como nella tinham occupado os Blutaws, cuja adopção reconhecia. Instava sua mãi a que largasse o habito, segurando-lhe vantajosos empregos, e vaidosas honras. Estes officios apoiavão os parentes, lembrando-lhe o amor, e a solidão da mãi, o amparo da irmã, e a continuação da sua prole, da qual era o único Varão. Os amigos lhe recordavão tambem a liberdade da vida secular, as delicias da Corte, e os seus passados divertimentos; porém abraçou o Noviço tanto de coração a cruz da Religião, que a nada deu attenção, perseverando sempre constante na sua resolução. As instancias, e carinhos da mãi, os rogos, e saudades dos parentes; os affectos, e a lembrança dos amigos; o amor da patria, a conveniencia dos empregos, a gloria da propria familia, que ainda separadas podião fazer brécha em o animo mais constante, unidas todas estas forças, não forão bastantes para contrastar, ou abalar a fortaleza deste Noviço. Tudo rebateu, tudo desprezou o novo soldado, já provecto no tyrocinio Religioso, respondendo constantemente a todos com as palavras do Divino Oraculo, que tendo sido chamado por agricultor do Sagrado terreno da Religião, não havia de largar das mãos o instrumento do seu ministerio [...]⁴⁷

⁴⁴ Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Collecão dos Documentos e Memorias...*, p. 6.

⁴⁵ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 6.

⁴⁶ Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Collecão dos Documentos e Memorias...*, p. 6.

⁴⁷ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 284.

Confrontámos, já aqui, a questão do filho varão com a responsabilidade que tal posição acarreta na lógica da herança dos bens materiais. Talvez por isso nos pareça coerente a anteriormente citada afirmação de Mascarenhas sobre este assunto. Uma vez que esta seria uma das cruciais preocupações e pressões causadas pelos que o procuravam fazer desistir de uma escolha que ele sabia, desde logo, implicar muitas e fundamentais renúncias.

Pondo de lado todas as delicadas, e por muitos outros desejadas, matérias terrenas, D. Rafael professa na ordem teatina a 29 de Agosto de 1661, tendo portanto vinte e três anos:

*Professou nesta ilustre, e Sagrada Religiam, (que subsiste por milagres da sua fé) em 29. de Agosto de 1661. tendo 23. de idade [...]*⁴⁸

*Em 29. de Agosto do anno 1661. e tendo vinte e tres de idade, fez a sua solemne Profissão nas mãos do Padre Dom Lourenço Cocchi, Preposito da mesma Casa.*⁴⁹

Não sabemos onde T. Caetano de Bem foi buscar a informação sobre o Padre Lourenço Cocchi. Apenas Francisco Xavier de Meneses fala dele, como já referimos anteriormente, mas somente aquando do noviciado de Bluteau. Informação esta que Caetano de Bem descurou e que possivelmente ajustou ao ato da profissão? Por lapso? Ou informação diversa? Uma vez mais não sabemos. Um outro pormenor também parece ter sido esquecido: tanto F. Xavier de Meneses⁵⁰ como D. Rangel de Macedo⁵¹ mencionam o dia do ato da profissão como o dia de São João Batista, bem como a importância deste santo para a sua vida e obra. A São João terá Bluteau dedicado vários sermões⁵², dos quais sublinhamos as «Grandezas dos nadas do Bautista [...]»⁵³. Os

⁴⁸ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 6.

⁴⁹ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 284-5.

⁵⁰ Cf. Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Colleçam dos Documentos e Memorias...*, p. 7.

⁵¹ Cf. Diogo Rangel de MACEDO — «Oração Funebre e Panegyrica...», *Obsequio Funebre*, pp. 158-9.

⁵² Leia-se Rafael BLUTEAU — *Sermoens Panegyricos, e Doutrinaes...*, Tomo II, Lisboa Occidental: Officina de Joseph António da Sylva, 1733, nomeadamente: «Sermaõ no dia do nascimento de S. Joaõ Bautista, prégado no Convento das Religiosas de Santa Mónica» (pp. 22-33); «Sermaõ no dia da degolação de S. Joaõ Bautista, prégado no Convento das Religiosas de Santa Mónica» (pp. 34-45); «Sermaõ no dia do nascimento de S. Joaõ Bautista, prégado no Convento de Santa Clara...» (pp. 158-

“nadas”, que afinal são “tudo” (qualidades de S. João Batista), consubstanciam-se em vinte e um assuntos: do I ao VIII aborda os Tratados teológicos, do IX ao XV as questões científicas (física, metafísica, lógica, política, cosmografia, aritmética, astronomia e geometria) e finalmente do XVII ao XXI o domínio das artes (retórica, gramática, pintura, agricultura e música). Curiosa esta estratificação explícita, desde logo múltipla da três (3x7), mas sobretudo a sua subdivisão subliminar em três grandes assuntos ou núcleos temáticos, reprodutores da completude de S. João Batista, mas também de Rafael Bluteau: a religião, a ciência e a arte.

Tomás Caetano de Bem desvaloriza este elemento que todavia bem podia ser aproveitado para a construção mítica que por vezes faz de Bluteau. Talvez lhe interesse outro retrato mítico.

Os estudos de Bluteau intensificam-se, como já dissemos, a par da sua vocação religiosa. Contudo Monterroio Mascarenhas apenas narra abreviadamente a continuação do seu percurso estudantil⁵⁴. É Francisco Xavier de Meneses quem se prolonga nesta questão, facultando-nos uma descrição relativamente detalhada. Descrição essa que C. de Bem recorta na perfeição, parecendo valorizar ainda mais esta dimensão pedagógica, de cariz filosófico, e dimensão europeia e cosmopolita, como pode ser comprovada pela mancha gráfica e pela comparação dos parágrafos, que por esses motivos integralmente transcrevemos.

[...] foy mandado para Verona, donde continuou a Filosofia, que lia o Padre D. Joaõ Bonifacio Bagatta, tendo por condiscipulo ao Padre D. Caetano Felix Veranne, Author de muitas obras eruditas. Faltava a Roma mais este adorno, e a esta Corte do Mundo Catholico foy

Foi logo mandado estudar Filosofia a Verona, aonde teve por Mestre o Padre D. João Bonifacio Bagatta, e por condiscipulo o Padre D. Caetano Felis Verani, ambos no Orbe Literario bem conhecidos por suas eruditas fadigas. Para ouvir as lições da Sagrada Theologia, passou a Roma em 1664. e na Casa de Santo André de la Valle ouviu as lições desta sagrada Faculdade, que ahi dictava

167); «Sermaõ no dia do nascimento de S. Joaõ Bautista, prégado no Convento da Madre de Deos...» (pp. 168-180).

⁵³ Rafael BLUTEAU – «Grandezas dos nada do Bautista...», *Sermoens Panegyricos, e Doutrinaes...*, Tomo II, pp. 367-403.

⁵⁴ Cf. Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 6. Este autor apenas menciona a movimentação de Bluteau, de Itália para França, tendo já estudado teologia em Roma. Não refere a continuação do estudo da mesma disciplina em França.

transplantado em 1664. para Casa de Santo André de Laval, donde lhe ensinou Theologia o insigne Padre D. Caetano Miroballe, depois Arcebispo de Amalfi. Na Basilica de S. João de Laterano foy elevado às primeiras Ordens Sacras: o Padre Geral D. Angelo Pytachi, de que os livros acreditaõ a republica das letras, o mandou com tres illustres companheiros continuar em Pariz o estudo da Sciencia mais sublime; e seu Mestre, o Padre D. Alberto Fardella, mereceo mais com este discipulo o elogio, que lhe dá Mongitor, na Bibliotheca Sicula, de que as suas liçoens formaraõ muitos Varoens insignes, que forão o ornato da sua Religião. Igualmente ouvia a doutrina, não só Theologica, mas Filosofica, e Mathematica, do subtilissimo Padre D. Guarino Guarini, tambem benemerito de Portugal, por dedicar a sua Filosofia a Francisco de Mello e Torres, Marquez de Sande, e Conde da Ponte, hum dos mais illustres, e prudentes Ministros, que teve Portugal em Inglaterra, e França. [...] impaciente o Reverendissimo Padre D. Rafael (já naquelle tempo Presbytero) de comprehender a Encyclopedia, sempre desejada, e nunca conseguida, se applicou, com felicidade, à Arte de Raymundo Lullio, e pelas combinaçoens dos predicamentos, e principios, a que se reduz, discorria engenhosamente em todas as materias, já facilitando, desde então, o admiravel uso, que lhe

o insigne Mestre Padre Dom Caetano Mirabalo. Aqui na Basilica Lateranense recebeo a Ordem de Subdiacono; e desta Capital do Orbe Christão foi mandado para París a acabar o estudo Theologico. Nesta Corte recebeo as Sagradas Ordens que lhe faltavão, de sorte que no anno de 1665. era já Sacerdote. Governava a este tempo a Religião Theatina o Reverendissimo Padre Dom Angelo Pistacchi, cujas obras Literarias illustrão a Republica dos Sabios; e ordenou que o Padre D. Rafael Bluteau, com mais tres companheiros, e Religiosos, passassem a París a continuar o estudo da mais sublime sciencia. Aqui teve por Mestre, o insigne Padre D. Alberto Fardella [...] Por hum tal discipulo podemos dizer que mereceo tambem o Padre D. Alberto Fardella o elogio que lhe dá Mongitore na sua Bibliotheca Sicula, de que as suas lições formárão muitos Varões insignes, que forão o ornato da Religião Theatina. Não se contentava o ardente, e perspicaz engenho do Padre D. Rafael Bluteau com ouvir as lições Theologicas de tão grande Mestre; igualmente se aproveitava das Filosoficas, e Mathematicas, que docyava o subtilissimo Mestre destas duas Faculdades o nosso Padre D. Guarino Guarini, benemerito sem duvida da nação Portugueza, por dedicar os seus estudos a Francisco de Mello e Torres, Conde da Ponte, e Marquez de Sande: na realidade hum dos mais habeis, e prudentes Ministros que teve Portugal, como mostrou nas Cortes de França, e Inglaterra. Impacientemente desejoso o Padre D. Rafael de alcançar a Encyclopedia, ou o conhecimento de todas as sciencias, sempre procurado, e nunca conseguido, se applicou ao estudo da Arte de Raymundo Lullio; e pela facilidade com que comprehendeo a combinação dos principios, ou predicamentos, a que esta se reduz, veio a possuir a destreza, e propriedade, com que engenhosamente discorria em qualquer matéria. Este pensamento se póde

deu, nos Discursos, e Oraçoens a tão diversos assumptos, já prevenindo a propriedade das diffiniçoens, que no seu Vocabulario fazem de cada artigo huma erudita, e agradável Dissertação, sendo, como eu já disse, os outros Dictionarios só uteis para buscar, e este para se ler.⁵⁵

acreditar não só pela explicação que nos dá desta Arte no Tratado Notiones Praeviae ad conceptus Praedicabiles inventionem, &c. mas pelo admiravel uso, que delle fez nos seus discursos, e orações a tão diferentes assumptos, e no seu Vocabulario da lingua Portugueza, fazendo a cada artigo huma bem agradável, e erudita dissertação: motivo, por que o sabio Conde da Ericeira dizia, que os outros Dictionarios erão bons para buscar, este para ler.⁵⁶

Confrontadas as passagens, três observações se devem acrescentar acerca do testemunho de Caetano Bem. São importantes para a confirmação da biografia do autor como tópico retórico. Primeiro, ele substitui as *primeiras Ordens Sacras*, indicação mais vaga de F. Xavier de Meneses, pela «Ordem de Subdiacono», referida por Mascarenhas⁵⁷ e por D. Rangel de Macedo⁵⁸. A biografia é um discurso composto de fontes. Depois, pela primeira vez recolhe informação exclusiva de Diogo R. de Macedo, autor que (ao contrário dos anteriores) refere o ano do sacerdócio: «[...] tomou as Ordens, que lhe faltavam para Sacerdote, que já era no anno de 1665.»⁵⁹. A biografia é um esforço de rigor. Mas sobretudo, aparecem valorizadas as questões biobibliográficas, nomeadamente a influência de Raimundo Lúlio na construção da sua obra filosófica (no *Tratado Notiones Praeviae*), e especificamente na obra linguística (no *Vocabulario...*). A biografia é mais do que uma descrição: é a construção de uma personalidade transnacional.

Comum é a notícia da sua erudição: toda esta preparação religiosa e escolar proporcionaria certamente a Rafael Bluteau a aclamada fama de um grande orador e intelectual.

[...] mas já com tantos creditos de bom Tais erão os creditos de bom Prégador, que já

⁵⁵ Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Collecção dos Documentos e Memorias...*, pp. 7-8.

⁵⁶ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 285.

⁵⁷ Cf. Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 6.

⁵⁸ Cf. Diogo Rangel de MACEDO — «Oração Funebre e Panegyrica...», *Obsequio Funebre*, p. 159.

⁵⁹ Diogo Rangel de MACEDO — «Oração Funebre e Panegyrica...», *Obsequio Funebre*, p. 159.

*Prégador, que sendo escolhido para fazer no anno de 1664. as Praticas da Novena do Natal, na Capella Real de França, em presença das Serenissimas Rainhas D. Anna, e D Maria Theresa de Austria, mãy, e mulher delRey Luiz XIV. foy tam aplaudido o seu methodo, e a sua eloquencia, que por ordem daquellas Magestades repetiu sucessivamente nos tres annos seguintes os mesmos Breviloquios, sempre com plausiveis novidades, conceituadas sobre o mesmo mysterio: honrando-o com a assistencia da sua Real pessoa em todos os ultimos dias das quatro Novenas o mesmo Monarcha Luiz XIV. Gostava tanto de o ouvir no Pulpito a Rainha Britanica Henriqueta Maria, que informando-se sempre do dia em que elle prégava, para nam deixar de ouvi-lo, fez depois eleição delle para seu Prégador ordinario. Este emprego exercitava no anno de 1668. em que a obediencia, por disposiçam do seu Prelado, o trouxe a Portugal, onde havia quinze annos se tinha fundado a Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia desta Corte [...]*⁶⁰

*gozava, que no anno de 1664. mereceo ser escolhido para fazer na Real Capella, e na presença das Magestades das Serenissimas Rainhas Dona Anna, e D Maria Teresa de Austria, mãi, e mulher d'ElRey Luiz XIV. os Breviloquios, ou Praticas na Novena da festividade do Natal. A sua eloquencia, e o seu methodo de prégar foi tão aplaudido, que por ordem das mesmas Magestades repetio nos tres annos sucessivamente seguintes os mesmos Breviloquios, em que percorrendo sobre o mesmo assumpto, ostentou as mais plausiveis novidades, honrando-o em todos os ultimos dias das quatro Novenas o mesmo Monarca Luiz XIV. com a assistencia da sua Real pessoa. A Rainha da Grão Bretanha, Henriqueta Maria de França, fazia tal gosto de o ouvir no pulpito, que para lograr esta satisfação, se informava sempre do dia, em que o Padre Bluteau pregava; e para nunca deixar de o ouvir, delle fez eleição para Prégador ordinario da sua Real Capella. Este emprego se achava exercitando, quando a obediencia, e determinação do seu Prelado o trouxe a Portugal. Quasi vinte annos havia que a Religião dos Clerigos Regulares se achava introduzida neste Reino.*⁶¹

⁶⁰ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, pp. 6-7.

⁶¹ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, pp. 285-6. Utilizam os dois autores diferentes pontos de referência. Em 1653, 15 anos antes da chegada de Bluteau, tinha com efeito sido fundada por D. António Ardizzone, Prefeito da Missão da Índia, a Casa da N. Senhora da Divina Providência em Lisboa, sita na Rua de S. Caetano. Em 1650 tinha-se a ordem estabelecido em Portugal, isto é, 18 anos, quase vinte anos antes da chegada de Bluteau. (Cf. *Alvará de 12-12-1650*, Arquivo da Casa da Nossa Senhora da Divina Providência, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, disponível on line: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4379846>, última consulta em 05-09-2012).

Sublinha Tomás Caetano de Bem a estratégia da ordem que também Bluteau servia: a sua vinda para Portugal visava dignificar uma ordem que em Portugal era então recente e de reduzido prestígio.

*Era Religiam nova, e ainda estrangeira neste Reyno; e para ser admirada, era preciso, que houvesse nella sogeitos brilhantes, que provocassem as atenções dos naturaes, e pelos meynos de distinguidos, se fizessem bem aceitos. Previu bem o Preposito Geral, que nam havia na sua Sagrada Familia nenhum, que fosse mais proprio para satisfazer esta idéia; porque he sem duvida, que para hum estrangeiro ganhar estimações em qualquer Paiz, depende de ser adornado de muitas virtudes, e sciencias.*⁶²

*Achava-se a Religião com uma Casa já estabelecida nesta Corte, era Religião nova, e como estrangeira; e para ser estimada, era preciso que nella houvesse nella sujeitos de respeitaveis qualidades, em que além de hum nobre, ou distincto nascimento, brilhassem virtudes, e letras, pois só por estes meios, e como distinctos, se podião fazer benemeritos, e merecer as atenções dos naturaes. Para este fim tinha o Reverendissimo Padre Geral já mandado para esta nossa Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia alguns Religiosos de reconhecido merecimento; e julgando que em toda a sua Sagrada Familia não havia algum outro, que para satisfazer a esta idéa fosse mais proporcionado, que o Padre D. Rafael Bluteau, lhe deo ordem que passasse a Lisboa.*⁶³

Pelos testemunhos legados, a sua chegada a Portugal é curiosamente apresentada como uma continuidade do seu sucesso como orador da corte francesa, que se prolongaria e aumentaria na corte portuguesa. Como se de uma a outra houvesse uma progressão do seu mérito e da sua fama.

O grande nome, que já tinha em França, adquiriu mayores ventagens em Portugal. Dentro de breve tempo se poz habil para prégar na lingua Portugueza; e prégo logo na Capella Real com especial aceitação

Se em França tinha o Padre D. Rafael adquirido hum grande nome, em Portugal ainda conseguiu maiores creditos. Dentro em breve tempo se poz habil para prégar na lingua Portugueza; e prégo logo na Real Capella, com especial acceitação da Corte [...] Como

⁶² Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, pp.7-8.

⁶³ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 286.

da Corte. [...] Se em França o estimaram as Magestades, tambem em Portugal as Magestades o attenderam; que os que tem (como elle tinha) valor intrinseco, em toda a parte tem valor.⁶⁴

seja cousa certa, que todos aquelles sujeitos (e hum destes era o Padre D. Rafael) que tem valor intrinseco, em toda a parte o tem, do mesmo modo que em França conseguiu a estimação das Magestades, tambem em a nossa Corte se fez este Religioso attendido, e estimado pelos nossos Soberanos.⁶⁵

Como vemos, Caetano de Bem utiliza quase na íntegra o relato de Monterroio Mascarenhas, mas já Francisco Xavier de Meneses também alegara esta continuidade⁶⁶. O que F. Xavier de Menezes não menciona (aliás como Diogo Rangel de Macedo) é o suposto motivo da sua vinda para Portugal: a creditação da religião teatina. Contudo, é ele certamente a fonte (com D. Rangel de Macedo⁶⁷) que informa Caetano de Bem do dia e mês da chegada de D. Rafael a Portugal⁶⁸, 26 de Junho de 1668, uma vez que Monterroio Mascarenhas apenas faz referência ao ano.

Como referimos já, é ainda significativa a correspondência endereçada ao nosso Autor, que Caetano de Bem obviamente conhece e tão abundantemente cita. Essa correspondência serve sobretudo para comprovar o sucesso de Bluteau como orador em Portugal. Deixamos pois aqui, como exemplo, a seguinte passagem de uma carta de António Luís Azevedo a Rafael Bluteau:

*Meu Padre D. Rafael, dê Vossa Paternidade muitas graças a Deos, que ha muitos tempos que se não applaudio tanto Sermão na Capella, como o que hoje Vossa Paternidade nella préguou. Eu estive quasi no meio da maior parte da Fidalguia de Portugal, e de outra muita gente, cujo juizo, e approvação vale mais que a de mil: todos summamente louvârão a força dos discursos, e suas provas, a linguagem por unica, e polidissima; e não menos a pronunciação.*⁶⁹

⁶⁴ Joseph Freire Monterroio MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 8.

⁶⁵ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, pp. 286 e 289.

⁶⁶ Cf. Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Collecção dos Documentos e Memorias...*, pp. 7-8

⁶⁷ Cf. Diogo Rangel de MACEDO — «Oração Funebre e Panegyrica...», *Obsequio Funebre*, p. 159.

⁶⁸ Cf. Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Collecção dos Documentos e Memorias...*, p. 9.

⁶⁹ António Luís Azevedo [registo epistolar], *apud* Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, pp. 286-7.

Bluteau desempenhava já por esta altura o cargo de Qualificador do Santo Offício.⁷⁰ Ao que tudo indica, terá recebido a incumbência de acompanhar Duarte Ribeiro de Macedo, a Turim, em negociações políticas. Parece óbvio que não limitou nunca os seus atos às funções religiosas. Desta sua faceta política, convém ressaltar as negociações de casamento da princesa herdeira da coroa (D. Isabel, filha de D. Pedro II e de D.^a Maria Francisca de Sabóia) que teve, nada mais, nada menos, que dezassete pretendentes, sete deles de origem francesa, entre os quais, e com alguma improbabilidade, o próprio Luís XIV⁷¹.

Ressalve-se, por conseguinte, a deslocação de Bluteau de Turim para Paris que, segundo Monterroio Mascarenhas, e Francisco Xavier de Meneses brevemente confirma⁷², se processa da seguinte forma:

*Suprida a sua incumbencia em Turin com a nomeaçam de hum novo Ministro, determinou o Preposito da sua Religiam dar hum grande Prelado à Casa de Santa Anna de Pariz, e proveu nella ao Reverendissimo Bluteau, que desempenhou inteiramente o conceito, que delle formava o seu Prelado. Acabou este governo no anno de 1681. e logo o amor, que tinha a Portugal, o fez deixar França.*⁷³

O regresso de Rafael Bluteau a Paris baseia-se, segundo Monterroio Mascarenhas e Xavier de Meneses, no convite que terá recebido para ocupar o cargo de Propósito da Casa de Santa Ana de Paris. Cargo que, após o compromisso de servir o ministro, terá abandonado para regressar a Portugal.

⁷⁰ Veja-se sobre este assunto, Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Colleçam dos Documentos e Memorias...*, p. 9: «O seu solido merecimento lhe grangeou logo o importante emprego de Qualificador do Santo Officio.»; Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 289: «Em 7. de Fevereiro do anno de 1676. já o Padre D. Rafael Bluteau exercitava o emprego de Qualificador do Santo Officio...»

⁷¹ Note-se a questão de Luís XIV ver em Lisboa um «laboratoire de sa politique péninsulaire», os seus alvos parecem ultrapassar as previstas uniões entre soberanos e chegam mesmo a atingir os casamentos entre damas francesas e nobres portugueses, os quais ele estimula financeiramente. (Cf. Hernâni CIDADE — «Dom Raphael Bluteau», pp. 74-5).

⁷² Cf. Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Colleçam dos Documentos e Memorias...*, p. 10.

⁷³ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 8.

Referindo também o ano de 1680 como o da ida de Turim para Paris, Caetano de Bem introduz todavia uma razão subjacente que nos parece aqui mais interessante. Baseando-se no suporte epistolar, nomeadamente na correspondência do Conde da Ericeira (pai de F. X. de Meneses), Caetano de Bem atribui explicitamente o motivo da dita deslocação a uma espécie de retirada estratégica de Portugal, provocada pelas desconfianças políticas de que em Lisboa teria sido alvo. Razão essa aliás dissimulada, uma vez que a razão oficial ou aparente seria a de visitar a nação e a família.

*[...] o motivo desta jornada exteriormente foi satisfazer ao amor da patria, e dos parentes; haver porém na realidade outro occulto, e particular se infere da carta, que o Conde da Ericeira escreveo ao dito Padre em 16. de Dezembro do mesmo anno 1680.*⁷⁴

Significativa é a arte com que Caetano de Bem manuseia as três fontes primárias⁷⁵ que dão a ideia de Bluteau ter passado de Turim a Paris unicamente pelo honrado cargo na Casa de Santa Ana. Para nesta mesma ideia introduzir, intercaladamente, a correspondência endereçada ao nosso Autor.

Essa razão, baseada num suposto desânimo de Rafael Bluteau, também é evidenciada por Monterroio Mascarenhas. Segundo este autor, a causa da posterior movimentação cíclica de Bluteau entre Portugal – França – Portugal (após ter regressado do dito cargo) reside num explícito “desânimo”. Esse desânimo, que parece ter criado algum desconforto ao nosso Autor, ter-se-á intensificado no ano de 1683 com a morte da rainha Maria Francisca de Sabóia e consequente perda da sua proteção. A partir daqui o desalento será o sentimento constante e o principal motor das suas jornadas, a desilusão em relação às Cortes (portuguesa e francesa) parece ser nítida e sobretudo mútua. Note-se que a reação ou a resposta de Bluteau será a partir daqui cada vez mais sustentada por uma retórica do silêncio, essa palavra impedida, figurada pela humildade e exteriorizada pelo calar, o melhor modo de repreender o descrédito:

A perda da Rainha D. Maria Francisca lhe foy muy sensivel. Faltoulhe a protecçam daquella Princeza; e a Corte, que havia mudado de interesses, fez tambem alguma

⁷⁴ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 292.

⁷⁵ Cf. Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, pp. 292-3.

*mudança da sua aceitação. Havia já impresso com grande aplauso publico, e com muita utilidade de alguns Oradores, dous volumes dos seus Sermões, com o titulo de Primicias Evangelicas. Passou a França com o pretexto de imprimir com mais commodidade o terceiro, e com effeito o deu à luz em Pariz; mas tambem achou aquella Corte menos attenta aos serviços, que lhe tinha feito. Esqueceu-se Luiz XIV. da sua remuneração, tal vez por o considerar já desnecessário; porém o Reverendissimo Bluteau reprehendendo mudamente a magnanimidade daquelle Monarcha, mostrou sempre contentarse de o haver servido; reconhecendo; que as boas acções levam já em si adiantado o premio. Voltou para Portugal no anno de 1704. e como a conjuntura era muy critica, e nam dava por bem sasonados os frutos de França, entendeu A Corte, que hum genio tam perspicaz, e tam politico, podia ser inconveniente em Lisboa. Foy mandado para o Real Mosteiro de Alcobaça, mas sempre attentiosamente assistido por ordem da Magestade.*⁷⁶

Caetano de Bem, servindo-se do testemunho de Monterroio Mascarenhas, antecipa o dito sentimento de “desânimo” (provocado pelas agitações políticas), datando-o já antes de 1704 (em Turim). Ainda que transforme esse mesmo testemunho na frequente manta de retalhos, muitas vezes também ela fragmentada pelo seu discurso complementar.⁷⁷

O interessante é que nada aqui parece ser aleatório. A escolha da fonte de Mascarenhas é extremamente oportuna. Ela é a única que indicia o depreendido desânimo que Caetano de Bem antecipa e explora significativamente.

O testemunho de Francisco Xavier de Meneses não se enquadra neste cenário de ressentimentos e deslocções movidas por suspeitas políticas. A movimentação de Rafael Bluteau decorre naturalmente. Em concordância, cronológica e geográfica, com os anteriores, é certo, mas sem qualquer relação com a perda da dita proteção régia ou de qualquer desânimo. Note-se⁷⁸, relativamente ao encaminhamento para o Mosteiro de Alcobaça, e para exemplificar, que ao sentido de ordem/imposição implícito na expressão de Monterroio Mascarenhas («foy mandado»), Francisco Xavier de Meneses

⁷⁶ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, pp. 9-10.

⁷⁷ Cf. Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, pp. 300, 304 e 306.

⁷⁸ Note-se também a completa desvalorização de Diogo Rangel de Macedo sobre este assunto que na mencionada movimentação cíclica de Bluteau omite totalmente a longa permanência de Bluteau no Mosteiro de Alcobaça. Cf. Diogo Rangel de MACEDO — «Oração Funebre e Panegyrica...», *Obsequio Funebre*, p. 160.

sobrepõe o sentido de opção, subentendido no vocábulo «retiro».⁷⁹ Em ambos os argumentos, eufemistas, os detalhes sobre as causas deste “isolamento” são abafados. Pressupõe-se nestes silêncios, um sentimento de superioridade, de grandeza, que pretende responder às frivolidades mesquinhas dos cortesãos que se movem pelos interesses políticos. Nestas questões, os defensores das letras, parecem ter encontrado a linguagem adequada.

Esta movimentação interna, de Lisboa ou da Corte, para Alcobaça ou para a província, é contudo novamente cíclica. Mas desta vez com um interregno de tempo mais alargado. Rafael Bluteau terá permanecido no Mosteiro pelo espaço de dez anos⁸⁰ (1704-1714). Aqui terá “polido”⁸¹ o seu *Vocabulario Portuguez e Latino...*, elaborado de 1712 a 1728, constituído por oito volumes e dois suplementos, e publicado no final da sua longa e laboriosa vida de intelectual e pesquisador.

Curioso será o modo como T. Caetano de Bem encaixa as palavras de F. Xavier de Meneses nas palavras de Monterroio Mascarenhas, para encaminhar intencionalmente o texto para as suas informações. Na sequência do encaminhamento (como ordem) para o Mosteiro e da ideia de aproveitamento espacio-temporal (com o “polimento” da obra que inverterá a sua situação de exilado) – tão bem descrita por Mascarenhas e tão fielmente seguida pelo principal biógrafo de Bluteau – Caetano de Bem aproveita a ideia, até aqui descontextualizada, de F. Xavier de Meneses.

Apesar do 4.º Conde da Ericeira preferir silenciar toda esta insidiosa névoa de interesses políticos, deixa algumas alusões, sempre de modo subtil e discreto. É o que parece ser a sua intenção ao citar as palavras de Rafael Bluteau, em jeito de defesa do *Vocabulario*, procurando talvez assim silenciar as intencionais críticas, direccionadas à sua obra.⁸²

⁷⁹ Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Collecção dos Documentos e Memorias...*, p. 16.

⁸⁰ Cf. Rafael Bluteau, *apud* Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 312 e Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Collecção dos Documentos e Memorias...*, p. 16.

⁸¹ Cf. Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 10; fonte aliás de Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 306.

⁸² «Agradavelmente respondia o nosso Academico, (que tambem se applicou à Historia de Portugal, emendando os descuidos de Moreri) quando a ingratitude lhe arguhia, que sendo Estrangeiro, escrevesse da nossa lingua não só com o exemplo de Menage, e de outros eruditos, que trataraõ da Italiana, e de

Francisco Xavier de Meneses opta em geral por uma narrativa da vida de Bluteau distante das conturbações políticas de que terá sido alvo. Referindo o regresso de Rafael Bluteau à Corte de Lisboa, ele novamente prefere um relato factual sem referência a lutas político-sociais.⁸³ De forma distinta (quer da de T. C. de Bem, quer da de Monterroio Mascarenhas), F. Xavier de Meneses coloca o regresso de Bluteau dependente de um acontecimento específico: a Paz Geral entre Portugal e França, decretada em 1713.⁸⁴

Será de estranhar o silêncio de Francisco Xavier de Meneses face ao reconhecimento de D. João V pela obra de Rafael Bluteau, que os outros, M. Mascarenhas e C. de Bem, associam imediatamente ao seu regresso? Será esta proteção real uma espécie de mecenato, um patrocínio? Ou também uma forma muito concreta de dissipar definitivamente as críticas e revitalizar o seu áureo esplendor na corte? Limitado ao testemunho de Mascarenhas, Caetano de Bem transcreve-o, com ligeiros aditamentos:

*Concluida a paz entre Portugal, e França neste anno de 1713. se restituiu a Lisboa o Padre D. Rafael Bluteau. [...] Restituído á Corte o Padre D. Rafael Bluteau, quis o grande Monarca D. João V. mostrar que com huma só acção sabia remunerar serviços, e attender ao bem de seus vassallos. Fazendo maior estimação das qualidades do espirito, que das concedidas pela natureza, ou pela fortuna, ordenou (verdadeiramente magnífico, porque singularmente liberal) que todas as obras escritas pelo Padre Bluteau fossem impressas por conta da Real Fazenda.*⁸⁵

muitas diferentes; mas com o de todos os Autores de Dictionarios, porque sendo compostos de duas Linguas, o Author não podia ser mais, que de huma só nação, e era, como elle, Estrangeiro na outra: tambem se defendia provando, que com sessenta e cinco annos de estudar a lingua Portuguesa, tinha poucos mais antigos, que podessem arguillo, quanto mais tendo-se applicado à lição, e extracto de todos os nossos Escritores, ouvido e procurado as emendas dos mais doutos, e consultado até os mais humildes, e rusticos, para a propriedade das diffiniçoens [...]» (Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Colleçam dos Documentos e Memorias...*, p. 15).

⁸³ Cf. Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Colleçam dos Documentos e Memorias...*, p. 16.

⁸⁴ Cf. Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 311 e Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 10.

⁸⁵ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, pp. 311-3.

Caetano de Bem parece estar mais atento aos silêncios que tantas vezes pontuam as suas fontes. Monterroio Mascarenhas não menciona o cargo de Prepósito da Casa de S. Caetano que, por esta altura, Rafael Bluteau terá despenhado. Francisco Xavier de Meneses⁸⁶ e Diogo R. de Macedo⁸⁷ não o esquecem, mas não o desenvolvem, ao contrário do que faz T. C. de Bem. Esse facto muito provavelmente deriva de um conhecimento próprio, familiar, uma vez que Caetano de Bem teria ingressado na ordem de S. Caetano e habitaria essa mesma Casa desde 1733. Talvez por isso se ache na circunstância, no direito, ou dever, de dizer um pouco mais, e sobretudo de acentuar o grande contributo prestado por Rafael Bluteau à sua ordem, confirmando também assim o seu sucesso no fortalecimento da ordem teatina em Portugal, ao mesmo tempo que o reconhecimento da Corte.

*O nosso Reverendissimo Padre Geral querendo tambem dar á Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia hum Prelado verdadeiramente zeloso do bem, e maior augmento da Religião, se valeo do talento do mesmo Padre, e o nomeou Preposito desta Casa; e foi a eleição tão acertada, ou era o seu genio prudente, e discreto, tão habil, e proprio para este fim, que ás suas sabias, e convenientes direcções podemos dizer deve esta Casa aquelles progressos, que nesta Corte por muito tempo, e geralmente foram applaudidos.*⁸⁸

A celebridade de Bluteau em Portugal parece assim não ter reverses, pelo menos explícitos. Em 1720 é nomeado académico e consultor da Academia Real da História Portuguesa, também ela sob a proteção do monarca D. João V. Este acontecimento surgirá, à semelhança do anterior, como recompensa de uma vida dedicada ao movimento académico.

<i>Assim o reconheceo o nosso Protector Augusto, e Sabio, elegendo-o, entre os primeiros, para hum dos Academicos do Numero da Academia Real da Historia Portugueza, que lhe</i>	<i>[...] foi o mesmo Padre hum dos sincoenta Academicos (em cujo numero, segundo o Regio, e Sabio Decreto, se estabeleceo aquelle utilissimo corpo, que na Europa por suas eruditissimas producções literarias mereceo ser tão respeitado) que aquelle Monarca nomeou; e reconhecendo-o</i>
--	---

⁸⁶ Cf. Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Colleçam dos Documentos e Memorias...*, p. 16.

⁸⁷ Diogo Rangel de MACEDO — «Oração Funebre e Panegyrica...», *Obsequio Funebre*, p. 160.

⁸⁸ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 313.

*destinou, como Oraculo, as respostas dos pontos duvidosos; mas não eraõ, como as dos antigos, escuras, nem falsas [...]*⁸⁹ *na verdade Oraculo, porque as suas respostas não erão como dos antigos falsas, nem escuras, lhe deo por emprego a decisão dos pontos duvidosos.*⁹⁰

Como vemos, o texto de Caetano de Bem transcreve o de F. Xavier de Meneses com ligeiras, mas significativas, alterações. Por exemplo, o parênteses, por ele intencionalmente acrescentado, enfatiza a importância europeísta da Academia portuguesa, e o cosmopolitismo de Bluteau.

Sobre a sua morte, o testemunho de Caetano de Bem retoma o comum sistema de colagem das palavras de Monterroio Mascarenhas⁹¹, às de F. Xavier de Meneses⁹².

*Com estes, e outros igualmente doutos, e uteis exercicios se occupava o Padre D. Rafael, até que atenuadas totalmente as forças do corpo, largou da mão a penna, e tratou sómente de fortalecer o espirito, para felizmente poder vencer os perigos tão formidaveis da ultima hora. E para este fim applicou tudo, quanto a razão, e a Santa Igreja Catholica nos ensina, e quanto a sua grande sabedoria lhe dictava. Em 4. de Fevereiro de 1734. reconhecendo na vida maior perigo, recebeo o mais seguro esforço no Santissimo Viatico, e depois o Sacramento da Extrema-Unção: e no dia 13. do mesmo mez, e anno, e dia de sabbado, tendo nascido em outro dia semelhante, para ter o especial amparo da mais Soberana Protectora, a quem he particularmente dedicado, e pelas seis horas da noite, pacificamente entregou o espirito nas mãos do seu Creador em idade de noventa e sinco annos, dous mezes, e nove dias .*⁹³

A notícia da sua morte é o assunto com que F. Xavier de Meneses termina o seu *Elogio*. Segundo este autor, a notícia da morte de Rafael Bluteau tem um triplo impacto, respetivamente no mundo terreno, no mundo intelectual e no espiritual.

⁸⁹ Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Collecção dos Documentos e Memorias...*, p. 12.

⁹⁰ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 313.

⁹¹ Cf. Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 11.

⁹² Cf. Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Collecção dos Documentos e Memorias...*, p. 17.

⁹³ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 313.

*Triste noticia para a Academia, para Portugal, para França, para o Mundo; mas parece-me, que vejo, que as tres principaes virtudes, com que se illustrou, triplicadas em nove Córos dos Genios Celestes, transformão a Fé, e a Esperança em amor, e com a sua eterna, e suave harmonia, condemnaõ, e encobrem o dissonante clamor com que as tres Graças, tambem triplicadas no Coro de nove Musas, mandaraõ por Thalia, que ao mesmo tempo he Musa, e he Graça, esta funebre noticia ao Parnaso, para que Melpomene transformasse em pranto a cristalina corrente de Hypocrene.*⁹⁴

Algo de muito interessante parece aqui acontecer. Como se Francisco Xavier de Meneses reproduzisse aqui, como discípulo, uma estrutura tríptica muito cara a Rafael Bluteau.⁹⁵ Como se F. Xavier de Meneses se assumisse em parte como continuador do pensamento do Mestre. O elogio fúnebre é homenagem desde logo estilística e metodológica. Também reproduzindo um ritmo muito comum em Bluteau, o terço multiplica-se novamente por três. Com efeito, o mundo espiritual assume uma estrutura tripla: de um lado teremos as três *Virtudes* triplicadas em nove coros de *Genios Celestes*, do outro teremos as três Graças triplicadas em nove Musas. A terceira e última peculiaridade será a de perceber que este mundo funciona como pilha heterogénea: o amor do mundo espiritual cristão será o antídoto à dor do mundo espiritual mitológico (grego).

Ambos os mundos se apresentam igualmente perfeitos, pelo carácter ternário que patenteiam, no entanto, e como se percebe, há algo que os diferencia. Um exerce o poder de atenuar o outro. A harmonia gerada pela terceira *Virtude* (o amor ou a caridade) sobrepõe-se à desarmonia gerada pelas três *Graças* (resultante da notícia levada ao Parnaso).

Concluindo, o mundo espiritual, em uníssono com a notícia da morte de Rafael Bluteau, assume uma estrutura tripla, reveladora de perfeição. Contudo, este mesmo mundo manifesta uma tensão, que se fundamenta numa divisão. Uma parte (mundo mitológico), tal como o mundo terreno, recebe a notícia com dor (desarmonia), a outra parte (mundo cristão) sublima o sentimento anterior para dar lugar ao amor (harmonia).

⁹⁴ Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Collecção dos Documentos e Memórias...*, p. 17.

⁹⁵ Ler sobre este assunto: Ana A. RAFAEL, *O vivente livro: o mito da biblioteca ideal nas Prosas Portuguezas de Rafael Bluteau*, Porto: [s/n], 2008; Ana A. RAFAEL, «Utopia e Espiritualidade nas Prosas Portuguezas de Rafael Bluteau», *Cadernos de Literatura Comparada – 19, Utopia e Espiritualidade*, Porto: Edições Afrontamento, 2008, pp. 179-93.

A mensagem implícita de F. Xavier de Meneses parece-nos de cariz didático e até mesmo moralizante. A intenção deste autor será certamente a de confortar os que ouvem, mas será sobretudo a de demonstrar como proceder metodologicamente. Daí a necessidade do mundo terreno, não como símbolo mas como contraponto visível e audível, como mensagem em consonância com o mundo espiritual.

Neste contexto, torna-se necessário relembrar a organização ternária utilizada por Rafael Bluteau, na *Oração*⁹⁶ por ele dedicada à rainha D. Catarina.

*Na primeira tarde o Coro das Virtudes, com o nome de Princeza Celeste, e na segunda tarde o Coro das Graças, com o titulo de Princeza Pacífica [...] Hoje compoem as Musas o terceiro, e ultimo Coro, e com applausos de Princeza Perfeita, celebrão as glorias da sua felicissima reversão [...]*⁹⁷

Uma estrutura ou divisão tripartida (3x3): em três tardes (sentidas desde logo no título), em três epítetos (celeste, pacífica, perfeita) e em três coros (Virtudes, Graças, Musas). Três coros que denotam a presença das mesmas duas influências presenciadas anteriormente (cristã e mitológica) e aos quais Bluteau propõe uma união, «Unaõse pois as tres Coroas das Virtudes, das Graças, e das Musas [...]»⁹⁸, para celebrar a idealidade da dita rainha.

Atente-se ainda numa possibilidade: a de Francisco Xavier de Meneses antever um outro esquema simbolicamente triplo. Pondo de lado as quatro, e tradicionais, virtudes cardinais e lembrando, inclusive pela anterior e metafórica exposição de Francisco Xavier de Meneses, que elas também podem ser três (as três virtudes teologais que juntamente com as quatro cardinais dão origem às virtudes celestiais), teríamos novamente uma organização ternária (3x3=9). Por ventura, as três Virtudes triplicadas pelas três Graças dariam o exato resultado de nove Musas.⁹⁹

⁹⁶ Rafael BLUTEAU – «Oraçoens Gratulatorias na feliz vinda da Muito Alta, e Muito Poderosa Rainha da Grãa Bretanha, a Senhora D. Cátharina, compostas, e recitadas na Igreja da Divina Providencia à Nobreza de Portugal, nas tres ultimas tardes do mez de Janeiro de 1693.», *Prosas Portuguezas recitadas em diferentes congressos academicos...*, Lisboa: Officina Joseph Antonio da Sylva, 1727-8, vol. 1, pp. 395-421).

⁹⁷ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 414.

⁹⁸ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 421.

⁹⁹ *Vide infra*, p. 38, algum desenvolvimento desta estratégia retórica.

A terceira e última tarde desta *Oração* revelará, em clarividência, toda esta simbologia que o número três acarreta, na sua primária proximidade com a perfeição. Nomeadamente um dos seus múltiplos, o nove e a sua decomposição em três partes iguais que por sua vez se fragmentam, cada uma, em três unidades. Uma perspectiva decrescente, mas que, à semelhança dos três livros proféticos da Sibila Cumana, sobreviventes de nove¹⁰⁰, parece manter permanentemente o mesmo valor holístico.

*[...] porque as Musas são nove, e no meyo do novenario está a unidade, dividindo em duas partes iguaes o octonario, que os Pythagoricos attribuem à perfeição da justiça. Tambem o novenario he composto de tres ternarios, e cada ternario de tres unidades, que (conforma a doutrina dos que interpretaõ os mysterios dos numeros) são imagens, e jeroglificos de huma consumada perfeição.*¹⁰¹

Recuando agora ao início da «Oração» de Monterroio Mascarenhas, constatamos que também este autor utiliza um sistema tríduo, de três metáforas, para aclamar Rafael Bluteau. Num tom coloquial, M. Mascarenhas alterna duas afirmações, de intenção informativa, quase noticiosa, com duas perguntas retóricas (2x2): «Perdemos: quem o poderá dizer sem magoa? Faleceu: quem se saberá explicar sem pena?»¹⁰² Para seguidamente introduzir, de modo metafórico, a tripla perda, representativa da morte ou do fim do nosso Autor – o livro que se fecha, a biblioteca que se arruína, a voz que se suspende... Mas tais perdas evocarão sempre o seu inverso, e logicamente um ganho: a tripla completude de Bluteau que culminará no conhecimento total, verso e reverso (3x2).

Mas he forçoso, que a pezar do meu, e vosso sentimento, vos diga, que se fechou já aquelle vivente livro, que aberto, nos dava a ler nos seus documentos as noticias mais uteis à nossa erudiçam: que se arruinou aquella Bibliotheca abreviada, em que se compreendiam todas as Artes Liberaes, e todas as Sciencias: que se suspendeu para sempre a voz daquelle famoso Oraculo, a quem consultavamos nas nossas duvidas mais

¹⁰⁰ Cf. Matthew BATTLES – *A conturbada história das bibliotecas*, trad. João Vergílio Gallerani Cuter, São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003, p. 52.

¹⁰¹ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 416. Note-se aqui o tema dos *jeroglificos* e da *perfeição*, um assunto que encontra as suas raízes nos *Hieroglyphica* de Horapolo (séc. V. aprox.) e é largamente difundido pela retórica de G. Bruno, que contagia todo o século XVI e se estende até ao XVIII, visando atingir uma reforma social e cultural.

¹⁰² Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 2.

*difficeis. Já por estas breves figuras tereis feito intepreçam do figuado.*¹⁰³

Centrar-nos-emos, de momento, na parte final do discurso de Tomás Caetano de Bem, para demonstrarmos as analogias que se estabelecem com a ideia anterior. Este autor refere, também ele, um conhecimento de carácter triplo, do qual Bluteau era detentor. Um conhecimento total, enciclopédico, muito próximo da ideia de biblioteca ideal, para relembrarmos a metáfora. Assim sendo, conseguimos depreender dois grandes grupos de atributos do saber. O primeiro, quando afirma: «Na Poetica foi prodigio [...]. Na Rhetorica foi igual, e senão maior [...] [assim como na] Oratoria Sagrada [...]» e o segundo, quando diz: «Sendo tal em letras Humanas, em as sciencias Naturaes, e Divinas foi sem controversia eminente».¹⁰⁴ Em ambos, o nome visado é Bluteau, ele será três vezes grandioso e por isso completo. Se preferirmos, seis vezes grandioso (como resultado de um 3+3), sendo também este número, à semelhança do nove, um múltiplo de três, já que é potenciado pelo efeito combinatório do texto crítico.

Deste modo, o valor de Rafael Bluteau é evidenciado pelo seu principal biógrafo. Ora sendo fiel às ideias enaltecedoras das fontes primárias, ora sendo original. Ao confrontarmos as passagens que se seguem, sentimos bem firme e distinta essa oscilação de Caetano de Bem, entre a adoção e posterior abandono das fontes que por sua vez abre espaço à singularidade do objeto.

*Oh que vangloria para Portugal, preferillo hum
Varaõ taõ sabio aos Paizes em que nasceu, e em que
se criou! Oh que jactancia para os Portugueses,
antepor hum sogeito tam erudito a sua
communicaçam à de Nações tam nobres, e tam
civilizadas! [...] mayor vangloria deve ser a da
ilustre Comunidade Theatina da Casa desta Corte;
pois havendo assistido na de Santa Anna a Real de
Pariz, na de Santo André de la Valle em Roma, na de
Florença, na de Rheims, na de Verona, onde tem
havido sugeitos eminentes em letras, e virtudes, como
testemunham os seus escritos, como referem as suas*

*Grande gloria para este Reino,
pois por este computo bem se
manifesta quanto a nação
Portugueza mais lhe deve, que
todas as outras nações com
quem tratou. E não só porque
frequentando este Reino mais
que os outros paizes, nos
communicou com maior
abundancia as luzes da sua rara
sciencia; mas principalmente
porque com seus doutos escritos*

¹⁰³ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 2.

¹⁰⁴ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 316.

*Chronicas, a preferiu a todas [...] porque justamente devia dar esta preferencia a huma Casa, que na opiniam geral deste Reyno está reputada pelo Atheneo Lusitano: huma Casa, que parece deposito de sugeitos, todos dignissimos dos Baculos, das Mitras, e das Purpuras, pelas suas letras, pela sua erudiçam, pelas suas virtudes [...]*¹⁰⁵ *enriqueceo a nossa lingua.*¹⁰⁶

Percebe-se facilmente que Monterroio Mascarenhas utiliza uma estratégia que se baseia num profundo orgulho, motivado pela preferência de Rafael Bluteau por Portugal e pela ordem teatina. Mostrando a sua projeção na Europa e dimensão no mundo, este autor pretende a consciencialização da grandiosidade de tais escolhas.

O sistema utilizado por Caetano de Bem é similar. Porém, apenas para a primeira escolha (do país, Portugal) porque seguidamente estamos perante um desvio da ideia de Monterroio Mascarenhas, mas bem próximos de um engrandecimento de Rafael Bluteau, acima da vaidade ou de qualquer interesse próprio nacional, uma vez que Tomás Caetano de Bem pertencia (como já referimos) à ordem teatina¹⁰⁷, aqui tão exuberantemente mencionada por Mascarenhas. Note-se, a este respeito, o sistema ternário que Mascarenhas utiliza para qualificar a perfetibilidade das entidades pertencentes à Casa de São Caetano: báculos, mitras, púrpuras e letras, erudição, virtudes (3+3). O desvio de tal assunto revela uma subtil humildade por parte de Caetano de Bem, mas identicamente nos procura com ele mostrar a imparcialidade do seu estudo. O seu objeto é unicamente Bluteau, daí que o espaço reservado à sua originalidade seja pontualmente centrado na exaltação do nosso Autor. E nomeadamente preenchido por duas qualidades fundamentais de Bluteau, ou por outras palavras, por dois principais contributos ao país: a luz do seu raro conhecimento (europeu) e *principalmente* (como refere) o enriquecimento da língua portuguesa. Ao sobrepor o enriquecimento linguístico ao cosmopolitismo do conhecimento (“não só...

¹⁰⁵ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, pp. 11-2.

¹⁰⁶ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 315.

¹⁰⁷ Note-se a humildade de Tomás Caetano de Bem (em não sobrevalorizar a ordem teatina, no elogio de Bluteau), o autor das *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal, e suas conquistas na India Oriental*, 2 vols., Lisboa: Regia Officina Typographica, 1792-1794.

mas principalmente”), Caetano de Bem poderá querer aqui evidenciar a maior importância da primeira sobre a segunda, mas, se as integrarmos na estrutura tripartida da frase, uma vantagem da síntese sobre a oposição aparente. Neste “computo” [sic] bem se manifesta quanto a nação portuguesa lhe deve: a glória de Portugal é consequência da junção da rara ciência e da riqueza linguística, cultivadas por Bluteau.¹⁰⁸

¹⁰⁸ Cf. Ana A. RAFAEL, *O vivente livro: o mito da biblioteca ideal nas Prosas Portuguezas de Rafael Bluteau*, Porto: [s/n], 2008, sobretudo o capítulo «Bluteau e afirmação do presente», pp. 60-77.

II. O TÓPICO VERBAL: uma forma de atenção ao silêncio

LIVRO. [...] A lição dos bons livros he hum banquete, em que o sabio não ha de comer a fartar; mas ha de escolher o melhor, & digerillo bem; porque nem sempre os que mais lem, mais sabem. [...] Não ha no mundo movel mais necessario, nem mais nobre, que livros. Elles são mestres mudos, fieis conselheiros, & mortos viventes.

(Rafael Bluteau, *Vocabulario...*)

II. O TÓPICO VERBAL: uma forma de atenção ao silêncio

1. Entre as linhas da história

*Segundo a Theologia Gentilica, na ordem das substancias intellectuales foy o Heroe collocado entre o homem, e Deos, superior aos homens por virtude, inferior a Deos por natureza, e quasi homem Divino, ou humana Divindade. Do mesmo modo pois, que para a perfeição da harmonia entre as vozes inteiras, se metem as meyas vozes, para unirem humas com outras, assim para a harmonia do Universo meteu Deos de premeyo entre os Anjos, e os mortaes os Bemaventurados; entre o homem, e o animal os Satyros; entre o animal, e o vegetante a esponja; entre o vegetante, e o coral o mixto; entre o mixto, e o Elemento o vapor; entre o Elemento, e os corpos celestes os Meteoros.*¹⁰⁹

Do *heroe* aos *meteoros*, há sempre um lugar de permeio, de ligação. Começaremos assim por sublinhar o não-lugar em que Rafael Bluteau tem sido colocado: entre o “já não” e o “porém ainda não”. Assim é a nossa intenção de resgatar da pacatez em que inoportunamente repousam os ditos de um certo teatino que Silva Dias apelidou de «irrequieto»¹¹⁰.

¹⁰⁹ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Termos proprios, e metaforicos, em materias analogas, a quem quizer valer-se deste opusculo», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Lisboa: Patriarcal Officina da Musica, 1728, Suplemento II, p. 444 (TERMOS De cousas, que occupão o lugar do meyo).

¹¹⁰ José Sebastião da Silva DIAS – *Portugal e a cultura europeia: séculos XVI a XVII*, Coimbra: Universidade, 1953, p. 107.

Por vezes severa, a crítica considerou-o cansativo: «É o mais cansado escritor que eu tenho visto»¹¹¹; ingénuo: «Bluteau cai a cada passo nas ingenuidades de uma retórica farfalhada e de uma ciência incipiente»¹¹²; traidor: «Outras vozes que então começaram a atacar o gosto corrente em nome da simplicidade e do bom senso traíram, ao realizarem-se artisticamente, os princípios da estética literária que propunham»¹¹³; contraditório: «apesar da sua crítica a excessos cultistas e conceptistas, o Teatino [...] é afinal em alguma medida por eles afectado»¹¹⁴; ou simplesmente fútil: «Bluteau não conseguiu evitar o excesso, ao condenar as questões inúteis. Era, ainda, um sintoma do tempo [...]»¹¹⁵

Bluteau é muitas vezes colocado entre o mundo que se teria proposto, idealisticamente, largar e a cultura moderna, o mundo novo. Entre a penumbra e o alvorecer. Entre os excessos do Barroco e a simplicidade do Neo-Classicismo.

Um Iluminismo contido, eis o que nos sugerem as características que representariam uma fase de transição. Nos homens que nela atuam será óbvio detetar uma mistura de duas correntes que, por serem contrárias, não têm necessariamente de estar separadas ou distantes. Eis o lugar-comum (o *locus communis*). A simbiose entre os opostos, também ela *um sintoma do tempo* «essa simbiose cultural de tradição e “modernismo”, que vigorou entre nós quase até ao final do século». ¹¹⁶

A crítica sabe reconhecer de igual forma a importância dos esforços realizados por Rafael Bluteau, ainda que herméticos em determinados assuntos. Não fosse ela sensível ao valor que representam os primeiros passos para esse mundo novo.

¹¹¹ Luís António VERNEY – *Verdadeiro Método de Estudar*, ed. e org. António Salgado Júnior, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1949, vol. 2, p. 212. Leia-se ainda, sobre o mesmo assunto, vol. 1, pp. 128-34.

¹¹² Hernâni CIDADE – *Lições de Cultura e Literatura Portuguesa*, 7.ª ed., Coimbra: Coimbra Editora, 1984, vol 2, p. 47.

¹¹³ Ofélia Paiva MONTEIRO – «No Alvorecer do ‘Iluminismo’ em Portugal: D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde da Ericeira (2.ª parte)», in *Revista de História Literária de Portugal*, Coimbra: Coimbra Editora, 1962, p. 37. A autora nomeia entre essas vozes Rafael Bluteau.

¹¹⁴ Evelina VERDELHO – *Lexicografia sinonímica portuguesa o “vocabulário de sinonimos, e phrases” de Rafael Bluteau e o “Ensaio sobre alguns synonymos” do Cardeal Saraiva*, Coimbra: Fac. De Letras, [1982], p. 179.

¹¹⁵ António Alberto de ANDRADE – «A posição filosófica de D. Rafael Bluteau», in *Brotéria*, vol. XLI, fasc. 6, 1945, p. 544.

¹¹⁶ Ofélia Paiva MONTEIRO – «No Alvorecer do ‘Iluminismo’ em Portugal: D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde da Ericeira (1.ª parte)», in *Revista de História Literária de Portugal*, p. 233.

Imperfeitos, indefinidos, incertos, mas necessários à fase embrionária da mudança, manifestada pelos princípios da revolução ideológica.

O engenho de Bluteau revela-se em aproximar o que, pela normalidade, estaria separado – o realismo do iluminismo e o formalismo da época anterior – numa intenção que exclui a rutura ($1+1=2$) e opta pela continuidade ($2+1=3$). O lugar-comum, afinal é esse terceiro mundo:

*A seu filho Phaetonte disse o Sol, que tomasse o caminho do meyo, sem declinar para a mão direita, nem para a esquerda [...] Em semelhantes ambiguidades o caminho do meyohe seguro, entre affirmativas, e negativas, sem dar mais pendor a humas razoens que a outras, quando todas são igualmente ponderosas [...]*¹¹⁷

Uma posição medianeira será o lugar aconselhado, porque equilibrado e adequado. A coexistência entre o mundo antigo e o mundo moderno pode ser afinal harmoniosa: «Mudar, para melhorar, não he innovar, he aperfeiçoar; nem he condemnar os mayores, nem prejudicar ao respeito, que se deve à antiguidade.»¹¹⁸

Ainda que, por vezes, deixe transparecer a supremacia dos Modernos sobre os Antigos, como se comprova na seguinte transcrição que faz sem dúvida eco à “querelle”, entre Antigos e Modernos, que ocupou por largas décadas a cultura em França.¹¹⁹

¹¹⁷ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. II, p. 158. Esta é, aliás, a postura que Bluteau tentará seguir em assuntos de matérias duvidosas. Parafraseando Santo Agostinho, adianta-nos o motivo «antes quer parecer ignorante, do que fazer ostentação de huma falsa sabedoria».

¹¹⁸ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 303.

¹¹⁹ Leiam-se, por exemplo, sobre este assunto, do lado dos “modernos”, Charles PERRAULT – *Parallele des Anciens et des Modernes, en ce qui regrade les arts et les sciences*, 4 vols., Paris: Jean Baptistes Coignard, 1693, sobretudo o poema «Le siecle de Louis le Grand» (vol. 1, pp. 173-88), SAINT-EVREMONT – «Sur la dispute touchant les anciens & les modernes», *Oeuvres Meslées*, Paris: chez la veuve de Claude Barbim, 1700, vol. 1, pp. 280-6, Bernard FONTENELLE – «Dialogues des Morts Anciens et Modernes», *Oeuvres*, Paris: Jean-Francois Bastien, 1790, vol. 1, pp. 473-598, e do lado dos “antigos”, Nicolas BOILEAU – «Satire X», *Satires et Oeuvres diverses*, Amsterdam: Henri Schelte, 1740, pp. 69-92, Jean RACINE – «Iphigénie en Aulide», *Oeuvres Poétiques*, Paris: Typographie de Firmin Didot Frères, 1854, vol. 3, pp. 3-9, LA FONTAINE – «Épître a Monseigneur L’Évêque de Soissons», *Oeuvres Diverses*, Paris: Libraire Ch. Delagrave, 1894, pp. 105-14; note-se, entre outros, o estudo crítico de Marc FUMAROLI – *La Querelle des Anciens et des Modernes, XVIIe-XVIIIe siècles*, Paris: Gallimard, 2001.

*Que nos homens deste tempo a memoria, e o juizo tenhaõ ou igual, ou ainda mais vigor que nos antepassados, claramente o demonstra a perfeição, e a altura, em que hoje estão as Artes, e as Sciencias; os livros, que nellas escrevem os modernos, exceedem no numero, methodo, noticia, e elegancia todas as obras dos antigos.*¹²⁰

Ainda que incluída na querela dos Antigos e Modernos, a intenção de Rafael Bluteau distingue-se dos propósitos mais óbvios de um Charles Perrault e seus seguidores, como Voltaire ou Fontenelle.

A sua posição, lembre-se, é mediana, e por tal muito semelhante ao papel do Cavaleiro¹²¹ «que, em determinados momentos, se eleva como uma espécie de mediador entre as duas posições»¹²², levando-nos a repensar a posição até de Charles Perrault. Frei José de Santa Rosa, na referida censura às *Prosas*, afirma:

*[...] este Reverendissimo Padre he o homem Sabio, que procurando, e lendo os Authores todos, tira do grande thesouro do seu talento tanto cabedal de noticias, que declara a origem das cousas antigas, e com toda a elegancia escreve as modernas [...]*¹²³

Muito mais tarde, no contexto da apologia da língua francesa, e em resposta à crítica de Trévoux (que parte em defesa dos clássicos)¹²⁴, Diderot afirmaria ainda com laivos de ousadia:

Em quase todos os gêneros, já possuímos obras comparáveis às mais belas produzidas em Atenas e Roma. Eurípides não desaprovava as tragédias de Racine. Cinna, Pompée, os Horaces honrariam a Sófocles. A Henriade tem passagens que poderiam enfrentar as mais magníficas da Ilíada e da Eneida. Molière, reunindo os talentos de Terêncio e Plauto, deixou bem para trás os cômicos de Grécia e Itália. Que distância não há entre os fabulistas gregos, latinos e o nosso! Bourdaloue e Bossuet disputam com Demóstenes.

¹²⁰ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 39.

¹²¹ Lembrando a principal obra de Perrault: *Parallèle des Anciens et des Modernes*, onde o poema *Le Siècle de Louis le Grand* (lido à Academia Francesa em 1687 e marcando o início da querela dos Antigos e Modernos) acabou por adaptar-se como uma espécie de prefácio à longa obra em questão (cerca de mil páginas, semelhante à extensibilidade das *Prosas* portanto).

¹²² Leila de Aguiar COSTA – «O Abade, o Presidente e o Cavaleiro: a *disputatio* em Charles Perrault», *A constituição da Tradição Clássica*, org. Luiz Marques, São Paulo: B.C.U., 2004, p. 244.

¹²³ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. XXV.

¹²⁴ Cf. Denis DIDEROT – *Carta sobre os surdos-mudos para uso dos que ouvem e falam*, trad. Magnólia Costa Santos, São Paulo: Nova Alexandria, 1993, p. 94.

*Varro não era mais sábio que Hardouin, Kircher e Petau. Horácio não escreveu melhor sobre a arte poética do que Despréaux [...]*¹²⁵

A mensagem de Bluteau é, pois, moderna, e ainda assim moderada. À semelhança de Diderot, Bluteau igualaria os dois lados, o Antigo e o Moderno, colocando-os em patamares equilibrados, sem que um se sobreponha ao outro.

Um equilíbrio que caracteriza o nosso Autor, uma vez que, amiúde, constatamos nele um modernismo prudente, pautado por um conservadorismo inovador:

*Embora revele o conhecimento das teorias tradicionais, contrapõe-lhes com frequência a opinião dos autores mais recentes, tornando o partido destes últimos na célebre disputa entre antigos e modernos, constatando o progresso da ciência contemporânea. Assim, evidencia um modernismo inovador, mas não atentatório da tradição, recusando os princípios da filosofia moderna cujas implicações contrariassem abertamente a ortodoxia religiosa, como se esperaria de um Qualificador do Santo Ofício.*¹²⁶

2. O tertium genus

*Até ao triunfo do destino individual que representou a institucionalização e prestígio da linguagem escrita, os povos viviam orientados para o passado, tendo como paradigma uma Idade do Ouro longínqua e incerta. [...] Era a idade da memória colectiva. A partir da escrita, e, mais ainda, da sua reprodução mecânica, o pensamento individualizou-se passando a conceber-se o futuro não como repetição, mas como novidade inconformada, como progresso. O futuro assim pensado é uma consequência cognitiva da alfabetização. [...] Onde havia primordialismo (idade do ouro), passou a haver profetismo, isto é, a expectativa não já regressiva mas projectiva, de uma “terra prometida”.*¹²⁷

¹²⁵ Denis DIDEROT – *Carta sobre os surdos-mudos para uso dos que ouvem e falam*, p. 95.

¹²⁶ João Paulo SILVESTRE – *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*, Lisboa: Imp. Nac. – Casa da Moeda, 2008, p. 38.

¹²⁷ Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 51.

Onde havia imitação passa a haver inovação. No argumento de Fernando Gandra, ainda que relativo ao antes e depois da institucionalização da escrita (e sobretudo da imprensa), percebem-se os opostos que Bluteau tanto procura conciliar. As suas expectativas parecem estar voltadas para ambos os lados: o do passado (regressivo), caracterizado por uma Idade do Ouro perdida e o do futuro (projetivo), corolado pelo profetismo de uma terra prometida.

É esta capacidade que o singulariza: a de assumir uma atitude moderna, moderada pelo respeito pela Antiguidade. A estratégia retórica partirá, uma vez mais, da combinação dos opostos, até porque, do ponto de vista simbólico, «a paz do centro se antevirá naquele que, à custa de mil fracassos e outros tantos sucessos, tiver sabido realizar em si a união dos opostos».¹²⁸

*Leia-se, por exemplo, o Oratorio requerimento de palavras portuguesas agravadas, desconfiadas e prudentes, inserido na 1ª parte das referidas Prosas Portuguezas (pp. 3-15), e aí se verá como Bluteau reconhece que a língua não é nada de fixo e de estável, mas uma criação viva e evolutiva, em que as palavras, nascendo, vivendo e morrendo como as pessoas, transportam em si mesmas não apenas um conteúdo significativo, mas também um conteúdo expressivo, por vezes difícil de definir.*¹²⁹

Um reconhecimento muito próximo do *símile* horaciano, da língua como floresta viva. Aqui não há árvores mortas, só adormecidas. Neste contexto leia-se, ainda, a afirmação de Bluteau no *Requerimento das Supplicantes Aggravadas*¹³⁰, ou seja, sobre as palavras antigas: «[...] não pedem as palavras antiquadas, que usemos dellas, porque o discurso, como o corpo, sempre se ha de vestir segundo o uso do tempo»¹³¹. A tocha que empunhamos no presente serve para iluminar e ler o passado e o futuro: «he

¹²⁸ Maria do Rosário PONTES – «O Simbolismo do *Centro* nas Narrativas Maravilhosas», in *Revista da Faculdade de Letras «Línguas e Literaturas»*, Porto, n.º XVI, 1999, p. 40.

¹²⁹ Ofélia Paiva MONTEIRO – «No Alvorecer do ‘Iluminismo’ em Portugal: D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde da Ericeira (1.ª parte)», In: *Revista de História Literária de Portugal*, p. 211.

¹³⁰ Cf. Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, pp. 4-7.

¹³¹ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 6. Note-se a analogia que se tece entre a comparação de Bluteau e a comparação que ao teatro moderno aplicaram os jovens dramaturgos Pierre DuRier e Jean Auvray, em ataque directo ao clássico Alexandre Hardy: «...o teatro moderno deve ser como as mulheres, cuja “natureza e humor” faz com que “se vistam segundo a época” e “favoreçam as carícias dos jovens e não dos velhos”.» (Leila de Aguiar COSTA – «O Abade, o Presidente e o Cavaleiro: a *disputatio* em Charles Perrault», *A constituição da Tradição Clássica*, p. 253).

preciso, que em cada Reyno haja livros, cujas noticias sirvaõ de tochas, e guias para sahir dos escuros labyrinthos da antiguidade».¹³²

Bluteau é a afirmação do presente, esse terceiro mundo, intermédio, uma mescla de duas forças, muitas vezes entendidas como antagónicas, o passado e o futuro. Note-se, por exemplo, a contiguidade entre os sábios da gentildade e os sábios da cristandade, para que uns sejam a ponte para outros. A Bluteau caberia, em parte, segundo o próprio, tal hibridização: «Na illustre Academia Ericeiriana, em que comecey a illustrar, e combinar os ditados dos Sabios da Grecia com os adagios dos Velhos da Lusitania [...]».¹³³ Significativa esta implícita valorização de um sujeito que se exprime na primeira pessoa (um subentendido “eu”) e a explícita afirmação de vanguardismo (*em que comecey a illustrar*). Parece-nos evidente a estratégia aqui exposta: a ilustração da novidade, um *tertium genus*, que resulta da combinação de uma oposição: os *ditados dos Sábios da Grécia* e os *adágios dos Velhos da Lusitânia*. A percepção do “moderno” através de duas antiguidades: a clássica (pagã) e a autóctone (de raiz da judaico-cristã). Neste sentido, também o moderno, a palavra a ensinar, resultará da união entre semi-silêncios, já que os *ditados* ou os *adágios* representam modos elípticos¹³⁴ do que se pretende dizer.

Neste contexto, não nos surpreende que sobre o «ESTYLO NO COMPOR» Bluteau afirme: «Accommodação de frases, e palavras, nem antiquadas, nem muito novas. Peccava o estylo de Mecenas em palavras inusitadas, e affectadas; escrevia Augusto com estylo natural, intelligivel, e facil.»¹³⁵ A escolha é, uma vez mais, a do presente, traduzido numa escrita atual e por isso equilibrada. Um estilo de escrita que

¹³² Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 26. Sobre a proximidade das questões dos séculos XVII/XVIII e as nossas, leia-se Omar CALABRESE – *A Idade Neobarroca*, Lisboa: Edições 70, 1988.

¹³³ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 92.

¹³⁴ Sobre este assunto leiam-se os seguintes verbetes do *Vocabulario*: «ELLIPSE (Termo Grammatical) Quando na oração falta alguma palavra, que fica subentendida.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario portuguez, e latino...*, Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713, Tomo III, p. 28); «SOBENTENDER, ou Subentender, se diz da cousa, que ainda que não declarada, nem expressa, se entende, como se se tivera feyto claramente menção della. Os Grammaticos, & outros Mestres nas regras, que dão, sobentendem muytas cousas, por não repetillas a cada passo.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1720, Tomo VII, p. 669).

¹³⁵ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases Portuguezas para facilitar composições em prosa, e em versos», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Lisboa: Patriarcal Officina da Musica, 1728, Suplemento II, p. 170 (ESTYLO NO COMPOR).

recusa as diferenças (entre o passado e o futuro), ao colocar de parte os desequilíbrios gerados pela escolha/exclusão de palavras antigas/modernas.

Como afirma Francisco Xavier de Meneses, na censura ao *Vocabulario*, também esta obra de Bluteau recorre a um esquema tríplico com propósitos universais: «Neste Dicionario se vê huma abundancia de termos quasi immensa; como he universal, justamente abraçou as palavras, que compoem o estylo sublime, o mediano, e o popular.»¹³⁶

Resta lembrar que o eterno – categoria que escapa ao envelhecimento – resultará da junção entre o mundo antigo e o mundo moderno, ou pelo menos do que neles é valorizado. Ambos, antigo e moderno, «são considerados espaços periféricos da dimensão depositária dos valores consagrados: o ‘eterno’.»¹³⁷

Da pulsação disjuntiva entre dois mundos físicos, nasce assim um mundo metafísico. Sobre a “lei eterna”, Alberto Pimenta afirmará muito mais tarde: «consiste numa constante sucessão de processos, em que o moderno se torna antigo e é substituído por um outro moderno e assim por diante [...]»¹³⁸

Nas teorias clássicas, que Horácio elevou a paradigma¹³⁹, o eterno é atributo da arte, que ainda que construída num mundo físico, é capaz de transcender o tempo. Sem este *tertium genus*, a obra de arte, desprovida da «beleza espiritualizada»¹⁴⁰, «torna-se monumento histórico, produto não-vivo, salvo artificialmente, graças à história literária.»¹⁴¹

¹³⁶ Francisco Xavier de MENEZES – «Censura do Excellentissimo Conde da Ericeira», *Vocabulario portuguez, e latino...*, Suplemento I.

¹³⁷ Alberto PIMENTA – *O silêncio dos poetas*, Lisboa: A Regra do Jogo, Edições, 1978, p. 53.

¹³⁸ Alberto PIMENTA – *O silêncio dos poetas*, p. 57.

¹³⁹ Cf. Horácio, III, 30. Note-se, entre a vasta bibliografia sobre a imortalidade da arte (“as folhas que se renovam”), o lema da Academia dos Singulares (baseado em Horácio): «*Solaque non possunt haec monumenta mori*, só através dos monumentos das letras, o homem pode escapar à morte.» (Maria Luísa Malato BORRALHO – «Sobre a Perigosa Arte de Jardinar. A Missão Guerreira do Poeta na Academia dos Singulares.», *A Arte da Cultura – Homenagem a Yvette Centeno*, Lisboa: Edições Colibri, 2010, p. 310). Note-se que Horácio é valorizado por Bluteau, nas *Prosas Portuguezas...*, sobre Horácio em geral, v. vol. I, pp. 5 e 180, vol. II, pp. 78, 178, 212, 216, 209, v. ainda vol. II, pp. 78 e 178 (*Epístolas*), vol. II, p. 209 (*Sátiras/Sermões*) e p. 216 (*Epodos*). Acrescente-se ainda o interesse de Bluteau pelo *Emblematum liber* de Alciato, v. vol. I, pp. 167 e 237, pelo poder da imagem, linguagem silenciosa.

¹⁴⁰ Cf. Alberto PIMENTA – *O silêncio dos poetas*, p. 95.

¹⁴¹ Alberto PIMENTA – *O silêncio dos poetas*, p. 94.

Também para Bluteau, o discurso acadêmico, à semelhança da arte atemporal, resultará da combinação dos opostos. Na verdade, o que surge é uma linha contínua que causa a desfragmentação dos limites que a geram. Como bem realça João Paulo Silvestre:

*O discurso académico, tal como D. Rafael o concebe, não se confina aos limites do literário ou do científico, residindo o desafio precisamente na conjugação da literatura e da erudição, da ciência e da religião.*¹⁴²

Ao que parece, o silêncio não andarà muito longe desta perspetiva. Ele constituir-se-á pela diferença, pela suspeição dessa linha ininterrupta que unifica os extremos, ou aquilo que simplesmente julgamos afastado. Se pensarmos nas palavras de Ione M. Menegolla, o silêncio também desafia os limites, uma vez que se encontra neles e entre eles:

*Há a necessidade da unidade para se pensar no múltiplo; assim como para se pensar o diferente há a necessidade dele. Do mesmo modo, para se analisar o sim, tem-se de tratar o não. O silêncio existe tanto em um pólo quanto no outro como também há silêncio entre um e o outro.*¹⁴³

O silêncio apresenta-se, assim, como parte da *síntese*, do *tertium genus*, da conciliação entre a *tese* e a *antítese*. Lembrando o ritmo ternário criado por Demócrito, e retomado por Hegel, na tentativa de escapar ao Monismo do pré-socrático Parménides, bem como ao pensamento dialético (Pluralismo) de Heráclito.¹⁴⁴ E assim sendo, gerar, a partir da oposição, um ponto de união entre o que é único e o que é múltiplo. O

¹⁴² João Paulo SILVESTRE – *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*, p. 49. O Discurso e a Argumentação (termos da Dialética) entram em conformidade com esse terceiro elemento, “operação”, ou “grão” (do entendimento), leiam-se os respetivos verbetes do *Vocabulário*: «Discurso. (termo Dialectico.) He a terceira operação, ou (Por dizer melhor.) o terceiro grão da operação do Entendimento [...]» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulário Portuguez, e Latino...*, Tomo III, p. 245); «ARGUMENTAC,AM. (Termo Dialectico) He hum dos nomes, que dão os Logicos à terceyra operação do Entendimento [...] Na Argumentação distinguem os Logicos Antecedente de consequente, & consequencia.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulário Portuguez, e Latino...*, Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712, Tomo I, p. 493).

¹⁴³ Ione Marisa MENEGOLLA – *A Linguagem do Silêncio*, p. 47.

¹⁴⁴ Cf. Hilton JAPIASSÚ; Danilo MARCONDES – *Dicionário Básico de Filosofia*, 3.^a ed., Rio de Janeiro, 2001, p. 50.

princípio da imutabilidade e o princípio de transformação já não se opõem, antes, se complementam, se fundem, se conciliam numa *síntese* superior, esse terceiro elemento.

3. Uma diferente influência

Ciente do movimento intelectual europeu que contagiava a maior parte das academias estrangeiras, Bluteau pretende colmatar uma distância que ultrapassa as fronteiras geográficas e conduzir Portugal a uma relação direta com a vanguarda científica, ainda que fazendo-a partir de uma diferente realidade.

É em pleno meio académico que Bluteau se destaca como introdutor da cultura francesa e difusor da atividade científica das grandes academias estrangeiras. Inicialmente, movendo-se como intermediário entre dois países, Bluteau prepara um ambiente favorável quer às ideias francesas quer às portuguesas e, por consequência, à incipiente cultura europeia. Assim é considerado, «para a história da língua e também para a cultura portuguesa, um activo intermediário da cultura francesa e do património dicionarístico europeu.»¹⁴⁵

Afirma Ofélia Paiva Monteiro: «sabemos, por exemplo, que por intermédio daquele padre chegava ao Palácio da Anunciada o *Journal des Savants*»¹⁴⁶. Sabemos também que terá incentivado¹⁴⁷ o 4.º Conde, Francisco Xavier de Meneses, na tradução¹⁴⁸ da *Art Poétique* de Boileau. O nosso Autor surgia assim como mediador

¹⁴⁵ João Paulo SILVESTRE – *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*, p. 8.

¹⁴⁶ Ofélia Paiva MONTEIRO – «No Alvorecer do ‘Iluminismo’ em Portugal: D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde da Ericeira (1.ª parte)», In. *Revista de História Literária de Portugal*, Coimbra: Coimbra Editora, 1962, p. 197.

¹⁴⁷ Cf., por exemplo, Hernâni CIDADE – *Lições de Cultura e Literatura Portuguesa*, pp. 67-8.

¹⁴⁸ Uma das atividades desenvolvidas nas Conferências Discretas e Eruditas, também estas imbuídas de um espírito afrancesado: «...o mérito da tradução de D. Francisco Xavier de Meneses reside, portanto, no conteúdo que divulgava. Em 1697, já se ouvia em Portugal a voz de Boileau e do neo-classicismo francês.» (Ofélia Paiva MONTEIRO, «No Alvorecer do ‘Iluminismo’ em Portugal: D. Francisco Xavier de Meneses, 4º Conde da Ericeira (1.ª parte)», In. *Revista de História Literária de Portugal*, p. 224.)

entre franceses e portugueses. Depreendêmo-lo pela correspondência entre o teatino e o dito Conde da Ericeira.

*Faça-me Vossa Paternidade a mercê de me dar muitas lembranças a Mr. leGrand; e se tem visto a Mr. de Boileau, fazer-lhe mil protestos da minha estimação, e pedir-lhe emende o Soneto Francez com toda a confiança, antes que vá no Diccionario.*¹⁴⁹

Ofélia Paiva Monteiro confirma-o: «Bluteau surge-nos, portanto, como um medianeiro entre D. Francisco Xavier e grandes vultos da sociedade francesa».¹⁵⁰ Talvez por isto se torne frequente pressupor que a iniciativa da tradução tenha partido de Bluteau. Se não por ele, através dele se constituiriam os cânones da crítica ao barroco literário. Uma tradução que marca a introdução do neoclassicismo francês em Portugal.¹⁵¹ Uma vez que, na obra de Boileau, estaria um conteúdo que, defendendo os princípios da razão e da clareza, tendo por base a natureza e por exemplos os modelos clássicos e modernos, derrubaria as exuberâncias dominantes, opor-se-ia ao gongorismo e à poética de Gracián, silenciaria, enfim, os excessos e artifícios do seiscentismo “barroco”.

Bluteau é também o homem-símbolo no limiar da regeneração mental. Apesar das agitações que se fazem sentir, típicas da mudança, ele consegue um equilíbrio – que advém da junção do homem-pragmático com o homem-teórico – que o torna aprazível a ambas as partes. Curiosa será, neste sentido, a semelhança da perspectiva do nosso Autor com a evolução da palavra *ciência*, no século XVIII, descrita por Ana Luísa Janeira nestes moldes:

¹⁴⁹ Thomaz Caetano de BEM – «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, p. 305.

¹⁵⁰ Ofélia Paiva MONTEIRO – «No Alvorecer do ‘Iluminismo’ em Portugal: D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde da Ericeira (1.ª parte)», In. *Revista de História Literária de Portugal*, p. 213.

¹⁵¹ Note-se, somente no século XIX, a influência do positivismo de Auguste Comte na obra de Teófilo Braga, v. Teófilo BRAGA – *Traços Gerais de Filosofia Positiva: comprovados pelas descobertas científicas modernas*, Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1877; *O Positivismo: revista de Filosofia*, dir. Teófilo Braga e Júlio de Matos, Porto, 1878-1882, «O propósito da revista, como seu título indica, consistia na divulgação das ideias de alguns discípulos de Comte...» (Jacinto do Prado COELHO, «O Positivismo», *Dicionário de Literatura*, 4.ª ed., 5 vols., Porto: Mário Figueirinhas Editor, 1997, vol. 3, p. 863).

[...] a palavra «ciência» veicula, em si mesma, uma perspectiva dupla, uma certa forma de encontro, não sem equívocos, entre o paradigma antigo e o moderno, pois mantém-se à margem de uma opção clara entre os dois.¹⁵²

Esta *perspectiva dupla* parece-nos bem mais adequada, é ela que nos abre caminho para contestar o lugar à *margem*, ou, se preferirmos, dar espaço à continuidade. Tanto mais que a cisão seria mais própria do nosso positivismo do que do cientismo de Setecentos.

Neste contexto, o elo entre a ciência e a religião, tão fortemente sentido nos projetos de Bacon¹⁵³ e Leibniz¹⁵⁴, será um exemplo significativo. Com o consentimento de Deus, o avanço da ciência seria facilitado. Ao selar o vínculo entre o mundo científico e o mundo religioso, Bluteau penetra mais facilmente as mentalidades, unindo o que poderia parecer condenado à disjunção. Esta parece ser a sua estratégia retórica: criar uma dualidade harmoniosa, potencialmente ignorada à partida, entre esta ânsia de racionalidade científica e uma leitura religiosa assumida:

*Como o homem foy creado para contemplar, e admirar as obras de Deos na fabrica do Mundo, e só por meyo das sciencias se consegue este fim, parecia inutil a conservação de hum Mundo, em que por falta de Sciencias, não havia contempladores da perfeição delle, para a gloria do Divino Architecto.*¹⁵⁵

Non novum, sed nove. Aliás, já desde o século XII, e sobretudo a partir da corrente vitorina, que se «defende a eficácia cognitiva da contemplação, partindo do princípio geral que Deus pode ser considerado em si mesmo, bem como nas mais

¹⁵² Ana Luísa JANEIRA – «Modalizações do saber no século XVIII: Distribuições epistémicas nos espaços académicos portugueses antes da fundação da Academia Real das Ciências de Lisboa (1779)», *Anastácio da Cunha: 1744-1787: o matemático e o poeta: actas/ Colóquio Internacional*, Lisboa: Imp. Nac. – Casa da Moeda, 1990, p. 215.

¹⁵³ Leiam-se, por exemplo, as seguintes obras filosóficas de Francis Bacon: *Instauratio magna* e *Novum organum*. Note-se ainda que, segundo Alberto Manguel, «No sistema de catalogação do conhecimento de Bacon (que ele tencionava descrever em pormenor numa vasta *Opus principale*, enciclopédica e inacabada), a ciência da Natureza era uma subcategoria da ciência de Deus.» (*Uma História da leitura*, p. 205).

¹⁵⁴ Cf. Umberto ECO – *A procura da língua perfeita*, trad. Miguel Serra Pereira, Lisboa: Editorial Presença, 1995, p. 255. Leia-se, por exemplo, Gottfried Wilhelm von LEIBNIZ – *Philosophical Essays*, trans. Roger Ariew and Daniel Garber, Indiana: Hackett, 1989.

¹⁵⁵ Rafael BLUTEAU – *Prosas portuguesas...*, vol. 1, p. 39.

ínfimas das obras das suas criaturas.»¹⁵⁶ O projeto de Rafael Bluteau parece assentar nestes moldes, e o seu objetivo, carregado de um simbolismo utópico, será, segundo H. Cidade, «abraçar no mesmo esforço compreensivo o mundo moral e o mundo físico [...] como que reconstituindo a grandiosa Unidade do Universo».¹⁵⁷ Unidos os lados, resta, segundo Bluteau, a função do homem: admirar ou contemplar a perfeição do mundo criado por Deus. E também aqui presenciamos um movimento em direção ao silêncio (do observador), bem à semelhança de Blaise Pascal, quando afirma:

*Qui se considérera de la sorte s'effraiera de soi-même et se considérant soutenu dans la masse que la nature lui a donnée entre ces deux abîmes de l'infini et du néant, il tremblera dans la vue de ces merveilles et je crois que sa curiosité se changeant en admiration il sera plus disposé à les contempler en silence qu'à les rechercher avec présomption.*¹⁵⁸

Em Pascal, estamos perante um silêncio contemplador, provocado pelo infinito e pelo vazio de um espaço/universo que o homem, perplexo, não pode questionar. Muito embora o êxtase se confunda com o medo/receio, perante um espaço infinitamente preenchido pela ausência de Deus: «Le silence éternel de ces espaces infinis m'effraie.»¹⁵⁹

Esta ausência não prediz obviamente a morte de Deus, tal como Nietzsche a anunciou.¹⁶⁰ Ela está ainda muito próxima do “high God” (*deus otiosus*) referido por

¹⁵⁶ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, Lisboa: Editorial Estampa, 1996, p. 322. Eram os vitorinos, corrente composta por notáveis filósofos e teólogos, conhecidos por vitorinos porque viveram na abadia de São Vitor, fundada, em Paris, no início do século XII.

¹⁵⁷ Hernâni CIDADE – *Lições de Cultura e Literatura portuguesa*, p. 46.

¹⁵⁸ Blaise PASCAL – *Pensées*, 72/199, Paris: Éditions du Seuil, 1962, p. 116.

¹⁵⁹ Blaise PASCAL – *Pensées*, 206/201, p. 122.

¹⁶⁰ Ver sobre este assunto “Gott ist tot” (“Deus está morto”). Expressão que aparece pela primeira vez em *A gaia ciência* (1882), no livro III, aforismo 125 (“O louco”): «Deus está morto! Deus permanece morto! E quem o matou fomos nós!»; sobre o mesmo assunto, veja-se ainda, *Assim falou Zaratustra*, por exemplo: «Será possível! Este velho santo na sua floresta não terá ainda ouvido dizer que *Deus morreu!*» (trad. M. Campos, 4.^a ed., Mem Martins: Publicações Europa-América, 2002, p. 8). Ainda que a ironia do “nós”, e de um “velho santo”, possa fazer crer na provocação que está implícita. Leia-se, ainda no século XX, a interpretação do antigo bispo do Porto: «[...] o que D. António António Ferreira de Gomes pretende sublinhar é uma geral culpabilidade da morte de Deus. Todos somos culpados. Quando Nietzsche declara a morte de Deus, já Deus tinha sido morto. A culpa nunca teria estado no mensageiro,

Mircea Eliade, próxima ainda da estrutura religiosa tradicional, na qual Deus “ainda é” o Divino Criador. Ou o perfeito arquiteto cuja obra somente agora começava a ser medida.

Se por um lado este era o momento do homem se igualar a Deus¹⁶¹, através da ciência e do entendimento da natureza, ele ver-se-ia simultaneamente confrontado com um novo mundo latente, deixado no lugar de um Deus discursivamente mudo. Assim a curiosidade, o questionar, dá lugar ao silêncio, à contemplação, ao êxtase perante o abismo que esse vazio provoca.

A fragilidade do homem passa a ser comparada à infinitude da natureza, um silêncio incógnito, estranho ao habitual silêncio de Deus, pleno, sábio e absoluto. E no silêncio parece, enfim, residir o segredo com que se sela o elo entre a ciência e a religião. Note-se que também em Pascal este vínculo é fortemente sentido, não fosse a sua vida marcada pela contínua alternância das funções de cientista/matemático, e religioso jansenista. Nele, e analogamente em Bluteau, percebe-se um conhecimento científico compatível com um entendimento em assuntos religiosos e humanos.

*Pascal, unlike the enthusiasts of the Enlightenment, possesses that insight of double vision. He is able to see the infinite world of possibility which the new science makes possible, but he discerns at the same time that God has departed from this world and he is terrified by the infinite spaces, the void.*¹⁶²

mas antes, bem antes, em quem O matou. Aos olhos de D. António Ferreira Gomes, a declaração da morte de Deus torna Nietzsche, na verdade, não o assassino de Deus, mas “o maior provocador, e por isso instaurador, no nosso tempo, da Teologia cristã”. E Ferreira Gomes vai buscar a citação mais completa ao original, como se com ela o acusado Nietzsche viesse acusar-nos a todos: “Deus morreu... Nós outros, tu e eu, o matámos! Como pudemos nós fazê-lo... beber todo o mar... safar à esponja todo o horizonte... desencadear do sol esta nossa terra?!”» (Maria Luísa Malato BORRALHO – «O herói, o santo e o poeta. O discurso Literário em D. António Ferreira Gomes», *Nuno de Santa Maria. Herói e Santo.*, Lisboa: Alêtheia Editores, 2009, pp. 111-44). O silêncio de Deus aqui retomado é ainda o que está próximo de Nicolau de Cusa e que atravessa a ortodoxia e a heterodoxia teológica.

¹⁶¹ Ver sobre este assunto o filósofo iluminista Immanuel Kant (e a identificação entre as “luzes” e o “ousar”) para quem o Iluminismo não foi uma época, mas uma atitude. (Cf. Immanuel KANT – «Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?/Réponse à la question: Qu’est-ce que les Lumières?», *Qu’est-ce que les Lumières?*, ed. Jean Mondot, Saint-Etienne: Publications de l’Université, 1991, pp. 72-86).

¹⁶² Charles H. LONG – «Silence and Signification: a Note on Religion and Modernity», *Myths and Symbols: studies in honor of Mircea Eliade*, ed. J. M. Kitagawa e C. H. Long, Chicago/London: The

Na quarta lição das *Prosas Academicas*¹⁶³ de Bluteau, intitulada «Se o ver he sentido mais nobre, que o ouvir?»¹⁶⁴, também se percebe esta *double vision*, não fosse clara a leitura dualista entre o ver e o ouvir, entre a razão e a fé, entre a ciência e a religião.

Todavia, clara é também «a subordinação do ver ao ouvir»¹⁶⁵. Em linhas gerais, aos olhos faltará a fé que, numa perspetiva cristã, só os ouvidos garantem. Pela moralidade que desvia a questão dos seus propósitos científicos, o estudo desenvolvido por José A. Mourão (e referente à dita lição) coloca Bluteau numa posição assumidamente religiosa e portanto presa, ou sujeita, à radicalidade de tal escolha.

*Contenta-se com um sistema de analogias hierarquizando dois canais de conhecimento segundo uma relação hipotácica. A única forma de conhecimento aqui admitida ou defendida é essa sujeita ao espartilho da crença que nos toca pela persuasão do ouvido.*¹⁶⁶

Não concordamos inteiramente com esta conclusão. Convém não esquecer que a primazia do ouvir será uma escolha que faculta a aliança entre a ciência e a virtude da intuição. Tanto mais que o elo entre ciência e a observação, ainda que dependente do primeiro, começava já a anunciar-se. Tal como Ana Luísa Janeira afirma: «o paradigma do ouvir permanece, todavia começa a ficar abalado; a seu lado, principia a surgir outro, regulado pelas exigências do observar; a sua emergência vai ser dificultosa, mas está destinado a sair vencedor».¹⁶⁷

University of Chicago Press, 1969, p. 144. Leia-se ainda: «Pascal est plus proche du sentiment classique occidental quand il dit que les silences de l'espace cosmique inspirent la terreur. Pour le taoïste, ce même silence apporte tranquillité et intimité divine.» (George STEINER – *Langage et Silence*, trad. Lucienne Lotringer, Paris: Éditions du Seuil, 1969, p. 29).

¹⁶³ Inseridas nas *Prosas Portuguezas*, vol 1, pp. 1-104.

¹⁶⁴ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 34.

¹⁶⁵ José Augusto MOURÃO – «Modalizações do saber no século XVIII. Ver, Ouvir, Censurar. As *Prosas Académicas* do Pe. Rafael Bluteau», *Anastácio da Cunha: 1744-1787: o matemático e o poeta: actas/ Colóquio Internacional*, Lisboa: Imp. Nac. – Casa da Moeda, 1990, p. 240.

¹⁶⁶ José Augusto MOURÃO – «Modalizações do saber no século XVIII», p. 245.

¹⁶⁷ Ana Luísa JANEIRA – «Modalizações do saber no século XVIII», p. 233.

A ideia hegeliana de que o ouvir é um estado interior, que vem da alma¹⁶⁸, não está por isso muito distante da ideia platônica a respeito do “olho da alma” como objeto da educação: «Dizem eles que introduzem a ciência numa alma em que ela não exista, como se introduzissem a vista em olhos cegos.»¹⁶⁹ Ainda que muito distantes estejam os seus propósitos.

A leitura que se propõe é a da continuidade entre um estado interior, imaterial, com um estado exterior, material. O primeiro ainda é tido como sentido supremo, o recetáculo, lembre-se, por excelência da música: «Parte da cabeça, em que reside a faculdade de receber os sonidos, as vozes, os tons, assim artificiaes, e Musicaes, como naturaes»¹⁷⁰. E por isso recebe o outro, sem receio de perder o seu espaço. Nas palavras de Diderot, a respeito da entoação da voz (linguagem audível) e dos gestos (linguagem silenciosa), também se percebe essa correspondência entre os sentidos e a relação que entre si estabelecem, sendo coexistentes: «Que, se, para julgar a entonação de um ator, é preciso ouvir sem ver, para bem julgar seus gestos é preciso ver sem ouvir.»¹⁷¹

Hermes, deus dos caminhos, dos sentidos e da interpretação, não está longe nunca. O enorme papel atribuído ao ouvir, ao escutar – o ato através do qual se interioriza a palavra – percebe-se desde logo na figura de Ogmios, a divindade céltica que detém o poder da palavra que seduz e convence (e posteriormente assimilada por Hermes e depois por Mercúrio, o deus romano portador da palavra perfeita). Segundo Carlos Clamote Carreto, e baseado nos testemunhos de Luciano de Samosata sobre os dados iconográficos do deus [Ogmios], interessante e revelador «é o facto de guiar um grande número de homens (aparentemente felizes), presos pelas orelhas a umas finas cadeias de ouro ligadas, na outra extremidade, à língua do deus, virado para eles a sorrir.»¹⁷² A importância dada à palavra persuasiva é equiparável à da escuta atenta, ou

¹⁶⁸ Cf. Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 82.

¹⁶⁹ PLATÃO – *A República*, Livro VII, 9ª edição, trad. Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa: F.C.G., 2001, p. 320.

¹⁷⁰ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 270 (OUVIDO).

¹⁷¹ Denis DIDEROT – *Carta sobre os surdos-mudos para uso dos que ouvem e falam*, p. 80 [Nas “Observações: Sobre a nota que o jornalista de Trévoux escreveu sobre a *Carta sobre os surdos-mudos*, publicada no mês de Abril de 1751.” pp. 79-95].

¹⁷² Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, pp. 273-4. Sobre os *Diálogos* de Luciano de Samosata, leiam-se as *Prosas Portuguezas...* de Bluteau, vol. I, pp. 86, 89, 95 e 99.

não fosse o desejo do sábio encontrar um ouvido atento¹⁷³. O homem que escuta, e «que se Escuta, he lisonjeiro de si mesmo»¹⁷⁴. Assim como a palavra que nasce da escuta, que se ouve a si própria, definida por Louis Lavelle, e que por isso «évoque un dialogue silencieux dont l'autre n'est que la signe, où celui qui parle, avant de s'écouter, écoute une voix lointaine et profonde dont il est l'interprète [...]»¹⁷⁵

Também a audição, para Bluteau, será o sentido reservado ao saber. O homem que o utilizar, que souber escutar, soma um dom, um tesouro divino:

*Sentido, pelo qual se communicão ao entendimento as noticias de todo o passado, prezente, e futuro, e juntamente tudo o que ensinaõ todas as Artes, e Sciencias. Por isso chamaõ os Filozofos ao ouvido, sentido das disciplinas, id est, do saber, e de tudo o que de seus Mestres aprendem os discipulos. Do prodigo offerecimento dos thesouros Divinos não quiz Salamaõ outra cousa, que hum coração docil, ou (segundo a interpretação de alguns Escriurarios) hum coração com ouvidos.*¹⁷⁶

Um sentido de saber atemporal, note-se, «dedicado à memória. Segundo a superstição da antiga Gentilidade [...] A Divindade, que presidia no ouvido, era a memória. E esta he a razão, porque quando queriaõ que alguém se lembrasse de alguma cousa, lhe puxavaõ pela orelha.»¹⁷⁷. Ressalve-se aqui a importância que tem para Rafael Bluteau, neste contexto e co-texto, a função persuasiva do silêncio. A memória, esse «ouvido das cousas surdas»¹⁷⁸, é igualmente essa «vista dos cegos»¹⁷⁹ nas palavras de Bluteau. Um efeito muito semelhante à pena do escritor (erudito): «Pluma, que tem melhores olhos, que os do pavaõ; estes saõ cegos, os de huma erudita penna, a cegos

¹⁷³ Cf. (Eclo, 3, 31).

¹⁷⁴ Rodrigues LOBO – *Corte na aldeia, e noites de Inverno...*, Lisboa: Editorial Presença, 1991, p. 168.

¹⁷⁵ Louis LAVELLE – *La parole et l'écriture*, Paris : L'artisan du livre, 1942, p. 72.

¹⁷⁶ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 270 (OUVIDO).

¹⁷⁷ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 271 (OUVIDO).

¹⁷⁸ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 238 (MEMORIA).

¹⁷⁹ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 238 (MEMORIA).

daõ vista.»¹⁸⁰. Curar a cegueira ou a ignorância/vaidade não é a única faculdade deste instrumento, ele permite sanar outras deficiências, tais como a mudez:

[...] *finalmente cõ o uso da penna té os mudos uso da palavra, manifestando com letras escritas os seus pensamentos, que com a lingua se fazem sosnoros, e juntamete objectos do ouvido, com a penna tomaõ cor, e ficaõ feitos objectos de sentido mais nobre: porque o objecto da vista tem corpo, com o qual chegaõ tambem a ser objectos do Tacto, sentido, que senaõ he mais nobre, he mais certo, do que o ouvido.*¹⁸¹

Sublinhe-se, todavia, que esta função persuasiva do som e do silêncio não é incompatível com a apologia da visão¹⁸² (sentido nobre), reforçada pelo tato, ambos sentidos mais certos e exatos do que o ouvido, sentido nobre porventura, mas sem *corpo*. Se é certo que, por vezes, assistimos a uma faceta marcadamente religiosa, que privilegia o escutar (o ouvir), logo estamos perante um Bluteau assumidamente científico, que se atreve a afirmar que «he preciso muito estudo, e muita sciencia experimental»¹⁸³, numa época onde o termo ainda soava estranho aos portugueses e onde o conceito se aproximava, para muitos, de uma atitude curiosa e suspeita. Ainda que dê primazia ao ouvir (próprio da lição mais passiva), Bluteau expõe, com igual precisão e clareza, a necessidade científica de ver (tendencialmente ativa):

*Neste Mundo, a mayor bem aventuraça do homem, abaixo da graça de Deos, he o saber, porque saber, he conhecer a verdade, e neste conhecimento se cifra a bemaventurança da creatura intelectual. [...] Sem este scientifico ver, não se logra o que se possui, porque se não conhece o que se logra.*¹⁸⁴

Apercebe-se Bluteau desta ausência nas academias portuguesas («Sem este scientifico ver») e, sendo conhecedor da atividade científica que sustenta as grandes academias estrangeiras, cedo irá mergulhar o seu público na ideia-chave que reside em

¹⁸⁰ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 282 (PENNA DE ESCRITOR).

¹⁸¹ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 282 (PENNA DE ESCRITOR).

¹⁸² Leia-se sobre o assunto *De Anima*, de Aristóteles (onde a visão é considerada o sentido mais importante).

¹⁸³ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 153.

¹⁸⁴ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, pp. 172-3.

todas elas: a valorização da curiosidade científica, capaz de enveredar por todos os caminhos e por todas as incertezas, por outras palavras – o culto das ciências, pressupondo-se ser a Razão uma força que une todos os povos.

Disposto a dissipar estes atrasos, e porque conhecedor dos progressos da Europa, Bluteau discursa para académicos de ouvidos ávidos e recetivos. A estes interessa informar e educar: daí a «modernité de ses curiosités intellectuelles. Toutes les inventions, tous les progrès des sciences de son temps, il les connaît et les cite».¹⁸⁵

Significativo é, neste contexto, o estudo desenvolvido por João Paulo Silvestre, nomeadamente quando afirma:

*Bluteau não desconhecia os progressos científicos, mas ao seleccionar a informação relativa a factos que contrariassem as doutrinas religiosas, procurou adequá-la ao quadro cultural dos receptores. [...] O Vocabulário, que se assume como uma obra institucional favorecida pelo poder político e religioso, não poderia transigir na defesa de princípios basilares da ordem estabelecida.*¹⁸⁶

Sente-se, no *Vocabulário*, esse espartilho da *ordem estabelecida* e, em Bluteau, essa capacidade de dosear a luz, tornando-a adequada aos seus visionários. Como ele próprio afirma, «A muita luz cega a vista.»¹⁸⁷

O *Vocabulário* «constitui um programa de formação intelectual que pretende englobar, de forma indissociável, a dimensão espiritual e a dimensão das ciências do homem e da natureza.»¹⁸⁸ O que faz dele uma obra singular, por ser espelho de um quadro cultural em transição, por transmitir um elo indissociável, e equilibrado, de clara intenção pedagógica, entre o mundo natural e o sobrenatural.

¹⁸⁵ Hernâni CIDADE – «Dom Raphael Bluteau», p. 78.

¹⁸⁶ João Paulo SILVESTRE – *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*, pp. 336-7.

¹⁸⁷ Rafael BLUTEAU – «Vocabulário de Termos próprios, e metaforicos...», *Vocabulário Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 451 (TERMOS De cousas, que cobrem, e encobrem.)

¹⁸⁸ João Paulo SILVESTRE – *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*, p. 19.

4. Um inventariar por favor

Note-se o impacto retórico do título da *Prosa Apologetica*, com uma outra crítica implícita, desta vez, a nosso ver, ao programa da Academia Real de História: «justificação de huma Soberana Princeza, injustamente excluída das doudas Conferencias da Academia Real de Lisboa, recitada na sala academica do Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes».¹⁸⁹ Na decifração da metáfora, tal fragilidade resulta da falta de livros dedicados ao estudo e investigação da língua portuguesa:

*Por livros de cavallaria os nobres; por livros de contas os homens de negocio; por livros scientificos os Doutores; por livros de Orthografia tão poucos, que ordinariamente todos os papeis escritos, assim em cartas missivas, e bilhetes amorosos, como em postillas, em contratos, em doações, e testamentos, são enigmas da penna, crimes de lesa Magestade, atrozes injurias, e desacatos de huma Princeza, cujo antiquíssimo imperio merece primorosas venerações.*¹⁹⁰

Tal *Princeza* é, afinal, revela o autor, a Ortografia. Nela residirá a base de todo o saber. Na sua ausência, todas as artes e todas as ciências perecem. «Sem primor Orthografico, qual arte, ou sciencia pôde honradamente subsistir em papel impresso, ou manuscrito?»¹⁹¹; sem ela, todas as *sublimes sciencias*¹⁹² entram no reino do caos:

¹⁸⁹ «Prosa apologetica...», inserida nas *Prosas Portuguezas*, vol. II, pp. 170-85. Note-se a sua continuação com a «Prosa grammatonomica, portugueza, ou regras, e leys, para o uso das letras do Alfabeto Portuguez, na escritura, e na pronunciação.», vol. II, pp. 186-228.

¹⁹⁰ Rafael BLUTEAU – «Prosa apologetica...», *Prosas Portuguezas*, vol. II, p. 175.

¹⁹¹ Rafael BLUTEAU – «Prosa apologetica...», *Prosas Portuguezas*, vol. II, p. 180.

¹⁹² Note-se aqui a expressão *sublimes sciencias* que nos remete para o tema do sublime, introduzido por Boileau no contexto académico (facto que deriva da sua tradução do *Tratado Do Sublime* de PSEUDO-LONGINO) e o qual, em Portugal, ainda parecerá surtir efeitos em Correia Garção, na segunda metade do séc. XVIII. (Cf. Maria Luísa Malato BORRALHO, *O Império dos Sentidos: Do sublime ao melodrama no teatro arcádico*, p. 7, Documento a ser publicado). Leia-se sobre este último assunto o próprio Correia GARÇÃO – *Qual é e em que consiste o Estilo do Sublime?* transc. e notas Maria Luísa Malato Borralho, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.

[...] todas as mais sublimes sciencias, a Jurisprudencia, a Filosofia, a Theologia, postas em papel sem Orthografia, seriaõ borroens da penna, embriões do discurso, opprobrios da literatura, impossiveis à intelligencia, para os scientes tropeço, para os ignorantes precipicio, ludibrio das escolas, e escandalo das Academias.¹⁹³

Para João Paulo Silvestre, a «Prosa apologetica» «Estrutura-se em torno de uma alegoria, que apresenta a ortografia como a imperatriz da escrita e das artes [...] a escrita é a temática central, insistindo continuamente na importância de uma grafia autorizada e correcta.»¹⁹⁴ Estaria essa posição de acordo com a crítica tecida por Rafael Bluteau, quando este: «[...] considera incoerente o investimento dos escritores no arsenal retórico, ao mesmo tempo que descuram a componente ortográfica.»¹⁹⁵

Para Bluteau, tal descurar é dramático, porque na ausência da ortografia o esquecimento persiste. Diferente é pois da memória eterna, a que luta contra o esquecimento, salvaguardada pela escrita:

*Isto mesmo he huma demonstração do interminavel imperio da Orthografia. Aonde acaba tudo, persiste a Orthografia sepulchral; aonde todos estão callados, falla; aonde jazem todos, triunfa, na dureza dos marmores fina, no silencio das sombras eloquente, sobre destroços com decencia, sobre cinzas com alma, e nas propriedades, e pertenças da morte, gloriosamente viva. [...] Outra prerogativa, ainda mais digna de admiração, tem a nossa Emperatriz. Ella não só vive nos dominios da morte, mas nelles dá vida aos mortos. Na realidade, que outra cousa são elogios sepulchraes, que principios de nova vida nos sepultados?*¹⁹⁶

No seu registo de eternidade, a escrita exige consequentemente um carácter equilibrado, em certa medida contido. Não demais, mas também não de menos, o necessário parece ser a mediania pretendida:

Orthografia he palavra Grega, derivada de Orthos, que quer dizer Direito, e Graphein, que significa Escrever; e assim confesso, que Orthografia não he outra cousa, que arte de escrever recta, e directamente em qualquer idioma; isto he, de escrever as palavras com

¹⁹³ Rafael BLUTEAU – «Prosa apologetica...», *Prosas Portuguezas*, vol. II, p. 185.

¹⁹⁴ João Paulo SILVESTRE – *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*, p. 69.

¹⁹⁵ João Paulo SILVESTRE – *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*, p. 69.

¹⁹⁶ Rafael BLUTEAU – «Prosa apologetica...», *Prosas Portuguezas*, vol. II, p. 181.

as letras devidas, e sómente necessarias, sem pôr huma por outra, nem alguma demais, ou de menos [...]»¹⁹⁷

Esta moderação da ortografia, sentida na «Prosa apologetica», é reforçada no artigo sobre o «Estylo no compor», inserido no «Vocabulario de Synonimos». Também este terá de se apresentar sensato, prudente, contido. E quem o conduzir à vã eloquência, à esterilidade do discurso, passará de professor a profanador:

Modo de escrever, que para bem há de ser antes breve, que diffuso, e mais grave, que viçozo; ha de correr, mas não ha de tresbordar; e mais se ha de atteder ao solido do sentido, que ao sonoro das vozes. Professores desta Arte não dão, mas profanadores, os que sacrificão a eloquencia á luxuria das palavras. [...] Morre o conceito, attenuado, e myrrhado na esterilidade do discurso; inchado, e exuberante opprime a memoria, e a paciencia.¹⁹⁸

No segundo discurso¹⁹⁹ de Manuel Severim de Faria são colocadas em evidência a superioridade e perfeição da língua portuguesa: «com razão lhe poderemos dar louvor de lingua perfeita, e de ser huma das melhores do mundo.»²⁰⁰ Contudo não deixam de ser referidas a insuficiência de materiais que auxiliem a produção literária, assim como a incompreensível desvalorização da língua nacional:

[...] estando a latina, e as outras vulgares tão chêas de volumes , de Traduções, de Copias, Frazes, Elegancias, e Thesouros de sua eloquencia, com que as vemos ornadas

¹⁹⁷ Rafael BLUTEAU – «Prosa apologetica...», *Prosas Portuguezas*, vol. II, p. 184. Note-se a apropriação do discurso de João Franco Barretto, no Cap. I «Que cousa he Ortografia, & de que consta», *Orthografia da Lingua Portugueza*, Lisboa: Officina de Joam da Costa, 1671, p. 1: «Ortografia he arte de be escrever qualquer linguagem; isto he, de escrever as palavras, & as vozes cõ as letras devidas, & sómete necessarias, se por uma por outra, ne alguma de mays, ou de menos...». Autor e obra valorizados por Bluteau nas *Prosas Portuguezas...*, vol. II, pp. 190, 192-3, 196-7, 200, 204-6, 212, 214, 224-5 e 227.

¹⁹⁸ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 170 (ESTYLO NO COMPOR).

¹⁹⁹ Manoel Severim de FARIA – «Disurso II. Das partes que ha de haver na lingoagem para ser perfeita, como a Portuguesa as tem todas, e algumas com eminencia de outras lingoas.», *Discvrsos varios politicos*, Lisboa: Officina de António Gomes, 1624, pp. 42-94.

²⁰⁰ Manoel Severim de FARIA – «Disurso II...», *Discvrsos varios politicos*, p. 61.

*de tam ricos atavios, sò a nossa està pobre de todo artificio, e sem mais compostura que a fermosura natural. [...] sò Portugal desprezava a lingoa propria [...]*²⁰¹

Não será por acaso que Bluteau recomenda a sua leitura, no final do prólogo «Ao leitor estrangeiro». Porém a sua estratégia não estará tanto em usar o “comparativo de superioridade”, até porque, como afirma no início do mesmo prólogo: «Ventilar questoens sobre a preferencia das lingoas he curiosidade de necios. Todas tem singulares excellencias, & cada nação lhe parece o seu idioma o melhor de todos»²⁰²; mas sobretudo recorrer ao “superlativo absoluto”, para que o silêncio (a falha) dedicado a este assunto sobressaia ainda mais. A dignidade da língua deverá ser restituída, como algo que deve regressar ao seu lugar.

5. A visão neutra

Ao dar voz à injustiça (silenciada) feita à ortografia, poderá Rafael Bluteau estar a dar voz à injustiça que outros cometeram contra si? Provavelmente isenta de intencionalidade, a interpretação parecer-nos-á muito verosímil. A ortografia, lembre-se, personificada²⁰³ como *Soberana Princeza*, parece atravessar um percurso “biográfico”

²⁰¹ Manoel Severim de FARIA – «Disurso II...», *Discvrsos varios politicos*, pp. 90 e 93.

²⁰² Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, prólogo «Ao leitor estrangeiro», tomo I.

²⁰³ Sobre a Prosopopeia, leia-se: «Palavra Grega, composta de *Prosopon*, pessoa, & *Poeio* finjo, & assim Prosopopeya he figura de Rhetorica, com a qual o Orador finje, & representa varias pessoas, & faz fallar homens, & mulheres ausentes, ou defuntos, ou tambem introduz Cidades, & cousas sem alma, que fallaõ, &c.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1720, Tomo VI, p. 792). Cf. Alegoria: «[...] he figura, ou ajuntamento de figuras, que dizem huma cousa, & significam outra. [...] Alegoria he huma continuada composição de metaphoras.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo I, p. 263). Note-se que a personificação e a alegoria são formas de metáfora: «Metafora. Tropo, ou figura de Rhetorica, & transposição, com que, ou por necessidade, ou por elegancia, ou por encarecimento se muda hua palavra do seu proprio lugar, & se treslada da sua própria significação para outra, que propriamente não tem [...]» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1716, Tomo V, p. 460).

semelhante ao do nosso Autor. Ambos, ao que parece, teriam sido colocados numa espécie de balança de dois braços: esquecimento (desvalorizados, findos) e memória (valorizados, eternos).

Leia-se, a propósito, o artigo sobre o esquecimento, uma forma também de silêncio. Para além de indiciar obviamente um malefício, até o esquecimento pode ser interpretado como um remédio, para imperadores, para sábios, para famílias e estados:

*ESQUECIMENTO. Desacordo. Falta de lembrança. Descuido. Amnistia. * Defeito, que tem suas excellencias quando o esquecimento he ou de injurias recebidas, ou de cousas malfeitas. De Julio Cesar escreve Cicero que nada lhe esquecia, senão as injurias. Esquecimento certamente digno da memoria de todas as idades. * Remedio excellente para os que se vem perseguidos de desejos vãos, e despropositados. Offerecendo se Simonides ao grande sabio de Athenas Themistosles para lhe ensinar hum segredo para ter boa memoria, respondeo Themistocles; tomàra eu saber o modo de me esquecer [...]*
*Meyo muito efficaz para introduzir, e conservar a paz nas famílias, e Estados.*²⁰⁴

Convém aqui relembrar o duplo sentido que a situação de estrangeiro acarreta para Bluteau. Analogamente dois mundos distintos: o mundo que o valoriza (académico) e o mundo que o desacredita (político-social).

Neste último sentido, que terá derivado da participação na política casamenteira, Bluteau pode ser associado às intenções políticas de Luís XIV em Portugal, uma vez que tal participação teria aumentado a desconfiança dos que temiam o predomínio francês, tanto quanto o espanhol, numa época que ainda tinha por resolver as sequelas da guerra da Restauração.

Sobretudo no que diz respeito ao episódio, sucedido no ano de 1680, do casamento da disputada princesa herdeira, D. Isabel, com o príncipe Vítor Amadeu, duque de Sabóia. D. Rafael terá primeiramente acompanhado a embaixada, encarregue de tratar da união, a Turim, como secretário, e posteriormente substituído o seu representante, o Ministro Duarte Ribeiro de Macedo, até à chegada de novo mandatário – o duque de Cadaval. Neste campo, torna-se facilmente suspeito como instrumento das intenções políticas de Luís XIV em Portugal. Talvez por isso, há uma facção, mais desconfiada ou simplesmente receosa de intervenções exteriores, que tenta a todo o

²⁰⁴ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, pp. 168-169 (ESQUECIMENTO).

custo levantar suspeitas relativas a esta condição de estrangeiro em Bluteau. Ele próprio o lamenta, no prólogo «Ao leitor mofino»:

*Poucos mezes depois da minha chegada a esta Corte, a politica das guerras da Europa, metteo a Coroa de Portugal na liga contra França; valeose desta revoluçam a sagacidade de meus Emulos. Excogitaram razões para provar, que o meu regresso a Portugal fora mysterio, para me fazerem sospeito; fizeram-me Estadista; acharão-me talentos, para me acharem perfidias; creceo com a suspeçam a calumnia; [...] forjou a impostura delitos, cuja execuçam era em si moralmente impossivel, mas facil, & provavel para a credulidade dos necios. No meyo das tormentas de huma infelice innocencia, pouco faltou, que não cahisse em mim o rayo exterminador da nação Franceza; não me valia o ser Inglaterra minha patria, e a lingua Ingleza minha lingua materna. Parecia a muitos, que he incompativel coração Portuguez com lingua Franceza. A este excesso chegou a emulação: não achando na minha fidelidade peccados de obras, pegou-se às palavras; & por não serem Portuguezas, as fiz criminosas.*²⁰⁵

Neste mundo político, essa dita condição em nada lhe facilitará o percurso intelectual, podendo antes confundi-lo com o intruso ou até mesmo o inimigo. Sobre este assunto Bluteau lamentar-se-á da desconfiança desenvolvida em torno da sua pessoa e chega mesmo a comentar, na sua «Prosa instructiva, jococeria, sobre o caso, que devem fazer homens de juizo de cartas anonymas injuriosas»²⁰⁶, as cartas anónimas que lhe foram endereçadas. A História Literária tende muitas vezes a limpar de um percurso de um autor o quanto nele houve de solidão. E esquece assim uma das forças mais estruturantes da própria História.

Esta «Prosa» não é um ensaio filosófico geral, ela surge em resposta indireta ao conteúdo das ditas cartas (e o qual permanece incógnito para nós). Assim ele critica os vícios dos portugueses, ao destacar o anonimato como um modo de manifestação dissimulado e desonesto. Significativo será a impossibilidade de falar abertamente. Transparece no anonimato das cartas e também na impessoalidade do texto de Bluteau o retrato de um país onde a crítica é amordaçada.

Definidas como «abortos da penna, e embrioens do tinteiro»²⁰⁷, inventadas pela malícia, ou maledicência de um agressor oculto, comparado à invisibilidade do vento:

²⁰⁵ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, prólogo «Ao leitor mofino», tomo I.

²⁰⁶ Inserida nas *Prosas Portuguezas*, vol. I. pp. 255-65.

²⁰⁷ Rafael BLUTEAU – «Prosa instructiva, jococeria...», *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 255. Note-se ainda sobre este assunto a seguinte definição, inserida no «Vocabulario de Synonimos...»: «LIVRO, ou

*Cartas anonymas injuriosas, quem as havia de inventar, senão a malicia? [...] inventou a malicia a traça de fazer cartas anonymas, para occultar o aggressor, e fazer às escuras o tiro; que não ha, nem póde haver nome mais escuro, que o que ficou em branco. [...] Finalmente tem o vento confiança para fazer quanto quer, porque ninguém o vê, nem o póde ver; e este he o symbolo dos que escrevem cartas, sem declararem quem são, nem donde assistem. Com muita razão se fazem invisiveis, porque não são dignos de serem vistos.*²⁰⁸

A crítica contida nas ditas cartas, particularmente dirigida a Rafael Bluteau, procura denegrir inclusive os esforços de Francisco Xavier de Menezes (o secretário) e da Academia dos Generosos:

*Valhame Deos, ate contra o nosso incomparavel Secretario se armaõ as linguas, e as pennas destes Anonymos [...] Que podem elles notar, ou censurarem hum Secretario, de quem desde a sua infancia, Apolo, e todas as Musas fiaraõ à porfia seus mais intimos segredos? Não posso deixar de advertir, que o sogeito em quem com mais rigor, e menos razão os Authores Anonymos empregaraõ os tiros, he hum Academico prisco, taõ descurioso, e esquecido, que nem a sua lingua materna sabe. [...] Restituído à Corte, e à sua Religiaõ, mais conversa com os mortos, que com os vivos. [...] poz em esquecimento o que naturalmente fica mais na lembrança. [...] desde o principio desta Academia, está feito alvo de negrumes. [...] não já daquelles, que dizem: Ainda que negros, gente somos, e alma temos; mas de negros malignos, maledicos, e malevolos, que não são gente, nem tem alma.*²⁰⁹

Salvaguardando o princípio simbólico da academia «Na tocha acceza, symbolo desta Academia, se significa, que nella nada se faz às escuras»²¹⁰, Rafael Bluteau acrescenta que tamanhas acusações, ignorantes e sombrias, só conseguem despertar a chacota e o menosprezo, por parte «da mais estudiosa, da mais sciente, e esclarecida Nobreza de Portugal?»²¹¹:

papel anônimo. Parto exposto. Filho sem pay. Orfão da literatura. Aborto do tinteiro. Engeitado da discrição.» (Rafael BLUTEAU, «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 225)

²⁰⁸ Rafael BLUTEAU – «Prosa instructiva, jococeria...», *Prosas Portuguezas*, vol. I, pp. 256-7.

²⁰⁹ Rafael BLUTEAU – «Prosa instructiva, jococeria...», *Prosas Portuguezas*, vol. I, pp. 262-3.

²¹⁰ Rafael BLUTEAU – «Prosa instructiva, jococeria...», *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 263.

²¹¹ Rafael BLUTEAU – «Prosa instructiva, jococeria...», *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 262.

*E assim como Duendes, ou Trasgos atiraõ com pedras sem offender, e em partileiras revolvem louça, e vidros sem os quebrar; assim os insultos destes malignos espiritos, na cristalina esfera dos Generosos, não fazem moça, senão para mofar, zombar, e rir de seus inconsiderados, e temerarios atrevimentos. O que se despreza não offende; o que não offende não se toma em caso de honra; e he supérfluo fallar em materia de que se não faz caso, &c.*²¹²

Neste ignorar é evidente uma superioridade que pode igualmente ser vista como uma apologia do silêncio. Finge-se que não há conflito, porque se quer fugir ao conflito. Perante a diferença dos níveis de discurso, a única resposta possível é não responder. A construção da defesa de Bluteau baseia-se precisamente na sua desconstrução. Ou seja, os insultos de uma carta sem assinatura («a alma de qualquer carta») perdem o direito à resposta verbal/escrita e apenas são merecedores de uma resposta sem resposta. Esta contraposição figurativa, que cala ou silencia, protege o insultado, é de facto a sua grande vantagem:

*Huma unica conveniencia tem as cartas anonyms, e he, que quem as recebeo, não está obrigado a responder, ainda quando conhecea a pessoa, que lhe escreveo. À carta dos Magistrados de Rhodes não respondeo o Emperador Tiberio, porque lhe faltava o assinado, circunstancia, que em certo modo he a alma de qualquer carta, porque sem ella morre a correspondencia [...]*²¹³

Parece-nos que Tomás Caetano de Bem não é indiferente aos adversários de Bluteau e as suas palavras revelam sensibilidade aos motivos políticos que fundamentam este adversário. *Parti pris* que, ao recear tudo o que é estranho (estrangeiro), colocará em causa os seus propósitos e duvidará dos seus interesses. A situação não deixará de ter repercussões na Retórica de Bluteau e na construção de qualquer Pedagogia.

Não deixava o Padre Rafael de ter na Corte alguns emulos, que della o desejavão summamente ver affastado; [...] Procuravaõ persuadir que o Padre Bluteau em qualquer ocasião que se oferecesse, havia sempre de preferir os interesses de França aos de Portugal; e não se esquecião de involver na idéa deste systema o mais sagrado, a que

²¹² Rafael BLUTEAU – «Prosa instructiva, jococeria...», *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 265.

²¹³ Rafael BLUTEAU – «Prosa instructiva, jococeria...», *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 259.

*póde chegar, ou tocar o respeito politico; propunhão, ou mostravão recear que o Padre influísse de algum modo no casamento da Princeza herdeira deste Reino com Principe Francez.*²¹⁴

Se entrarmos nos Processos da Inquisição de Lisboa (Arquivo Nacional da Torre do Tombo), descobrimos que Bluteau chegou a ser citado, por uma testemunha, num processo movido ao *componedor* Gonçalo da Sylva²¹⁵, pela impressão de um *papel politico*, para o qual não foram passadas as devidas licenças. A testemunha, o impressor João da Costa, terá declarado que «em casa do Enviado de França se imprimio hum papel politico, intitulado em nome de hum Ministro do Principe Dom Pedro, no qual se aconselhava, e persuadia a Sua Alteza que lhe convinha quebrar a paz que tinha celebrado com o Reyno de Castella»²¹⁶. Em data posterior, o mesmo terá acrescentado, ao depoimento anterior, informações que envolviam o nome do padre D. Rafael.

[...] o dito Estevão dos Reys, veyo dizer a elle Declarante, que o Pe. Dom Rafael Bluteau, Tiatino da Divina Providencia, estivera fechado com o ditto Enviado athe as oito horas e meya da noite, e que então o mandasse o mesmo Enviado na sua liteira para o seu convento; em o outro dia mandou chamar o ditto Enviado a elle Declarante, e lhe disse que queria tratar de imprimir o papel em que lhe tinha fallado, porque ja o tinha traduzido de frances em portugues, e elle Declarante lhe perguntou então se lho traduzira o ditto Pe. Dom Rafael, e elle lhe não respondeo nada, e sómente se rio; e disse que falasse em outra couza e por estas circunstancias ficou elle Declarante entendendo, que o ditto Pe. Dom Rafael o traduzira, e tambem porque passados alguns dias lhe perguntou o ditto Enviado, se lhe haviaõ vir alguns livros de fora, porque queria comprar os que valessem athe cinco moedas de ouro, para com elles pagar hum serviço que lhe havia feito o ditto Pe. Dom Rafael [...]²¹⁷

²¹⁴ Thomaz Caetano de BEM – «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau...», *Memorias Historicas Chronologicas...*, p. 300.

²¹⁵ Processos da Inquisição de Lisboa, n.º 2753, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Processo de Gonçalo da Sylva impressor solteiro, filho de Domingos Gonçalvez que foi homem do mar, natural e morador desta cidade de Lisboa, Anno de 1682*.

²¹⁶ Depoimento da testemunha João da Costa, no dia 5 de Maio de 1677, no processo n.º 2753 (Processos da Inquisição de Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo).

²¹⁷ Depoimento da testemunha João da Costa, no dia 11 de Maio de 1677, no processo n.º 2753 (Processos da Inquisição de Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo).

A ambiguidade desta missão política parece estar na origem de algumas reticências colocadas pelos historiadores em relação à inoquidade da sua missão intelectual.

Apesar da referência explícita ao nome do teatino, João da Costa acaba por não fundamentar as suas suspeitas. Uma vez que nada de concreto presenciou para poder testemunhar quer a ligação do “serviço” prestado, quer as intenções de Bluteau na tradução do opúsculo, cujo destino poderia nem ser do seu conhecimento.

[...] *porem não disse o ditto Enviado a elle Declarante a qualidade do serviço, que agradecia ao ditto Dom Rafael, nem tambem sabe que o ditto Pe. tivesse noticia de que o ditto papel se havia imprimir, porque o ditto Enviado lhe não fallou nunca em prezença delle Declarante.*²¹⁸

Tendo ou não sabido da intenção do *papel politico*, tendo ou não incitado à quebra das tréguas com Espanha, Bluteau não chegou nunca a ser chamado para prestar quaisquer esclarecimentos sobre o sucedido. E tal acontecimento não é nunca referido na sua biografia oficial. Mas o episódio deixaria certamente as suas marcas.

Contrariamente a toda esta perspectiva curta, estritamente política, estaria o mundo académico, o mundo literário, aquele que o acredita. Muito distantes de tais suspeitas, estariam a sua intervenção no movimento intelectual académico e sobretudo a sua amizade com D. Francisco Xavier de Meneses. Em ambas Bluteau consegue semear um valor que se quer liberto de qualquer interesse político. A amizade e a admiração dos que lidam de perto com as vantagens da sua sábia experiência e da sua singular dedicação tornar-se-ão inevitáveis; nomeadamente em assuntos que a maioria dos portugueses parece ignorar, mas a que já era sensível uma certa elite intelectual. Aqui não haverá espaço para suspeitas, pelas quais foi, afinal, «injustamente desacreditado, e perseguido»²¹⁹, segundo o seu principal biógrafo, também ele um célebre académico.

²¹⁸ *Ibidem.*

²¹⁹ Cf. Thomaz Caetano de BEM – «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, p. 315-6.

Das três censuras²²⁰ ao *Vocabulario*, destaca-se, pela sua acrescida extensão, a de Francisco Xavier de Meneses. Também nos seus argumentos se subentende uma resposta direta, a quem colocar em causa o nacionalismo de Bluteau; na metáfora, um Homero²²¹, que sendo por muitos desejado, preferiu a nação portuguesa:

[...] se lhe devemos tanta applicação, e se elegeo a nossa entre tantas linguas, que sabe para o seu maior estudo, que a preferio às faculdades mais dignas de respeito por sagradas, e às artes mais deliciosas por amenas, quando em humas tanto luzio, como em outras floreceo, qual seria a ingratitude de não agradecer e estimar ser naturalizado, e com a nossa lingua, a quem a tem tão discreta, e tão eloquente? Não he novo, que dos que falavaõ muitas linguas, dissessem os antigos, que tinhaõ muitos coraçoes: mostrou o Author deste Vocabulario, que podendo ter tantos, escolhera o de Portuguez, quando com tanta razão como a Homero, o podiaõ pleitar Inglaterra pelo nascimento, França pelo sangue, Italia pela Religião, Grecia pela sciencia, e pelo conhecimento da sua lingua, e ainda com mais razão a antiga Roma, pela pureza com que sabe a Latina, e o resto de Hespanha, pela perfeição, com que adquirio a Castelhana, sendo a Portuguesa, como succedeo à verdadeira Patria das sete, que pretendiaõ adoptar o mesmo Homero, a que foy preferida.²²²

Mas tal reconhecimento é recíproco. Sobre o 4.º Conde da Ericeira, adianta Bluteau no prólogo «Ao leitor malevolo»:

[...] D. Francisco Xavier de Menezes, viva encyclopedia, e perpetuo manancial de toda a literatura. Na Universidade de Coimbra, em hum Congresso de homens doutos, tão singularmente acreditou o Vocabulario, que lhe chamou Livro universal [...]²²³

²²⁰ «Censura do M. R. Padre Fr. Vicente das Chagas, Qualificador do Santo Officio», «Censura do M. R. Padre Fr. Manoel de Cerqueira, Qualificador do Santo Officio» e «Censura do Excellentissimo Conde da Ericeira» (inseridas no Supplemento I do *Vocabulario portuguez, e latino...*).

²²¹ «...el gran poeta Homero, el qual fué en vida tan famoso y en la muerte tan llorado, que pelearon entre sí siete muy grandes pueblos sobre quien guardaría sus huesos.» (Frei António GUEVARA – *Menosprecio de Corte y alabanza de Aldea*, 4.ª ed., Madrid: Espasa-Calpe, S. A., 1975, p. 25). Note-se ainda as várias referências de Bluteau a Homero, v. *Prosas Portuguesas*, vol. I, pp. 50, 117, 208 e 216, vol. II, pp. 144 e 179; sobre a *Ilíada*, v. vol. I, pp. 50 e 216, vol. II, p. 179, sobre a *Odisseia*, v. vol. II, p. 144.

²²² Francisco Xavier de MENEZES – «Censura do Excellentissimo Conde da Ericeira», *Vocabulario portuguez, e latino...*, Supplemento I.

²²³ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, prólogo «Ao leitor malevolo», Supplemento I.

Nesta ponderação de valores mentais e morais, há certamente mais do que o exercício de uma tópica epidíctica, tão cara à estética dita “barroca”. Avaliado entre dois mundos, de que se distancia ou foi distanciado, Bluteau é simbolicamente colocado por Monterroio Mascarenhas numa balança de dois braços. Na metáfora, novamente duas possibilidades: esquecimento ou memória. Substitua-se a balança de M. Mascarenhas (relativa ao nosso Autor), pela balança de Bluteau (relativa à ortografia) e o resultado visado não poderá ser muito diferente, ainda que muito diferentes sejam os co-textos.

*[...] pezey na da vossa imaginaçam de huma parte o seu raro talento, a sua vasta comprehensam, o seu laborioso estudo, a sua inexcrutavel sciencia, sa suas infinitas, e admiraveis composições; e vereis logo, que nem as mais relevantes Dignidades, nem as mais preciosas Mitras, nem os purpureos, e eminentes Capellos, nem ainda a mesma Tiara lhe chegam a fazer equilibrio.*²²⁴

Neste confronto de sentidos adversos, surge na vida de Bluteau uma solução de compromisso afetivo e político, (a que sem dúvida deu consentimento): o encaminhamento para um local mais neutro. O que podia ter sido a partida de um estrangeiro, tomou assim contornos de desterro, como se português fosse. «[...] foi mandado para o religiosissimo Mosteiro dos Monges de Alcobaça».²²⁵ Ele próprio o confessa: «Mas he preciso, que diga, que para me livrar de populares insultos, fui obrigado a buscar o Real, & Religioso asylo de Alcobaça: El-Rei D. Pedro segundo, meu suspirado senhor, foi servido honrar com sua soberana recomendaçam o meu retiro [...]»²²⁶ As portas que se abrem são agora as do lugar de interseção, o lugar adequado, onde novamente a aliança latente entre o silêncio e a palavra se fará sentir.

O *Mosteiro dos Monges* seria o local propositadamente escolhido. Aqui, o culto do silêncio não encontraria imperfeições indesejadas: «O *silêncio*, dizem as regras

²²⁴ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 3.

²²⁵ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, p. 306.

²²⁶ Rafael BLUTEAU — *Vocabulario Portuguez e Latino...*, prólogo «Ao leitor mofino», Tomo I.

monásticas, é *uma grande cerimónia*».²²⁷ Aqui, a vida ideal resultaria de um estado de afastamento da sociedade e isolamento do eu.

Os termos que definem o retiro de Bluteau em Alcobaça são elucidativos desta perspetiva. Na passagem acima citada, Bluteau usa a palavra «retiro». Noutra passagem, di-lo «desterro»²²⁸, Francisco Xavier de Menezes retoma «retiro»²²⁹ e Hernâni Cidade chama-lhe mesmo «exil»²³⁰. Mas mais curiosa será a expressão utilizada por Pedro de Almeida, 1º Marquez de Alorna, numa carta endereçada ao nosso Autor: «deserto». Entendido como lugar desabitado, solitário, silencioso, o deserto será o local de transformação ideal, porque mantém a pureza, a inocência, a aragem divina. O contrário, segundo o Marquez, da Corte, pecaminosa e povoada. À oposição campo/cidade, que o Marquez expõe nitidamente, facilmente se juntam outras como o estado puro/estado corrompido, o reino do silêncio/reino do ruído.

*Folgo infinito que Vossa Paternidade me avise, que ainda se acha na taciturna grandeza, e no pomposo deserto de Alcobaça, porque de outra maneira não se poderia conservar illesa huma innocencia pura nas dissoluções de hum seculo depravado, senão longe da Corte [...] trocando voluntariamente, por habitar em huma pobre aldea o fausto da Corte; porque sabia Vossa Paternidade mui bem, que nesta domina o luxo, reina a ambição, triunfa o appetite; não luz quem não gasta; não está com credito quem se não accomoda com as maximas erradas, que outros seguem [...] e se ha no mundo lugar seguro para a observancia das Leis Divinas, só nos desertos se acha.*²³¹

O vocábulo “retiro” insere-se, em todo o caso, no conjunto de sinónimos de «DESERTO. Ermo. Sylvado. Descampado. Charneca. Desvio. Retiro. Lugar solitario.

²²⁷ Jean CHEVALIER e Alain GHEERBRANT – *Dicionário dos Símbolos, mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Lisboa: Teorema, 1994, p. 609.

²²⁸ Rafael BLUTEAU, *apud* Caetano de Bem, «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, p.312.

²²⁹ Francisco Xavier de MENEZES — «Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», *Collecção dos Documentos e Memorias...*, p. 16.

²³⁰ Hernâni CIDADE – «Dom Raphael Bluteau», p. 77.

²³¹ Thomaz Caetano de BEM – «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, p. 309.

Solidaõ. Monte. Thebaida.»²³², tal como é trabalhado por Bluteau. E no artigo intitulado «RETIRO VIRTUOSO» é explícita a referência ao apartamento dos conflitos da corte, ou do mundo terreno, como fator propício à produtividade literária, ou ao conhecimento divino:

** Hospicio das virtudes, inaccessible aos vicios da Corte; quanto mais longe do Mundo, mais chegado a Deos. * Apartamento voluntario, com que o homem se reconcentra em si mesmo, e logra huma paz mais deliciosa, e proveitosa, que todas as conversações do Mundo. Desta separação de toda a sociedade ociosa sahiraõ os Zoroastres, os Orfeos, os Epimenides, e outros famosos contemplativos, que passados alguns annos apparecerãõ cheyos de sciencias, e virtudes. * Sahida, ou fugida dos Labyrinthos do Mundo, para ouvir a Deos no intimo do coração [...]*²³³

Nas *Prosas Portuguezas*, são também consideráveis os exemplos clássicos e literários que optam voluntariamente por este género de retiro. Um espaço de preparação, extremamente vantajoso, reservado ao silêncio ou à inspiração que dará lugar à produção artística:

*No seu Tusculo se aperfeçoou Cicero na Eloquencia forense; em huma rustica tranquillidade aprendeo Varro o que escreveo da Politica; a Seneca lhe dictou a soledade Albana as suas Epistolas; a Plinio Junior, a soledade Laurentina as suas. No silencio Misiniano se fez patente a Plinio Veronense toda a natureza. No campo Ticinano escreveo os seus Emblemas Alciato; no descampado de Ravenna consolou Boccio a Filosofia; no silencio dos bosques publicaraõ seus dogmas os Druidas da Gallia; até na Fabula se vê a utilidade deste retiro, pois com as nove irmãs se recolheo o Nume da Poesia no monte.*²³⁴

O refúgio na tranquilidade da natureza, seja no campo ou nos bosques, é de resto um tópico algo reiterado, desde logo pela filosofia, mas também pela literatura, pela pintura e pelas artes em geral, pelo menos desde o desterro de Vergílio. Nela se espelha uma outra, não menos debatida: a fuga à ruidosa civilização.

²³² Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 146 (DESERTO).

²³³ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 307 (RETIRO VIRTUOSO).

²³⁴ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 167.

Sobre o silêncio da natureza, afirma Juan Rof Carballo: «permite al hombre la felicidad de presentir el silencio primigenio, el que existía “antes de la palabra”»²³⁵. Por isso estabelece um paralelismo entre silêncio e natureza, ambos capazes de gerar, de criar: «Muchas veces el silencio – como ocurre en la Naturaleza – es signo de que algo empieza a crecer y a desarrollarse; es signo, por tanto, de creación, indicio germinal.»²³⁶ Uma natureza, por isso, em constante renovação e um silêncio estreitamente ligado à linguagem. Sobre a inaudível linguagem natureza, explicaria depois Alberto Caeiro, o seu maior “intérprete”: «Porque há homens que não percebem a sua linguagem, / Por ela não ser linguagem nenhuma.»²³⁷ Muito oportunas são, neste discurso transversal, as palavras do pintor Paul Gauguin, em entrevista concedida a Jules Huret, pouco antes de se refugiar na maior ilha da Polinésia Francesa (para criar, pintar). Também nelas se antevê essa necessidade de uma natureza primitiva, original, sossegada, para que a simplicidade do artista possa surgir:

*Je pars pour être tranquille, pour être débarrassé de l'influence de la civilisation. Je ne veux faire que de l'art simple, très simple ; pour cela, j'ai besoin de me retremper dans la nature vierge, de ne voir que des sauvages, de vivre leur vie, sans autre préoccupation que de rendre, comme le ferait un enfant, les conceptions de mon cerveau avec l'aide seulement des moyens d'art primitifs, les seuls bons, les seuls vrais.*²³⁸

Para Rafael Bluteau, também no silêncio do seu cárcere, o “prisoneiro” (ou o sábio) conseguirá escutar a palavra divina. Nele poderá inverter a sua solitária condição e universalizá-la, pela invenção da ciência ou pela “resiliência” da filosofia, respetivamente ilustradas pelo matemático Anaxágoras e pelo político-filósofo Boécio:

*PRISAM. [...] Outros lhe chamaraõ Recolhimento dos Sabios, e aposento das Musas, porque na prisaõ compuseraõ alguns obras admiraveis. No seu carcere inventou Anaxagoras a quadratura do Circulo, e no seu compoz Boecio o livro de Consolatione.*²³⁹

²³⁵ Juan Rof CARBALLO – *Entre el silencio e la palabra*, Madrid: Aguilar, 1960, p. 24.

²³⁶ Juan Rof CARBALLO – *Entre el silencio e la palabra*, pp. 30-1.

²³⁷ Alberto CAEIRO — «Se às vezes digo que as flores sorriem», *Obra Poética e em Prosa*, org. introd. e not. António Quadros, 3 vols., Porto: Lello & Irmão – Editores, 1986, vol. 1, p. 766.

²³⁸ Jules HURET – «Paul Gauguin: devant ses tableaux», in *L'Écho de Paris*, (Paris, 23, febbraio), 1891, p. 2.

²³⁹ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Sinonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 296 (PRISAM).

O “retiro” pode assim significar “refúgio”, entendido como “proteção” (direito civil), quer para o criminoso, quer para o inocente: «REFUGIO. [...] Protecção. Retiro, necessario na Republica, não sò para os criminosos terem algum recurso na piedade dos Juizes, mas para os innocentes se livrarem da violenta opressão dos poderosos.»²⁴⁰

Interessa lembrar, neste âmbito, que a vida em mosteiros como o de Alcobaça, esses *silenciosos desertos* (como também foi chamado o de Alcobaça), se encontrava regulamentada desde a “Regra de S. Bento” (*Regula Benedicti*), por um conjunto de preceitos, que pretendiam evitar os excessos da vida mundana. É como antídoto dessa vida ruidosa que encontramos a regra “Do silêncio” (*De taciturnitate*):

[...] nos demonstra o propheta. que se algumas vezes. por amor e guarda do silencio não devemos de falar. ne dizer as boas cousas. quanto mays devemos de cessar e calar-nos das más palavras por la pena do peccado? E por esto. aos discipulos perfeytos por graveza e peso e por guarda do calar poucas vezes lhes seja outorgada lecença de falar. ainda que queyram falar de boas cousas e sanctas e de edificaçõ. por que scripto he. que. En no muyto falar não poderás fugir ne scapar de peccado. E en outro logár diz a escriptura. A morte e a vida stá nas mãos da lingua. Conve a ssaber no calar e falar das más cousas e das boas. Ca ao méestre sóo conven e pertéce falar e ensinar. e ao discipulo ouvir e calar.²⁴¹

Tal regra irá impor-se aos monges como prática frequente e a tendência será a de banir totalmente a palavra, sendo preferível pecar por defeito do que por excesso. Bluteau confirma-o, ao aludir, entre outros assuntos, a um dos seguidores mais obstinados desta regra, a S. Bruno²⁴², e à apologia do estado de perpétuo silêncio:

²⁴⁰ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 302 (REFUGIO).

²⁴¹ Sara Figueiredo COSTA – «Do silêncio», *A Regra de S. Bento em Português: estudo e edição de dois manuscritos*, Lisboa: Edições Colibri, 2006, p. 64.

²⁴² Fundador da Ordem dos Cartuxos, cujos monges, para além de envergarem um hábito totalmente branco, tinham de viver em total e absoluto silêncio, para lhes ser possível dialogar com Deus. Max Picard chega mesmo a falar de um “silêncio branco” que habita as cartuxas, nas páginas dedicadas ao silêncio nas ordens monásticas, (Cf. *The world of silence*, pp. 222-4); Leia-se ainda sobre este assunto, o artigo de António Feliciano de CASTILHO, «S. Bruno», inserido na obra de Pedro Diniz, *Das Ordens religiosas em Portugal*, Lisboa: Typographia de J. J. A. Silva, 1853, cap. XLII, pp. 389-422.

*Na regra de S. Bruno he notavel o rigor do silencio. [...] Nas casas Religiosas ha lugares particulares, onde em certos tempos se não fala. Não diga a lingua, por onde pague a cabeça. Bom he conter, refrear, reprimir a lingua.*²⁴³

A doutrina de S. Gregório Magno²⁴⁴, monge beneditino, responsável pela compilação dos sete pecados capitais, reflete igualmente a necessidade de guardar a língua. Somente numa atitude de permanente vigilância é que o homem poderá resistir aos pecados por ela sugeridos. S. Bernardo de Claraval, monge cisterciense²⁴⁵ e continuador do projeto de S. Gregório (que procurou restituir à regra de S. Bento todo o rigor inicial), terá estado na origem da construção do mosteiro de Alcobaça, uma vez que nesta região lhe terão sido doadas umas terras, por D. Afonso Henriques, no século XII, em cumprimento de voto. Com efeito, o mosteiro de Alcobaça, inicialmente edificado, mantinha fortes semelhanças com a abadia de Claraval (fundada pelo dito monge em 1115), ao seguir os preceitos dos mosteiros beneditinos, construídos em lugares ermos, simples, desertos, sem sinais de civilização. E de novo o retiro se confunde com o deserto: «ERMO. Deserto. Solidaõ. Desvio. Retiro. Descampado. Monte. Mato»²⁴⁶

Muito simbolicamente o claustro mais antigo do mosteiro de Alcobaça é o claustro do silêncio (dito também de D. Dinis, devido à sua reconstrução no século XIV). Ele é o espaço reservado à contenção, à privação, mas também à tranquilidade, à anulação da turbulência da linguagem. Dentro dele as palavras alojar-se-iam no espaço mais recôndito do pensamento, porque não haveria lugar para elas cá fora. Ele revelar-se-ia o espaço perfeito da receção da palavra, o local ideal, natural e singelo, para receber a palavra sã, despida dos doentios artifícios que a corrompem.

Enclausurado no silêncio, Bluteau poderá reafirmar a importância da palavra e concretizar um projecto livre que se fundamentará no preenchimento de uma falta, de uma falha, de um vazio, refletido inúmeras vezes nos seus escritos. A inexistente dedicação ao estudo da língua é aliás um tema preponderante para este teatino que, de

²⁴³ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Termos proprios, e metaforicos...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, pp. 454-5 (TERMOS Concernentes ao não falar, e guardar silencio).

²⁴⁴ Autor valorizado por Bluteau nas suas *Prosas...*, v. vol. I, pp. XXIV, 148, 205 e 221.

²⁴⁵ Sobre o assunto, leia-se Thomas MERTON – «La vie cistercienne au XIIe siècle», *Aux Sources du Silence*, trad. Jean Stiénon du Pré, 4.e éd., Paris: Desclée de Brouwer, 1953, pp. 32-60.

²⁴⁶ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Sinonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 165 (ERMO).

certa forma, é incansável no constante alerta que faz aos portugueses, lembrando-os cada vez mais da lacuna que os empobrece. Para um país sem visibilidade política torna-se mais importante a visibilidade intelectual. Para um intelectual sem missão política, restará uma indelével missão linguística.

*De todo este lucro cessante, & dano emergente não fiz caso; não attentei às advertencias dos amigos, que duvidosos da possibilidade do successo, me aconselharam, que fizesse deste parto hum aborto; não me desanimarão as contrariedades dos Emulos, que com indiscretas criticas procuravam escurecer a obra antes de sahida a luz. Como eu não levava outro fim, que a gloria de Deos, & a utilidade publica, todos os obstaculos me parecião chimeras e espantalhos de pusillanimes.*²⁴⁷

Tendo em conta as preocupações de Bluteau, é muito significativo que seja precisamente no desterro, e no referido mosteiro, que ele encontre o espaço ideal para a construção da obra de carácter universal: a organização do *Vocabulario Portuguez, e Latino*, publicado entre 1712 e 1728.

Como nos adianta no prólogo «Ao leitor portuguez», a intenção é quebrar a estranheza, através de uma relação amigável, sem barreiras psicológicas ou fronteiras políticas que a restrinjam: «Da tua impaciencia conheço, que es Portuguez; como tal não podes deixar de estranhar, que se arrojasse hum Estranho a compor do teu idioma o Diccionario. Entendamo-nos Amigo, & entende, que isto, que te parece arrojo, he veneraçã.»²⁴⁸

Cremos que Bluteau não só faz aqui uma antecipação das críticas que provocará o seu *Vocabulario*, como também, a par da veneração haverá certamente uma pequena provocação: «Da tua impaciencia conheço, que es Portuguez...»

²⁴⁷ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, prólogo «Ao leitor mofino», Tomo I.

²⁴⁸ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, prólogo «Ao leitor portuguez», Tomo I.

6. Do inventário à invenção

Note-se como aquele «desterro» (da privação política) se reverte afinal em ganho, «ganância» (da atividade intelectual). O silêncio intensifica a palavra... «Dez annos de desterro forão para mim vinte annos de ganancia para cabedaes Literários [...]»²⁴⁹ Ou como refere no prólogo «Ao leitor mofino»:

*[...] neste intervallo tive tempo, para retocar toda a obra; retardouse a impressaõ, mas com proveito; porque este genero de obras, quanto mais se dilata, mais se augmenta, & aperfeçoa.*²⁵⁰

As dificuldades advindas da tentativa de imprimir o *Vocabulario* em Paris são, todavia, explicitadas por Bluteau no mesmo prólogo; inseridas, note-se, entre muitos outros inconvenientes que Bluteau resolve deixar em silêncio:

*A esta falta de Compositores praticos na liçam de papeis Portuguezes, se acrecentavam outras dificuldades, a saber, o custoso transporte da obra, depois de impressa, perigos do mar, insultos de Piratas, ou inimigos, & outros muitos inconvenientes, que deixo em silencio. Com este desengano da impressam dos meus papeis em Paris, tratei de enfiardelar, & porme a caminho para Portugal com esperanza de melhor sucesso.*²⁵¹

Uma outra advertência, deveras significativa, é feita no prólogo «Ao leitor impaciente»: a questão do processo moroso que reveste a elaboração de uma obra de tamanha dimensão e complexidade. O cuidado minucioso dedicado a cada palavra revela o carácter fragmentário, pausado, lento da investigação por ele encetada:

²⁴⁹ Rafael BLUTEAU, *apud* Caetano de Bem, «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, p.312.

²⁵⁰ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, «Ao leitor mofino», prólogo Tomo I.

²⁵¹ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, «Ao leitor mofino», prólogo Tomo I.

*Na composição de outros livros correm com natural affluencia as vozes; nesta obra, em que he preciso examinar com attenção a propriedade natural, & metaphorica do significado, cada dição he um tropeço, & muitos tropeços; tropeço na etymologia, & derivação, tropeço na intelligencia figurada, & equivoca, tropeço na expressão latina, tropeço na allegação dos Authores Potuguezes, & Latinos, que usarão della. Com tantos tropeços não he possivel caminhar muito em breve tempo.*²⁵²

Sublinhe-se, porém, que estes pequenos passos são dados num formato iterativo, repetitivo, que ressalva a estética da perfeição. O livro é ainda um objeto cuidado, paulatinamente trabalhado, distanciado da mutação acelerada que acompanha a formação de um cogumelo (na comparação de Bluteau); curiosamente não muito distante do conceito que caracteriza o mercado editorial dos nossos dias:

*Estavas cansado de esperar por este cansado Vocabulario. Que cuidavas? Que livros são cogumelos, partos acelerados de huma noite humida, repentinas producções de huma chuva estiva? Cada palavra desta obra he materia para hum tratado, & cada tratado pode ser a substancia de muitos livros.*²⁵³

Dessa *ganância* intelectual, motivada por um silêncio prolongado, resultará um «perfeito Vocabulario»²⁵⁴, constituído por oito volumes e dois suplementos, elaborado de 1712 a 1728 e publicado com a proteção real²⁵⁵ no final da sua vida, reunindo em si um levantamento alargado, nada preconceituoso, de todos os vocábulos. Talvez nos demos conta deste imenso esforço, se compararmos a redação do *Vocabulario* com a do Dicionário das Autoridades que na mesma época se preparava em Espanha: vinte e quatro letras distribuídas por vinte e quatro académicos. Até porque, ainda nesse caso, a crítica se admira da eficácia e ritmo dos autores do *Dicionário* e a justifica somente com a emulação. Ora em Bluteau mais parece ter agido a ausência dela. O que em França

²⁵² Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, prólogo «Ao leitor impaciente», Tomo I.

²⁵³ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, prólogo «Ao leitor impaciente», Tomo I.

²⁵⁴ Expressão utilizada pela crítica académica espanhola, segundo Francisco Xavier de Meneses: «Assim o publica a Academia Real de Hespanha, confessando, que Portugal tem um perfeito Vocabulario». (Francisco Xavier de MENESES, «Elogio do reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», p. 15).

²⁵⁵ Por intermédio das suas eruditas amizades, recebe a admiração e proteção de D. João V: «Le roi Dom Jean V fait publier son grand ouvrage, on lui ouvre toutes les portes, on le cajole comme maître de l'érudition, de l'art oratoire et de la langue». (Thomaz Caetano de BEM – «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, p. 314).

tinha sido feito com largos meios e alargados contributos, o que em Espanha se reduzira já a duas dúzias de estudiosos de formação e esforço muito variável, se reduzia em Portugal a uma pessoa, que pouca ajuda metodológica e sistemática pode ter tido, ainda que o contexto académico o possa ter ajudado.

*Assim como para o Sabio todo o mundo he patria, assim em toda a parte sabe aproveitar o tempo: aqui acabou de pulir a sua vastissima obra do Vocabulario da lingua Portuguesa, e Latina [...] com que inteiramente deixou acreditada a perfeição da lingua Portugueza [...]*²⁵⁶

Esta obra representa um legado para a moderna lexicografia portuguesa, que se diz iniciada em 1789, com o primeiro dicionário monolíngue de António de Moraes Silva. Da sua leitura integral, pressupõe-se um processo de transformação, acentuado pelas inúmeras reescritas e reformulações. E que evoluiu de uma fase marcada pela dicionarística bilingue, para uma fase influenciada pelos dicionários de informação enciclopédica (sentida sobretudo nos últimos tomos, onde encontramos artigos mais densos e mais elaborados).

Desde logo concebido como uma vasta enciclopédia moderna, de base experimental, compiladora dos nomes mais relevantes da ciência moderna, serviria de base a muitos outros dicionaristas posteriores, tais como Moraes Silva, Fr. Bernardo de Jesus Maria, P. José Marques.²⁵⁷ Ele é, ainda hoje, uma fonte bibliográfica importantíssima para linguistas e críticos literários: «Le *Vocabulario Portuguez e Latino* de Bluteau est, sans aucun doute, la source de toute la lexicographie portugaise classique et moderne».²⁵⁸

Temas como a procura da língua perfeita (numa perspetiva monogenética), o interesse por uma enciclopédia universal, ou simplesmente o pontual preenchimento das lacunas que cercavam a enciclopédia, esboçada pelo aristotelismo escolástico, em muito

²⁵⁶ Thomaz Caetano de BEM – «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, p. 306.

²⁵⁷ Vejam-se, sobre o assunto, outros autores/obras que utilizaram o *Vocabulario* de Bluteau: Folqman, *Diccionario portuguez, e latino* (1755); Fr. João Pacheco, *Divertimento erudito* (1734-1744); Madureira Feijó, *Othographia* (1734); Verney, *Verdadeiro metodo de estudar* (1746). (Cf. João Paulo SILVESTRE, *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*, pp. 433-51).

²⁵⁸ João Malaca CASTELEIRO - «Les Dictionnaires Portugais», in *Dix-huitième Siècle: revue annuelle*, n.º 38, 2006, p. 121.

terão incentivado tal tarefa. Na verdade, todos estes assuntos representavam silêncios a queurgia dar resposta, e aos quais R. Bluteau não será indiferente. O interesse geral pelo Conhecimento novamente leva ao interesse particular pela linguagem:

*Impacientemente desejoso o Padre D. Rafael de alcançar a Encyclopedia, ou o conhecimento de todas as sciencias, sempre procurado, e nunca conseguido, se applicou ao estudo da Arte de Raymundo Lullio; e pela facilidade com que comprehendeo a combinação dos principios, ou predicamentos, a que esta se reduz, veio a possuir a destreza, e propriedade com que engenhosamente discorria em qualquer materia.*²⁵⁹

Não é por acaso que a *Ars Magna* de Lúlio é um dos livros que o *Padre D. Rafael*, algo cansadamente, sempre cita²⁶⁰. É uma obra que, segundo Umberto Eco, antecipa «a utopia enciclopédica da cultura renascentista e barroca. Trata-se de um saber organizado segundo uma estrutura hierárquica».²⁶¹

Para além da tradição medieval, Bluteau cultiva as artes combinatórias, hoje ditas maneiristas-barrocas, como por exemplo a de Atanásio Kircher. O testemunho de Francisco José da Gama Caeiro comprova a importância dos seguidores de um género de lulismo enciclopédico, tais como os jesuítas conimbricenses e o teatino padre Rafael Bluteau:

*A repercussão do lulismo em Portugal, através da indirecta ou remota inspiração do pensamento do Iluminado oferece, na verdade, grande interesse. Lembremos, a este propósito, a presença de certo tipo de lulismo enciclopédico, chegado até nós por intermédio do Padre Kircher, cuja obra é estudada pelos Conimbricenses, entre outros jesuítas e, um pouco mais tarde, por outra figura que exercerá no meio intelectual português papel de primacial importância — o Teatino P. Rafael Bluteau. Embora os códices deste último autor, que reflectem tais influencias, pertençam já à centúria seguinte, Bluteau, por mais de um aspecto, pode considerar-se ainda ligado à reacção cultural dos «Modernos» que se desencadeia no século XVII, trazendo para Portugal o influxo das novas ideias.*²⁶²

²⁵⁹ Thomaz Caetano de BEM – «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, p. 285.

²⁶⁰ Vejam-se, por exemplo, as pp. 225 e 361, vol. I, das *Prosas Portuguezas*.

²⁶¹ Umberto ECO – *A procura da língua perfeita*, p. 75.

²⁶² Francisco José da Gama CAEIRO – «Ortodoxia e Lulismo em Portugal: um depoimento seiscentista», *Estudios Iulianos*, Palma: Escuela Lulistica Mayoricense, 1960, vol. 4, p. 241. V. ainda do mesmo autor -

E chega mesmo a acrescentar (em nota de rodapé) a influência do padre Kircher e do lulismo (enciclopédico) em algumas das suas obras:

Bluteau, no seu «Vocabulário» revela leitura de Kircher, citando mesmo a «Magnus Sive de Arte Magnética». Mas é sobretudo na inspiração geral de algumas obras suas — as «Notiones ad Conceptus Praedicabilis Inventionem» e nos «Oraculum Utriusque Testamenti», Lisboa, 1734 e Ms. da B. N. L., FG 3000-3002, - que a influência de Lúlio, de raiz logico-enciclopedista, melhor se revela, como decorre da própria declaração no proémio desta última obra.²⁶³

O contributo em Bluteau das doutrinas lulianas reveste-se de algum significado, tendo em conta que o conhecimento aberto destes princípios parece ter sido obnubilado no contexto cultural e filosófico do século XVII português.

No entanto, e apesar dos antecedentes existentes, note-se a antecipada preocupação de Rafael Bluteau em legislar a língua portuguesa. Uma preocupação pioneira, nunca antes levada a cabo em Portugal, no que foi certamente influenciado pelos cuidados regulamentares que a Academia Francesa mostrara (desde a sua criação, em 1635) em legislar o idioma francês (no uso, no vocabulário e na gramática).

Já no mencionado *Oratorio Requerimento de Palavras Portuguezas*²⁶⁴, é clara a inerente intenção do seu autor: encaminhar as sessões académicas para o estudo e conhecimento das palavras. Em embrião, estaria nesta proposta um Dicionário português com a força vinculativa do *Dictionnaire de l'Académie Française*. Daí a identificação do papel das *Conferências* (onde se discutiam os verbetes) que se confundia desta forma com o da Academia Real (autora de um *Dicionário* e tribunal de obras literárias). Ofélia Paiva Monteiro alude igualmente à possibilidade dessas correspondências: «essa obra representa, talvez, para as “Conferências Discretas e Eruditas” o que representou o *Dicionário* para a Academia Francesa».²⁶⁵

«Lulismo em Portugal», *Logos: Enciclopédia Luso-brasileira de filosofia*, dir. Roque Cabral [et al.], 5 vols., Lisboa/São Paulo: Verbo, 1991, vol. 3, pp. 527-31.

²⁶³ Francisco José da Gama CAEIRO – «Ortodoxia e Lulismo em Portugal: um depoimento seiscentista», *Estudios lulianos*, vol. 4, p. 241.

²⁶⁴ Inserido nas *Prosas Portuguezas*, vol I, pp. 3-15.

²⁶⁵ Ofélia Paiva MONTEIRO – «No Alvorecer do ‘Iluminismo’ em Portugal: D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde da Ericeira (1.ª parte)», In. *Revista de História Literária de Portugal*, p. 210.

Na censura ao *Vocabulario*, o próprio Francisco Xavier de Meneses refere essa ligação. Contudo, distingue a obra de Rafael Bluteau, quer pela quantidade de tempo em relação ao número de volumes produzidos, quer pela singular autoria. Em condições, segundo indica, claramente inferiores às da Academia Francesa, os esforços de Bluteau obterão melhores e maiores resultados:

*Sessenta annos se empregaraõ quarenta homens doutos, que sempre foraõ multiplicandose, para conservar completo este numero na Academia de França; e póde ser, que cada letra do Alfabeto tivesse mais estudiosos, que quantos caracteres nelle se contaõ; e apenas produziraõ dous volumes de hum Diccionario, na mesma nação.*²⁶⁶

Não menos importante é a comparação apresentada pelo académico Pedro José da Fonseca, na «Planta» introdutória do *Diccionario...* da Academia Real de Ciências de Lisboa (1793). Ao reutilizar o *Vocabulario* de Bluteau como fonte privilegiada na elaboração do Dicionário, a Academia Real de Ciências de Lisboa está explicitamente a assumir uma atitude muito semelhante à da Real Academia Espanhola, que soube reaproveitar e revalorizar o *corpus* legado por Sebastião Covarrubias, o seu *Tesoro de la lengua Castellhana, o Española* (1611):

*O muito, que o infatigavel e erudito P. D. Raphael Bluteau tentou fazer em beneficio da nossa lingua, de justiça deve merecer à nação portugueza não menor reconhecimento, do que a Hespanhola dedica por igual motivo a D. Sebastião Covarrubias. O seu Thesouro da lingua Castellhana da mesma sorte, que o Vocabulario Portuguez e Latino do sobredito Bluteau, foraõ os que antecipáraõ a ambas as nações o conhecimento da necessidade e fructo, que se dá em obras desta natureza.*²⁶⁷

Ainda que, em ambos os casos, se tenha em vista uma reforma inovadora, seria obrigatório reconhecer a importância de um trabalho rigoroso e de um estudo incansável:

²⁶⁶ Francisco Xavier de MENEZES – «Censura do Excellentissimo Conde da Ericeira», *Vocabulario portuguez, e latino...*, Suplemento I.

²⁶⁷ Pedro José da FONSECA – «Planta para se formar o Diccionario...», *Diccionario da Lingoa portugueza*, publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa: Officina da Academia, 1793, Tomo I, p. III.

*Mas assim como a Real Academia Hespanhola não teve por bastante o anterior trabalho do seu Covarrubias para deixar de compor hum Diccionario inteiramente novo, com igual razão se deve formar o nosso, pois não he mais do que os Hespanhoes tinhaõ, aquillo, que entre nós nesta parta se acha feito. Porém a fim de que se conheça quanto nos he grata a memoria do dito Bluteau pelos serviços, que consagrou á nação portugueza, e quaõ de veras se lhe deseja por hum tao honroso titulo perpetuar seu celebre nome, não só com elle se autorizárão todas aquellas vozes, que em nenhum outro escritor nosso se encontrarem; mas das suas mesmas definições, etymologias e observações, se podem (parecendo) receber aquellas, que por seu incançavel estudo se conhecerem com exacção preoccupadas.*²⁶⁸

Com efeito, nunca será demais realçar que Bluteau não se limita a fazer um dicionário de sinónimos. Sob ele existe uma evidente preocupação epistemológica. No prólogo «Ao leitor indouto», e não obstante as vezes que Bluteau recorre às definições nominais, ele expressa a recusa do nominalismo escolástico que o precedeu. Para ele, nos dicionários bilingues, anteriores o que realmente importa foi silenciado:

*Outros Vocabularios de duas linguas, que sem definir, nem descrever o em que fallaõ, só trazem nomes, saõ meramente Nominaes; nomeaõ, e paraõ; apontaõ o vocabulo, o mais fica em silencio; tudo he huma mera nomenclatura alfabetica; dicçoens interruptas; muito vocabulo em fileiras; muita palavra sem discurso.*²⁶⁹

Não se poderá ignorar nesta passagem uma crítica curiosamente semelhante à do filósofo calvinista Pierre Bayle, no prefácio ao *Dictionnaire Universel* de Antoine Furetière:

On ne dit rien d'un grand defect qui regne pour l'ordinaire dans les Lexicons des langues savants, & sur tout dans les Dictionnaires polyglottes: c'est qu'on y voit bien les rapports

²⁶⁸ Pedro José da FONSECA – «Planta para se formar o Diccionario...», *Diccionario da Lingoa portugueza*, Tomo I, p. III. Leiam-se ainda as colunas dedicadas a Rafael Bluteau, no Catálogo do mesmo *Diccionario*, pp. LISBOAXI-LISBOAXIII.

²⁶⁹ Rafael BLUTEAU – «Prologo Segundo: ao leitor douto», *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727, Suplemento I.

*d'un mot à un autre mot; mais non pas aussi souvent qu'il le faudroit, la definition des choses signifiées par les mots. C'est néanmoins ce qu'il y a de plus nécessaire à savoir.*²⁷⁰

O *Vocabulario* pretende preencher os silêncios da ignorância, ou do leigo, numa clara atitude pedagógica de cariz universal que relê a estrutura da língua como estrutura de um conhecimento. Não é pouco. Ainda hoje. Mas Bluteau visa ainda mais, antecipando os propósitos das enciclopédias setecentistas, ainda que em diferentes extensões do número de leitores possível segundo ele, a sabedoria passaria a estar ao alcance de todos, numa intenção de livre acesso. No prólogo «Ao leitor indouto», lemos:

*[...] porem com a pratica deste vocabulario, aprenderàs sem trabalho, e alcançaras sem estudo, o que grandes Mestres, & famosos cathedraticos ignorão; sem tomar delles postilla, entenderàs os termos, com que se explicaõ; e juntamente lhes poderàs ensinar muitos, que elles ignoraõ.*²⁷¹

7. O legislador estrangeiro

Estes métodos claramente legislativos falam já, de certa forma, da força do argumento do legislador estrangeiro, comumente difundido na segunda metade do século XVIII. Um legislador estrangeiro é um elemento desinteressado e não sujeito a coacções internas, um elemento neutro, num lugar intermédio.²⁷²

Neste sentido, interessará relembrar a nobre tarefa atribuída a Rafael Bluteau: a decisão sobre os pontos duvidosos das matérias tratadas pela Academia Real da

²⁷⁰ Pierre BAYLE, no Prefácio à obra de Antoine Furetière, *Dictionnaire Universel, contenant generalement tous les mots françois, tant vieux que modernes, & les termes des sciences et des Arts...*, La Haye et Rotterdam: chez Arnoud et Reinier Leers, 1701.

²⁷¹ Rafael BLUTEAU – «Prologo do autor a todo o genero de leitores: ao leitor indouto», *Vocabulario Portuguez, e Latino*, Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712, Tomo I.

²⁷² Cf. Jean CARBONNIER – «A beau mentir qui vient de loin ou le mythe du législateur étranger», *Essais sur les Lois*, [s/l]: Répertoire du Notariat Defrénois, 1979, 193ss.

História. Cargo esse que, segundo o seu principal biógrafo, em muito evidencia o reconhecimento da sua função universalmente enciclopédica. Metaforicamente Bluteau era o oráculo, diferente contudo dos antigos: modernizado, era a entidade que formulava agora juízos claros, facilmente associados às luzes da razão:

[...] foi [Bluteau] hum dos sincoenta Academicos [...] que aquella Monarca nomeou; e reconhecendo-o na verdade Oraculo, porque as suas respostas não erão como dos antigos falsas, nem escuras, lhe deo por emprego a decisão dos pontos duvidosos.²⁷³

À parte da coerência das suas fontes ou das suas antecipadas intenções, Portugal recebe das mãos de um estrangeiro suspeito, vindo do “deserto”, o seu primeiro dicionário: «Et quand il revient à la cour²⁷⁴, il porte dans son sac la preuve d’une lusophilie qui dissipe toutes les vieilles méfiances».²⁷⁵ Nessa bolsa, está mais do que uma prova, está, segundo Inocêncio, o esforço solitário (*conseguindo elle só*) de quem a todo o custo procura preencher um deserto. Algo que ainda não existia, mas era necessário acontecer...

*Os portugueses lhe devem eterna gratidão, por lhes dar um Diccionario que não tinham, e de que tanto necessitavam; abalanzando-se e conseguindo elle só com o proprio esforço e estudo, o que as Academias não puderam vencer antes, nem depois!*²⁷⁶

²⁷³ Thomaz Caetano de BEM – «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, p. 313.

²⁷⁴ Decretada a paz geral, entre Portugal e França, entra Bluteau na corte de Lisboa No ano de 1713, segundo Caetano de Bem, «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, p. 311; no ano de 1714, segundo Francisco Xavier de Meneses, «Elogio do reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», p. 16.

²⁷⁵ Hernâni CIDADE – «Dom Raphael Bluteau», p. 77.

²⁷⁶ Innocencio Francisco da SILVA – *Dicionário Bibliográfico Português: Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil, Continuados e ampliados por P. V. Brito Aranha, Revistos por Gomes de Brito e Álvaro Neves*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923, vol. VII, p. 43. Note-se ainda, a intertextualidade da observação de Verney: «Este Religioso era douto e infatigável, e fez à nação portuguesa um grande serviço, compondo um dicionário que ela não tinha; e quem disser mal dele neste particular, é invejoso ou ignorante.» (Luís António VERNEY, *Verdadeiro Método de Estudar*, vol. 1, pp. 128-9).

Através do seu contributo literário, consegue fundamentar as provas da sua inocência política. A longo prazo reforça-se o seu nacionalismo, comprovado quer pelo tempo que passou em Portugal, quer pela obra que nos legou.

Note-se a afamada questão lançada por Joachim Leocádio de Faria, no *Obsequio Funebre*, da Academia dos Aplicados, dedicado ao nosso Autor: «Se podia jactar-se mais Inglaterra de dar nascimento a tão doutissimo Varaõ, se Portugal em o possuir até a sua morte?»²⁷⁷ A primeira hipótese terá sido defendida por Filipe de Oliveira e a segunda hipótese por Jacintho da Silva de Miranda. Não sabemos quem foi vitorioso na disputa, mas partia Filipe de Oliveira com muita desvantagem retórica.

O próprio Bluteau, na «Prosa instructiva, jococeria...», lamenta (no contexto das cartas anónimas que lhe haviam sido endereçadas) as oscilantes referências à sua nacionalidade. Significativo é o golpe voluntarioso com que Bluteau resolve esta questão, ou este nó górdio:

*Se fora possivel nascer hum homem em dous lugares, delle poderiaõ dizer, que tem duas Patrias; quando Portugal se não dá bem com Inglaterra, dizem, que elle he Inglez; e quando Portugal está mal com França, dizem, que he Francez, os que melhor o definem, dizem, não he Inglez, nem Francez, das suas obras consta, que he Portuguez.*²⁷⁸

A familiaridade deste estrangeiro com a língua portuguesa é confirmada por José F. Monterroio Mascarenhas, no *Obsequio Funebre...* de Leocádio de Faria. Uma faculdade adotada, ou um dom adquirido, que causava espanto por superar as características ditas legítimas e inatas dos autóctones: «Causava nam só admiraçam, mas espanto, ver possuir mais perfeitamente hum estrangeiro a propriedade da lingua Portugueza, do que muitos nascidos, e criados em Portugal [...]»²⁷⁹ Esta é, aliás, uma passagem valorizada por Caetano de Bem, que partilha aquela opinião:

[...] e cada dia crescia mais a opinião de seu grande talento: principalmente vendo a facilidade, com que hum estrangeiro se servia da lingua Portugueza, percorrendo nesta

²⁷⁷ Joachim Leocadio de FARIA – «Advertencia ao Leitor», *Obsequio funebre...*, [s/p].

²⁷⁸ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 262.

²⁷⁹ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 9.

*talvez com maior propriedade, perfeição e acerto, do que muitos, nascidos, e creados em Portugal: o que na realidade causava a todos não só admiração, mas espanto.*²⁸⁰

Transpondo o objetivo inicial, proposto pelo Geral da ordem teatina, D. Rafael revela a sua própria missão, centrada no homem e na renovação. Segundo Hernâni Cidade, Bluteau assumiria uma função intimamente ligada à «actividade transformativa», uma vez que o seu papel seria o de conduzir o «Portugal tradicional, escolástico e gongórico» ao espírito da «Europa livre». Uma espécie de missão própria, livre das incumbências de Luís XIV ou das rédeas dos tradicionalistas portugueses.²⁸¹

Os estrangeiros, e entre eles Bluteau, parecem ter sido a chave para um país de portas fechadas às novas ideias que circulavam na Europa culta e civilizada. Mas a indecisão dos portugueses, na metáfora aprisionados, que se mostram reticentes para aceitar a chave da libertação, coloca o estrangeiro numa posição muitas vezes vulnerável. Apesar disto, ele apresentará um percurso muito semelhante ao do filósofo que, depois de ver a luz, regressa voluntariamente à caverna, para orientar os outros em direcção à salvação.²⁸²

Simbolicamente, uma transformação que reflete uma preocupação em silenciar os atrasos e dar voz aos avanços. Uma voz que tem a missão de ensinar, completando os silêncios nacionais com as palavras adequadas. Silêncios que se direccionam para os já referidos ideais humanistas, porque próximos, afinal, de uma procura que representa uma carência, uma necessidade. Quer no *Oratorio*, quer na *Prosa Apologetica*, sente-se uma urgente necessidade de legislar e valorizar a língua portuguesa. Ausências que Rafael Bluteau não se limita a denunciar, mas que vai anulando de modo exemplar, com o *Vocabulario*, primeira formulação de um *Dicionário* da Academia Portuguesa, projeto

²⁸⁰ Thomaz Caetano de BEM – «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, p. 300.

²⁸¹ Cf. Hernâni CIDADE – *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, pp. 36-7.

²⁸² Note-se a intertextualidade de Bluteau com a célebre *Alegoria da Caverna*, exposta em *A República* de Platão (Cf. Rafael BLUTEAU, *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 227), obra valorizada por Bluteau nas suas *Prosas...*, v. vol. I, pp. 205, 218, 221, 227, 286 e 301. Leia-se ainda sobre a metáfora do poeta-peregrino: «O peregrino é um viajante pouco comum: busca-se pelo mundo, buscando um lugar, e espera regressar para dar testemunho da sua descoberta. É desde logo, o mito da caverna narrado por Sócrates, o Filósofo que sai e regressa à caverna. É também a estrutura de *O Pastor Peregrino* (1608), de Rodrigues Lobo.» (Maria Luísa Malato BORRALHO, «Sobre a Perigosa Arte de Jardinar. A Missão Guerreira do Poeta na Academia dos Singulares.», *A Arte da Cultura – Homenagem a Yvette Centeno*, p. 311).

que só seria concluído nos finais do século XX, quase trezentos anos depois dos esforços de Bluteau.

Neste ponto, é necessário sublinhar que Rafael Bluteau é um estrangeiro, assim ser-lhe-ia natural o contacto com os livros de teorias menos ortodoxas no contexto canónico nacional. Teorias que ele vai descortinando, muito paulatinamente, para não ferir a mentalidade escolástica.²⁸³ Note-se que, como Qualificador do Santo Ofício, possuía uma licença que o autorizava a ler os livros proibidos pela Santa Inquisição. Licença essa que, segundo João Paulo Silvestre, «nem o padre D. Manuel Caetano de Sousa conseguira.»²⁸⁴ No século XVII, e como afirma José Sebastião da Silva Dias, «o conhecimento das teorias fundamentais da astrologia, física e filosofia, deve-se aos estrangeiros que ensinaram em Portugal uma vez que os livros que as veiculavam haviam sido proibidos.»²⁸⁵

Normal será encontrar, nesta tendência de orientação universal e enciclopédica, claras semelhanças com o *Dicctionaire Universel* de Furetière, cujas informações do tipo enciclopédico eram valorizadas por Bluteau. Mas curioso será o facto de Rafael Bluteau não ter dedicado a Furetière um merecido reconhecimento, apesar de muitas vezes estarmos perante uma evidente apropriação do discurso.

É o caso, por exemplo, do artigo sobre a circulação sanguínea, cuja descoberta é atribuída ao médico britânico William Harvey, mas que terá tido a sua origem num certo livro que Fabrici d'Aquapendente (anatomista e cirurgião italiano que estudou com Harvey em Pádua) lhe terá facultado. Esse livro, que descrevia a circulação do sangue, terá sido doado a Aquapendente pelo padre italiano Paolo Sarpi que manteve a sua descoberta no anonimato até à véspera da sua morte, segundo Bluteau «por certas razoes»:

²⁸³ Leia-se sobre o assunto: «Os autores e as obras esquecidos: Rafael Bluteau e o seu *Vocabulário*», comunicação apresentada no Colóquio «Por prisão o infinito: censuras e liberdade na literatura», org. Grupo de Estudos Lusófonos (GEL) da FLUP, (disponível on line: <http://web.lettras.up.pt/porprisao/Ana%20Ara%C3%BAjo%20Rafael.pdf> última consulta em 12-09-2012).

²⁸⁴ João Paulo SILVESTRE – *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*, p. 28. (Caetano de Sousa, clérigo regular teatino, um dos cinquenta primeiros académicos da Academia Real de História Portuguesa, pede ao Santo Ofício uma licença semelhante à de Bluteau, em carta de 4 de Setembro de 1692).

²⁸⁵ José Sebastião da Silva DIAS – *Portugal e a cultura europeia: séculos XVI a XVII*, Separata Biblos, Coimbra: Universidade, 1953, p. 277.

CIRCULAC,AM. *Circulação* [...] *Circulação do sangue. Chamaõ os Medicos ao movimento do sangue, Circulação, não porque descreva o curso do sangue hum circulo, mas porque do movimento; assi he razão, que se diga, que Circúla o sangue, pois começando a moverse do coração para as extremidades do corpo pelas artérias, tórna das ditas extremidades para o coração pelas veas, repetindo sempre esse mesmo movimento, em quanto dura no animal a vida. [...] consta, que só no anno de 1628. se começou a fallar claramente na Circulação do sangue, quando a divulgou Harveo medico Inglez, como doutrina, que lhe revelara seu Mestre na Universidade de Padua, o famoso Anatomista, Aquapendente; ao qual o P. Fr. Paulo, antes de morrer, a havia comunicado, mostrãndolhe juntamente o livro, que compuzera sobre esta materia, & por certas razoens não quizera dar à estampa.*

286

«CIRCULATION» se dit aussi en Médecine du mouvement que fait le sang, qui plusieurs fois par jour passe par le coeur, & va jusqu'aux extremités du corps des animaux. Harvée est un Docteur moderne d'Angleterre qui a le premier decouvert la circulation du sang em l'année 1618. [...] Jean Leonicensus adjoute que le Pere Fra Paolo avoit decouvert la circulation du sang, & les valvules des veines ; mais qu'il n'osa pas en parler, de peur de l'Inquisition, & qu'il communiqua seulement son secret à Aquapendente, qui après sa mort mit le livre qu'il en avoit composé en la Bibliothèque de St. Marc, où il fut long-temps caché; mais que Aquapendente decouvrit ce secret à Harvée qui étudioit sous luy à Padouë, lequel le publia étant de retour en Angleterre pays de liberté ; & sens attribua la gloire.²⁸⁷

Poder-se-ia pensar que Rafael Bluteau ocultou o nome de Furetière (assim como o de Jean Leonicensus), porque se apropriou de um discurso alheio, sem que houvesse nele a preocupação quer da originalidade quer da má consciência do plágio. As questões da originalidade e do plágio no século XVII são, em todo o caso, muito diferentes das de hoje.

Mas o motivo desta contenção parece-nos prender-se com o contexto cultural português, sensível aos ideais subversivos. Determinados assuntos, abordados por Furetière, ainda que perfeitamente aceites pela Europa moderna, feriam ainda a mentalidade portuguesa e sobretudo a Inquisição. Como Qualificador do Santo Ofício,

²⁸⁶ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario portuguez, e latino...*, Tomo III, p. 322 (CIRCULAÇAM).

²⁸⁷ Antoine FURETIÈRE – *Dictionnaire Universel...*, Tome premiere, Trevoux: Istienne Ganeau, 1704, s/p. (CIRCULATION).

Bluteau omitirá as passagens consideradas inadequadas, mas no seu lugar deixará o indício, muito embora dissimulado, da ocultação das teorias censuradas.

Em vez do nome de Jean Leonicensus usa a expressão mais inócua «consta». Omitte ostencivamente as referências que em Furetière são feitas à Inquisição e substitui-as por «certas razoens». A omissão é um dos alimentos do silêncio.²⁸⁸

No *Vocabulario*, «OMITIR» é «Passar em silencio, não fazer menção. *Aliquid omittere*, ou *praetermittere*. *Aliquid silencio praeterite* [...]»²⁸⁹; o «PRETERIDO» é «O de que se não tem feyto menção. Deyxado em silencio.»²⁹⁰; a reticência, outra forma de elipse (associada à preterição), é «o silencio, em q se deyxa hua cousa, em que se houvera de fallar.», é uma «Figura de Rhetorica [...] que val o mesmo, que callar. Com esta figura mostra o Orador, querer callar hua cousa no mesmo tempo, que a dà a entender aos ouvintes, fallando levemente nella.»²⁹¹

²⁸⁸ Note-se ainda, sobre este assunto, e no artigo «OCULO» do *Vocabulario*, a apropriação do discurso de Furetière (artigo «TELESCOPE») e sua particular omissão à referência de Descartes (que atribui a invenção do telescópio ao holandês Jacob Metius), e a qual Bluteau substitui por «attribuem muytos» (Cf. Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo VI, p. 38)

²⁸⁹ Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo VI, p. 74 (OMITIR).

²⁹⁰ Cf. Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo VI, p. 725 (PRETERIDO). Cf. Zeugma (omissão de um ou vários elementos frásicos): «[...] palavra Grega, que significa o mesmo que *Ajuntamento*, ou *Atadura*; & he figura de dicção, a qual se faz todas as vezes, que muitos sentidos se ajuntão em hum só [...]» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo VIII, p. 638).

²⁹¹ Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo VII, pp. 302-3 (RETICENCIA). Leia-se ainda sobre a «APOSIOPESIS. Figura de Rethorica, cõ a qual o Orador calla, o que mostrava querer dizer. *Reticentia*, ae [...]» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo I, p. 435).

8. As letras, evidentes e silenciosas

A personificação das Palavras (no *Oratorio*) e da Ortografia (na *Prosa Apologetica*) não será por acaso: a humanização ainda é tida como um fator de valorização crítica. E sobretudo, porque ao dar vida à língua portuguesa, quer na teoria (*Prosas Portuguezas*), quer na prática (*Vocabulario*), Bluteau está a possibilitar um processo completo, circular, entendido como um todo, ou como um eterno retorno do conhecimento. Tratámos já das *Prosas Portuguezas*... na nossa tese de mestrado. Agora centramo-nos no *Vocabulario*..., valorizando o diálogo que com as *Prosas* é estabelecido. Como se a teoria e a prática mutuamente se promovessem. A complementaridade entre as duas obras (entre o particular e o universal) é, em todo o caso, reconhecida por João Paulo Silvestre:

*A atenção ao progresso da ciência e aos novos procedimentos experimentais, de que as Prosas Portuguezas são testemunho, encontra-se igualmente presente nos artigos do Vocabulario, em particular nos subordinados à terminologia científica. De facto, as Prosas constituem uma amostra superficial da amplidão de interesses e conhecimentos de D. Rafael, mais cabalmente expressos na extensão de uma obra com características de um dicionário universal.*²⁹²

Tal poderia levar à desvalorização dos *Sermões* de Rafael Bluteau. Mas, não pareceu os sermões ter informação adicional de maior interesse: nenhum²⁹³ se centra na temática (ou na estratégia) do silêncio. E nada nos garante que o sermão escrito tenha

²⁹² João Paulo SILVESTRE – *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*, p. 38. Note-se ainda sobre este assunto as constantes remissões para os artigos do *Vocabulario*..., presentes nas *Prosas Portuguezas*, por exemplo: vol. II, pp. 186, 208, 210, 213, 217 e 227.

²⁹³ Com exceção do já abordado sermão das «Grandezas dos nadas do Bautista...», inserido nos *Sermoens Panegyricos, e Doutrinaes*..., Tomo II, pp. 367-403.

sido o sermão dito. Porém é certo que, em Rafael Bluteau há um circularidade hermenêutica²⁹⁴ que vai da teorização à aplicação dessa teoria (na obra e na vida).

Nas etapas de tal processo, o pensamento, silencioso por excelência, será ouvido, verbalizado e posteriormente escrito, para que novamente regresse ao silêncio, porém um silêncio renascido, porque aliado à palavra. Esta união, entre o silêncio e a palavra, faculta uma transformação do que é ignoto para o que é lembrado, do mortal para o eternizado. Só tal união concedera assim a passagem de um estado de ignorância para um estado de sabedoria.

Neste processo, a voz de Bluteau, não será apenas a da denúncia dessa falta, mas sobretudo a voz adequada ao que é preciso ouvir. Uma voz que faculta aos portugueses os alicerces de um sólido conhecimento – o da importância da escrita, o da valorização das Letras – numa atitude claramente pedagógica.

Significativa é, neste contexto de leitura de silêncios relacionados com a escrita, a «Prosa Enigmática, Interpretativa. Dissertação Literaria, Cabalistica, e Moral, sobre o sentido de cento e trinta e sete letras, esmaltadas na circunferencia do pé, e garganta de hum antiquissimo Calix de ouro do Real Mosteiro de Alcobaça».²⁹⁵

Para a decifração do enigma das cento e trinta e sete letras inscritas no cálice (legíveis é certo, mas de sentido incompreensível), Bluteau constrói uma possível interpretação. E lembrando nós as raízes judaico-cristãs da Hermenêutica ocidental, nada surpreende que o nosso teatino procure, para tal tarefa, auxílio na Cabala. Na metáfora, o fio condutor de Ariane: «entendi, que só a arte Cabalistica me daria o fio preciso, para me retirar deste labyrintho».²⁹⁶

Ao divagar sobre as três técnicas da Cabala (*Gametria*, *Notarica*, e *Themura*), e na observação das letras, Bluteau decide excluir as duas últimas, ou seja a arte do acróstico e do anagrama, e eleger a primeira, a *Gametria*. Porém, é evidente uma certa

²⁹⁴ Leia-se sobre o “círculo hermenêutico” em Hans-Georg GADAMER – *Le problème de la conscience historique*, ed. Pierre Fruchon, Paris: Éditions du Seuil, 1996.

²⁹⁵ Inserida nas *Prosas Portuguezas*, vol. I, pp. 363-91. Sublinhem-se, nas *Prosas...*, as referências de Bluteau às obras de: Hermes Trimegisto (v. vol. I, p. XI, vol. II, pp. 64 e 123), R. Lúlio (v. vol. I, pp. 225 e 361, sobretudo a *Arte magna*), Paracelso (v. vol. I, p. 225) e Agrippa (v. vol. I, pp. 127 e 249, vol. II, p. 176, sobretudo o *De Occulta Philosophia*), autores que «eram muitas vezes alvo de suspeita do Santo Ofício. Serão as alusões ao seu pensamento insignificantes? Duvidamos.» (Maria Luísa Malato BORRALHO, «Sobre a Perigosa Arte de Jardinar. A Missão Guerreira do Poeta na Academia dos Singulares.», *A Arte da Cultura – Homenagem a Yvette Centeno*, p. 310).

²⁹⁶ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 367.

contenção ou receio de se perder nos seus preceitos, e por isso resolve apenas fundamentar-se neles para proceder à tarefa da decifração.

*Naõ pretendi conseguir o sentido dellas pelos preceitos da Cabala Gametria, ou Combinatoria, porque temeraria, e ridicula seria a empreza de hum trabalho de muitos mil annos em huma vida, em que nem para poucos instantes ha carta de seguro. Porém com fundamento nas regras da dita Cabala, comecey a revolver na imaginação as letras do Caliz...*²⁹⁷

Ao trabalhar as letras, Bluteau retira-as do silêncio em que perduraram durante séculos e dá-lhes a merecida voz; num país em que a Cabala era matéria quase desconhecida dos prelos, como atesta o raro exemplo de Francisco Manuel de Melo:

*O zelo de dar a conhecer ao Mundo os grandes engenhos Portuguezes, a que o descuydo, & ingratitude da patria tinha esquecido os nomes, & occultado as obras, ainda que alguns curiosos entre si as communicavaõ por meyo dos traslados, com assás trabalho, me incitou a revolver, & desenterrar varios manuscriptos [...] Entre pois tanta copia de manuscriptos descobri algumas obras de D. Francisco Manoel de Mello, escriptor celebre, & digno da mayor estimação, que padeciaõ no esquecimento igual injuria [...] faço publico este Tratado do mesmo Author, que, (como elle confessa, compoz com tanto trabalho como a obra mostra) não receando qualquer fortuna, que lhe succeda, pois me contento por premio do meu trabalho em o dar à luz, havello tirado das sombras do esquecimento, a que a ingratitude o tinha condenado, por benemerito.*²⁹⁸

²⁹⁷ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas...*, vol. I, p. 381. Leia-se ainda: «[...] a *Cabala Gametria* declara as palavras pela transposição das letras; a *Cabala Notarica*, de cada letra faz huma palavra inteira, ou explica huma palavra por outra, que contém o mesmo numero; e a *Cabala Themura*, a que outros chamaõ *Ziruph*, que consiste na troca das letras, que em certas combinaçoens se fazem equivalentes a outras. Para meu intento não podiaõ servir as duas ultimas Cabalas, *Notarica*, e *Themura*...» (Rafael BLUTEAU, *Prosas Portuguezas*, vol. I, pp. 368-9). Sobre o mesmo assunto, leia-se: «O *notariqon* é a técnica do acróstico [...] A *gematrya* é possível porque em hebraico os números são representados pelas letras do alfabeto. Assim, cada palavra tem um valor numérico que decorre da soma dos números representados por cada uma das suas letras. [...] a *themurah* é a arte da premutação das letras, ou seja, do anagrama.» (Umberto ECO, *A procura da língua perfeita*, p. 40).

²⁹⁸ Mathias Pereyra da Sylva, no Prólogo ao *Tratado da Sciencia Cabala, ou Noticia da Arte Cabalistica. Composto por Dom Francisco Manoel de Mello. Obra Posthuma*. Note-se, pela sua raridade no panorama nacional, a defesa da existência de uma cabala cristã e a tentativa da renovação da mentalidade portuguesa relativamente a este assunto, «Nam he a menor gloria da Nasção Portugueza possuir taõ puramente a santissima Fè Catholica, que professamos, que não só aborreça, vingue, & ignore os erros

Não será por acaso que Bluteau se demora no que parece ser uma ninharia histórica. Rafael Bluteau, a voz da Ortografia, é também a voz das Letras. Mas uma voz que se distingue, que é primordial, singular. Uma voz que provém de um incessante silêncio – comparado ao ouro, porque “o silêncio é de ouro” – o que intensifica a atenção e valorização que lhe devem ser atribuídas.

*São na circunferencia do pé do Calix cento e trinta e sete letras; todas ellas como mayusculas, e patentes à vista, desafiavaõ a perspicacia dos mais entendidos. Pelo espaço de mais de quinhentos annos estiveraõ sem nome, porque não eraõ intelligiveis os nomes, que dellas se formavaõ; as proprias consoantes ficavaõ obtusas, e as vogaes eraõ mudas; fallavaõ todos nellas, só ellas não fallavam; ellas saõ todas ouro; mas com taõ diuturno silencio, pareciaõ ouro bruto; agora que começaõ a fallar, merecem attençãõ, porque como cá dizem, aonde o ouro falla, tudo calla*²⁹⁹

Curiosa será ainda a leitura secretista que envolve todo este exercício. À semelhança de um esteganógrafo, Bluteau acaba por decifrar uma mensagem secreta, mas matemática, lógica. É ele mesmo que afirma: «Consultey os Mestres da Arte Steganographica, e particularmente o Abbade Trithemio».³⁰⁰ Talvez por isso, nada nos surpreenda que o gráfico³⁰¹ da sua pesquisa, na descodificação da mensagem do cálice, apareça sob a forma de círculos concêntricos, bem semelhantes aos de R. Lúlio

contrarios, mas ainda com religioso temor se percate de qualquer opiniaõ, arte, ou costume, que não seja muyto em favor da Christã piedade.» (Francisco Manoel de MELLO – *Tratado da Sciencia Cabala, ou Noticia da Arte Cabalistica. Composto por Dom Francisco Manoel de Mello. Obra Posthuma...*, ed. Mathias Pereyra da Sylva, Lisboa Occidental: Officina Bernardo da Costa de Carvalho, 1724, pp. 1-2). Significativamente note-se a expressão utilizada por Anselmo Caetano, quando se refere a Bluteau: «Hermes Catholico» (Anselmo CAETANO – *Ennoea ou applicação do entendimento sobre a Pedra Filosofal*, nota de apresent. Yvette Centeno, Lisboa: F.C.G., 1987, p. 20), expressão valorizada por Yvette Centeno, na nota de apresentação à mesma obra (v. p. 11).

²⁹⁹ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 386.

³⁰⁰ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 385. Sobre as obras de Tritémio, leiam-se ainda nas *Prosas*, Vol. I, pp. 131 e 144 (*Chronicon Hirsauigiense*) e Vol. I, p. 308 (*De viris illustribus ordinis sancti Benedicti*).

³⁰¹ Cf. Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, Anexo entre as pp. 390 e 391.

(posteriormente adotados por Giordano Bruno) ou se preferirmos, das roletas descodificadoras de Tritemio.³⁰²

É um facto que o Renascimento trouxe, à leitura das escritas secretas, ou ocultas, uma mescla de cabalismo e lulismo. Rafael Bluteau, ao apoiar-se na técnica da cabala e dos círculos neolulistas, revela um forte conhecimento dessa tradição. É, por sinal, reconhecido o «profundo conhecimento de Bluteau acerca do pseudo-lulismo e da alquimia, o que poderá explicar o número de entradas do Vocabulário relativas aos termos químicos e a extensão dos artigos»³⁰³.

Evidencia, ainda, um esforço matemático de esgotar as possibilidades dos números, influenciado, ao que tudo indica, pela obra de Malebranche, *Álgebra*, da qual teve sem dúvida conhecimento.³⁰⁴ A total dedicação às letras do alfabeto e suas possíveis combinações parece ter sido a analogia a seguir:

*Porque nos instrumentos com que a sciencia humana se declara, precedem as letras na composição das palavras; e assim das letras se dominaõ as sciencias, e os homens scientes se chamaõ Letrados. Mas para as letras lograrem o privilegio desta primazia, he preciso, que estejam no seu lugar, porque fóra delle, muitas letras juntas não dizem cousa digna de se saber; mas antes são hum chaos, em que fica a razão perplexa, e o entendimento confuso.*³⁰⁵

Na verdade, um exercício alfanumérico que poderá igualmente alertar para a necessidade de preencher esse silêncio (ininteligível) com a escrita (inteligível). A ordem de Bluteau parece ser explícita quando, após comparar tal tarefa com a dimensão do globo terráqueo, afirma:

³⁰² Cf. Umberto ECO – *A procura da língua perfeita*, p. 127. Note-se ainda que ambos os autores são valorizados por Bluteau nas *Prosas Portuguezas...*, v. sobre Tritemio no geral, vol. I, p. 385, vol. II, p. 176, sobre *Chronicon Hirsaugiense*, vol. I, pp. 131 e 144, *De viris illustribus ordinis sancti Benedicti*, vol. I, p. 308, e sobre a obra de Giordano Bruno, *De l'infinito universo e mondi*, v. vol. I, p. 155.

³⁰³ João Paulo SILVESTRE – *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*, p. 334.

³⁰⁴ Cf. Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 379. Note-se que «Avec l'énoncé de la géométrie analytique et les théories des fonctions algébriques, avec le développement du calcul par Newton et Leibniz, les mathématiques cessèrent d'être une notation dépendante et un instrument de l'expérience. Elles devinrent un langage extraordinairement riche, complexe et dynamique. *Et l'histoire de ce langage est celle d'une incommunicabilité progressive.*» (George STEINER, *Langage et Silence*, p. 30).

³⁰⁵ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 386.

*Figure-se-vos no pensamento outro globo do mesmo tamanho, e este cuberto de papel, povoado de escreventes com penna, e tinta, e cada hum delles com huma legua em quadrado, por área, e campo de sua escritura. Quero, que todos estes escreventes se appliquem a encher a folha, ou espaço de legua, que lhe couber, de variaçoens, inversões, e combinações, de que são capazes as ditas cento e trinta e sete letras do Calix [...]*³⁰⁶

As possibilidades encontram-se, por isso, muito longe de um esgotamento. As múltiplas interpretações, de ressonâncias cabalísticas, traduzem-se em sentidos ou significados desocultados. As mensagens subliminares, que aí afloram, refletem o jogo de dissimulação que acontece entre a palavra e o silêncio.

Para Bluteau os significados ocultos simbolizarão, em todo o caso, enigmas, propostos por Deus, e que o homem tem por missão decifrar. Recorde-se, a propósito, o carácter obscuro e ambíguo das Sagradas Escrituras³⁰⁷, essa fecundidade de Verbo, esse potencial polissémico que irá estimular o intérprete a sobrepor-se aos significados aparentes, superficiais, para assim encontrar o sentido verdadeiro, celestial, propositadamente dissimulado por Deus.

Já Pseudo-Dionísio, na sua «Hierarquia Celeste», se referira às «santíssimas ficções poéticas» (bíblicas) como método figurativo do domínio da alma, esta que, ao largar o corpo (ou o sentido literal), se eleva a Deus:

*Car si la théologie a voulu recourir à la poésie de ces saintes fictions en parlant des purs esprits ce fut comme il a été dit par égard pour notre mode de concevoir et pour nous frayer vers les réalités supérieures ainsi crayonnées un chemin que notre faible nature peut suivre.*³⁰⁸

Mas nem sempre o que é indelével pode ser óbvio.

³⁰⁶ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, pp. 380-1.

³⁰⁷ Cf. Santo AGOSTINHO – *De Doctrina Christiana*, Livro II, Capítulo VI, 7-8.

³⁰⁸ Denys ARÉOPAGITE – «De la Hiérarchie Céleste», *Oeuvres de Saint Denys Aréopagite*, trad. Abbé Darboy, Paris: Sagnier et Bray, Libraires-Éditeurs, 1845, p. 184. (disponível on line: <http://books.google.pt/books?id=rQ0rAAAAYAAJ&printsec=frontcover&dq=Denys+l'Aréopagite,+google+books&source=bl&ots=Ubw441Vukh&sig=Q> última consulta em 30-07-2012). Obra valorizada por Bluteau nas suas *Prosas...*, v. vol. I, p. 224.

9. As palavras “suplicantes”

Para Maria Filomena Molder, e na sequência do pressuposto platónico, a escrita, associada a uma “silenciosa pedra” (morte), pode de igual modo traduzir-se em “água viva” (vida):

*Parecida com uma qualquer silenciosa pedra que está posta no nosso caminho (a palavra escrita aparece em Platão como petrificação da palavra falada), pedra tumular, acumulando e assinalando a morte, expondo-se à ameaça de se tornar veículo para preservar um produto morto, a escrita pode, ao mesmo tempo, ser preciosa para nos fazer parar ou descansar, tocando-a, dela pode jorrar água viva.*³⁰⁹

Esta ambiguidade da palavra, «A morte e a vida estão no poder da língua»³¹⁰, é corroborada por Carlos Carreto, precisamente quando expõe a transformação do estatuto da palavra. Esta, que simbolizaria uma «energia vital e mágica na qual [...] se deposita uma total confiança», passa a representar «uma máscara, o instrumento da manipulação por excelência.»³¹¹

Nos «TERMOS Concernentes ao não falar, e guardar silencio» (e sublinhe-se a estranheza de Bluteau separar estes termos e os tratar de forma autónoma) Rafael Bluteau afirma: «Tem a lingua suas horas; em humas deve callar, e deve falar em outras»³¹². Nos «TERMOS De cousas incertas, e duvidosas», este duplo sentido torna-se característica da palavra ambígua, responsável pelo carácter anfibológico do discurso:

³⁰⁹ Maria Filomena MOLDER, na introdução à obra de Ione Marisa Menegolla, *A Linguagem do Silêncio*, p. 26.

³¹⁰ (Prov 18, 21). Parece tratar-se da versão judaico-cristã da célebre afirmação de Esopo «A língua é a melhor e a pior das coisas».

³¹¹ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 25.

³¹² Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Termos proprios, e metaforicos...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 455 (TERMOS Concernentes ao não falar, e guardar silencio).

*Palavras ambiguas se podem tomar em dous sentidos. [...] Homem de duas caras tem como as perdizes de Paphlagonia dous corações. Falar com amfibologia. Palavras, que fazem a oração amfibologica. [...] Anda o Mar banzeiro, nem està quieto, nem tormentozo.*³¹³

O problema da esterilidade/fecundidade da palavra é, neste contexto, muito significativo. Desde logo evidenciado pela parábola bíblica que ao associar palavra e semente, as limita a duas possibilidades: a de petrificar (terreno árido) ou a de frutificar (terreno fértil).

*E como houvesse concorrido um crescido número de povo, e acudissem solícitos a ele das cidades, lhes disse Jesus por semelhança: Saíu o que semeia, a semear o seu grão: e ao semeá-lo, uma parte caíu junto ao caminho, e foi pisada, e a comeram as aves do céu. E outra caíu sobre pedregulho: e quando foi nascida se secou, porque não tinha umidade. E a outra caíu entre espinhos, e logo os espinhos que nasceram com ela, a afogaram. E outra caíu em boa terra: e depois de nascer, deu fruto, cento por um. Dito isto, começou a dizer em alta voz: Quem tem ouvidos de ouvir, ouça. Então os seus discípulos lhe perguntaram que queria dizer esta parábola. Ele lhes respondeu: A vós foi-vos concedido conhecer o mistério do reino de Deus, mas aos outros se lhes fala por parábolas: para que vendo não vejam, e ouvindo não entendam. É pois este o sentido da parábola: A semente é a palavra de Deus. A que cai à borda do caminho, são aqueles que a ouvem: mas depois vem o diabo, e tira a palavra do coração deles, porque não se salvem crendo. Quanto à que cai em pedregulho, significa os que recebem com gosto a palavra quando a ouvirem: e estes não têm raízes: porque até certo tempo crêem, e no tempo da tentação voltam atrás. E a que caiu entre espinhos: estes são os que a ouvirem, porém indo por diante, ficam sufocados dos cuidados, e das riquezas, e deleites desta vida, e não dão fruto. Mas a que caíu em boa terra: estes são os que ouvindo a palavra com coração bom, e muitos são, a retêm e dão fruto pela paciência.*³¹⁴

³¹³ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Termos proprios, e metaforicos...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 449 (TERMOS De cousas incertas, e duvidosas).

³¹⁴ (Lc 8, 4-15). Sobre o sentido desta parábola (*mathal*), leia-se Jean LAUAND – «*Amthal* – a pedagogia de Deus», in *Collatio*, São Paulo, n.º 11, abr-jun, 2012, pp. 36-7. (disponível on line: <http://www.hottopos.com/collat11/33-38Jean.pdf>, última consulta em 15-09-2012).

Esta passagem dialoga intertextualmente com o «Vocabulario de Synonimos», onde se afirma que a pregação é metáfora de «Sementeira divina, que no campo da Igreja Catholica faz brotar plantas para os jardins do Ceo.»³¹⁵

De facto, e como afirma Carlos Carreto, parafraseando Pedro Damiano³¹⁶ (um dos mais importantes reformadores monásticos do século XI), «é a Bíblia que deve ser tida como a fonte primeira para qualquer reflexão ou debate sobre a má ou a boa palavra»³¹⁷. A tópica da utilidade/fecundidade da palavra, que segundo este mesmo autor atinge o apogeu no século XII, supera a tópica da *bona taciturnitas*, que passa a ser considerada menos fértil, quando comparada à palavra fecunda:

*As quase obsessivas oposições entre esterilidade e fecundidade transpõem para as artes poéticas a valorização teológica da boa palavra em relação à bona taciturnitas que, por consistir numa atitude cujo proveito é meramente individual, é forçosamente menos fértil. O autor tem por dever tornar manifesto o dom da palavra que recebeu de Deus [...]*³¹⁸

A ideia de futilidade (a vã eloquência/*vaniloquia*) do discurso é, em todo o caso, uma das grandes preocupações de Rafael Bluteau. Com a sua «Academia Theologica»³¹⁹ – que segundo H. Cidade representa a «primeira crítica séria ao vazio de boa parte da produção literária do século XVII»³²⁰ – Bluteau lança a flecha que acertará no ponto fraco das academias seiscentistas portuguesas, a futilidade dos assuntos: «Os Académicos de Portugal [...] não deixarão de imitar os Italianos em algumas occasioens

³¹⁵ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 293.

³¹⁶ Autor valorizado por Bluteau nas suas *Prosas...*, v. vol. I, p. 205. Leia-se ainda sobre este autor, o sermão *De Vitio Linguae*, que teoriza a necessidade de dominar a língua (*peccata linguae*). E sobre este assunto, v. o *Verbum Abbreviatum*, de Pedro Cantor, um tratado fundamental para a história dos pecados da língua e que insiste no uso correto da palavra e no ideal de concisão (a palavra virtuosa é a palavra útil e necessária).

³¹⁷ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 61.

³¹⁸ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 68.

³¹⁹ Inserida nas *Prosas Portuguezas*, vol. I, pp. 327-62.

³²⁰ Hernâni CIDADE – *Lições de Cultura e Literatura Portuguesa*, vol. 2, p. 65.

no infructuoso dos assumptos [...]»³²¹ Com especial reprovação às composições poéticas da Academia dos Singulares de Lisboa – sem dúvida a que Bluteau deve ter ainda conhecido, pela fama, pelos membros ou pelos volumes impressos na segunda metade do século XVII e não certamente a de 1628 que refere Francisco Manuel de Melo³²² – «em quantos assumptos abaterão a sublimidade do seu engenho as ideas, e reflexões vulgares?»³²³

Procurando preencher esse vazio, Bluteau encaminhará os académicos para o estudo dos temas sagrados, retirando-os todavia de um despropositado desvio. Bem próximo de Correia Garção, que na sua «Oração Quarta», em 1759, afirmaria: «Não basta criticar o que se faz, é preciso ensinar o que se há-de fazer.»³²⁴ O que sobressai desta crítica é a sua atitude pedagógica, não se limitando a detetar a falha, mas sugerindo as inúmeras possibilidades de remedeio (assuntos divinos)³²⁵. Este leque de possibilidades resultará da infinita fecundidade de Deus, ele, o tema perfeito, a palavra supra suma:

³²¹ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I. p. 328. Passagem valorizada por Evelina Verdelho, em *Lexicografia sinonímica portuguesa: o Vocabulário de Sinonimos, e Phrases, de Rafael Bluteau...* p. 178.

³²² Cf. Maria Luísa Malato BORRALHO – «Academias: em Portugal», in *Biblos enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*, dir. José Augusto Cardoso Bernardes, Lisboa: Verbo, 1995, p. 35.

³²³ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I. p. 329. Leiam-se também as pp. seg. até à 336 (nelas Bluteau exemplifica esses vulgares assuntos, citando alguns dos temas em que se ocupava a Academia dos Singulares). Leia-se ainda: «Da *Academia dos Singulares*, que, fundada em 1628, em Lisboa, teve novo período de actividade em 1663-1665, ficou o pobre testemunho de 2 vols. (1665 e 1668) que relatam as sessões efectuadas. No século XVIII as Academias particulares tiveram, por vezes, função mais útil, como transparece das *Prosas Portuguezas* de Bluteau.» (Jacinto do Prado COELHO, «Academias Particulares em Portugal», *Dicionário de Literatura*, vol. 1, pp. 19-20); ou, como refere J. Palma-Ferreira: «Os *Singulares* [...] tiveram no padre Rafael Bluteau o mais acerbo crítico, posição que assumiu, aliás, em relação a quase todas as Academias e que tornou pública na *Academia Teológica*. Aí defendeu o padre que não há assunto mais próprio para discursos académicos do que a *suma perfeição do ser divino*, deplorando as *gigantomaquias e metamorfoses, sonhos de Poetas e delírios de Gentilidade* que fizeram as delícias dos académicos portugueses e estrangeiros. [...] E, para bem sublinhar o carácter das Academias estrangeiras em comparação com as portuguesas de meados do século XVII, informa que em toda a parte houve *congressos de homens doutos*, dedicados à filosofia natural.» (João PALMA-FERREIRA, *Academias literárias dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982, pp. 27-8).

³²⁴ Correia GARÇÃO – «Oração Quarta», *Obras Completas*, Lisboa: Sá da Costa, 1958, vol. II, p. 187. (Recitada na conferência da Arcádia Lusitana, no dia 30 de junho de 1759).

³²⁵ Cf. Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, pp. 343-362.

[...] *para Academicos não ha assumpto mais proprio, que a summa perfeição do ser de Deos. [...] Que objecto pois para o discurso humano mais nobre, que o ser de Deos, e os attributos, e perfeições deste Divino Nume? Desta infinita nobreza resulta para assumptos, Theologicamente Academicos, huma tão inexhausta fecundidade [...]*³²⁶

A fecundidade ou a futilidade da palavra é apenas um dos problemas que cercam a sua dualidade, mas esta é, em todo o caso, a sua característica proeminente. Assim como Pandora, refere Ione Marisa Menegolla, a palavra é uma dádiva que pode adquirir contornos maniqueístas:

*A palavra é uma oferta ao ser humano assim como a Pandora é uma oferta de Zeus a Prometeu [...] Tanto a Pandora quanto a palavra são atraentes, desprovidas, imediatamente de malefícios. [...] A palavra, tal qual a Pandora, apresenta-se como um bem, mas ambas são a contrapartida do mal, enquanto compromisso, dever, plenitude, obrigação, objetividade. Assim, as duas, Pandora e palavra, são a metáfora da cultura.*³²⁷

Este episódio mitológico pagão facilmente se associa ao episódio mitológico judaico-cristão em que a maçã se torna o símbolo dessas mesmas possibilidades: o bem e o mal. No contexto sinonímico da palavra, e em Rafael Bluteau, ambas se perscrutam. A palavra aparece expressivamente bifurcada, dividida entre dois caminhos, colocada na esteira da disjunção. Note-se, um dom divino “muy arriscado, e perigozo” que, por ter sido mal utilizado por Eva, é contraposto à contenção da palavra, ou ao caminho apologético do silêncio:

*PALAVRA. Corretora, e medianeira de todo o genero de negocios. Com palavras se declaraõ guerras, e se assentaõ pazes. Com palavras guerreia o amor, dá batalhas, e faz conquistas; com palavras communicã os Doutos o seu saber. * Tapeçaria historiada, figurada, na qual estando aberta, se vem as cousas, que nella representaõ, e estando dobrada, nada se enxerga. Assim o definio Themistocles. [...] * Carro, que leva os pensamentos do homem. Destes carros uns saõ carregados de mel, e saõ as palavras brandas, lisonjeiras, mentirinhas graciosas, e frases mellifluas; outros saõ carregados de*

³²⁶ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas...*, vol. I, p. 360.

³²⁷ Ione Marisa MENEGOLLA – *A Linguagem do Silêncio*, p. 67.

*vinagre, e são as palavras asperas, picantes, affrontosas, e maledicas. * Dom de Deos, particularmente ao homem, mas muy arriscado, e perigozo. Não ha cousa melhor para a tranquilidade da vida, do que o falar pouco, e o cuidar muito. O nimio falar de Eva estragou o mysterio da innocencia; o da Redempção tomou bom caminho pela vereda do Silencio: Dum médium silentium tenerent omnia, &c.*³²⁸

Não nos surpreende que a boca seja entendida como uma abertura (entra/sai) ou ainda situada entre o palácio da eloquência, aquela que persuade (verdadeira), e a cova/caverna da maledicência, aquela que gera desconfiança (falsa): «BOCA. Abertura no rosto, pela qual entra o alimento, e da qual sahe a falla. [...] Do palacio da eloquencia porta animada. Cova da maledicencia. Caverna da mentira.»³²⁹

Pandora e Eva são, de resto, elementos femininos (assim como a boca) que não escapam ao corolário da *vaniloquia*. Segundo Juan Rof Carballo:

*«La mujer hace poco y charla demasiado.» Con lo cual nada se dice de las mujeres. De lo que el héroe ha de defenderse no es del femenino parlotear, sino de la feminidad de su propio subconsciente, el cual es, las más de las veces, gárrulo y charlatán.*³³⁰

No ato primeiro da ópera iniciática de Mozart *Die Zauberflöte*, o sábio orador lembra a Tamino que «Ein Weib tut wenig, plaudert viel»³³¹, “A mulher faz pouco e fala muito”. Este mau uso da palavra, tida como característica por excelência da mulher, é para Bluteau uma escolha de Deus, baseada no carácter feminino, naturalmente falso. Por isso a mentira se define como um:

³²⁸ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 273 (PALAVRA).

³²⁹ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 89 (BOCA).

³³⁰ Juan Rof CARBALLO – *Entre el silencio e la palabra*, p. 46. Leia-se ainda sobre o mesmo assunto, no verbete («LOQUACIDADE») do *Vocabulario*: «A huma dama Castelhana, grande palreira, poz hum discreto este epitaphio: *Aqui yaze sepultada / La mas que noble señora / Que en su vida punto ni hora / Tuvo la boca cerrada; / Y es tanto lo que hablò, / Que aunque mas no ha de hablar, / Nunca llegará el callar, / Aonde el hablar llegó.*» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo V, p. 182).

³³¹ Wolfgang Amadeus MOZART – «Die Zauberflöte», I, 8, in *Livrets d’Opéra*, ed. Bilingue, 2 vols., Paris: Robert Laffont, 1991, vol. I, p. 907, no original e tradução nossa a partir da versão francesa.

*Achaque commum a todas as mulheres, porque (como advertio certo Autor) a mulher he huma mentira da natureza; no semblante promete ao homem descanço, e gosto; e he causa da mayor parte dos seus trabalhos. Depois do peccado chamou Deos ao homem, e não a mulher, por não ariscar a mulher a novos erros, e mentirozas desculpas, taõ natural he daquelle sexo a mentira.*³³²

Esta “pletora” verbal desgasta a palavra e cai no registo do *multiloquium*.³³³ Por contraponto, o mau uso do silêncio é, também, um dos tópicos desenvolvidos por Rafael Bluteau, num dos sentidos associados à palavra «MELANCOLIA. [...] Efeito de compleição adulta, o qual offusca o rosto, myrrha à carne; desterra o homem de toda a sociedade agradável, e o reconcentra dentro de si mesmo.»³³⁴ Também este apartar da sociedade, o reconcentrá-lo “dentro de si mesmo” pode atingir contornos mais extremistas, como é o caso da solidão:

*SOLITARIO. [...] Inimigo do genero humano. Homens ha cuja severa melancolia he taõ incompativel com as mais creaturas da sua especie, que de todas se apartaõ, e fogem. Todos os costumes do seu tempo lhe parecem mal; para elles toda a moda he loucura, e toda a novidade delirio. Formaõ na sua idéa modos de viver contrarios, ao uso comum [...] Sogeito, que actualmente està ou no Ceo, ou no Inferno. Na vida solitaria não ha mediania; ella he toda bem, ou toda má; tudo nella he graça de Deos, ou peccado; gosto, ou tormento; finalmente ella he ou Parayso, ou Inferno.*³³⁵

³³² Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 239 (MENTIRA).

³³³ Leia-se o verbete do *Vocabulario*, dedicado à «LOQUACIDADE, ou Locacidade. O vicio de fallar muito. Há homens, que não vivendo de ar, como o Camaleonte, continuamente tem a boca aberta, & della cahe hum diluvio de palavras, que inunda os ouvidos, & affoga a gente. Quando há trovoadas, emmudecem as rãas; estes são rãas, que em charcos de pantanosas parlendas atroão o mundo. [...] Compàra Plutarco aos loquazes com vasos vazios, que soaõ mais que os cheyos. A hum grande fallador, que depois de huma larga pratica pedio a Aristoteles, que lhe perdoasse a molestia, respondeo o Filosofo: Não tenho que perdoar, que eu não tomei sentido no que dissestes. [...] Grandes falladores são bespas, que todo o dia estão zunindo, & não fazem mel, nem cera. Homem loquaz (dizia Solon) he Cidade sem muros, casa sem porta, navio sem piloto, & cavallo sem freyo.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo V, pp. 181-2).

³³⁴ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 238 (MELANCOLIA).

³³⁵ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, pp. 353-4 (SOLITARIO).

Como Bluteau deixa transparecer, as virtudes da *bona taciturnitas* (ou da boa melancolia) podem facilmente ser convertidas num egoísmo radical, resultado da prática imoderada do silêncio. Os sentidos sinónimos da doença ou da solidão serão apenas dois dos inimigos que dão forma aos vários rostos da *mala taciturnitas*.

Nos «TERMOS Concernentes ao não falar, e guardar silencio», os dois lados da taciturnidade³³⁶ são notórios, um enquanto *virtude*, o outro enquanto *doença*:

*A taciturnidade póde ser virtude, e doença; como virtude, não só obriga a estar callado, mas tambem a não falar, se não quando convem. Taciturnidade, doença, he huma especie de insensibilidade a tudo o que se diz, e se ouve.*³³⁷

³³⁶ Leia-se sobre a questão da melancolia e da taciturnidade como uma doença, um mal, uma mania: «melancholy is a malignant sign» (HIPPOCRATES – *I IPOPPHTIKON A/PRORRHETIC I*, ed. and trans. Paul Potter, Cambridge: Harvard University Press, 1995, vol. VIII, p. 175); «confused (as in melancholy people) – in all these cases there is a very strong tendency to depression, sadness and grief.» (AVICENNA – *The Canon of Medicine*, trans. Oskar Cameron Gruner, New York: AMS Press Inc., 1973, p. 538, §§ 1103); Dom DUARTE – *Leal Conselheiro, o qual fez Dom Duarte..., seguido do Livro da Enseñança de Bem Cavalgar toda sella...*, Pariz: J. P. Aillaud, 1842 (sobretudo os capítulos: XIX «Da maneira que fui doente do humor menencorico e del guareci.», pp. 114-22 e XX «Dos aazos per que se acrescenta o sentido do humor menencorico, e dos remedios contra elles.», pp. 123-30); Timothie BRIGHT – *A Treatise of Melancholie*, London: Thomas Vautrollier, 1586; Robert BURTON – *The anatomy of melancholy*, introd. Holbrook Jackson, New York: NYRB, 1972. E sobre a questão da melancolia e da taciturnidade frequentemente associada ao génio, à loucura, à atitude do intelectual: ARISTOTE – *L’homme de génie et la mélancolie*, trad. Jackie Pigeaud, Paris: Rivages, 1988; Marsilio FICINO – *Three Books on Life (De vita libri tres)*, trans. Carol V. Kaske and John R. Clarke, New York: Renaissance Society of America, 1989; John LOCKE – *An essay concerning human understanding*, 29.^a ed., London: Thomas Tegg, Cheapside, 1841; Guillermo CULLEN – *Elementos de Medicina Prática*, trad. D. Bartolomé Piñera y Siles, Madrid: Benedito Cano, 1799 (sobre a loucura parcial vs universal/geral, ver sobretudo o «Cap. III. De la Melancolía, y de los otros tipos de locura.», tomo III, pp. 367-90, e ainda, sobre o conceito de “anergia”, a «Segunda Parte. De las Neuroses ó de las enfermedades nerviosas.», tomo II, pp. 123-30), leia-se ainda sobre este mesmo assunto o artigo de Stanley JACKSON – «Melancholia and Partial Insanity», in *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, vol. 19, April, 1983, pp. 173-84; Raymond KLIBANSKY [et al.] – *Saturne et la mélancolie: études historiques et philosophiques*, Paris: Gallimard, 1989; Michel FOUCAULT – *História da Loucura na Idade Clássica*, trad. José Teixeira Coelho Netto, 6.^a ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 1999. Sobre a história da melancolia, ver: Jean STAROBINSKI – *Histoire du traitement de la mélancolie des origines à 1900*, Bâle: J. R. Geigy, 1960.

³³⁷ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Termos proprios, e metaforicos...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 454 (TERMOS Concernentes ao não falar, e guardar silencio).

Neste ponto, interessa lembrar aqui a retórica da *brevitas* que se desvenda «assim como um meio-termo entre o *multiloquium* e a *taciturnitas*»³³⁸. Com efeito, Carlos Carreto acrescenta ainda que a técnica da *brevitas* terá encontrado, no período clássico ou central da Idade Média, seguidores afincos nas áreas da retórica e da poesia; precisamente como ponto de equilíbrio entre a verborreia e a ausência de qualquer discurso.

*Vemos assim as artes poéticas dos séculos XII e XIII silenciarem sintomaticamente a técnica da amplificatio, como se se tratasse de uma condição por de mais evidente [...] vemos então a técnica da brevitatis (ou abbreviatio) ser defendida por retóricos e poetas como um novo ideal de estilo que diverge da sua função ou utilização pelos Antigos. [...] simultaneamente contra o excesso de descrição hiperbólica ou da indefinida proliferação narrativa, que desgasta a palavra e corrompe o conto, e contra a tentação de ceder à facilidade do topos do inefável, no qual se inscreve a incapacidade do poeta e/ou a impotência da linguagem face à complexidade e heterogeneidade do real [...]*³³⁹

O ideal consistirá, por esta época, numa mediania, afastar os excessos da palavra (*multiloquium*) e, do mesmo modo, evitar o mutismo estéril (*mala taciturnitas*), provocado pela palavra impedida ou insuficiente. Uma mediania igualmente evidenciada no prólogo ao *Vocabulario* de Bluteau, num contexto distinto, porque marcado agora pela importância que a retórica barroca setecentista terá concedido à arte sinonímica e à técnica da *amplificatio*:

*Conheço, e confesso, que Sinonimos, sem prudente moderação, amontoados, embaraço a oração [...] mas não he razão, que por este inconveniente se condene o uso delles; porque no nimio, e não na mediana está o vicio [...]*³⁴⁰

Nesta moderação ou meio-termo, é visível um registo que tende para uma intenção lacónica, onde não interessará tanto “o quanto se diz”, mas “o que se diz”. A

³³⁸ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 406.

³³⁹ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, pp. 444-5.

³⁴⁰ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Sinonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, pp. 57-8.

qualidade sobrepõe-se à quantidade e manifesta-se sempre em menor número ou em menor porção. No mesmo prólogo, «Ao leitor estrangeiro», lê-se:

[...] do entendimento, que as applica, depende o valor as palavras, & assim tão proprias são muitas letras, para significarem pouco, como poucas para significarem muito [...] Mas por serem humas lingoas mais abundantes, & estendidas, que outras, não por isso sam essencialmente melhores [...]³⁴¹

A valorização da palavra em Rafael Bluteau é um tema que, para além de registar influências da sua formação jesuíta (associada à escolástica), demonstra a importância dedicada ao universo dicionarístico/enciclopédico (dito depois iluminista), onde a palavra começava a ser compreendida mediante o seu valor utilitário.

Recorde-se, novamente o *Oratorio Requerimento de Palavras*. Nele, Bluteau divide as palavras em três subclasses: «supplicantes agravadas» (as antigas), «supplicantes desconfiadas» (as usadas e nativas) e «supplicantes pretendentes» (as estranhas e peregrinas). A sua função de intermediário, entre os tempos passados, presentes e futuros, adivinha-se. Um papel que por vezes se confunde com as próprias palavras, transmitindo a ideia de uma relação muito próxima, quase de intimidade entre o emissor e a mensagem. Assim ele afirma escutar a voz que delas emana (os seus pensamentos, as suas súplicas), que ele reproduz como sujeito da enunciação: «Somos peregrinas, e vimos de longe, mas he mais suave ao longe a fragancia dos perfumes».³⁴²

Neste texto, Rafael Bluteau dá voz às letras, uma voz do silêncio extraída. Em suma, procura preencher explicitamente os maus silêncios que cercam a escrita, ao mesmo tempo que lima os excessos que deformam o silêncio.

Neste quadro, as palavras não serão excluídas, elas também entrarão em sintonia com o silêncio. O verbal/som e o pensamento/mutismo funcionarão como pilha heterogénea que atua em todas as formas de arte e nas quais a Literatura não será exceção:

³⁴¹ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, prólogo «Ao leitor estrangeiro», tomo I.

³⁴² Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 10. Este exemplo foi seleccionado (e significativamente) das palavras futuras (*supplicantes pretendentes*). Para nele fazermos notar a ousadia de Bluteau: a inclusão de um terceiro tempo. Lembremos pois que um plano como o do Dicionário da Academia de Lisboa, reconhecia apenas dois tempos (o passado e o presente). (Cf. Pedro José da FONSECA, «Planta para se formar o Diccionario...», *Diccionario da Lingoa portugueza*, publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, Tomo I, pp. I-III).

Eruditas Conferencias, são Palestras do engenho, Cortes da elegancia, e Dietas da discrição. Este intellectual exercicio se faz só com palavras, porque só a palavra he claro, e sonoro interprete do entendimento. Esta illustre prerrogativa de explicar os conceitos, e pensamentos da alma, merece toda a atenção, e artificio, com que procede a natureza na formação da palavra.³⁴³

Esta proximidade de Rafael Bluteau com a escrita traduz-se, afinal, numa aliança contínua entre o silêncio, “o entendimento”, e a palavra, seu “sonoro intérprete”. No prólogo ao leitor estrangeiro, afirma: «As palavras são espelhos do pensamento, & imagens do conceito, toda a sua excellencia he representação.»³⁴⁴ As expressões sinonímicas, referidas no artigo «PENSAMENTOS», concordam decerto com este contexto: «Operações da potencia cogitativa. Expressões do entendimento. Palavras da Alma. Vozes do coração.»³⁴⁵

Este quadro parece distanciar-se, substancialmente, da imagem atribuída à palavra atual. No artigo intitulado «Au commencement la parole», Pierre Emmanuel começa por associar a origem da palavra/linguagem à origem do homem/humanidade.³⁴⁶ Para depois acrescentar que, se a palavra é a revelação do ser, do inefável, «Le fond de l'Être, c'est le silence.»³⁴⁷ Tal é o exemplo da Bíblia, como livro secreto, e de Cristo, como homem misterioso, que revelam a palavra através do silêncio, do ser:

*Ce qui fait de l'Evangile le plus mystérieux des livres, et de Jésus le plus énigmatique des hommes, c'est leur divine simplicité, le naturel de chaque parole, de chaque geste. L'Evangile est écrit sur le silence: où que passe Jésus, il donne le silence à qui l'entend. Et ce silence est la Parole de Dieu, la présence de l'Être.*³⁴⁸

³⁴³ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 3.

³⁴⁴ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, prólogo «Ao leitor estrangeiro», tomo I.

³⁴⁵ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Sinonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 283 (PENSAMENTOS).

³⁴⁶ «En ma parole est mon humanité. [...] La Parole est le principe [...] La Parole est le monde de l'homme: l'indéfinie révélation de l'Être.» (Pierre EMMANUEL – «Au commencement la parole», in *Esprit*, n.º 9, Septembre 1957, pp. 225-6). Como reforça George Steiner: «[...] le mot est avant toute chose un acte humain [...]» (George STEINER, *Langage et Silence*, p. 13).

³⁴⁷ Pierre EMMANUEL – «Au commencement la parole», in *Esprit*, n.º 9, Septembre 1957, p. 228.

³⁴⁸ Pierre EMMANUEL – «Au commencement la parole», in *Esprit*, n.º 9, Septembre 1957, pp. 228-9.

Este género de silêncio interior, que dialoga com a palavra, representa uma realidade da qual o homem moderno parece ter-se excluído. Para Pierre Emmanuel, a era que se avizinha é a da confusão e do ruído, para trás fica a clareza da linguagem, num tempo silencioso, mas perdido. Tanto mais se pensarmos que esta desvalorização do homem e do seu ser é intensificada na atualidade pela era das energias atômicas que se sobreporia assim à era das energias do espírito:

*[...] la nouvelle ère n'est pas le nouvel homme, l'énergie atomique n'est pas l'énergie de l'esprit. Si l'homme ne commençait plus en lui-même, s'il devenait incapable de projeter sa lumière intime, incapable de parole et de communion, s'il s'exilait, si lui-même ou quelque force impensable pouvaient définitivement l'exiler de son propre coeur, tous les épiphénomènes de sa gloire passeraient avec son esprit: rien ne survivrait à son absence.*³⁴⁹

Na ausência do espírito, e na era da confusão babélica, o homem ficaria privado do seu ser, ou do seu silêncio interior que sustenta a sua existência.³⁵⁰ Para Juan Rof Carballo a palavra moderna, metáfora da má palavra, nasce invariavelmente do rumor, ruidoso e impercetível, que destrói o silêncio:

*Hoy la palabra – agrega no nace del silencio, sino del rumor, del rumor de otras palabras. El lenguaje ha de tener sentido, ha de ser algo orgánico; en cambio, la lengua del rumor, desarticulada, la de nuestros días, no tiene otra ley que la que le fuerza a desarrollarse, caótica, confusa, irrefrenable, sin significado ni sentido, destruyendo el silencio.*³⁵¹

³⁴⁹ Pierre EMMANUEL – «Au commencement la parole», in *Esprit*, n.º 9, Septembre 1957, p. 229.

³⁵⁰ «En ce silence qui le réduit à la pauvreté de sa seule nature, laquelle n'exige que l'essentiel, l'homme retrouve ce que parler veut dire. Il écoute son rythme vital, sa pulsation spirituelle. [...] Sa Parole claire et secrète, entièrement visible et transparente à l'Être [...] Par la rigueur d'un langage attentive, il accède à l'ineffable au Coeur du dire. Il dit toute chose, et lui-même, dans le silence généreux de l'Être: exactement et mystérieusement.» (Pierre EMMANUEL, «Au commencement la parole», in *Esprit*, n.º 9, Septembre 1957, p. 232.)

³⁵¹ Juan Rof CARBALLO – *Entre el silencio e la palabra*, pp. 24-5.

O rumor é assim, talvez mais do que a palavra, a antítese do silêncio. Joseph Rassam define o rumor como uma palavra infiel ao silêncio, porque desprovida da sua verdade; dela resulta um discurso difuso, impercetível, baseado no ruído:

*La rumeur est cette parole qui, au lieu de naître du silence, se nourrit seulement d'une autre parole, et qui, loin de s'interrompre pour s'accomplir dans le silence, disparaît dans son propre bruit. Dès qu'elle ne repose plus sur le silence, mais sur elle-même, la parole se transforme en rumeur. [...] parole qui se parle elle-même, la rumeur est ce discours diffus qu'on entend partout parce qu'il n'est le discours de personne. La rumeur est la parole anonyme, irresponsable, irréfléchie et impersonnelle [...] Ce bavardage infini, même quand il s'arrête, ne produit pas le silence, mais le vide et le néant. La rumeur est la parole vidée de sa substance par infidélité au silence qui soutient la parole véridique.*³⁵²

Também Ione Marisa Menegolla apresenta a palavra como “maquiagem” do homem moderno, que olvida o silêncio e encobre o raciocínio: «[...] o silêncio é atropelado e o raciocínio abafado, funcionando as palavras como maquiagens das coisas e das pessoas. Tornando-se o homem moderno, e, mais ainda, o pós-moderno o eco dessa mesmice.»³⁵³ E acrescenta, mostrando a falsa segurança das palavras que, pelo carácter repetitivo, se manifestam desprovidas de sentido: «[...] a dança das palavras encobre a insegurança. O poder contemporâneo do drible das palavras escamoteia a luminosidade original do logos heróico e do Verbo divino.»³⁵⁴

Talvez a nossa insensibilidade ao valor do silêncio justifique hoje a incompreensão do valor de Bluteau...

³⁵² Joseph RASSAM – *Le silence comme introduction a la métaphysique*, pp. 33-4.

³⁵³ Ione Marisa MENEGOLLA – *A Linguagem do Silêncio*, p. 48. Também para George Steiner, e no contexto do escritor moderno, «les mots eux-mêmes semblent avoir perdu de leur précision et de leur vitalité.» (George STEINER, *Langage et Silence*, p. 44).

³⁵⁴ Ione Marisa MENEGOLLA – *A Linguagem do Silêncio*, p. 69.

III. O TÓPICO DO SILÊNCIO: uma forma de atenção à palavra

TACITURNIDADE. Silencio. [...] Calidade, taõ boa, que atè para animaes he precisa. Passando por cima do monte Tauro, levaõ os Gansos no bico huma pedrinha, para naõ poder gasnar, e naõ ser ouvidos das Aguias.

(Rafael Bluteau, Vocabulario...)

III. O TÓPICO DO SILÊNCIO: *uma forma de atenção à palavra*

10. *A página em branco*

No *Dicionário de Iconografia*, o retrato de Rafael Bluteau apresenta sinais de despojamento realçados por Ernesto Soares «sem bigode nem barba, calvo»³⁵⁵. Uma ausência (*sem*) que vem reforçar a rejeição dos bens associados à vaidade, inclusive os acessórios capilares, tão comuns ao uso da época, mas tão frequentes no ofício espiritual...³⁵⁶

³⁵⁵ «D. Raphael Bluteau Desenho de J. P. de Sousa gravura de Coelho – Dim. – 110 x 121 cm. Do 3.º vol. do *Archivo Pittoresco*. Há um retrato na B.N.L. e outro na Imp. Nac., ambos a óleo.» (Ernesto SOARES e Henrique LIMA – *Dicionário de Iconografia Portuguesa: retratos de portugueses e de estrangeiros em relações com Portugal*, Lisboa: Instituto para a Alta Cultura., 1947, vol. 1, p. 190); sobre J. P de Sousa, leia-se: «SOUSA (Joaquim Pedro de) – Gravador de buril, mestre de gravura histórica. N. 1818 e F. 1878.» (*Idem*, vol. 3, pp. 361-2, §§ 3134); e sobre Coelho: «COELHO (Cláudio) – Pintor. N. em Madrid, em 1621, onde F. em 1693.» (*idem*, vol. 1, p. 318, §§ 752). V. *Padre Rafael Bluteau*, Visual Gráfico, Lisboa: Biblioteca Nacional, imp. 1981. (disponível on line: <http://purl.pt/23298/1/P1.html> última consulta em 15-10-2012).

³⁵⁶ O valor da barba «Símbolo de virilidade, de coragem, de sabedoria.» é associado à virtude do cabelo e seus sinais de força, virilidade e aristocracia. O paradigma monástico apresenta um ideal de vida despojado de tais virtudes, o corte é tido como um sacrifício, uma abnegação da força/virilidade, da prioridade aristocrata, da própria personalidade/identidade. Naqueles que ingressam nas ordens monásticas assentua-se o desejo de passarem despercebidos (no mundo terreno), de caírem num humilde anonimato... «Os cabelos representam, na maioria das vezes, algumas virtudes ou certos poderes do

Quando visualizamos o dito retrato, num ato que pressupõe, lembre-se, uma simbiose entre o silêncio do olhar e o silêncio da tela, podemos vislumbrar, no homem representado, o gesto que sustenta, na perceptível delicadeza das mãos, o livro e a pena, emblemáticos de erudição. É estranho. O livro está paradoxalmente em branco, sem palavras, em silêncio. Mas aberto, pronto a ser fertilizado, com as palavras, ou renunciando já a livre doação do seu conteúdo. Não podemos deixar de relacionar tal retrato com uma leitura da obra de Bluteau e, muito em especial, do *Vocabulario*.

Também no «Vocabulario de Sinonimos», o papel representa a matéria-prima, multifacetada pela diversidade de assuntos. O recetáculo silencioso da pluralidade da palavra. A sepultura do esquecimento:

*PAPEL. Campo aberto a todo o genero de leituras. Candido receptaculo de toda a escritura. Depositario de todos thesouros da erudicção. [...] Memorial da memoria. Sepultura do esquecimento. Materia prima para livros. Cõstitutivo de livrarias. Cabedal de livreiros. [...] Secretario de todos os arcanos impressos, ou escritos. Thesoureiro de todos os letrados. Embaixador dos auzentes. Substituto dos mortos. Lingua dos Escritores, e fallador sem lingua. [...] Firmamento, em que as palavras se fixaõ, e permanecem os discursos. Espelho, em que se faz visivel o pensamento. [...] Ecco prodigioso, que tacitamente repete tudo o que se lhe comunica. Theatro, em que fazem todos os Autores com a mesma materia diferente papel. Milagrozo representante, que com vogaes, e poucas mais consoantes expõem à vista os vocabulos de todos os idiomas do Mundo. [...] Finalmente Proteu, naõ fabuloso, para o bem commum, em mil formas se transfigura, e com diferentes nomes se distingue de si mesmo, e se divulga.*³⁵⁷

Neste sentido, ressalve-se a relação entre o conteúdo significativo da escrita e conteúdo material do papel, esse «Candido receptáculo». A sacralidade da escrita não deve deixar de ser sublinhada. Até porque está longe de ser um tópico da época. Para

homem: a força, a virilidade, por exemplo, no mito bíblico de Sansão. [...] Cortar os cabelos correspondia não só a um sacrifício, mas também a uma rendição voluntária ou imposta às virtudes, às prerrogativas, enfim, à sua própria personalidade. Encontram-se traços disto mesmo [...] no facto de um pouco por todo o lado a entrada no estado monástico implicar o corte dos cabelos [...] nos textos insulares o uso dos cabelos compridos marca a qualidade aristocrática ou real. Os servos ou os inferiores é que usam cabelos curtos [...] Na prática da Igreja cristã [...] os eremitas deixavam crescer o cabelo. [...] Em contrapartida, os que entravam numa ordem religiosa, homens ou mulheres, eram tonsurados, em sinal de penitência.» (Jean CHEVALIER e Alain GHEERBRANT, *Dicionário dos Símbolos*, pp. 115 e 137-39).

³⁵⁷ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Sinonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 275 (PAPEL).

Paul Claudel, a página é o diálogo entre o espaço impresso (justificação) e o espaço em branco (margem). A palavra escrita depende do “campo magnético do silêncio”, por ele é atraída, a ele se associa, nele sobrevive:

*La page d'un livre consiste essentiellement en un certain rapport du bloc imprimé, ou justification, et du blanc, ou marge. Ce rapport n'est pas purement matériel. Il est l'image de ce que tout mouvement de la pensée, lorsqu'il est arrivé à se traduire par un bruit et une parole, laisse autour de lui d'inexprimé, mais non pas d'inerte, mais non pas d'incorporel: le silence environnant d'où cette voix est issue et qu'elle imprègne à son tour, quelque chose comme son champ magnétique.*³⁵⁸

A fecundidade linguística (a palavra), que invade a página em branco (o silêncio), terá sido uma relevante imagem das obras de Bluteau. Na censura às *Prosas*, afirma Frei José de Santa Rosa, Qualificador do Santo Ofício, evocando S. Cipriano:

*[...] como S. Cypriano diz, que tambem as obras tem sua lingua, e tanta fecundiano dizer, que fallaõ ainda quando está callado o Author [...] todas as obras, que o Reverendissimo Padre tem dado ao Prélo, saõ linguas, que todas fallaõ [...]*³⁵⁹

A obra mágica fala, mesmo quando em silêncio está o seu autor, ou o seu livro. No dito quadro de Joaquim Pedro de Sousa, Rafael Bluteau segura o livro e a pena com firmeza. Um retrato precisamente contrário ao elogio sobre ele feito aquando da sua morte: a metáfora do livro que se fecha, «[...] que se fechou já aquelle vivente livro, que aberto, nos dava a ler nos seus documentos as noticias mais uteis à nossa

³⁵⁸ Paul CLAUDEL – *Positions et propositions: art et littérature*, 6^{ème} ed., Paris: Gallimard, 1928, p. 120.

³⁵⁹ Censura do Frei Joseph de Santa Rosa (Rafael BLUTEAU, *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. XXV). Note-se sobre o assunto a relação de S. Cipriano com a magia, o oculto, v. *O Grande livro de S. Cypriano...*, 3 vols., Lisboa : J. Andrade & Lino de Sousa, [18--], (disponível on line: <http://purl.pt/16504/1/> última consulta em 13-09-2012). Nas suas *Prosas*...Bluteau, apesar de não fazer referência a este livro, cita várias vezes este autor, e sobretudo os seus *Sermões*, v. vol. I, pp. 207 e 217, vol. II, p. 92.

erudiçam»³⁶⁰. Ou da mão que larga a pena e para de escrever: «[...] atenuadas totalmente as forças do corpo, largou da mão a penna»³⁶¹.

No quadro (representativo do poder “realista” da arte pictórica), nas mãos do homem posto em silêncio, o livro permanece aberto, vivo. Entre a vida e a morte, um outro oxímoro nos parece possível, o da dualidade expressa nas duas metades do livro «fallaõ, e se callaõ quando queremos»³⁶², assim como no próprio instrumento da escrita (*penna de escritor*):

** Lança de Aquilles, que sabe ferir, e sarar no mesmo tempo. * Instrumento para voar, e cair. Poderá a mesma penna levantar se sobre as Esferas, e dar consigo nos mais profundos abysmos. * Pincel milagrozo, que com lagrymas sabe reprezentar alegrias, e com negros caracteres a mais candida innocencia.*³⁶³

Nos dois lados, porém, as páginas continuam em branco e é no silêncio que elas retomam a ligação. Sobre o poema visual de Heinz Gappmayr, intitulado *Stille*, adiantaria semelhantemente Alberto Pimenta:

*[...] numa página branca, rigorosamente dividida em duas metades por um risco vertical, surge, na metade da esquerda, o símbolo que significa ‘silêncio’, ‘tranquilidade’, ‘serenidade’, (stille). Mas acontece que é a sua presença que destrói o silêncio, a serenidade, a tranquilidade desta metade da página. Não é verdade que a tranquilidade se encontra apenas na outra metade, na metade branca, naquela em que habita o silêncio? Naquela, em suma, que não foi violada pela palavra?*³⁶⁴

Diríamos, neste contexto, que, no livro de Bluteau, ambas as partes estão intactas, salvaguardadas por um silêncio permanente e tranquilo, onde não há lugar para a palavra e tudo o que de profano e violento ela possa implicar. A imolação da palavra

³⁶⁰ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 2.

³⁶¹ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, p. 315.

³⁶² Rafael BLUTEAU — «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 225 (LIVROS).

³⁶³ Rafael BLUTEAU — «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 282 (PENNA DE ESCRITOR).

³⁶⁴ Alberto PIMENTA — *O silêncio dos poetas*, pp. 177-8. Ver ainda, sobre este assunto, o poema visual de Gappmayr, *Silence*, 2006.

comprova-se nas duas metades do livro, em ambas é o silêncio que destrói a palavra e, neste sentido, seria ele o único transgressor.

Este silêncio dominador é também um silêncio aberto que se mostra apto a receber a escrita ou a arte literária. Induz-se pois uma obra contínua, que rejeita o simples e espontâneo ato de se fechar, ou não estivesse na sua natureza contornar os danos que podem causar o esquecimento histórico da literatura.

O esquecimento, ausência de lembrança, é um modo de silêncio, esse corolário humano que tende para uma consciência amnésica. «É no silêncio que a amnésia começa o seu inexorável trabalho.»³⁶⁵, afirma Fernando Gandra, e se pensarmos nos silêncios que fragmentam a história universal, veremos como o resultado não será muito diferente. Confirma-o Levi António Malho:

*Para trás dos 40.000 anos, a cegueira aumenta e os dados diminuem. 100.000 anos para o “Sapiens-Neandertal”, três a dez milhões de anos para a Antropogénese, a passagem da floresta à savana, “Erectus”, “Habilis”, “Ramapitecus”, pequenas luzes na grande noite. Só memória de palavras talvez ditas, só crescimento do Silêncio!*³⁶⁶

O panorama adensa-se, quando damos conta de que todos os mecanismos, encontrados pelo homem, para contornar o esquecimento – seja uma página em branco (infinita), seja uma página escrita (finita) – terminam nesse cemitério final, nessa morte amnésica, porque «neste jardim último, não há pequeno e grande infinito. Em qualquer dos casos a fechadura dá duas voltas sobre o condenado ao esquecimento por mais que tenha feito ou prometido.»³⁶⁷

O contexto de Rafael Bluteau está ainda muito distanciado deste ceticismo ou desta falta de estímulo. O esquecimento, entendido como morte ou finitude de todos os esforços, de todos os feitos, não se ajusta à tópica da eternidade da escrita, pontualmente abordada por Bluteau. Nele, sobrepondo-se ao desejo de alcançar a fama, o interesse de muitos religiosos letrados, ouvir-se-á o mais profundo silêncio, o silêncio religioso, o silêncio do sagrado, o silêncio em que labuta o cientista ou o teólogo, afinal irmanados na busca de Deus.

³⁶⁵ Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 247.

³⁶⁶ Levi António Duarte MALHO – *As origens do silêncio: Sobre o que não sabemos*, Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1998, p. 26.

³⁶⁷ Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 251.

[...] *tambem nos retiros do mais religioso silencio, penetrou o desejo de ter nome, principalmente nos Religiosos, que cultivão as letras, porque cousa dura he, ser douto, e ser ignorado; trazer livrarias na memoria, e não ser lembrado; ter os olhos abertos nas materias, e ficar às escuras; finalmente saber fallar, e não ser fallado [...]*³⁶⁸

Uma fama eterna, porque inscrita, gravada, marcada pela escrita que anula o silêncio solitário da mortalidade. Pelas *azas da fama* voava o poeta Quinto Ênio, graças a ela, à ortografia:

*Ella não só vive nos dominios da morte, mas nelles dá vida aos mortos. Na realidade, que outra cousa são elogios sepulchraes, que principios de nova vida nos sepultados? No seu epitafio diz o Poeta Ennio: Ninguém me chore [...] ninguém com funebres memorias me honre [...] não morri, não, ando nas azas da fama voando por este Mundo [...]*³⁶⁹

Simbolicamente, tal voo, eterno, permanente, deve-se ao poder da palavra escrita, ou do seu instrumento material: a pena do escritor, essa «Agulha de Deosa das letras Minerva, que sabe pespontar o manto á Fama dos mais illustres varões do Mundo.»³⁷⁰ Um voo sólido, porque destinado à lembrança, contrário ao voo da palavra dita, condenada ao esquecimento: «Com a penna as cousas successivas se fazem permanentes, porque o fallar, que com o tempo foge, e voa, por meyo da penna fica parado, e do papel, em que està preso, se não aparta.»³⁷¹

Esta é também uma diferença assinalada no contexto da temática antigos vs modernos. Bluteau contrapõe o uso do *stylus*, o ponteiro de ferro que simboliza a solidez, a razão e o valor da escrita antiga, ao uso da pena, *leve, e aerea*, que representa a falta de autenticidade e o excesso de vaidade da escrita atual:

Com ponteyro de ferro, chamado Stylus, escreviaõ os Antigos, por ventura porque se não eraõ os seus escritos taõ ornados como os nossos, eraõ mais solidos, e não se deixavaõ

³⁶⁸ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 122.

³⁶⁹ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. II, p. 181.

³⁷⁰ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino....*, Supp. II, p. 282 (PENNA DE ESCRITOR).

³⁷¹ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino....*, Supp. II, p. 282 (PENNA DE ESCRITOR).

*facilmente torcer da paixão, nem do interesse, hoje tanta materia leve, e aerea com que se ha de escrever; senão com pennas? A conveniencia as dobra, e a vaidade as leva.*³⁷²

11. O tesouro alquímico

Note-se, de modo perfuntório, a analogia que Matthew Battles tece entre a alquimia e os livros, valendo-se das considerações de Roger Bacon:

*A exemplo de outros filósofos do final da Idade Média, Roger Bacon afirmava que há três tipos de substâncias com as quais podemos fazer magia: a herbácea, a mineral e a verbal. Com suas folhas feitas de fibra vegetal, suas tintas de vitríolo verde e fuligem, e suas palavras, os livros são uma amálgama dessas três substâncias.*³⁷³

Uma outra leitura nos parece, contudo, possível em Bluteau. Uma amálgama de três substâncias mágicas, certamente, mas também, e novamente, com um *tertium genus* que supera ou transforma a oposição, um $2+1=3$. No reino vegetal e no mineral, assim como nas folhas de papel e nas tintas, o silêncio é preponderante. A este reino se associam as palavras, que preenchem o silêncio, não como um mero processo de contrariedade, mas de continuidade. De tal combinação resultará, assim o livro, um *tertium genus*, igual à soma do silêncio mais a palavra: silêncio + silêncio (2) + palavra (1) = livro (3). O reino do silêncio manteria, segundo o pressuposto, o dobro da importância, o que nos colocaria a hipótese de ser considerado como a substância (mágica) mais eficaz.³⁷⁴ Do estado sólido, visível, ao gasoso, impercetível.

³⁷² Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, pp. 282-3 (PENNA DE ESCRITOR).

³⁷³ Matthew BATTLES – *A conturbada história das bibliotecas*, p. 16.

³⁷⁴ Não será por acaso que miticamente a *razão* (“Nous”) nasce da união entre um silêncio feminino (“Sige”, silêncio) e um silêncio masculino (“Bythos”, as Profundidades) (Cf. Carreto, *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 279). A palavra, o *logos*, é essa ordem primeira, racional, criada a partir do silêncio, ou dos silêncios divinos que instauram o *mythos*.

Assim se refere Bluteau ao trabalhoso processo da elaboração do *Vocabulario*. Enquanto livro empreendido, segue o método utilizado no processo (al)químico da “arte destilatória”. Em ambos, será árdua e penosa a extração da essência, a partir da existência das substâncias ou dos vocábulos:

*Na Arte destillatoria custaõ muito os Extractos; exhalase, convertese em agoa o vapor; chora o lambique, & com muitas lagrimas recolhe o Recipiente pouca essencia. Compor Vocabularios, he fazer extractos de palavras, acendese com curiosidade o desejo de saber, fervem ao Autor os miolos, sualhe o topete, & depois de muita lição, apenas acerta com a genuina significação de hum vocabulo, tenue fruto, pobre Elixir, & leve substancia do laborioso estudo.*³⁷⁵

Nas *Prosas*, o silêncio parece estar intrínseco no livro, nomeadamente quando Bluteau estabelece a comparação entre a dedicatória de um livro e a entrada de um templo: «A Dedicatória de hum livro he como o frontispicio de hum Templo»³⁷⁶. Tal analogia permite-nos deduzir o paralelismo entre Livro e Templo. Este local, também ele de mãos dadas com o silêncio, sobrevalorizará a palavra, soerguendo-a à escala do sagrado, do divino. O livro, uma amálgama (mais complexa afinal) entre o secreto, o silêncio, a palavra, o templo, o sagrado e, ainda, o tesouro. *Thesaurus*, eis o título dado a Dicionários e Enciclopédias. Género simultaneamente mais próximo dos desígnios de Deus e mais próximo do *Vocabulário*, nas próprias palavras de Bluteau:

*Tantos frontispícios de livros, com titulos de thesouros: Thesaurus linguae Sanctae de Pagnino: Thesaurus linguae Latinae de Roberto Estevão: Thesaurus Medicinae de Burnetto: Thesaurus Catholicus de Coey: Thesaurus Moralis de Labata: Thesaurus Ecclesiasticus de Leonis; e mil outros thesouros em idiomas Europeos [...]*³⁷⁷

O *topos* dos livros como tesouros estará invariavelmente na razão de ser das bibliotecas universalistas. Bluteau também deixa transparecer esta intenção quando concebe a ortografia como um tesouro público, de todos, a ser partilhado, por todos, não devendo ser guardado por medo ou egoísmo como os privados. A valorização do

³⁷⁵ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino*..., prólogo «Ao leitor impaciente», Tomo I.

³⁷⁶ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. IX.

³⁷⁷ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. II, p. 179.

património textual escrito não poderia ser contrário às ideias de riqueza, de abundância, de património que tão associadas estão à designação de *Thesaurus* de uma comunidade:

*Como o imperio da Orthografia he universal, em toda a parte tem a Orthografia thesouros, com esta singularidade, que ordinariamente os que tem thesouros, os escondem, e os enterraõ; e a Orthografia publica os seus thesouros, e os manifesta.*³⁷⁸

Não é pois por acaso que esse *topos* se inscreve na tópica da memória, agilidade, *ergo* da Retórica. A escrita estará intimamente relacionada com a memória do mundo. Somente a escrita poderá conceder à memória do homem a tão pretendida eternidade. Ela será o seu tesouro, ou parafraseando Alberto Manguel, o trunfo que o homem encontrou, para poder vencer os limites da sua memória cerebral.³⁷⁹ Amiudamente usa Bluteau essa metáfora para designar quer o entendimento quer a memória, «Thesoureira, e Guarda dos sentidos»³⁸⁰, como duas faces da mesma moeda:

*Saber o Mundo (diz o poeta Manilio) he possuillo; porque he comprehender com o entendimento, e conservar no thesouro da memoria tudo o que nelle dispoem, e obra a natureza. Esta he a mayor das riquezas [...] Se a interpretação de hum sonho lhe valeo a Joseph o Vicereynado do Egypto, que honras não merceráõ tantos Sabios, que com suas obras illustraraõ a Patria, e ensinaraõ o Mundo?*³⁸¹

A escrita de cada língua universaliza os seus livros, como, na metáfora, o sábio abre mão dos seus tesouros. Nada nos surpreende pois que, sobre a simbologia da biblioteca, se afirme: «A biblioteca é a nossa reserva de saber, como um tesouro disponível».³⁸² Ou que, se pensarmos nas palavras de Monterroio Mascarenhas, por ser sábio, Bluteau seja considerado o «vivente livro»³⁸³ o «inestimavel thesouro»³⁸⁴.

Todo este contexto escapa ao perigoso terreno da bibliocleptomania, tópica que tem também alguma tradição literária. Recordemos a história do Conde Libri, o arrojado

³⁷⁸ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. II, p. 179.

³⁷⁹ Cf. Alberto MANGUEL – *Uma História da Leitura*, p. 186.

³⁸⁰ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 238 (MEMORIA).

³⁸¹ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 86.

³⁸² Jean CHEVALIER e Alain GHEERBRANT – *Dicionário dos Símbolos*, p. 121.

³⁸³ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 2.

³⁸⁴ Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS — «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 11.

ladroão de livros, vestido «com uma capa enorme debaixo da qual escondia os seus tesouros»³⁸⁵ ou (se preferirmos recuar ainda mais no tempo) contornando o *topos* do trapaceiro Neleu que, por ter enterrado os valiosos livros de Aristóteles que possuía, privou até os herdeiros da sua riqueza.³⁸⁶ Tal “enterro”, lembre-se, condenará o livro à perda, ao silêncio do não-dito. Mas justificará, igualmente, um medo arrojado, manifestado pela humanidade, ao longo da história da civilização ocidental, o medo de perder a memória e que se traduzirá numa procura contínua de livros singulares, edições desaparecidas, textos malogrados.³⁸⁷

O assunto parece ter também seduzido Rafael Bluteau. Ele lembra, por exemplo, o «Tratado da natureza dos peixes, e a Tragedia de Medea»³⁸⁸ de Ovídio, ou a obra de Corvino³⁸⁹. Sensível ao desaparecimento ou à destruição de livros, ele acredita que ambos representam uma perda colossal para a humanidade. Com o exemplo do desafortunado livro de medicina do rei Salomão, ele toca paradigmaticamente os seus leitores, já que a lição será bem dolorosa ao homem em geral: perceber até que ponto desperdiçamos por ignorância ou perdemos por avareza. O seu objetivo será confrontar os homens com as atrocidades cometidas ao livro, causadas pela inveja. A mesma que impede a evolução de um mundo (futuro) que depende não apenas de um presente, mas também de um passado. Não será por acaso que o ensino e a prática da medicina são aqui referidos. Quase um século depois, ainda Ribeiro Sanches, Verney e Manuel Bezerra lutavam pela dignidade da profissão, sobretudo da de cirurgião, confundida com a de barbeiros e habilidosos³⁹⁰. No final do século XVII, muitos eram os judeus

³⁸⁵ Alberto MANGUEL – *Uma História da Leitura*, p. 246.

³⁸⁶ Cf. Luciano CANFORA – *A Biblioteca Desaparecida*, trad. Federico Carotti, São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 50.

³⁸⁷ Sobre tal matéria refira-se o interessantíssimo livro de Stuart KELLY – *The Book of Lost Books*, London, Penguin Books, 2005, trad. Brasileira *O Livro dos Livros Perdidos*, de Ana Maria Mandim, Rio de Janeiro, Record, 2007, com referência aos livros perdidos de quase uma centena de autores, quase todos canónicos. Não é por acaso que quase todas são histórias de maldade, inveja ou ignorância e poucas perdas se devem ao puro acaso.

³⁸⁸ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 337.

³⁸⁹ Marco Valério Corvino terá escrito ensaios sobre gramática e terá dedicado um livro a cada uma das letras do alfabeto, «*vinte e dous livros de Orthografia*», segundo Bluteau, todos os seus trabalhos ficaram perdidos. (Cf. *Prosas Portuguezas*..., vol. II, p. 179).

³⁹⁰ «Principiei a gostar das boas letras, provi-me de livros de outras naçoens, busquei mestres estrangeiros, e fui-me desenganando de que havia mais mundo, que Portugal, e que em muitas materias de

que frequentavam a faculdade de medicina em Coimbra, mas, para os cristãos, uma suspeição de heresia maculava tal curiosidade pelo corpo e pelo seu funcionamento “mecânico”. Não será por isso pouco ousada esta comum referência à sabedoria científica dos que estudavam a anatomia e se interessavam pela ação química das plantas.

*Antigamente fizeraõ os Reys gala de professar Medicina. ElRey Salamaõ, por antonomasia o Sabio, compoz hum livro das virtudes de todas as plantas, e hervas medicinaes; e para fazer publico o uso delle, o mandou depositar no Templo; mas ElRey Ezechias, receoso de que livro taõ salutifero chegasse a ser idolatrado do seu supersticioso Povo, o mandou tirar, e se perdeu em hum só livro a noticia das armas, com que poderia o homem combater, e desbaratar os inimigos, que com intestinos desconcertos lhe fazem guerra, para lhe tirar a vida.*³⁹¹

Note-se, e para fazer publico o uso delle, o mandou depositar no Templo. Também aqui se pressente a crítica à inveja, à cobiça, à vulgaridade, que calam ou silenciam os livros (o silêncio do não-dito). O saber é dado à partilha, ao “comércio dos livros” como se dirá amiúde no século XVIII³⁹², e não apresenta perigos de corromper a raridade e o silêncio dos livros (o silêncio do dito).

Chirurgia, Portugal não era o mais douto Reyno do Mundo.» (Manoel Gomes de LIMA – *Reflexeons Criticas sobre os Escritores Cirurgicos de Portugal... Reflexam 1 que comprehende o Universal, e parte do Livro Primeiro de Antonio Ferreira Lisbonense, Recitado publicamente na Real Academia Medico-Portopolitana Por seu secretario...*, Salamanca, Off. Eugenio Garcia Honorato, e S. Miguel Impressor de la Universidad, [1752], Prologo).

³⁹¹ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. II, pp. 265-6.

³⁹² Sobre o assunto, leia-se: John LOCKE – «Chap. V. Of Property», *Second Treatise of Government*, ed. C. B. Macpherson, Indiana: Hackett Publishing Company, 1980, pp. 18-30, §§ 25-51; VOLTAIRE – «X. Lettre sur le Commerce», *Lettres Philosophiques*, Amsterdam: Chez E. Lucas, 1734, pp. 42-3; Denis DIDEROT – *Lettre sur le Commerce de la Libraire*, Paris: Libraire de L. Hachette, 1861; P. A. Correia GARÇÃO – «Oração Terceira», *Obras Poeticas*, Lisboa: Regia Officina Typografica, 1778, pp. 365-74 (recitada na Conferência da Arcádia Lusitana no dia 4 de Março de 1763); Adam SMITH – *An Inquiry into the nature and causes of the wealth of nations*, 3 vols., London: A. Stranan, T. Cadell and W. Davis, 1799 (para o conceito de “comércio livre” v. sobretudo o vol. 3); Edmund BURKE – *Works II*, Boston: Charles C. Little and J. Brown, 1839 (v. sobretudo «A letter from Mr. Burke to the Sheriffs of Bristol, on the Affaires of America», pp. 87-134, e «Speech on presenting to the House of Commons, a Plan for the better Security of the Independence...», pp. 151-232); Thomas PAINE – *Rights of Man*, ed. Hypatia Bradlaugh Bonner, London: Watts & Co., 1906.

É certo que esta dimensão vulgarizadora da cultura livresca, ao assumir os livros ou o conhecimento como um tesouro público, ignora ainda explicitamente o problema da proliferação livresca. Como refere Roger Chartier:

*[...] à medida que o texto impresso se tornara menos raro, menos apreendido, mais comum. [...] Às leituras distintas e aos livros cuidados opõem-se de ora avante os impressos apressados e os decifradores desajeitados.*³⁹³

O americano Washington Irving alertará, no século XIX, para esta vulgarização desmedida e apressada. Preocupado com os problemas da biblioteca moderna, ele saberá que a tópica dos livros como tesouros pertencerá às bibliotecas do mundo antigo. O seu tempo será o da proliferação dos livros e com esta será difícil manter a preciosidade dos mesmos.

*No século XIX, porém, a proliferação dos livros em gênero e número fez com que a biblioteca se transformasse de templo em mercado, de cânone em cornucópia.*³⁹⁴

Certamente se poderá já fazer um levantamento desta tópica, a desvalorização do livro, ainda no século XVIII.³⁹⁵ Contudo, no século XVII, Bluteau estaria muito longe

³⁹³ Roger CHARTIER – *A ordem dos livros*, Lisboa: Veja, 1997, p. 31.

³⁹⁴ Matthew BATTLES – *A conturbada história das bibliotecas*, p. 122.

³⁹⁵ Leiam-se as preocupações pressentidas por José Agostinho de Macedo: «He tão prodigiosa a multidão de livros, que tem apparecido ha dois Seculos, e que continuamente vão apparecendo, que não ha Bibliotheca, por vasta que seja, que os contenha todos, e como os Auctores se persuadem que o Público os aceita favoravelmente, não se canção de os compor. Muitos ateimão em escrever, ainda que saibão, que o mais longo caminho que deve fazer seu livro he da Prença para a Sepultura.» (José Agostinho de MACEDO – *Obras de Horacio, traduzidas em verso portuguez por... Os quatro Livros das Odes, e Epodos*, Lisboa: Impressão Regia, 1806, tomo I, p. V); «O conhecimento dos livros, ou a Bibliografia, nunca foi tão necessaria como agora; mas agora é immensa, são precisos até preliminares de annos para entrar nos umbraes deste infructuoso Santuario [...] Com effeito se se não empunha o inexoravel ferro para este desbaste, se se continúa a dar huma livre carreira à mania da impressão de quanto cabe em letra redonda, não será cousa muito provavel, e até infallivel, que a República das Letras se affronte de todo, se abafe, e se opprima, ou succumba de todo debaixo do enorme, e infinito pezo de seus males?» (José Agostinho de MACEDO – *O Espectador Portuguez, Jornal de Litteratura, e de Critica...*, Lisboa: Impressão de Alcobia, 1816-1817, p. 197). Leia-se ainda, sobre o futuro do livro e sua crise, Umberto ECO e Jean-Claude CARRIÈRE – *A Obsessão do Fogo: Conversas conduzidas por Jean-Philippe de*

de imaginar os problemas que advêm deste género de vulgarização do impresso, longe das antecipadas preocupações de Irving, longe da proliferação livresca que, como uma torrente, despoletará nos finais do século XVIII e se acentuará no século XIX, derrubando a sumptuosidade e até a sacralidade do livro. Para Bluteau, a biblioteca ainda será um templo e não um mercado, os seus livros ainda tesouros e não mercadorias.

*As bibliotecas estavam abarrotadas, tão cheias que, no final do século XIX, alguém seria facilmente levado a pensar na possibilidade de encontrar um volume de sua autoria nas estantes. No século precedente, Jonathan Swift ainda podia vislumbrar a biblioteca como palco cheio de personagens, cujos nomes tinham toda grande importância. A biblioteca era uma espécie de mosteiro, no qual uma pequena elite de textos marcava o ritmo das orações, balançava os turbulos e entoava num cantochão o grande diálogo dos séculos.*³⁹⁶

Estes livros de que fala Bluteau ainda dialogam com o silêncio, encontram-se imunes ao rumor da proliferação, aos ruídos do mercado editorial. Neles não há lugar para descuidos ou imperfeições, porque o rebuliço das palavras instalou-se lá fora. Cá dentro, as palavras ainda são escolhidas, organizadas, para que, fundidas no silêncio possam revelar a sua genuinidade, a sua singularidade. Neste contexto, são significativas as palavras do médico e ensaísta espanhol Juan Rof Carballo quando sobre uma edição cuidada, especial como um tesouro, recorda mais do que afirma:

*También en una edición cuidada nos encontramos con los silencios rodeando a las palabras, entremetiéndose por sus entresijos, haciendo brillar sobre el hermoso papel las sílabas, en todo su misterio original. No soy yo el primero que hace esta comparación entre las márgenes amplias del «libro cuidado» y el silencio.*³⁹⁷

Para este académico (membro da Real Academia de Espanha), considerado o pai da medicina psicossomática, as edições que investem no papel cuidado podem, algumas vezes, degenerar em ostentação e faustosidade. Outras porém, e nas demais vezes,

Tonnac, trad. Joana Chaves, Lisboa: Difel, 2009. Sobre a história do livro, v. Yves DEVAUX – *Histoire du Livre, de la reliure et du métier relieur au fil des siècles*, Paris: Technorama, 1983.

³⁹⁶ Matthew BATTLES – *A conturbada história das bibliotecas*, p. 122.

³⁹⁷ Juan Rof CARBALLO – *Entre el silencio e la palabra*, p. 63.

podem adquirir contornos mais profundos, uma vez que preservam as propriedades mágicas da palavra, ou o seu efeito sobrenatural de encantar:

*Algo similar ocurre con el misterio de la palabra en las ediciones de soberbio papel y cuidados márgenes en blanco. Puede ser, si el texto es mísero, grotesca inflación de vanidoso. Pero otras veces – afortunadamente las más de ellas – este «lujo» del texto cuidado tiene una significación profunda: la de volver visible y hasta tangible, como lo hacía el silencio en el místico y en el sabio, el espacio donde resuenan en inarticulado murmullo los iniciales balbuceos, el cauce formado por mil recónditos riachuelos invisibles sobre el que las palabras despliegan su poder de encantamiento.*³⁹⁸

Como tal conclui ele, relativamente ao livro cuidado, que todo esse espaço branco que o envolve (o do papel) não será um mero ornamento, mas precisamente o suporte da palavra, o lado indizível que lhe é essencial. Palavra e silêncio, construção e desconstrução, fariam assim parte de um processo combinatório natural e espontâneo:

*Hemos llegado a las últimas páginas del libro lujoso [...] «cuidado». Vastas superficies blancas, llanuras silenciosas de inmaculado papel. Los ecos de la lectura se van amortiguando sobre estas playas vacías de las hojas en blanco. Grandes capas de silencio que alguien pensará son somero ornamento del libro. ¡Grave equivocación! Ellas señalan que el límite a que toda palabra aspira es lo indecible. La palabra, que al nacer siempre asesina un poco lo que ha querido decir, tiene, para acabar de decirlo todo, que morir en silencio. Sólo este juego de destrucción y creación, como el de la Naturaleza, vuelve a la palabra viva y reveladora.*³⁹⁹

Mas, quer em Bluteau quer em Rof Carballo, toda esta preciosidade revela por consequência a fragilidade do tesouro. Não há imunidade segura contra a destruição. Seja ela provocada por naufrágios, terremotos, incêndios, pelo próprio tempo, ou acalentada pela maldade, inveja ou ignorância.

Francisco Xavier de Menezes lembra, a propósito, o volume de censuras de Rafael Bluteau, aquando o seu cargo de Qualificador do Santo Ofício. Um livro perdido, danificado pela água, e que, entre outros testemunhos, terá “apagado” uma dita apologia ao padre António Vieira:

³⁹⁸ Juan Rof CARBALLO – *Entre el silencio e la palabra*, pp. 64-5.

³⁹⁹ Juan Rof CARBALLO – *Entre el silencio e la palabra*, pp. 66-7.

*No primeiro emprego de Qualificador temos nos melhores livros as mais doudas Censuras, que juntando-se com curiosidade, podem reparar parte da perda, que o mar causou em um volume, donde de França na sua ultima viagem para Portugal, as tinha junto; mas não veremos as que se não publicaraõ, e entre ellas, a larga, e excelente Apologia, com que defendeo ao incomparavel Padre Antonio Vieira, fazendo segunda vez triunfar as suas cinco pedras do Gigante da inveja, que não he menos formidavel, que o que venceo David.*⁴⁰⁰

Escusado será lembrarmo-nos aqui da catástrofe natural que se abateria depois sobre a biblioteca privada dos Condes da Ericeira. Ironicamente, com ironia trágica, também esta perecerá no fogo: o incêndio que terá deflagrado após o terramoto de 1755.⁴⁰¹ Um desvio deste destino, ou um resultado sobrevivente, simbolizará a estima e representará a preciosidade que o bibliófilo, das Noites de Insónia de Camilo Castelo Branco, guardará como um vestígio raríssimo do sonho:

*Tenho a satisfação de possuir um folheto raríssimo que meu avô conseguiu salvar no incêndio da livraria do conde da Ericeira, em 1755. É conhecido outro exemplar no Museu Britânico. E eu prezo-o tanto que não me desfiz dele, quando me ofereceram em troca as obras completas do doutor Teófilo, e sete menos cinco em dinheiro.*⁴⁰²

⁴⁰⁰ Francisco Xavier de MENESES – «Elogio do reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», pp. 9-10.

⁴⁰¹ «A Biblioteca Ericeiriana revela-nos, com efeito, terem sido autores de numerosos trabalhos que, conservados manuscritos na livraria particular dos Condes, se vieram a perder, em 1755, com as desgraçadas consequências do Terramoto». (Ofélia Paiva MONTEIRO – «No Alvorecer do ‘Iluminismo’ em Portugal: D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde da Ericeira (1.ª parte)», In. *Revista de História Literária de Portugal*, p. 196). Entenda-se por *Biblioteca Ericeiriana* «o catálogo das obras dos escritores pertencentes à Casa da Ericeira redigido provavelmente pelo quarto Conde, D. Francisco Xavier». Veja-se ainda a questão do fogo, não apenas como fenómeno da natureza, mas como símbolo da malícia e ingnorância humanas (nas fogueiras de livros da Santa Inquisição, nas fogueiras de livros dos judeus perseguidos, mas também nos próprios autores que queimam os seus livros), o fogo situa-se entre os mais terríveis censores da história, Cf. Umberto ECO e Jean-Claude CARRIÈRE – «A censura pelo fogo», *A Obsessão do Fogo: Conversas conduzidas por Jean-Philippe de Tonnac*, pp. 225-43. Sobre os autores que queimam os seus próprios livros, recorde-se o caso *supra* citado da Sibila Cumana, uma vez que também ela queima seis dos seus nove livros proféticos.

⁴⁰² Camilo Castelo BRANCO – «Noites de Insónia oferecidas a quem não pode dormir», *Obras Completas de Camilo Castelo Branco*, dir. Justino Mendes de Almeida, Porto: Lello & Irmãos, 1991, vol. XIV, pp. 825-6.

Há talvez aqui, nestas palavras de Camilo, também alguma ironia sobre o valor comercial de um folheto que vale as obras completas de um rival de ofício. Para além da famosa biblioteca, Francisco Xavier de Meneses «possuía um gabinete bem apetrechado de instrumentos físicos e astronómicos, a que generosamente franqueava o acesso» e, acrescenta Silva Dias, também os teatinos «deviam ter biblioteca numerosa e rica de espécies modernas, granjeadas por Bluteau e vários outros.»⁴⁰³

A importância de Bluteau na construção do espólio (composto por essas *espécies modernas, granjeadas por Bluteau*) da biblioteca teatina, ainda que materialmente insustentada, é consciencializada e reconhecida pela mesma biblioteca (símbolo da cultura portuguesa), observada e constatada por Caetano de Bem:

*Sobre a porta da grande casa, em que se acha actualmente collocada esta numerosa Livraria, se vem os retratos de meio corpo, e bem ao natural dos dous famosos Sábios, e Religiosos desta Casa, o Illustrissimo Padre D. Manoel Caetano de Sousa, e D. Rafael Bluteau, por serem aquelles, que para seus tão vastos estudos juntarão a maior parte dos volumes, de que se fórma o corpo da mesma Livraria...*⁴⁰⁴

Na descrição do edifício da Casa de Nossa Senhora da Divina Providência, Caetano de Bem faz referência à Livraria composta por dezoito mil volumes, muito raros e todos escolhidos, enobrecida por uma riquíssima coleção de estampas, reunidas por Bluteau:

Huma Livraria composta de dezoito mil volumes, todos selectos e muitos raros, e não poucos rarissimos, como escolhidos, e juntos pelos doutissimos Religiosos, que florecêrão nesta Casa, que em todas as sciencias póde servir de grande instrucção. [...]
Huma gallaria, ou collecção de estampas, e muitas destas primorosamente illuminadas, em diversos Tomos de differente grandeza, em que se vê a Historia Biblica, as Taboas da célebre Carlota Catharina Patina, Cidades, e Paizes, e seus paizanos com os particulares trajes; edificios, jardins, palacios, fontes, retratos de Santos, e pessoas Ecclesiasticas, Reis, Rainhas, Principes, Princezas, Heroes, Generaes, Fabula, e Historia Natural,

⁴⁰³ Sebastião da Silva DIAS – *Portugal e a Cultura Europeia (séculos XVI a XVIII)*, p. 112

⁴⁰⁴ Thomaz Caetano de BEM — *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal, e suas Conquistas na India Oriental*, vol. 1, p. 182.

*festejos publicos com mascarar, e bailes, sellos, ou cifras, desenhos de Callot, &c. que de França, e Italia trouxe o Padre D. Rafael Bluteau.*⁴⁰⁵

Tal como na mítica biblioteca de Alexandria, que segundo Bluteau terá arrecadado «mais de duzentos mil volumes»⁴⁰⁶, todo este manancial parece, de uma maneira ou outra, mais tarde ou mais cedo, culminar na destruição. E ainda que os livros sobrevivam ao pesadelo, resistam à água, ao fogo, à terra, ao ar (tempo), acabam, por natureza, condenados ao “enterro” ou ao monólogo silencioso de uma qualquer biblioteca. Como que punidos por um «diálogo mudo», como confirma Fernando Gandra:

*Por isso é que há silêncio nas bibliotecas. Todos os livros falam de Deus, da sua miragem, da sua “divina afasia”: fazem-se convidados para um diálogo mudo, suprema e devastadora punição que só pode ter a forma de um incorrigível solilóquio – utópica abreviatura do universo que nos resiste e devora como enigma.*⁴⁰⁷

Sentenciados a este destino, encontram-se os livros inacabados, não concretizados. Segundo Tomás Caetano de Bem, a tarefa da elaboração de um terceiro suplemento do *Vocabulario*, terá sido iniciada por Rafael Bluteau:

⁴⁰⁵ Thomaz Caetano de BEM — *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal, e suas Conquistas na India Oriental*, vol. 1, pp. 181-2. Acrescentem-se, ainda, as outras coleções que compunham a dita livraria: «Ennobrecer a esta Livraria huma copiosa porção de livros, pertencentes á Historia de Portugal, em que se achão os Authores, que della escrevêrão, não só os nacionaes, mas estrangeiros, a que acompanha huma Bibliotheca volante, isto he, de pequenas Obras, impressas na mesma matéria. Muitos Manuscriptos Historicos, Politicos, Geograficos, Genealogicos, e Poeticos, Latinos, e vulgares. Huma grande Collecção de Mappas de Portugal, e terras de seus Dominios, em que se achão muitos de Cidades, Praças, Ilhas, Batalhas, &c. outra de immensas estampas de Reis, e Varões Portuguezes, illustres em virtude, ou letras, dignidades, &c. e estas collecções se devem á curiosidade, e desvelo do Padre D. José Barbosa, como escrevendo sua vida mais largamente se dirá. [...] Huma numerosissima collecção de estampas, em que se vem debuxados de mão, ou gravados ao buril os Escudos das Armas das Familias Nobres de Portugal; e outra igualmente numerosa de Medalhas Gregas, Romanas, Arabigas, Portuguezas, e de outras Nações, e de alguns Papas, e outras semelhantes raridades, as quaes inteiramente formou a curiosidade de quem isto escreve.» (Thomaz Caetano de BEM — *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal, e suas Conquistas na India Oriental*, vol. 1, pp. 181-2).

⁴⁰⁶ Rafael BLUTEAU — *Prosas Portuguezas*, vol. I, p.62.

⁴⁰⁷ Fernando GANDRA — *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 231.

*Publicou mais quatro Tomos do seu grande Vocabulario, e dous de Supplemento a este, sacrificando deste modo á instrucção dos Portuguezes o estudo, e applicação de mais de sessenta annos. A grande estimação que ElRey D. João V. fez desta obra, pois se persuadia que por meio della chegaria a lingua Portuguesa a lograr a sua ultima perfeição, deo motivo a que o Padre em a idade de noventa annos empreendesse o novo, e tão penoso trabalho do Supplemento.*⁴⁰⁸

Pressupõe-se, note-se, na actualidade do *Vocabulario*, a oportunidade de atribuir à língua portuguesa o sempre incompleto estado de perfeição. Neste penoso trabalho, de penosa idade, terá contado com a colaboração da ilustre família Ericeira, nomeadamente de Francisco Xavier de Menezes e do seu filho Luís Carlos de Menezes; como comprova a carta do 4.º Conde, datada de 7 de maio de 1727:

*Isto nos declara o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, em huam sua carta para o Padre D. Rafael, escrita em Villafranca de Xira a 7. de Maio de 1727. Diz: “Reverendissimo Padre, Amigo, e Senhor meu: o desejo de servir a Vossa Reverendissima foi sempre tão grande na mina familia, que até entre mim, e meu filho fez nascer huma virtuosa emulação; e como elle tomou por sua conta os termos scientificos, que faltavão no Vocabulario, e Supplemento: eu que lhe cedi a parte mais nobre, e me empreguei nas vulgaridades, e outras palavras, que ainda esqueciaõ, e em todos os adagios, e frases, que não estavão nos seus títulos [...]*⁴⁰⁹

Apesar de ter excluído Bluteau da sua *Biblioteca Lusitana*... (unicamente por ser estrangeiro), Barbosa Machado inclui, nos seus registos, breves informações sobre o dito terceiro volume do Complemento ao *Vocabulario*, dizendo-o composto por D. Luiz Carlos de Meneses, e indicando-o como obra manuscrita:

⁴⁰⁸ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, p. 314.

⁴⁰⁹ Thomaz Caetano de BEM — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, p. 314.

*D. Luis Carlos de Meneses, [...] compoz [...] Complemento ao doutissimo Vocabulario do Padre D. Rafael Buteau Clerigo Regular e Academico da Academia Real, fol. 3. Tom. M.S. Consta de utilissimas emendas e eruditos aditamentos.*⁴¹⁰

Do Complemento, só resta hoje o título. Inocêncio da Silva, no seu *Diccionario Bibliographico*, chega a fazer referência à impressão do dito Complemento. Tal tarefa, incumbida ao padre José Caetano (professor de Gramática em Lisboa, nascido em 1690), é fundamentada por uma carta de 1755 que Inocêncio diz ter em sua posse:

*De uma carta autographa de José Caetano, que possuo por favor do meu amigo o sr. A. J. Moreira, datada de 23 de Agosto de 1755, e dirigida ao Padre Preposito da Casa de S. Caetano, se vê que este professor fôra encarregado muitos annos antes, por ordem d'el-rei D. João V, em virtude de proposta feita pelo conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, e pelo padre D. Raphael Bluteau, de revêr, pôr em limpo, e fazer imprimir o Complemento do Vocabulario portuguez do mesmo Bluteau; empreza que, por difficuldades e embaraços sobrevindos, e que seria longo descrever, se conservára suspensa até que el-rei D. José resolvêra tomar a si a continuação, mandando renovar as ordens para que se effectuasse. Vê-se mais que á data da carta havia já uma porção de folhas impressas, e se ía proseguindo em imprimir as restantes.*⁴¹¹

Ressalve-se referência às dificuldades e embaraços “que seria longo descrever”. Contudo, e igualmente desconhecedor da existência material de tal projeto, Inocêncio supõe uma explicação para este silêncio que, uma vez mais, parece ser mais um efeito corresponde à das calamidades provocadas pelo terramoto de 1755:

Ignoro porém o resultado d'estes trabalhos, pois não me consta que existam em parte alguma exemplares de tal complemento. Bem pôde ser que a obra estivesse depositada na typographia, á espera do seu acabamento final, e que ahi perecesse, como tantas outras

⁴¹⁰ Diogo Barbosa MACHADO – *Bibliotheca Lusitana...*, Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues, 1752, Tomo III, p. 80. Leia-se ainda na mesma obra: «D. Luiz Carlos de Meneses, Complemento ao Vocabulario do P. Bluteau 3. Tom.» (1759, Tomo IV, p. 611)

⁴¹¹ Innocencio Francisco da SILVA – *Dicionário Bibliográfico Português: Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil, Continuados e ampliados por P. V. Brito Aranha, Revistos por Gomes de Brito e Álvaro Neves*, vol. IV, pp. 281-2.

*em caso analogo, por effeito do incendio que se seguiu ao terremoto do 1.º de Novembro do sobredito anno. Pelo menos não acho explicação mais natural e possível.*⁴¹²

Os terremotos têm sempre esta vantagem de serem uma explicação “natural”...

12. Antologias, calados jardins

A biblioteca de Swift, tal como a de Bluteau, conservaria ainda o cheiro da raridade e do sagrado. As obras modelares, tão respeitadas como um templo, tão raras e cuidadas como as flores de um jardim. No jardim de Ausónio⁴¹³ ou no jardim de Séneca⁴¹⁴ não importa quantos livros se tem, mas quão bons eles são. A biblioteca, para Séneca, seria «um local reservado às obras modelares. Ela seria algo semelhante a um templo».⁴¹⁵

A imagem da biblioteca como assembleia de amigos fiéis é um tópico que se pode associar a esta imagem do jardim, da *antologia* (etimologicamente “coleção de flores”) de bons autores, canonicamente seguros. O cânone constrói-se um pouco à semelhança da biblioteca dos Condes da Ericeira, de estantes abertas aos académicos, feita de livros que circulam. Italo Calvino, autor do livro *Porquê ler os Clássicos?* (aqueles que relegam «a atualidade para a categoria de ruído de fundo», mas ao mesmo

⁴¹² Innocencio Francisco da SILVA – *Dicionário Bibliográfico Português: Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil, Continuados e ampliados por P. V. Brito Aranha, Revistos por Gomes de Brito e Álvaro Neves*, vol. IV, p. 282.

⁴¹³ Cf. AUSÓNIO – *Opusculas*, 113, *apud* Alberto MANGUEL, *Uma história da leitura*, p. 197. Autor valorizado por Bluteau, v. *Prosas Portuguezas*, vol. I, pp. 88 e 97, vol. II, 195 e 360.

⁴¹⁴ SÉNECA – *Cartas a Lucílio*, Livro I, Carta 2. Sobre as *Epistulae Morales ad Lucilium*, leiam-se as referências feitas por Bluteau, v. *Prosas Portuguezas*, vol. I, pp. 50 e 89, vol. II, 295 e 300. V. ainda outra obras de Séneca, vol. I, pp. 78, 181 e 216, vol. II, pp. 157, 212 e 213, e Séneca no geral, v. vol. I, pp. 148, 167, 174, 177 e 350, vol. II, p. 165.

⁴¹⁵ Matthew BATTLES – *A conturbada história das bibliotecas*, p. 15.

tempo não podem «passar sem esse ruído de fundo»⁴¹⁶, retrata metaforicamente essa biblioteca no seu *Il Barone Rampante*, naquela árvore em que vivia Cosimo Piovasco di Rondò, sem pôr os pés no chão. É uma biblioteca suspensa de livros importantes que mudam continuamente de lugar «segundo os estudos e os gostos do momento, porque ele considerava os livros um pouco como se fossem aves, e não queria, assim, vê-los fechados ou engaiolados»⁴¹⁷. Reencontramo-la em Horácio e em Ovídio⁴¹⁸. O século XVII relê-a em textos de Montaigne, ou Descartes⁴¹⁹. Ao longo do século XVIII, prolongam-na Correia Garção, Cândido Lusitano, Ribeiro dos Santos, Francisco Manuel do Nascimento, Teodoro de Almeida ou Catarina de Lencastre⁴²⁰. Também nas suas *Prosas*, Bluteau alude a esta ideia de jardim, como metáfora de discurso. A variedade de livros na biblioteca simbolizará a selecção de flores no jardim (antologia), ou a diversidade de estratégias retóricas escolhidas e aplicadas na arte oratória.

A variedade das flores faz ao jardim fermoso. Se tudo nelle fossem flores da mesma casta, seria campo semeado, e não jardim cultivado. Tudo roseiras, seria rosal, como tudo, favas he faval, e tudo cardos, cardal. O matiz das varias flores o faz jardim: Na variedade, a fermosura. O discurso oratorio ha de ser composto das varias flores da eloquencia. Todo descripçoens, he pintura; todo histórico, he Chronica; todo agudezas,

⁴¹⁶ Italo CALVINO – *Porquê ler os Clássicos?*, trad. José Colaço Barreiros, Lisboa: Teorema, 1994, p. 12.

⁴¹⁷ Italo CALVINO – *O Barão Trepador*, trad. José Manuel Calafate, Linda-a-Velha, Abril/Controljornal, 2000, p. 151. Refira-se ainda a visão universalista que Italo Calvino dá, nesta e em outras obras suas, do século XVIII como paradigma cultural que lhe interessa preservar (a sua “medula de leão”). A ele se refere M. Luísa Malato em «Italo Calvino e o século XVIII. As aventuras de um Barão Trepador», in *Nel Mezzo del Cammin. Actas da Jornada de Estudos Italianos em honra de Giuseppe Mea*, Porto: Sombra pela Cintura, 2009, pp. 465-490.

⁴¹⁸ Cf. HORÁCIO – *Odes*, Liber Primus, Ode XXIX, pp. 13-14; OVÍDIO – *Tristes*, I, 1, ff. 2, obra valorizada por Bluteau, nas *Prosas Portuguezas*, v. vol. II, p. 246.

⁴¹⁹ Cf. DESCARTES – *Discours de la Méthode...*, Première Partie, p. 20; MONTAIGNE – *Essais*, Livre II, cap. XX, *passim*.

⁴²⁰ Cf. Correia GARÇÃO – *Obras Completas*, I, Ode XV, p. 119; Xavier da CUNHA – «Filinto Elysio bibliophilo», p. 273; ELPINO DURIENSE – *Poesias de...*, I, p. 280 e pp. 285-288 ou II, p. 256, II, 75; Teodoro de ALMEIDA – *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna...*, I, p. 65; Maria Luísa Malato BORRALHO – «Por acaso hum viajante». *A vida e a obra de Catarina de Lencastre. 1.ª Viscondessa de Balsemão*, Lisboa, Imp. Nac. – Casa da Moeda, 2008, p. 377.

*epyramma; todo fabulas. he Mitologia; todo Escrituras, he Biblia. Variado, e discretamente matizado, he jardim.*⁴²¹

A biblioteca privada manter-se-á à margem dos perigos da universalidade. Os seus livros parecem estar a salvo, jamais se vulgarizarão, jamais se submeterão a processos dolorosos como a catalogação ou a proliferação. Serão livros, ou flores, preservados, cuidados, e por isso contornarão mais facilmente o tempo e a destruição. Simbolicamente, na biblioteca privada, ou no jardim, os danos ou ruídos que possam surgir serão, na maioria dos casos, por nós controlados. Ainda mais na biblioteca pública, onde o ruído ou o perigo quebram, muitas vezes, o silêncio de um modo incontrolável.

O jardim, ou a livraria, espaços privados de Rafael Bluteau, estão significativamente próximos da biblioteca divina de Borges, também ela distinta da caducidade do homem.

*Talvez me enganem a velhice e o temor, mas tenho a suspeita de que a espécie humana – a única – está prestes a extinguir-se e que a Biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeita, imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta».*⁴²²

Por isso o jardim usa e teme ambivalentemente as cercas, os limites, as muralhas. Para que a eternidade da biblioteca se concretize num dado momento e num dado espaço, ela terá pois de manter um forte vínculo com a paz, sinónimo de proteção e preservação. Antecipando aqui o discurso setecentista sobre o comum elogio ao Comércio e às letras, a biblioteca é já em Bluteau contrária à guerra, ao conflito, ao ruído e próxima de um estado de serenidade, de silêncio. A paz será a chave para a atualidade e eternidade da palavra.

*Para o progresso, e emolumento das letras, tambem he necessaria a paz da Republica. [...] Nas Monarchias da terra, quando se dilataõ as guerras, huma das mayores ruinas, he a destruição das letras.*⁴²³

⁴²¹ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. II, p. 61. Note-se ainda a mesma associação no artigo sobre a «Retórica»: «Flores, ou figuras de rhetórica» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino...*, tomo VII, p. 305).

⁴²² Jorge Luís BORGES – «A biblioteca de Babel», *Ficções*, Trad. José Colaço Barreiros, Lisboa: Teorema, 1998, p. 76.

⁴²³ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 167-8.

Numa perspetiva paralela à paz material, que retira a palavra do seu contexto físico, surge a paz espiritual. Nesta residirá a eternidade da alma, mas também a transitoriedade do conhecimento que dispensará a palavra e sobreviverá num espaço pacífico e naturalmente silencioso. Sempre muito próximo do sossego do jardim ou da tranquilidade do campo (*topos da paz*), e muito longe dos perigos da floresta ou dos conflitos da cidade (*topos da guerra*). Mas repare-se nas metáforas marítimas, conotadas simultaneamente com a permanência e a mobilidade.

*Só com o brando zephiro da paz navega seguramente a alma, e chega ao porto da salvação. Não he esta paz, como a paz do Mundo. Na paz do Mundo se largão as armas, e cessaõ os conflictos; na paz d'alma se armaõ as virtudes, e se conquista o Ceo; no campo pois das sciencias, com esta mesma paz se vence a ignorancia, e se entronizaõ as letras.*⁴²⁴

No verbete «TRANQUILIDADE DO ESPIRITO», insiste-se na metáfora da navegação e subentende-se de igual modo o contraste entre o ruído e o silêncio, nas oposições: *agitações, e turbulencias/ remanso da vida*, bem como *golfos/ mar pacífico*. Sendo evidente a predileção pelo recolhimento e pela tranquilidade, a fim de evitar a tormenta e contornar a confusão:

*Porto felice dos que tem navegado no alto mar dos negocios da Republica, e Politicas dos Mundo. No fluxo, e refluxo das occupações da vida publica tudo são agitações, e turbulencias do espirito; só no remanso da vida não ha marès enchentes, e vazantes; tudo he bonança, paz de Alma, e delicioso preludio do descanço eterno. Não seguem esta maxima os que se deleitaõ nos golfos do ministerio, porque não tem conhecimento do mar pacífico; entendem que esta falta de acção he privação de vida, e juntamente de honra [...] mas a isto digo eu que o recolher-se não he cahir; nem o livrar-se da tormenta, he vilesa.*⁴²⁵

⁴²⁴ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 166.

⁴²⁵ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 386 (TRANQUILIDADE DO ESPIRITO).

A quietude, associada ao «Descanço. Tranquillidade. Socego. Silencio. Paz. Mar Pacifico. Noite. Sono. Cessação de trabalho.»⁴²⁶, revelar-se-á, contudo, numa interminável demanda humana. Manter o coração/roda em repouso é uma tarefa das ciências matemáticas puras, e não das humanas:

** Limite, aonde vão parar todos os desejos da creatura racional, porque todos aspiramos ao repouso, em q consiste a nossa bemaventurança. Este he o único assento, em que o coração humano, como a roda dos Mathematicos, só em hum ponto indivisivel toca o chaõ; tudo o mais que dalli se aparta, fica no ar, suspenso, e sempre inquieto. * Fortuna, que neste Mundo sempre se busca, e nunca se acha. Naõ he possivel viver, e estar quieto. Quem anda em busca deste bem, para louco se encaminha [...]*⁴²⁷

Ou não fossem próprios da vida humana o movimento e inquietude:

*Compoem-se o Mundo destes dous contrarios; descanso, e movimento. He necessario contemporizar com hum, e outro, segundo as occasioens que se offerecem. O estar sempre quieto, he dormir continuamente; e estar como morto [...] O lidar sempre, he vigiar, e estar sempre à lerta. Neste Mundo naõ ha costancia, que chegue a estar sempre no mesmo ser.*⁴²⁸

Só Deus – esse ponto exato, indivisível – pode conceder ao homem essa característica não congénita, a tranquilidade do espírito: «Só Deos, que he immutavel, pode conceder ao homem esta inalteravel constancia.»⁴²⁹ Ou não fosse a paz essa «Dadiva do Ceo.», esse «bem, que naõ he deste Mundo, e só fóra delle se logra.»⁴³⁰

⁴²⁶ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 300 (QUIETAÇAM)

⁴²⁷ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 300 (QUIETAÇAM)

⁴²⁸ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 300 (QUIETAÇAM)

⁴²⁹ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 386 (TRANQUILIDADE DO ESPIRITO).

⁴³⁰ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 279 (PAZ).

13. Retiros, jardins e hortas

Nas *Prosas* de Rafael Bluteau, sentimos pontualmente esta distância que separa o Homem de Deus. Sobretudo na arte, na natureza e no silêncio, uma vez que todas estas categorias surgem como faculdades primordiais de Deus e não do Homem.

A arte e a natureza, ambas têm origem em Deus. Entre a Arte e a Natureza ocorre uma combinação binária que facilmente se associa às velhas metáforas de Deus, integradas e depois divulgadas na simbologia maçónica⁴³¹: o Deus arquiteto ou, se preferirmos as palavras de Bluteau, «impar arquitecto do mundo»⁴³², e o Deus agricultor, pois «O Agricultor he mais que Principe, e Deos tem o exemplar, e perfeição de toda a Agricultura»⁴³³. Note-se que esta superioridade do Agricultor face ao Príncipe pode ser lida como elogio do fisiocratismo seiscentista, mas ele encontra as suas raízes no modelo *agrico*la de Hesíodo, cujo *Os trabalhos e os dias* faziam parte da *Paideia*⁴³⁴ ou do modelo similar de Virgílio⁴³⁵, tão fortemente retratado pelas *Geórgicas*. Esta tópica será, por excelência, uma tópica retomada pelas Academias dos séculos XVII e XVIII.

Neste contexto, muito significativas são as definições sinonímicas atribuídas, por Rafael Bluteau, ao vocábulo “JARDIM”. Apresentado como o lado perfeito,

⁴³¹ Cf. António H. R. de Oliveira MARQUES – *Dicionário de Maçonaria portuguesa*, Lisboa: Delta, 1986.

⁴³² Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 112.

⁴³³ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 358. Veja-se sobre este assunto, Rafael BLUTEAU – *Instrução sobre a cultura das amoreiras, & criação dos bichos da seda: dirigida a conservação, e augmento das manufacturas dfa seda...*, Lisboa: Officina Joam da Costa, 1679. (disponível on line: <http://purl.pt/12030/1/> última consulta em 10-08-2012).

⁴³⁴ Sobre a ligação metafórica entre cultura e agricultura na educação na Grécia clássica, v. Werner Wilhelm JAEGER – *Paidéia: a formação do homem grego*, trad. Artur M. Parreira, 4.^a ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001. Sobre Hesíodo, leiam-se as *Prosas Portuguezas...* de Bluteau, vol. I, pp. 172, 205 e 209, sobretudo a obra *Teogonia*, v. vol. I, p. 172.

⁴³⁵ Leiam-se as referências feitas a Virgílio, por Bluteau nas suas *Prosas*, v. vol. I, pp. 25, 49, 148, 179, 180 e 337, vol. II, pp. 79, 202, 213 e 218.

paradisiáco, porém efémero, da agricultura, o jardim, o horto, revela-se um contraponto do lado mais útil e subsistente da horta, enquanto lugar de cultivo de alimentos do corpo:

** Açougue dos pobres. Deraõ lhe os antigos este nome, porque (como advertio Plinio) não ha cultura mais segura, nem menos despendiosa, que a dos jardins. [...] Lib. 9. Nat. Hist. 4. Porém segundo a minha opinião, neste lugar fala Plinio nas hortas, que, tendo agoa, sempre estão verdes, e todo o anno são proveitosas para a pobreza; que os jardins pelo contrario são muy custozos, e difficultozos de manter com a louçania, que convem. * Theatro da mais deliciosa, e menos util Agricultura. Tudo em hum jardim são delicias para a vista, e para o olfacto. [...] Mas que cousa mais fragil, mais custosa, e mais inutil, que esta florida ostentação? Em breve tempo desvanece o que tanto se admira, e custa tanto, sem outra utilidade que a evidencia da breve duração dos mais florentes regalos deste Mundo. * Paraizo terrestre [...] Paradiso (segundo Xenofonte) he vocabulo, que quer dizer Jardim; na vida de Apollonio Tianeio faz Philostrato menção dos paraizos dos Persas; e procopio Cesariense dá a hum jardim dos Vandalos o nome de Paraizo.*⁴³⁶

Em todo o caso, Natureza e Deus confundem-se com Arte e Deus, pois Deus é o primeiro artista da obra que é a Natureza. A obra de arte e o artista são similares e contíguos, partilham uma mesma tarefa, a de governar o universo:

*NATUREZA. [...] * Ley mais antiga, que Adaõ, cujos decretos respeitaõ os homens. Ella he a que com Deos rege o Universo. Entre ella, e o seu Autor não puzeraõ os antigos Filósofos differença, e assim mudaraõ o nome de Deos no de natureza, e confundiraõ o nome do Artifice com o da obra.*⁴³⁷

Nas palavras de Bluteau, é comum encontrar essa onipotência de perfeição, ou este paradigma demiúrgico de Deus, relativamente aos temas que lhe são restritos. Entre a Arte (do Deus arquiteto) e a Natureza (do Deus agricultor) não parecem existir ruídos. O *topos* do silêncio aparecer-nos-á pois como estratégia retórica do plano divino, como exemplaridade de Deus...

⁴³⁶ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, pp. 203-4 (JARDIM).

⁴³⁷ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 257 (NATUREZA).

*O silêncio é o domínio da “crença” e, por extensão, do “religioso” e “innommable”. A obra de Dionísio Areopagita (Theologia mystica) descreve a divindade como oxímoro de uma ausência, “escuridão luminosíssima do silêncio”. Os textos seiscentistas diziam ser o silêncio “a Rhetorica dos Anjos & a eterna eloquencia da divindade”. Mas pouco se discute o silêncio fora deste âmbito, o do mistério sacralizado.*⁴³⁸

A citação desta citação é do *Vocabulario* de Bluteau, autor que pontualmente vai referindo esta misteriosa «Rhetorica de Deos, simplez, e sem ornato [...] mais efficaz, que todos os artificios da eloquencia humana».⁴³⁹

Despida de artifícios ou excessos, despida, enfim, de ruídos, tal parece ser a estratégia retórica a que Bluteau recorre para celebrar a inigualável sabedoria de Deus. Não apenas um silêncio, mas um *profundo silencio*, afinal, o mais enfático discurso, o único que se iguala a Deus: «[...] declaro, que para celebrar o inacessível triunfo da vossa gloria, não há discurso mais enfático do que hum profundo silencio».⁴⁴⁰

Da palavra para o silêncio, parece haver um movimento de sublimação que marca a ascensão para o silêncio, a partir da anulação total da palavra, e por isso inverso aos rituais iniciáticos que progridem do silêncio para a palavra. Como confirma António Rougier, relativamente ao silêncio do místico:

*Es en silencio que la naturaleza trabaja, que piensan los sabios y que actúan los dioses [...] Todas las iniciaciones, todas las tradiciones religiosas han enseñado los mismos misterios, revelado a sus discípulos que observando el silencio de los labios podrían comulgar con la Naturaleza y que practicando el silencio del corazón oirían hablar a Dios.*⁴⁴¹

O silêncio permite ao místico ouvir as palavras inefáveis de Deus tal como, no caso da iniciação pitagórica, permite aos discípulos ouvir as palavras sábias do mestre. Em ambos os casos é a ascensão da palavra que marca a aprendizagem.

⁴³⁸ Maria Luísa Malato BORRALHO – *A Retórica do Silêncio na Literatura Setecentista*, in *Línguas e Literatura: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, (II série, vol. XX, 2003), pp. 146-7.

⁴³⁹ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 355.

⁴⁴⁰ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. XXIII.

⁴⁴¹ António ROUGIER – *Ensayos filosóficos y esotéricos*, p. 139, *apud* Juan Rof CARBALLO – *Entre el silencio e la palabra*, p. 48.

Na definição do vocábulo “silêncio”, não esquece Bluteau a importância de Pitágoras e nomeadamente do processo de iniciação dos seus discípulos no silêncio: «Tambem aos seus discipulos inculcava Pythagoras a utilidade do silencio; que se em poder fallar, tem o homem alguma superioridade ao animal, tambem tem o pesar, de poder prejudicar se, quando falla»⁴⁴²; ou ainda como refere nos «Termos concernentes ao não falar, e guardar silencio», «Passar huma cousa em silencio. Obrigava Pythagoras os seus discipulos a ouvillo em silencio pelo espaço de sinco annos.»⁴⁴³

É, de resto, sabido o intento do pitagorismo, enquanto primeira sociedade secreta (surgida no século V a.C.), em manter o carácter sagrado da palavra, para que esta não perca o seu poder, face à facilitação do acesso à escrita e à leitura:

*[...] não podemos deixar de referir o carácter central do silêncio no pitagorismo antigo e nos sistemas gnósticos. O pitagorismo é exemplar na medida em que surge como a primeira sociedade secreta do mundo ocidental [...] O seu florescimento (a partir do séc. V. a.C.) deve ser relacionado [...] com o contexto específico de uma dessacralização da palavra escrita na sequência da introdução [...] do sistema de notação vocálica que facilita o acesso à escrita e, fundamentalmente, à leitura. Face a este processo de homogeneização, o pitagorismo pretende manter a função elitista da palavra, reintroduzindo essencialmente o seu poder no face a face da oralidade.*⁴⁴⁴

A palavra, como acrescenta Carlos Carreto, é entendida como código apenas decifrável para um número limitado de pessoas, ou seja, pelos iniciados que sejam capazes de interpretar a sua simbologia:

⁴⁴² Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 343 (SILENCIO).

⁴⁴³ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Termos propios, e metaforicos...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 454 (TERMOS Concernentes ao não falar, e guardar silencio). Veja-se ainda a mesma referência (no artigo «silêncio»), aos «cinco annos de silencio com que obrigava Pythagoras os seus discipulos, que o ouvissem.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo VII, p. 644). E nas *Prosas Portuguezas...*, v. as várias referências a Pitágoras, vol. I, pp. XI, 79, 80, 216, 226 e 297.

⁴⁴⁴ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 277.

*Mais ainda: transmitindo a informação através de symbola e de ainigmata que codificam o sentido, a linguagem passa a ser decifrável apenas pelos iniciados que então se re-conhecem e se re-unem em torno da palavra simbólica do Mestre, Pitágoras.*⁴⁴⁵

Na ópera de Mozart (*Die Zauberflöte*), e no templo da provação, o segundo Sacerdote inaugura o processo de purificação com a prova do silêncio, à qual serão submetidos os iniciados (Tamino e Papageno). Na cena II, do ato II, e após fracassar com este último, na capacidade mental (silenciosa) de controlar a sua língua (fala)⁴⁴⁶, o sábio orador impõe ao primeiro (Tamino) um silêncio sagrado como ponto de partida da absolvição: «Auch dir, Prinz, legen die Götter ein heilsames Stillschweigen auf; ohne dieses seid ihr beide verloren. Du wirst Pamina seher, aber nie sie sprechen dürfen; dies ist der Anfang eurer Prüfungszeit.» (Também a ti, Príncipe, os Deuses impõem um salutar silêncio, sem o qual ambos ficarão perdidos. Vais ver Pamina, mas não deves falar-lhe: assim começam as nossas provas.)⁴⁴⁷

Assinalando o seu sentido descendente, Levi António Malho assinalará na modernidade o movimento que partiu de uma «Unidade inicial» (de tradição pitagórica) para uma «Pluralidade final», “a que atualmente contemplamos”, uma transformação de um plano concreto, um estado de certeza (do número), para um plano abstrato, um estado de dúvida (do número fraccionado):

*Este novo tipo de pensamento instaura uma “fractura” nas Consciências, pois a pluralidade das respostas sugere aos indivíduos um “campo de insegurança” e incerteza, dado ser óbvio que não podem ser todas Verdadeiras, mas podem ser, em última estância, todas Falsas, ou então apenas delimitam fragmentos de Verdade que deverão ser postos à prova da Razão e da Experiência.*⁴⁴⁸

Posto isto, a ascensão do silêncio parece ser um movimento que se esboça na ordem do divino, um exemplo de Deus. No *De Mystica Theologiae*, de Dionísio Areopagita, reencontramos essa elevação do silêncio: ele está no ponto supremo da

⁴⁴⁵ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 277.

⁴⁴⁶ Cf. Wolfgang Amadeus MOZART – «Die Zauberflöte», II, 2, in *Livrets d’Opéra*, p. 915.

⁴⁴⁷ Wolfgang Amadeus MOZART – «Die Zauberflöte», II, 2, in *Livrets d’Opéra*, p. 916, no original e tradução nossa a partir da versão francesa.

⁴⁴⁸ Levi António Duarte MALHO – *As origens do silêncio: Sobre o que não sabemos*, p. 31.

união do Homem com Deus, mudo e perfeito, num nível em que a palavra e a imperfeição do homem não encontram lugar:

*Car à mesure que l'homme s'élève vers les cieux, le coup d'œil qu'il jette sur le monde spirituel se simplifie et ses discours s'abrègent: comme aussi en pénétrant dans l'obscurité mystique non-seulement nos paroles seront plus concises, mais le langage, mais la pensée même nous feront défaut. Ainsi dans les traités antérieurs, procédant de haut en bas, notre discours allait s'étendant en proportion de la hauteur d'où il descendait; ici au contraire, procédant de bas en haut, il devra se raccourcir en s'élevant, et parvenu au dernier terme il cessera tout à fait, et s'ira confondre avec l'ineffable.*⁴⁴⁹

Ou não fosse o silêncio, essa «linguagem cúmplice e tutelar dos anjos»⁴⁵⁰. Daí esse desejo incansável, que caracteriza particularmente o eremita, de alcançar esse estado divino de silêncio, recusando a palavra, para escutar a linguagem silenciosa de Deus. O recolhimento nos mosteiros é um dos passos dessa renúncia: eles são os locais perfeitos para romper com a palavra e com o humano.⁴⁵¹

Este tipo de silêncio que se alcança é interior, formal e grave, é o silêncio de Deus, distinto do silêncio exterior, informal e breve, do homem. Sobre o «Solitário» afirma Bluteau: «Aquelle, que dos homens se aparta, para se chegar a Deos. Não he possivel fallar com Deos, e conversar com os homens.»⁴⁵²

Mas é necessário sublinhar este meio-termo do caminho entre o humano e o divino, pois é neste ponto que o fundamental papel do silêncio sobressai. Bastará lembrar que a manifestação divina representa de igual modo uma dicotomia, expressa no binómio interior/exterior, que é também parte do caminho:

⁴⁴⁹ Denys ARÉOPAGITE – «De la Théologie Mystique», *Oeuvres de Saint Denys Aréopagite*, trad. Abbé Darboy, Paris: Sagnier et Bray, Libraires-Éditeurs, 1845, p. 473. (disponível on line: <http://books.google.pt/books?id=rQ0rAAAAYAAJ&printsec=frontcover&dq=Denys+l'Aréopagite,+google+books&source=bl&ots=Ubw441Vukh&sig=Q> última consulta em 30-07-2012).

⁴⁵⁰ Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 234. Cf. a supra citada expressão de Bluteau: «Rhetorica dos Anjos».

⁴⁵¹ Casos há em que o religioso chega mesmo a abdicar do seu nome, para cair no anonimato, numa morte sem nome, tal é o desejo de união com o inefável, como indizível: «O eremita abdica, assim, até ao extremo, da sua humanidade mais comum e audível que é o uso da palavra, ausente mesmo da sua pedra tumular. Nisto consiste a ideia que tem de purificação. A sua ideia intensa de que não quer ser distraído.» (Fernando GANDRA, *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 243).

⁴⁵² Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 353 (SOLITARIO).

[...] *porque toda manifestación externa de Dios radica en la interna manifestación que es el Hijo, la Imagen, el Logos. Toda revelación de Dios hacia fuera es reflejo de la misteriosa manifestación interna de Dios.*⁴⁵³

A palavra pertence à manifestação externa de Deus, e para uma absoluta ligação com o seu interior, restará ao homem o silêncio. É em silêncio que ele imita a natureza de Deus e se aproxima dele, ao deixar para trás a sua condição humana e ruidosa. Lembre-se que na Bíblia, sobretudo no Antigo Testamento, Deus se revela «essencialmente pelo convite ao silêncio»⁴⁵⁴. Ao aceitar este convite, o homem alcança o repouso perfeito e eterno de Deus. O silêncio, essa manifestação interna, revela-se a característica preponderante de Deus, do divino, do sagrado, do Outro: «Do silêncio pode dizer-se exactamente o mesmo que se diz de Deus: sabemos que existe, mas não sabemos bem em que consiste.»⁴⁵⁵ Para o Padre António Vieira, e segundo António José Saraiva, «É necessário arrancar o segredo desta palavra à matéria onde ela se esconde [...] Tanto o céu como as palavras testemunham a presença de Deus, mas não a abrangem».⁴⁵⁶ Diríamos pois, e contextualizando, que só o silêncio abrange a presença de Deus. De acordo com Max Picard, silêncio e Deus simbolizam o mistério que ultrapassa a vivência humana, e por isso se relacionam numa complementaridade perfeita, sem que um possa excluir o outro:

*Through this power of autonomous being, silence points to a state where only being is valid: the state of the Divine. The mark of the Divine in things is preserved by their connection with the world of silence.*⁴⁵⁷

A salutar solidão torna-se, pois, a propósito, uma faculdade de Deus. E o homem solitário que não professe um silêncio religioso (humilde, fragmentado pela palavra), será conduzido pela arrogância e rapidamente degenerará em animal, mudo e selvagem:

⁴⁵³ Luis Alonso SCHÖKEL – *La palabra inspirada: la Biblia a luz de la ciencia del lenguaje*, 3.^a ed., Madrid: Ediciones Cristiandad, 1986, p. 27.

⁴⁵⁴ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 285.

⁴⁵⁵ Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, pp. 248-9.

⁴⁵⁶ António José SARAIVA – *O discurso engenhoso: ensaios sobre Vieira*, Lisboa: Gradiva, 1996, p. 147.

⁴⁵⁷ Max PICARD – *The world of silence*, p. 20.

SOLITARIO. [...] * Homem, que quer parecer mais que homem. Só Deos pôde estar sò [...] * Homem, que parece menos, que homem; porque parece besta. Qualquer besta [...] pôde viver sò; porque he ignorante, e mudo; o homem [...] vivendo sò, sem mostrar que sabe, e sem conversar, nem fallar, parecerà bruto, e menos que homem. Por isso os Religiozos que professão, observão mais rigorosa soledade, tem suas horas de sociedade, e conversação, porque nem querem parecer mais que homens, affectando propriedades Divinas, nem he razaõ, que pareçaõ menos que homens, degenerando em brutos. [...] se nos Santos exercicios de vida solitaria, não se faz Divino, faz-se bruto [...] e quem nesta forma vive solitario, não he recoleto, mas sorumbatico; não he Religiozo, he salvagem; não he Santo, he misantropo.⁴⁵⁸

Em Bluteau, homem de corte retirado em Alcobaça, há que distinguir, por isso, o silêncio humano, inseparável da palavra, do silêncio animal, incompatível com ela. Esta é, aliás, uma diferença assinalada por Max Picard. O silêncio claro e transparente do homem, atravessado pela palavra, difere, agora por superioridade, do silêncio do animal, pesado e difícil, irremediavelmente condenado à ausência de palavra:

*Le silence de l'homme est transparent, clair parce qu'il fait face à la parole et parce qu'à chaque instant, il laisse passer la parole et qu'à chaque instant, il la reprend en lui; c'est un silence disjoint, touché par la parole et touchant la parole. [...] Le silence de l'animal, au contraire, est lourd. [...] Le silence est isolé en animal, aussi l'animal est solitaire. [...] l'animal est irrédimé non seulement parce qu'il ne possède pas la parole, mais aussi parce que le silence en l'animal est lui-même irrédimé ; c'est un silence dur, figé.*⁴⁵⁹

⁴⁵⁸ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Sinonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, pp. 353-4 (SOLITARIO). Cf. curiosamente a reflexão sobre o vocábulo “Saudade” no contexto do Saudosismo português. Também aí a “saudade”, etimologicamente ligada à saúde e à solidão, seria uma fator de espiritualidade cultural, de ascensão do físico ao metafísico. V. max. Paulo BORGES – «Saudade e Saúde. Saudar e Salvar. Para uma Teoria das Duas Saudades», in *Sobre a Saudade, Actas de IV Colóquio Luso-Galaico sobre Saudade*, coord. A. Braz Teixeira, Arnaldo Pinho, Celeste Natário, Renato Epifânio, Sintra: Zéfiro, pp. 65-74.

⁴⁵⁹ Max PICARD – *Le monde du silence*, trad. Jean Jacques Anstett, Paris : Press Universitaires de France, 1954, pp. 82-3.

14. Segredos e máscaras

Para Rafael Bluteau, os segredos, ou os silêncios de Deus dever-se-ão manter intocáveis, invioláveis. O homem que o questionar, o duvidar, ou sequer o pronunciar em vão, carregará consigo o castigo da confusão, da imperceptibilidade, do ruído.

*Lá diz o Santo Job, que o homem que chegar a fallar de Deos, será devorado [...] segundo a interpretação de S. Gregorio Magno, isto quer dizer, se se atrever o homem a investigar os segredos da Divindade, cahirá em precipicios, e se precipitará em abysmos, donde a sua confusão será o castigo da sua temeridade [...]*⁴⁶⁰

Da mitologia judaico-cristã à mitologia pagã, é invariável a lição. Bastará para isso lembrar os semelhantes castigos – o de Orfeu⁴⁶¹ (perde pela segunda vez a amada) ou o da mulher de Lot⁴⁶² (transformada em estátua de sal) – derivados da desconfiança/impaciência (o olhar para trás) ou simples curiosidade perante os mistérios de Deus.

A confusão é afinal um castigo para quem entra nos desígnios do mito, do silêncio, do segredo, do sagrado, e permanece vinculado à ordem do *logos*, da palavra, do ruído, do profano.

*[...] o segredo na sua obscuridade defensiva, é uma forma de sagrado. [...] É o sagrado que se insinua quando nos calamos. É em silêncio que comunicamos o que há de mais importante e decisivo.*⁴⁶³

A obra de Bluteau testemunha-o explicitamente: o segredo, um dos rostos assumidos pelo silêncio, associa-se, desde os tempos mais remotos, ao sagrado. Os

⁴⁶⁰ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, pp. 223-4.

⁴⁶¹ Leia-se, por exemplo, o Livro X das *Metamorfoses* de Ovídio, trans. Frank Justus Miller, rev. G. P. Goold, 6 vols., Cambridge: Harvard University Press, 1976, 4.º vol, pp. 63-118.

⁴⁶² Cf. (Gn 19, 17-26)

⁴⁶³ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, pp. 224-5.

atuais dicionários de símbolos não fazem senão aumentar o número dos exemplos míticos. No antigo Egito, encontramos o de Meretseger, a deusa que ama o silêncio; na mitologia greco-romana, o de Tácita, a deusa do silêncio e da virtude, guardiã dos segredos, ou o de Harpócrates, o deus do silêncio, incumbido de proteger os segredos de Estado, adaptado a partir da representação infantil do deus egípcio Hórus (com o dedo indicador sobre a boca).⁴⁶⁴ Ora Bluteau conhece bem a maior parte deles. Na «Prosa Symbolica...», afirma sobre o silêncio (note-se, um silêncio que ensina, que amadurece a palavra, que alimenta o discurso):

*A imagem do Silencio he hum moço com o dedo na boca, e na mão hum Pecego com suas folhas. A folha do pecegueiro tem feição de lingua, o fruto se parece com o coração. Tem o Silencio nas mãos estas folhas, e este fruto, porque as palavras para serem frutuosas, haõ de sahir do coração; e o silencio he o que ensina a fallar frutuosa, e cordialmente. Por isso dedicaraõ os Egypcios a Harpocrates, Deos do Silencio, o pecegueiro. Palavras no ar, são folhas; palavras no coração, são frutos; com o silencio madurecem estes frutos, maduros confortaõ, e alimentaõ.*⁴⁶⁵

E no «Vocabulario de Termos próprios e metafóricos...» acrescenta: «Harpocrates, Deos do silencio, no Templo de Isiis foy adorado cõ o dedo applicado à boca, cuberto de hum manto, de olhos, e orelhas semeado.»⁴⁶⁶ E chega a evocar, no contexto do artigo «TACITURNIDADE», a antiga deusa do silêncio, reforçando a importância de guardar «SIGILLO. Segredo. Mysterio. Silencio.»⁴⁶⁷:

⁴⁶⁴ Cf. Mário da Gama KURY – *Dicionário de mitologia grega e romana*, 6.^a ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001; *Dicionário cultural da mitologia greco-romana*, dir. René Martin, trad. Fátima Leal Gaspar e Carlos Gaspar, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

⁴⁶⁵ Rafael BLUTEAU – «Prosa Symbolica...», *Prosas Portuguezas...*, vol. II, pp. 85-6.

⁴⁶⁶ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Termos proprios, e metaforicos...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 454. Leia-se ainda, no verbete sobre o «Silêncio»: «Harpocrates, filho de Isis, & Osiris, era, segundo os Egypcios, o Deos do silencio. Ausonio lhe chama Sigalion, do verbo Grego *Sigan*, que val o mesmo que *Callar*: *An tua Sigalion AEgyptius oscula signet*. Representavaõ-no os Egypcios em figura de homem moço, com hua cornucopia numa mão, & com hum dedo da outra mão sobre a boca, denotando silencio. Consagroulhe o Egypto o pecegueyro, por ter esta arvore a folha da feyção de lingua, & o fruto de coração. Querem outros, que este Harpocrates fosse hum Filosofo, que por fallar pouco, fora acclamado Deos do silencio.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo VII, p. 643).

⁴⁶⁷ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 342 (TACITURNIDADE).

*Guarda fiel dos segredos importantes. No livro 9. diz Polybio, q quem tem entre mãos algum negocio, se levante, deve saber góvernar a lingua; Angerona, antiga Deosa do silencio, representada em estatua nas portas de Roma, dava a entender, que os moradores estavaõ obrigados a guardar o segredo dos negocios da Republica.*⁴⁶⁸

Sobressai, ainda, no verbete sobre o silêncio, a aliança entre Mercúrio, o mensageiro, portador da palavra divina, e a deusa Tácita. A intenção é evidenciar essa dose de silêncio necessária à palavra, que atenua os seus excessos, que a protege:

*A Theologia Gentilica casou a Mercurio com a Deosa Tacita; ou muda, e fez nascer delles os Deoses Tutelares dos Antigos; para darnos a entender, que o homem, amigo do silencio, e que sabe refrear a lingua, vive descansado, e livre dos trabalhos, e riscos, que lhe poderia occasionar o seu fallar.*⁴⁶⁹

O sagrado entra naturalmente em consonância com o silêncio, com a interrogação, com a incógnita: a dissonância que se tece é relativa à palavra, à resposta, à certeza, metáforas da religião, mas da religião enquanto atividade profana.

Oportuno será, neste sentido, ver a isotopia silêncio-sagrado numa perspectiva trans-histórica e recordar o discurso de Vergílio Ferreira sobre o conceito de sagrado, numa relação de rutura com a religião, mas de continuidade com o silêncio.

[...] o sagrado não é uma crença ou uma religião, que são em si imediatamente profanas. O sagrado nasce na interrogação e morre na religião, que adianta logo uma resposta. A religião não suporta a inquietação do sagrado e procura o repouso em si mesma. Porque tudo aí está resolvido para todos os acidentes humanos o ruído das suas questões, a miséria das suas necessidades. E sobretudo, e por isso, aí dorme-se bem. Mas o sagrado é insónia, é impossibilidade, é o intrigante, o ilimitado de todos os limites, a ressonância do silêncio depois de todas as vozes, o misterioso do que se não pode saber e sobretudo do que se sabe [...] E é nesse vazio não já só de valores mas da viabilidade de um combate contra a ameaça, que o sagrado emerge pela oportunidade que lhe é dada na

⁴⁶⁸ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 364 (TACITURNIDADE).

⁴⁶⁹ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 343 (SILENCIO).

*vastidão do silêncio. E a religião veio logo atrás para responder ao que não tem resposta alguma.*⁴⁷⁰

Neste ponto, será fundamental lembrar a bipolaridade do silêncio e à qual não será alheia a figura do segredo, do «OCCULTO. Escondido. Disfarçado. Encuberto. Recondito. Secreto. Não visto. Não conhecido.»⁴⁷¹ Como afirmava Ovídio nas suas *Metamorfoses*⁴⁷² “si qua latent, meliora putat” (o que oculto está melhor se supõe), ou na tradução de António Feliciano de Castilho «E julga mais formoso o mais oculto»⁴⁷³, propondo a defesa da arte do enigmático. Até mesmo porque, como afirmaria Umberto Eco, «Não há nada mais fascinante do que uma sabedoria secreta: sabemos que existe, mas não a conhecemos, e por isso a supomos de uma profundidade extrema.»⁴⁷⁴

Mas aquilo que se oculta ou que é ocultado pode adquirir conotações divergentes. No caso da mentira, ela é interpretada como defeito que não se pode ocultar por muito tempo:

*Defeito, que com nenhum artifício se pode occultar totalmente. Por muito que com algum accrecentamento queira o coxo igualar o pé mais curto, no andar sempre se lhe enxerga hum geyto, que descobre o defeito; assim o mentirozo, ou tropeçando com a lingua, ou faltandolhe a memoria, e receando de se contradizer, sempre dá algum sinal exterior do dolo, com que falla.*⁴⁷⁵

Por outro lado, e nos «TERMOS De cousas, que cobrem, e encobrem», percebemos como o oculto, pode ser, entre a cultura popular, sinónimo de sorte e de proteção. Contudo, esta imunidade inverte-se em invisibilidade, em irresponsabilidade malévola, com referência ao episódio mitológico de Giges: «Da pedra Alectoria dizem, que cobre a pessoa, que a traz, de sorte, que a faz invisível. Supponho a notavel virtude

⁴⁷⁰ Vergílio FERREIRA – *Pensar* (442), Venda Nova: Bertrand Editora, 1992, pp. 271-2.

⁴⁷¹ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 264 (OCCULTO).

⁴⁷² Obra citada, várias vezes, por Rafael Bluteau, nas suas *Prosas Portuguezas*, vol. I, pp. XIX, 26, 64, 337 e 410, vol. II, p. 89, assim como o seu comentador, Hercole Ciofano, v. vol. II, p. 217.

⁴⁷³ OVÍDIO – «Metamorphoses, Livro I», *As metamorphóses de Publio Ovidio Nasão, poema em quinze livros*, trad. António Feliciano de Castilho, Tomo I, Lisboa: Imprensa Nacional, 1841, p. 40.

⁴⁷⁴ Umberto ECO – *A procura da língua perfeita*, p. 28.

⁴⁷⁵ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 239 (MENTIRA).

desta pedra, tão certa, como a do Fabuloso anel de Gyges.»⁴⁷⁶ O silêncio, ainda quando segredo, ainda quando sagrado, estabelece-se como linha fronteira, de definição e limite, isto é, ponto de tensão entre o mundo exterior e o mundo interior. É sem dúvida nesse sentido que podemos ver Bluteau com Carreto:

*Com efeito, o silêncio não existe apenas para ser protegido e religiosamente guardado, mas também para ser transmitido, exposto, traído, traduzido. Estamos assim perante uma delicada gestão dos limites.*⁴⁷⁷

Assim como o silêncio, o segredo pode ser símbolo de equilíbrio, na comunicação com o outro, e enquanto área protegida da palavra, da fala. Mas pode igualmente ser símbolo de desequilíbrio, enquanto centro gerador de desentendimento (como é o caso da palavra babélica), e de traição (no caso de Judas, por ter revelado os segredos de Cristo).

Encontramos em Bluteau muitos outros exemplos que podem figurar esta ambivalência. Nos «TERMOS Concernentes aos não falar, e guardar silencio» induz-se a importância de guardar segredo, particularmente no ofício do secretário reduzido metonimicamente a uma gaveta:

*Fulano he homem secreto. Certas Orações; ou preces da Missa se dizem em secreto. Na boca do discreto o publico he secreto. O Ministro ha de ser taciturno, e silencioso. [...] Guardar seu segredo. Encobrir seu segredo. Falar a alguém em segredo. [...] Convem que os Secretarios sejam gavetas, que se não abrem, senão quando necessita o Senhor do que està nellas.*⁴⁷⁸

⁴⁷⁶ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Termos proprios, e metaforicos...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 451 (TERMOS De cousas, que cobrem, e encobrem).

⁴⁷⁷ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 17.

⁴⁷⁸ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Termos proprios, e metaforicos...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 454 (TERMOS Concernentes aos não falar, e guardar silencio). Sobre a metonímia, leia-se: «[...] he *Transnomeação*, ou posição de hum nome no lugar de outro, & he figura da Rhetorica, com a qual se trocã os nomes das cousas, como quando se poem o continente pelo conteudo, a casa v. g. por aquelles que estão nella; o effeito pela causa, o inventor pela cousa inventada, Baccho por vinho, Ceres por pão, Portugal pelos Portuguezes, o Author pela sua obra, S. Tomàs, v. g. pelos livros que escreveo [...]» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo V, pp. 467-8). V. ainda sobre a metalepse: «METALEPSIS. Figura Grammatical. [...] que entre outros significados quer dizer

Assim como se verifica a fragilidade de «Revelar segredos»⁴⁷⁹, agora no exemplo do rei que não soube respeitar essa «Abstinencia de palavras, muito proveitosa a quem a seu tempo a sabe observar.»:

*Luiz onze, Rey de França, hum dia no seu gabinete fazendo zombaria del Rey de Inglaterra, Duarte, com o qual acabava de fazer as pazes, foy ouvido de hum negociante Gascão; e como o Rey o advertio, receando que o negociante passando a Inglaterra, não referisse a El Rey Duarte a zombaria, e que della se tomasse motivo para huma nova guerra, ao ditto negociante, e á sua familia fez grandes merces, para obrigallo a não sahir de França, e evitar a perturbação, que do mexerico podia resultar.*⁴⁸⁰

O segredo, como símbolo de equilíbrio, terá de dissimular por completo as palavras para se poder constituir enquanto tal.

*[...] o segredo pode confundir-se com a máscara: não interessa tanto aquilo que se esconde, como o prazer e a lógica da dissimulação em si enquanto re-presentação de tudo o que na língua escapa ao dizer, ao sentido, ao saber.*⁴⁸¹

E pode por isso, para Bluteau, igualmente confundir-se com a noite, essa conselheira, «amiga do silencio» e da tranquilidade, que oculta a beleza terrestre, mas esconde a maldade dos homens:

*NOITE. [...] * Encubridora das acções vergonhosas. * Amiga do silencio. Conciliadora do sono. Progenitora do descanso. Agasalhadora dos sonhos. Mascara das fermosuras da terra. [...] * tempo proprio para conferencias, e juntas, porque no silencio, e*

Transpor. Faz-se quando se transpoem hua dicção do significado, que (segundo as antecedencias) havia de ser, para outro [...]» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo V, p. 460).

⁴⁷⁹ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Termos propios, e metaforicos...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 451 (TERMOS De diferentes modos de descobrir).

⁴⁸⁰ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 365 (TERMOS De diferentes modos de descobrir).

⁴⁸¹ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 47.

descanço da noite se acha o entendimento mais capaz para dar, e tomar conselhos.

[...] ⁴⁸²

O oculto, enquanto guardião do silêncio, dos segredos, revela-se pois retoricamente uma estratégia de dissimulação. Estratégia política que encontraria no historiador Tácito um clássico divulgador. Sobre as práticas comportamentais do imperador Tibério, no livro IV (LXXI) dos seus *Annales*, considera que «De toutes les qualités que se croyait Tibère, la dissimulation était sa vertu favorite» ⁴⁸³; ou como acrescenta no livro VI (L): «Déjà les forces, déjà la vie abandonnaient Tibère, et sa dissimulation ne le quittait pas.» ⁴⁸⁴

Este valor dissimulatório persiste todavia nas estratégias do discurso religioso, desde logo, em Santo Agostinho que, no seu tratado *Contra Mendacium* (*Contra a mentira*), sublinharia que esconder a verdade não é mentir, mas guardar silêncio. Deus, que dissimula/silencia as verdades a quem não está apto a escutá-las, desse valor seria o maior exemplo:

It is not, however, the same thing to hide the truth as it is to utter a lie. For although every one who lies wishes to hide what is true, yet not every one who wishes to hide what is true, tells a lie. For in general we hide truths not by telling a lie, but by holding our peace. For the Lord lied not when He said, I have many things to say unto you, but ye cannot bear them now. He held His peace from true things, not spake false things; for the hearing of which truths He judged them to be less fit. But if He had not indicated this same to them, that is, that they were not able to bear the things which He was unwilling to speak [...] ⁴⁸⁵

Parece estar subjacente, a esta afirmação de Santo Agostinho, a velha semente do aristocracismo filosófico (testemunhado por Sócrates, Platão, Pitágoras...),

⁴⁸² Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 260 (NOITE).

⁴⁸³ TACITE – «Annales», *Oeuvres complètes*, traduction de Dureau de Lamalle, Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1866, tome premier, livre IV (LISBOAXI), p. 250. Obra valorizada por Bluteau nas suas *Prosas...*, v. vol. I, pp. 56 e 312.

⁴⁸⁴ TACITE – «Annales», *Oeuvres complètes*, traduction de Dureau de Lamalle, tome premier, livre VI (L), p. 303.

⁴⁸⁵ AGOSTINHO – «To consentius: Against Lying», *A Library of Fathers of the Holy Catholic Church...*, trans. by members of the English Church, London/Oxford: F. and J. Rivington, 1847, p. 447.

revelando-se apenas a verdade às pessoas envolvidas na matéria, a quem for capaz de a perceber.

Significativas são, neste contexto, as considerações de S. Tomás de Aquino que, na questão 69 (artigo 2) da sua *Summa Teologica*, afirmaria: «Una cosa es callar la verdad y otra proferir una falsedad. De una y otra, lo primero está permitido en algún caso, pues nadie está obligado a confesar toda la verdad [...] Pero proferir una falsedad en ningún caso es lícito a nadie»⁴⁸⁶; ou como acrescenta, na questão 111 (4.^a objeção ao artigo 1):

*Así como uno miente de palabra cuando dice lo que no es verdad, pero no cuando calla lo que lo es (lo cual a veces es lícito), así también la simulación tiene lugar cuando uno, por sus obras u otros signos exteriores, expresa algo falso; pero no cuando guarda silencio sobre cosas verdaderas. Por tanto, puede uno ocultar sus propios pecados sin caer por ello en simulación. Y así es como hay que entender lo que allí mismo dice San Jerónimo: que el segundo remedio después de haber naufragado es ocultar el pecado, con el fin de no escandalizar al prójimo.*⁴⁸⁷

É certo que, na tentativa de distanciar o homem (*humanitas*) dos restantes animais (*feritas*) e aproximá-lo de Deus (*divintas*), a doutrina humanista privilegiou a linguagem articulada, a fala, como singular aptidão do homem. Não será por acaso que a retórica (como disciplina) permanece integrada nos *studia humanitas* mas, a partir do século XVI reforçada sempre pela Poética. O comportamento social começa a ser influenciado por um tipo de Literatura que procura criar modelos/paradigmas de bom comportamento, para influenciar os reis e o governo dos países. Uma Literatura que acredita ser possível ensinar, educar no sentido do bem e da perfeição humana.⁴⁸⁸ Presa às elites culturais que a produzem e consomem. Conforma-se esse “bom

⁴⁸⁶ S. Tomás de AQUINO – *Suma Teologica: segunda parte: segunda sección*, cuestión 69, artigo 2, respondo. (disponível on line: http://www.dudasytextos.com/clasicos/suma_teologica_2_2.htm última consulta em 23-07-2012).

⁴⁸⁷ S. Tomás de AQUINO – *Suma Teologica: segunda parte: segunda sección*, cuestión 111, artigo 1, 4.^a objeción. (disponível on line: http://www.dudasytextos.com/clasicos/suma_teologica_2_2.htm última consulta em 23-07-2012).

⁴⁸⁸ Como exemplos, de obras que refletem a importância dada à educação no século XVI, vejam-se: Baldassare Castiglione, *Il libro del cortigiano*, 1528; Erasmo, *Civilidade pueril*, 1530; Giovanni della Casa, *Galateo*, 1558; Stefano Guazzo, *La civil conversazione*, 1574; etc.

comportamento” a um “bem falar”. Mas sobretudo depois da divulgação da imprensa, a um “bem escrever”.

No período fundamentalmente constituído pelos séculos XVI e XVII, que Perez Zagorin apelidou de «Age of Dissimulation»⁴⁸⁹, afloram obras de teoria política que ensinavam o príncipe a usar a prudência, desde logo, como fator de regulação linguística, quase sempre associada à estratégia da “di/simulação”.

No capítulo XVIII do *Il Principe* (1513), Nicolau Maquiavel defenderia a esperteza da raposa, como estratégia política e a (dis)simulação como virtude do governante: «[...] a quello che ha saputo meglio usare la volpe, è meglio successo. Ma è necessario questa natura saperla bene colorire, ed essere gran simulatore e dissimulatore [...]»⁴⁹⁰

O mesmo aconteceria, um pouco mais tarde, com Baltasar Castiglione, nos conselhos dados ao cortesão (*Il libro del cortigiano*, 1528). Também este dever-se-ia tornar num mestre do disfarce regulado pela prudência.⁴⁹¹

Jean Bodin, em *Les Six Livres de la République* (1583), nomeadamente no quarto livro, faz também um elogio do silêncio, sempre necessário ao príncipe...

[...] lequel se doit préparer quand il viendra en public, et alors accompagner sa majesté d'une certaine douceur, et non seulement parler peu, [mais] aussi que ses propos soient graves et sentencieux et d'un autre style que le vulgaire ; ou, s'il n'a pas la grâce de parler, il vaut mieux qu'il se taise, car si le proverbe du sage Hébreu est véritable, que le fol même en se taisant a réputation d'être sage [...]

⁴⁸⁹ Perez ZAGORIN – *Ways of Lying: Dissimulation, persecution, and conformity in early modern Europe*, Cambridge/Mass.–London: Harvard University Press, 1990, p. 330.

⁴⁹⁰ Niccolò MACHIAVELLI – *Il Principe*, Italia: [s/l]: [s/n], 1814, p. 67. (disponível on line: http://books.google.pt/books?id=RSkUAAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_gsummary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false, última consulta em 07-09-2012).

⁴⁹¹ Leia-se sobretudo o Livro IV (Neoplatonismo), porque mostra o poder benéfico do perfeito cortesão (fazer com que o mau príncipe pareça bom), bem como o poder maléfico do mau cortesão (fazer com que o bom príncipe pareça mau).

⁴⁹² Jean BODIN – *Les six livres de la République: un abrégé du texte de l'édition de Paris de 1583*, ed. Gérard Mairet, Paris: Librairie générale française, 1993, quatrième livre, cap. VI, p. 224. (Édition électronique, produit en version numérique par Mme Marcelle Bargerson, disponível on line: http://classiques.uqac.ca/classiques/bodin_jean/six_livres_republique/bodin_six_livres_republique.pdf última consulta em 09-08-2012)

Um pouco mais à frente, e após descrever a imagem representativa do poder persuasivo do deus Ogmios⁴⁹³, Bodin expõe as vantagens desta “arte de bem mentir”, enquanto propósito retórico, capacidade de convencer, de transformar o que é mau em bom, ou o que é pequeno em grande, seguindo, segundo afirma, o exemplo de Cícero e a máxima aristotélica de que as coisas devem ser mascaradas de modo a não se perceber o uso da máscara (ou o seu intento):

*Car puisque ce n'est autre chose qu'un déguisement de la vérité, et un artifice de faire trouver bon ce qui est mauvais, et droit ce qui est tors, et faire une chose grande de rien, et d'une fourmi faire un éléphant, c'est-à-dire l'art de bien mentir, il ne faut pas douter, que pour un qui use bien de cet art, cinquante en abusent [...]*⁴⁹⁴

Em *Della Ration di Stato* (1589), precisamente no “Libro Secondo: Della Segretezza”, Giovanni Botero demonstra que a habilidade de guardar silêncio, de manter o sigilo, de refrear a palavra, é uma arte que depende proficuamente da dissimulação.

*Non è parte alcuna più necessaria a chi tratta negozi d'importanza, di pace o di guerra, che la segretezza. [...] perché, sì come le mine, se si fanno occultamente, producono effetti maravigliosi, altramente sono di danno, anziché di profitto, così i consigli de Principi, mentre stanno secreti, sono pieni di efficacia e di agevolezza, ma non sì presto vengono a luce, che perdono ogni vigore e facilità [...] Giova assai la dissimulazione [...] E dissimulazione si chiama un mostrare di non sapere o di non curare quel che tu sai e stimi, come simulazione è un fingere e fare una cosa per un'altra; e perché non è cosa più contraria alla dissimulazione, che l'impeto dell'ira, conviene che'l Principe moderi sopra tutto questa passione in maniera tale, che non prorompa in parole o in altri segni d'animo o di affetto.*⁴⁹⁵

⁴⁹³ Aqui na versão do Hércules céltico, e à qual Bodin compara o orador, o homem eloquente, «qui fait tomber les armes des mains aux plus fiers, qui tourne la cruauté en douceur, la barbarie en humanité...» (Jean BODIN, *Les six livres de la République: un abrégé du texte de l'édition de Paris de 1583*, quatrième livre, cap. VII, p. 234)

⁴⁹⁴ «Vu que la plus belle règle que Cicéron baille sous la personne de Marc Antoine l'Orateur, c'est de ne rien dire contre soi, ou bien, comme dit Aristote, de savoir si bien déguiser les choses, qu'on ne puisse découvrir le masque.» Jean BODIN – *Les six livres de la République: un abrégé du texte de l'édition de Paris de 1583*, quatrième livre, cap. VII, p. 234, para ambas as citações.

⁴⁹⁵ Giovanni BOTERO – *Della racion di Stato*, ed. Chiara Continisio, Roma: Donzelli-Editore, 1997, pp. 56-7.

Segundo Selma Pousão-Smith, Botero «não escapava a aconselhar o uso da dissimulação como grande auxiliar do segredo necessário ao governante para acção eficaz.»⁴⁹⁶ E, com efeito, como vamos vendo, são muitos os que podem exemplificar para Bluteau, esta retórica da dissimulação.

No *Tesoro...* (1611) de Sebastião de Cobarruvias (que foi, vimo-lo, já comparado com o *Vocabulario* de Bluteau), na definição dos vocábulos «Disimular» e «Dissimvladamente», se lê: «no darse por entendido de alguna cosa», «con silencio, y como al descuydo.»⁴⁹⁷

Talvez aqui se deva fazer uma distinção mais desenvolvida entre dissimulação e simulação, estratégias retóricas bem distintas, sendo a dissimulação uma forma de «esconder a opinião do partido a que se pertence», e a simulação uma forma de «representação positiva da opinião do adversário».⁴⁹⁸

Em 1616, o espanhol Alvia de Castro, seguidor do tacitismo⁴⁹⁹, escreve, na *Verdadera razon de Estado*, no capítulo sobre a simulação e os seus efeitos negativos⁵⁰⁰: «Es la simulacion fingir aquello que es, como si fuesse, y es la

⁴⁹⁶ Selma POUSÃO-SMITH – *Rodrigues Lobo, os Vila Real e a Estratégia da Dissimulatio*, Lisboa: [s/n], 2008, vol 1, p. 474.

⁴⁹⁷ Sebastian de COBARRUVIAS – *Tesoro de la lengua Castellhana, o Española*, Madrid: Luis Sanchez, impressor del Rey N. S., 1611, p. 323 (DISIMULAR e DISSIMVLADAMENTE). Autor e obra valorizados por Rafael Bluteau, v. *Prosas Portuguezas...*, vol. I, p. 24, vol. II, p. 198.

⁴⁹⁸ Heinrich LAUSBERG – *Elementos de Retórica Literária*, ed. e trad. R. M. Rosado Fernandes, 2.^a ed., Lisboa: F. C. Gulbenkian, 1972, pp. 252-254, §§ 428-430. Refira-se que, para Lausberg, sendo distintas, podem confundir-se ambas com algumas formas de ironia. E ambas se opõem à estratégia, confessional, da sinceridade. E sempre essa sinceridade, diríamos nós, teria de ser explicitada *ad nauseam*, sem elipses que permitissem suspeitar da total aderência ao discurso alheio ou da total ignorância do nosso.

⁴⁹⁹ Corrente que encontra a sua inspiração em Tácito. Vejam-se outros seguidores desta política de dissimulação tacitista, como é o caso de Maquiavel (*supra* referido), assim como do historiador Francesco Guicciardini: «CORNELIUS TACITUS teaches those who live under tyrants how to live and act prudently; just as he teaches tyrants ways to secure their tyranny.» (Francesco GUICCIARDINI, *Maxims and Reflections*, trans. Mario Domandi, 4.^a ed., Pennsylvania: Harper & Row Publishers, 1992, p. 45). Para além da obra *Anais*, *supra* citada, notem-se ainda outras referências a Tácito, feitas por Bluteau nas *Prosas Portuguezas...*, vol. I, pp. 82, 337 e 359, vol. II, p. 116.

⁵⁰⁰ «IX. Que sea simulacion y sus malos effectos» inserido em Fernando Alvia de CASTRO, *Verdadera razon de Estado*, Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1616, pp. 46-50.

dissimulacion calar y encubrir aquello, que es, como si no fuesse [...]»⁵⁰¹. No capítulo seguinte, intitulado «Como util y provechosa la dissimulaciõ, pero necessario mucho tiento para no peccar en ella»⁵⁰², condena abertamente a simulação e defende a prática da dissimulação:

*La dissimulacion, como diffini ariba, es calar, y encubrir aquello, que es, como sino fuesse: y digo, que si la simulacion en la forma, que la dexo significada, es impia y peligrosa: la dissimulacion usada bien, es justa, prudente, y necessaria [...]*⁵⁰³

Também na *Corte na Aldeia* (1619), Rodrigues Lobo condena a mentira e a hipocrisia, entendidas na prática da simulação. O mesmo não sucederia à prática da dissimulação prudente, como demonstra o alargado estudo de Selma Pousão-Smith:

*O que o Poeta de Leiria como que parece querer significar, mesmo se sempre indirectamente, proponho, é que a “reforma da corte” pedirá não a abolição da dissimulação, a que se não pode condicionalmente escusar_e que bem usada é cuidado de virtuosa prudência_antes, sim, a abolição da condenável simulação da mentira.*⁵⁰⁴

Em termos muito semelhantes aos já citados, Torquato Accetto, na sua *Della Dissimulazione onesta* (1641), assentaria que: «La dissimulazione è una industria di non far veder le cose come sono. Si simula quello che non è, si dissimula quello ch'è.»⁵⁰⁵ A mesma distinção, entre estes dois conceitos, seria retomada, nos inícios do século XVIII, pelo Padre Manuel Bernardes⁵⁰⁶, na sua *Nova Floresta...*, publicada postumamente (1711): «Pela simulação fingimos o que não ha: pela dissimulação encobrimos o que há [...]»⁵⁰⁷

⁵⁰¹ Fernando Alvia de CASTRO – *Verdadera razon de Estado*, pp. 46-7.

⁵⁰² Inserido em Fernando Alvia de Castro, *Verdadera razon de Estado*, pp. 51-60.

⁵⁰³ Fernando Alvia de CASTRO – *Verdadera razon de Estado*, p. 51.

⁵⁰⁴ Selma POUSÃO-SMITH – *Rodrigues Lobo, os Vila Real e a Estratégia da Dissimulatio*, vol 1, p. 524.

⁵⁰⁵ Torquato ACCETTO – *Della dissimulazione onesta*, ed. Salvatore S. Nigro, Génova: Costa & Nolan, 1983, p. 50.

⁵⁰⁶ Aos 30 anos de idade (em 1674), terá professado na Congregação do Oratório de S. Filipe Néri, e em cuja tranquilidade claustral se recolheu até ao final da vida. (Cf. Jacinto do Prado COELHO, «Bernardes, Padre Manuel», *Dicionário de Literatura*, vol. 1, pp. 98-9).

⁵⁰⁷ Manoel BERNARDEZ – *Nova Floresta, ou sylva de varios apophthegmas, e ditos sentenciosos, espirituales, & moraes*, Lisboa: Officina Real Deslandesiana, 1711, terceiro tomo, p. 241.

Baltasar Gracián, em *El Héroe* (1647), estimula o uso da dissimulação, como uma máscara capaz de ocultar as imperfeições do rosto ou as expressões da vontade:

*Atienda, pues, el varón excelente, primero a violentar sus pasiones; cuando menos, a solaparlas con tal destreza que ninguna contratreta acierte a descifrar su voluntad. Avisa este primor a ser entendidos, no siéndolo, y pasa adelante a ocultar todo defecto, desmintiendo las atalayas de los descuidos y deslumbrando los lince de la ajena obscuridad.*⁵⁰⁸

Neste jogo de máscaras, a prudência será extremamente vantajosa para o príncipe, alegoricamente ela torna-se uma arma que ele deverá saber usar, tanto na defesa (no que cala) e como no ataque (no que diz). Na *Brachilogia de Princepes*, de 1671, e nomeadamente o subcapítulo intitulado «seja seu estudo adquirir prudência», afirma Frei Jacinto de Deus: «Entre as Virtudes morais, é Princesa a prudência própria de Príncipes. [...] em todos é a prudência conveniente, como a medicina à saúde; no Príncipe, como o espírito à vida.»⁵⁰⁹

Invariavelmente estas obras teorizavam a diferença entre a simulação e a dissimulação, isto é, entre o ilícito (mentira) e o lícito (omissão). Tal problemática articular-se-á com um outro assunto de mais ampla tradição: a prudência política. Uma arte desde logo dificultada pelo jogo da dissimulação. Mas o que nos parece mais interessante é que, nesta gestão equilibrada dos limites, Rafael Bluteau sublinhe não só o papel fulcral da prudência como virtude política, social, mas sobretudo como virtude científica, intelectual. Lembrem-se, a propósito, alguns dos epítetos atribuídos a Rafael Bluteau. Símbolo de prudência, ele é para Francisco Xavier de Menezes «o nosso Nestor»⁵¹⁰ e para Tomaz Caetano de Bem um «Varão tão prudente»⁵¹¹.

⁵⁰⁸ Baltasar GRACIÁN – “Primor II: Cifrar la voluntad”, *El Héroe, Oráculo Manual y Arte de Prudencia*, Madrid: Editorial Castalia, 2003, pp. 77-8. No aforismo noventa e oito, do *Oráculo, Manual y Arte de Prudencia*, Gracián acrescenta: «Son las pasiones los portillos dela ánimo. El más plático saber consiste en dissimular. Lleva riesgo de perder el que juega a juego descubierto» (Baltasar GRACIÁN, *El Héroe, Oráculo Manual y Arte de Prudencia*, Aforismo XCVIII: *Cifrar la voluntad*.)

⁵⁰⁹ Jacinto de DEUS – *Brachilogia de Princepes*, Lisboa: António Craesbeeck de Mello, 1671, pp. 35-6.

⁵¹⁰ Francisco Xavier de MENESES – «Elogio do reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...», p. 2.

⁵¹¹ Thomaz Caetano de BEM – «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares em Portugal...*, p. 308.

*PRUDENCIA. Virtude intellectual, que ensina ao homem o recto modo de obrar, & o que he moralmente bom, ou mau, para abraçallo, ou fugillo. [...] Em medalhas antigas se vé, por geroglyphico da prudencia huma amoreyra, que como a mais sabia das arvores dá as flores mais tarde para as livrar da geada; nos ramos da amoreyra hum grou vigiando, & em cima da mesma arvore a figura de Jano com duas cabeças, huma com os olhos para o passado, & outra olhando para o futuro. [...] A prudencia mais se conhece em impedir o dano, que em o reparar.*⁵¹²

O silêncio não será indiferente a este contexto, uma vez que se encontra, segundo Bluteau, intrinsecamente ligado à prudência linguística do príncipe, agora, com diversas e divergentes conotações:

*Prova de modestia, & reverencia, e talvez indicio de ignorancia. * Em pessoa poderosa, sinal de grande indinação. He muito para temido o silencio de. Principe irado: porque é preambulo, & prologo da sua vingança. A injuria, que o Principe mais dissimular, sera a menos perdoada. [...] Principe indignado, que não falla, declara, que quer pôr mãos na obra.*⁵¹³

O silêncio, personificado por Tácita, tornar-se-á o melhor conselheiro do príncipe prudente «A musa Tacita, ou o Silencio tambem he bom para conselheiro de hum Principe prudente, cujos designios devem ser secretos.»⁵¹⁴ Nos artigos sobre a «DISSIMULAÇAM», são claros os indícios de um silêncio dissimulado que se apresenta como característica dos príncipes, no microcosmos, e até mesmo de Deus, no macrocosmos: «No principio do seu governo he summamente necessaria ao Principe a dissimulação das injurias.»⁵¹⁵; «[...] particularmente precisa nos Principes para governar bem os seus estados. [...] * Apparencia enganosa, aborrecida do Supremo Monarca.»⁵¹⁶

⁵¹² Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...* Lisboa: Officina Pacoal da Sylva, 1720, Tomo VI, p. 811 (PRUDENCIA).

⁵¹³ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, pp. 342-3 (SILENCIO). Note-se ainda sobre o mesmo assunto a seguinte referência: «O Principe (quando convém) manda pôr silencio na causa.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo VII, p. 643).

⁵¹⁴ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario portuguez, e latino...*, Lisboa: Patriarcal Officina da Musica, 1728, Supp. II, pp. 234-5 (TÁCITA).

⁵¹⁵ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario portuguez, e latino...*, Tomo III, p. 252 (DISSIMULAÇAM).

⁵¹⁶ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 154 (DISSIMULAÇAM).

A dissimulação, sinónima de fingimento, será a estratégia retórica, por excelência, da política e da religião. É pois muito significativo que o cosmos linguístico e literário seja por vezes colocado entre o cosmos político e o cosmos religioso. O fingimento político, lembra Bluteau, será análogo ao da arte poética, mas distanciar-se-á simultaneamente dela, porque não é postulado pela Sinceridade, prerrogativa última de poetas mas nunca de políticos, em tempos muito anteriores ao *Contre Sainte-Beuve*, de Proust:

*FINGIMENTO [...] Artificio, introduzido pela Arte Poetica. Hoje pouco, ou nada se estima a Poesia, sem embargo de que de Poesia todo o Mundo vive, porque em todo o Mundo se finge. Não falou verdade; quem disse que a Poesia fazia danno á politica, porque hoje a politica não he outra cousa mais que huma mera poesia, isto he, hum mero fingimento. O mayor inimigo se finge amigo, e mayor poltraõ se finge valente, o mayor ladraõ se finge limpo de mãos, e desinteressado. As este genero de poesia he proprio de sugeitos mais fingidos, e requintados, que os Poetas, porque os Poetas tem a poesia nas pennas, e não nas unhas; no estylo, e não no bojo; no cantar, e não no obrar, e fazer chorar. Saõ Cysnes, isto he, candidos, id est, Sinceros. Nem para viver com politicos saõ bons os Poetas. Na escola da politica; quem não sabe fingir, não sabe viver.*⁵¹⁷

Neste contexto, a prática e o domínio retórico da arte da conversação, entre o ofício do político e o ofício do poeta, implicariam um conhecimento profundo de si mesmo e dos outros, impedindo simultaneamente que os outros me conheçam. Para tal, era necessário estar preparado, não transparecer reacções indesejadas, possuir a voz certa, evitar temas desagradáveis à conversação, dominar os gestos, os temas, o rosto... enfim, gerir o silêncio, saber calar: «Accesible es el primor a un varón callado, calificada inclinación, mejorada del arte, prenda de divinidad, si no por naturaleza, por semejanza.»⁵¹⁸

Mas este estado intermédio do silêncio se verifica também entre o ofício do sábio e o ofício do religioso, entre a pedagogia literária (científica) e a gnose do divino.

⁵¹⁷ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 184 (FINGIMENTO). Veja-se ainda, sobre o mesmo assunto, o tema da “simulação” e suas correspondentes variações morfológicas, nomeadamente as entradas: «Simuladamente», «Simulado», «Simuladôr» e «Simular» (Cf. Rafael BLUTEAU, *Vocabulario portuguez, e latino...*, Tomo VII, p. 651).

⁵¹⁸ Baltasar GRACIÁN – *El Héroe: Oráculo Manual y Arte de Prudencia*, p. 79.

O saber calar, «Dissimular. Encobrir. Occultar. [...] Emmudecer. Suspende, ou embargar o discurso. Entregar ao silêncio. Omittir.»⁵¹⁹, como característica do homem prudente, ou do homem discreto⁵²⁰, evidencia-se alternadamente ou simultaneamente como pedagogia e gnose, ambivalência realçada desde logo nas Sagradas Escrituras:

Há tempo de calar, e tempo de falar. (Ecl 3, 7); Ensina-me, e eu me calarei [...] (Jó 6, 24); E oxalá que vós vos calásseis, para poderdes passar por sábios. (Jó 13, 5); Atende, Jó, e ouve-me: e cala-te, enquanto falo [...] e eu te ensinarei a sabedoria. (Jó 33, 31-33). Há homem que, estando calado, é tido por sábio; e há homem que se faz odioso por ser descomedido no falar. Há homem que se cala não tendo senso para falar: e há homem que se cala sabendo para isso o tempo oportuno. O homem sábio estará em silêncio até um certo tempo: mas o leviano, e o imprudente não observarão o tempo. (Ecl 20, 5-7).

O autor da *Corte na Aldeia*, Rodrigues Lobo, também terá abordado o assunto nos seus diálogos: «tégora não tratei dos louvores do silêncio, nem da verdade daquele dito: *assás sabe o que não sabe, se calar sabe*. E o outro: *que o néscio, calando, se parece com o discreto.*»⁵²¹ Afinal, «Sabemos bem como o silêncio transforma o chumbo em ouro, o escravo em príncipe, a indigência em plenitude.»⁵²²

Do mesmo modo, Bluteau demonstra, com alguns exemplos clássicos, a importância de saber guardar o silêncio, a sagacidade omnisciente, não de “calar” mas de “saber calar”:

Profunda sabedoria, quando opportunamente o silencio se guarda. Vendo Arquidamo que se estranhava o silencio de hu grande Orador, chamado Heccates, q. assistindo a hum banquete não disse palavra; acodio por elle, dizendo, que os que sabem fallar bem, tambem sabem; quando convem callar. Iperides, em huma festa tumultuosa, perguntado, porque não dizia palavra, respondeu, o fallar nas materias que entendo, não he proprio deste tempo, e nas que deste tempo são proprias, não convem, que eu falle. Os Embaixadores del Rey da Persia, banqueando na casa de hum Cavalheiro de Athenas, e observando, que o famozo Filozofa Zeno não dizia cousa alguma, começaram a tirallo a terreiro, e brindarlhe à saude, dizendo. E pois senhor que diremos de vós ao nosso Rey?

⁵¹⁹ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 91 (CALLAR).

⁵²⁰ «DISCRIÇAM. Engenho. Juizo. Prudencia. Perspicacia.» (Rafael BLUTEAU, «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 153)

⁵²¹ Francisco Rodrigues LOBO – *Corte na Aldeia, e noites de Inverno*, Diálogo VIII, p. 179.

⁵²² Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 238.

*Nenhuma outra cousa, disse elle, senão, que vistes em Athenas hum velho que na mesa sabe estar callado. O certo he, que nunca foy tão proveitosa huma palavra solta, como o foram muitas reprezadas. [...] Nenhuma besta he tão besta, que com a sua lingua se faça dano. Dizia o Filozofo Simoniades que muitas vezes se arrependera de haver fallado; de se ter callado, nunca.*⁵²³

Por isso, o homem silencioso é um «Taciturno, que falla pouco. [...] Amigo de guardar o silêncio.» e os homens silenciosos (e baseado nos exemplos de Frei Jacinto de Deus) são «(Prégadores *Silenciosos*, Letrados mudos. Brachilog. de Princip pag 36.) (Ministros amorosos, discretos *silenciosos*. Ibid. pag. 221.)»⁵²⁴

O silêncio, esse «Prudente preservativo de enfados, e perigos.»⁵²⁵, encontra-se associado à «Reticencia. Abstinencia de palavras. Freyo, mordaça na boca. Taciturnidade. Voz muda. Boca callada. Carencia de palavras. Mudez.»⁵²⁶. Sinónimos, por sua vez, da «TEMPERANÇA NO GOSTO», entendida como «Freyo de appetites desordenados. [...] * Prerogativa, que faz ao homem Justo, forte, e Prudente, porque na temperança ellas tres virtudes se encerraõ.»⁵²⁷, ou ainda da «MODERAÇAM»:

*O saber se cõter entre qualidades não só contrarias; mas na apparencia incompativeis, como saõ a severidade, e a brandura; a complacencia, e a autoridade; a galantaria; e a modestia. [...] Esta prudente tranquillidade he tão digna de admiração [...] Muito mayor gosto ha em nadar junto da praya, do que bracejar no golfo [...]*⁵²⁸

⁵²³ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 343 (SILENCIO). V. a bula *Vineam Domini* de 16 Julho 1705 que se opõe ao direito do “silêncio respeitoso” (*silentium obsequiosum*) no contexto da anterior condenação das cinco proposições do *Augustinus...* (o texto fundador do jansenismo). V. ainda Abade DINOUART – *A Arte de Calar*, trad. Luís Filipe Ribeiro, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

⁵²⁴ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo VII, p. 644 (SILENCIOSO).

⁵²⁵ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 343 (SILENCIO).

⁵²⁶ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 342 (SILENCIO).

⁵²⁷ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 370 (TEMPERANÇA NO GOSTO).

⁵²⁸ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 243 (MODERAÇAM).

O saber calar revela-se uma virtude necessária ao discurso. A todo o discurso, como vamos vendo. Para Bluteau o silêncio é o momento reservado ao ato de conceber e sem ele o discurso não nasce. No artigo «TACITURNIDADE», e baseado na Sagrada Escritura, chega mesmo a comparar a fala ao momento do parto, lembrando o processo paciente e moroso que o precede. Antes de falar, é forçoso conceber, pensar, ponderar, calar, para que a palavra nasça saudável, no tempo adequado, e não se torne um produto anómalo, prematuro, deformado:

*Chegada a hora do parto, dores mortaes causa a tardança; a dilação de hum so instante he impossivel, do mesmo modo, quem na mente concebeu hum pensamento, se sente morrer, se por meyo da bocca o não da á luz. Conceptum Sermonem tenere quis poterit? Dizia Job. Com razaõ, pois se compara o discurso com o parto, assim como seria cousa ináudita, que mulher parisse sem ter concebido, assim seria impossivel, que sahisse da bocca a palavra, sem preceder conceição, ou conceito. Só o tolo vendo que os outros parem, tambem quer parir, mas sem primeiro ter concebido; e assim o seu fallar, não he parto, mas aborto; nem aborto he, porque atè para abortar, he necessario conceber.*⁵²⁹

O homem discreto, calado, é também o homem que cria. Aquele que camufla, que teme a ignorância e também o que se abre à dúvida científica, através do silêncio. Aquele que enverga a máscara das emoções é o que produz um domínio muito semelhante ao que a literatura exerce sobre a linguagem: a capacidade ou o efeito de metamorfosear.

Mecanismo de defesa e sobrevivência, o fingimento é a estratégia utilizada pelo camaleão. No artigo sobre o FINGIMENTO, Rafael Bluteau, baseando-se em Plutarco, refere o medo e a timidez deste “insecto” [sic], com possíveis conotações: «FINGIMENTO. Ficção. Vid. Dissimulação. * Efeito ordinario do medo.»⁵³⁰. A personificação deste animal aproxima as suas faculdades às do comportamento humano. Como nota também Solino, no diálogo XIII, da *Corte na Aldeia*, quando chama aos cortesãos «esses camaleões da cortesia»⁵³¹.

⁵²⁹ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, pp. 364-5 (TACITURNIDADE).

⁵³⁰ «Do Camaleão diz Plutarco que he insecto timidissimo, e que esta he a causa da variedade das cores, que toma...», Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 183 (FINGIMENTO).

⁵³¹ Francisco Rodrigues LOBO – *Corte na aldeia, e noites de Inverno*, p. 253.

Lembre-se que ao longo do século XVIII se vulgarizou entre os cortesãos o uso da máscara, uma base branca de pintura cosmética que tinha por finalidade esconder o rosto, disfarçar as expressões. Na sequência do processo de derivação não afixal (disfarçar/disfarce) assistimos a um conjunto de vocábulos sinónimos que muito se adequam a esta temática: «DISFARÇAR. Dissimular. Occultar. Encobrir. Callar. Rebuçar.» [...] «DISFARCE. Fingimento. Dissimulação. Mascara. Capa. Rebuço.»⁵³² A referência ao uso da máscara verifica-se nos «TERMOS De cousas, que cobrem, e encobrem»: «Encobre o dissimulado o seu animo, e os seus intentos. [...] Em bailes nocturnos andaõ muitos cubertos com mascaras.»⁵³³ Segundo Jacques Derrida, Platão tinha já alertado para o carácter cosmético e multifacetado do *pharmakon*:

*A República chama também phármaka as cores do pintor (420 c). A magia da escritura e da pintura é, pois, aquela de um disfarce que dissimula a morte sob a aparência do vivo. O phármakon apresenta e abriga a morte. Ele dá boa figura ao cadáver, o mascara e disfarça. [...] Ele transforma a ordem em enfeite, o cosmos em cosmético. A morte, a máscara, o disfarce, é a festa que subverte a ordem da cidade [...]*⁵³⁴

Se atentarmos novamente no verbete de Bluteau sobre o FINGIMENTO, verificamos como a sua dualidade é assinalada, entre a mentira e a verdade, entre o côncavo (exposto) e o convexo (oculto), lados arditamente manejados pela prudência:

Mascara da verdade, mas em certas ocasiões licita, e digna de louvor. [...] Que se bem estes meyo se chamaõ fingimentos, e enganos, não deixam de ser verdades, mas encubertas, e prudentemente manejadas, para se conseguirem seus proveitozos effeitos. Como tivera Cyro livrado os Persas da tirannia dos Medos, se não encubrira a Astyages

⁵³² Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 153 (artigos DISFARÇAR E DISFARCE). Leia-se ainda: «DISFARC,AR alguém com mascara, ou com vestido alheo. [...] Disfarçar. Dissimular. *Fingere* [...]» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo III, p. 246).

⁵³³ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Termos proprios, e metaforicos...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 450 (TERMOS De cousas, que cobrem, e encobrem).

⁵³⁴ Jacques DERRIDA – *A farmácia de Platão*, trad. Rogério da Costa, São Paulo: Iluminuras, 2005, p. 92.

*o seu intento? Como lançára Dion da opprimida patria a Dionysios se lhe descobrira seus secretos artificios?*⁵³⁵

A prudência, essa arte de esconder e revelar, encontra pois afinidades com a dissimulação. Mas note-se o contraste depreciativo das suas nuances, evidenciado por Bluteau:

*DISSIMULAÇAM. Fingimento. Disfarce. Rebuço. A dissimulaçam he huma especie de Prudencia, mas timida, cobarde, & (segundo Agesilao, Rey sapientissimo) indigna da Magestade. Não seguio Tiberio este dictame; todo o seu estudo era dissimular [...] No Theatro da Politica , os dissimulados são Pyramidas, nunca se lhe vem de hum jacto as tres faces, de que constaõ; sempre fica huma dellas encuberta á mais sagas perspicacia [...] Das victimas de seus sacrificios excluyo Deos ao cysne; Levitic, cap. II. vers. 18. Por que com brancas plumas cobre esta Ave carnes negras. Que estimação se pode fazer de negra vontade, com superficial candidez disfarçada? A inda assim no commercio da vida humana, alguma dissimulação he necessaria contra a malicia dos homens. A desnudez do a nimo, ás vezes he taõ indecente, & nociva, como a de cabeça; aos costumes, & acçoens grangea respeito o não estarem sempre patentes aos olhos, & sogeitas aos discursos dos homens.*⁵³⁶

Esta tripla ou dupla face da dissimulação está bem patente na atitude do diplomata, terceiro elemento que procura o entendimento entre dois príncipes/reis. Na *Corte na Aldeia*, de Rodrigues Lobo, uma das personagens (o Doutor), após enumerar os requisitos do embaixador, entre eles a discrição («há-de ser discreto [...] encobrimdo, desculpando e persuadindo [...]»), afirma:

*E são todas estas partes tão necessárias ao embaixador que, com a falta de qualquer delas, ou arriscará o crédito do príncipe que o manda, ou o negócio de que vai a tratar por sua parte. Primeiramente há-de ser ilustre por autoridade de seu rei ou de seu reino, e dos ilustres dele, e por honra também do príncipe a que é mandado, pois há-de fazer as partes de um e assistir à ilharga do outro.*⁵³⁷

⁵³⁵ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, pp. 183-4 (FINGIMENTO).

⁵³⁶ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario portuguez, e latino*, Tomo III, pp. 251-2 (DISSIMULAÇAM).

⁵³⁷ Francisco Rodrigues LOBO – *Corte na aldeia, e noites de Inverno*, p. 109.

Lembre-se a função de embaixador, desempenhada por Rafael Bluteau, na já mencionada viagem a Turim, e que talvez se ajustasse à metáfora do cisne «symbolo do dissimulado, que debaixo de huma superficial candidez traz hum coração danado.»⁵³⁸ Há certamente aqui uma apologia da ambiguidade, que passa a ser vista como fator positivo na política, na literatura, na religião, porque é sinal transversal de sabedoria.

T. S. Eliot confirmaria esta contingente característica da sabedoria em Goethe, personificação do sábio, porque saberia exemplarmente combinar os limites, e gerir o dito e o não dito. Nas suas máximas e aforismos tão importantes serão as palavras (o que se diz), como os silêncios (o que se cala). E será, precisamente, nesta atividade que se define ou constitui o seu saber:

*It seems to suggest that wisdom is something expressible in wise sayings, aphorisms and maxims; and that the sum of such maxims and sayings, including those which a man has thought but never communicated, constitute his 'wisdom'. [...] The wisdom of a human being resides as much in silence as in speech: and, says Philotheus of Sinai, 'men with a silent mind are very rarely found'.*⁵³⁹

Não menos importante é o testemunho de Carlos Carreto sobre o provérbio, descrito como uma espécie de fórmula capaz de conservar a palavra mágica, aquela que não foi apagada pelo tempo:

*[...] através deste tipo de "fórmulas", a palavra monumentariza-se e fixa-se no tempo (por oposição à fugacidade inerente à oralidade), podendo ser então contemplada como uma palavra exemplar, como uma palavra que, de algum modo, reintegrou as suas propriedades mágicas.*⁵⁴⁰

Devemos enquadrar o uso do discurso abstrato da máxima neste binómio palavra e silêncio. Rafael Bluteau valorizará este género de enunciados, sábios, pautados pela fertilidade e pela concisão. O querer dizer muito em pouco, ou então, porque se sabe muito, só se diz o que é preciso e decisivo. A inclusão de um manancial de adágios, no

⁵³⁸ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Sinonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 155 (DISSIMULAÇAM).

⁵³⁹ T. S. ELIOT – «Goethe as the Sage», *On Poetry and Poets*, p. 221.

⁵⁴⁰ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 402.

seu *Vocabulario*, realça bem a importância dada ao património de memória cultural e linguística. Como constata Belmiro Pereira:

*Assim se explica o interesse dos humanistas pelos Caracteres de Teofrasto e pela obra de Plutarco, pelos Facta et dicta memorabilia de Valério Máximo e pelas Vitae de Diógenes Laércio. Neste ponto, aliás, continuam os humanistas a tradição medieval de compilação de apotegmas e sentenças, ou de ditos e feitos, da história e literatura antigas, da literatura patrística e hagiográfica.*⁵⁴¹

Rafael Bluteau fará algumas distinções terminológicas. De acordo com as definições expostas por Bluteau, o adágio é uma «Sentença comum, popular, & breve [...] os Adágios são as mais aprovadas sentenças, que a experiencia achou nas acções humanas, ditas em breves, & eloquentes palavras.»⁵⁴² O anexim, um «Axioma vulgar. Dito picante, como aquelles de q communmente usaõ Regateiras, & gente popular»⁵⁴³. O apotegma «Deriva-se do Grego *Apophthegmai*, que vale o mesmo, que *Fallar sentenciosamente*. E *apoftegma* he huma breve sentença, pronunciada por algu varão illustre.»⁵⁴⁴. O “dictado” apresenta-se como sinónimo de sentença e provérbio.⁵⁴⁵ O “dictame” e a máxima têm significados análogos⁵⁴⁶ e o rifão é sinónimo de adágio⁵⁴⁷. Na definição do provérbio (semelhante ao adágio e ao rifão), é significativo o número de livros e autores que Bluteau cita como autoridades deste género. Tais referências comprovam bem o interesse e o conhecimento de Bluteau nestes assuntos:

⁵⁴¹ Belmiro Fernandes PEREIRA – «Entre Literatura e História: a *chria* na pedagogia retórica», *Literatura e História – Actas do Colóquio Internacional*, Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Letras, 2004, vol. II, p. 66. Note-se, por conseguinte, o particular interesse de Rafael Bluteau, por Teofrasto (Cf. *Prosas Portuguezas...*, vol. II, p. 85), pela obra de Plutarco (Cf. *Prosas Portuguezas...*, vol. I, pp. 63, 74, 78, 81, 136, 205, 218, 260, 276 e 408; vol. II, pp. 17, 65, 80, 83, 84, 130, 179, 217, 301 e 310), pelos *Factorum et dictorum memorabilium* de Valério Máximo (Cf. *Prosas Portuguezas...*, vol. I, p. 82 e vol. II, pp. 80 e 196) e por Diógenes Laércio (Cf. *Prosas Portuguezas...*, vol. I, pp. 80 e 123). Realce-se ainda a valorização da obra de Girolamo Cardano, *Aphorismorum Astronomicorum segmenta septem*, nas *Prosas...*, vol. I, p. 246, vol. II, p. 81.

⁵⁴² Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo I, p. 119 (ADAGIO).

⁵⁴³ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo I, p. 373 (ANEXIM).

⁵⁴⁴ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo I, p. 432 (APOPTHTEGMA).

⁵⁴⁵ Cf. Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo III, p. 214 (DICTADO).

⁵⁴⁶ Cf. Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo III, p. 215 e Tomo V, p. 371 (DICTAME e MÁXIMA).

⁵⁴⁷ Cf. Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo VII, p. 334 (RIFÃO).

*Na sagrada Escritura o livro dos Proverbios tem trinta & hum capitulo de sentenças de Salamão. Escreve Laercio, que Aristoteles compuzera hum livro de Proverbios, Chrysippo compoz dous, Cleantes, Theophrasto, Demosthenes, e outrso muytos antigos Filósofos compiláraõ em diferentes livros os Proverbios mais usados dos Egepcios, Gregos, & Romanos. O Padre del Rio, da Companhia de Jesus ajuntou, & interpretou os mais selectos adagios de hum, & outro Testamento. O P. Luis Novarino, Clerigo Regular Theatino explicou doutamente os Proverbios, que se achaõ nas obras dos Santos Padres. Joseph Schalligero fez huma versãõ de Proverbios Arabicos, impressa no anno de 1614. O P. André Schor, da Companhia de Jesus, traduzio a maior parte dos Proverbios Gregos, tomados de Zenobio, ou Zenodoto, Diogeniano, Suidas, &c. Andaõ em hum livro de folhas os Proverbios de Erasmo.*⁵⁴⁸

Um último conceito próximo, a sentença aparece como um «Dito grave, de poucas palavras, & com algum documento moral. [...] Das sentenças, dadas em juizo, se derivou o juizo das sentenças, cujo ser he resumir. Sentença he o mesmo que clausula, que diz mais do que soa.»⁵⁴⁹

São, na verdade, inumeráveis os exemplos deste género de discurso, enunciados breves que encerram em si muito mais do que aquilo que aparentam. Vejam-se alguns exemplos, particularmente dos vários sentidos atribuídos ao ato de reter a palavra, de calar: «Os cães da inveja, q só a leões se arremeçaõ em descobrindo a fera, não ladraõ como os mais, para que o estrondo não espante, e faça fugir a caça. Até o louco quando está callado, parece sábio.»⁵⁵⁰; ou ainda, e mais expressamente, nos «Adagios Portuguezes do Calar», que Bluteau cita também em grande número:

Quem Cala vence. Quem Cala, consente. Mais val Calar, que mal fallar. O parvo se he callado, por sabio he reputado. [...] Bom saber he Calar, até ser tempo de

⁵⁴⁸ Cf. Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo VI, p. 804 (PROVERBIO).

⁵⁴⁹ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo VII, p. 586 (SENTENÇA). Note-se ainda a definição de parábola e sua associação à sentença, ao provérbio, à alegoria: «He pois *Parabola* a narraçãõ de hum successo supposto, com instrucção allegorica, da qual se tira alguma moralidade. Nas Parabolas Euangelicas encerrou a Divina Sabedoria admiraveis doutrinas para a salvaçãõ eterna [...] Os Proverbios de Salamão são chamados *Parabolas*, porque tambem Parabola se toma por dito sentencioso, allegorico, & proverbial.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo VI, p. 839).

⁵⁵⁰ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Sinonimos...», *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Supp. II, p. 273 (PALAVRA).

*fallar. A mulher de bondade, outrem falle; e ella cale. [...] Prata he o bom falar, ouro he o bom Calar.*⁵⁵¹

É ainda curiosa a abundância de máximas e apotegmas que usam a metáfora do rio. O rio que, silencioso, corre em maior quantidade e profundidade (conhecimento), contraposto ao regato/ribeiro que, ruidosamente passa, em menor quantidade e superficialidade (ignorância): «Os rios, mais caudalosos; são os que correm com menos ruído. *Altissima flumina* (diz Curcio) *minimo sono labuntur.*»⁵⁵²; «Rio de pouco fundo faz grande ruído.»⁵⁵³; «Onde vay mais fundo o rio, ahi faz menos ruído.»⁵⁵⁴

O ruído é, em todo o caso, uma característica particular do homem que cai no registo da *vaniloquia*: «O palreiro faz do seu amigo mudo. [...] Homem ruídozo grita muito, faz grande bulha, e obra pouco.»⁵⁵⁵ Contudo, o homem que se colocar no extremo oposto, a *mala taciturnitas*, não escapa a um silêncio negativo, do qual é vantajoso manter distância: «Guarda-te do homem, que não fala, e do cão, que não ladra.»⁵⁵⁶

⁵⁵¹ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Suplemento I, p. 177 (Adagios Portuguezes do Calar).

⁵⁵² Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos...», *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Supp. II, pp. 342-3 (SILENCIO).

⁵⁵³ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Termos proprios, e metaforicos...», *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Supp. II, p. 455 (TERMOS de varias castas de estrondo).

⁵⁵⁴ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo VII, p. 396 (RUIDO).

⁵⁵⁵ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Termos proprios, e metaforicos...», *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Supp. II, p. 455 (TERMOS de varias castas de estrondo).

⁵⁵⁶ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Termos proprios, e metaforicos...», *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Supp. II, p. 454 (TERMOS Concernentes aos não falar, e guardar silencio).

15. O silêncio da infância

Indelével distância ou utópica aspiração de aproximação, a diferença entre Deus e o Homem será comumente sentida. Sobretudo no que concerne ao discurso:

[...] *inferem os Theologos, que os artigos da nossa Santa Fé de mais difficil comprehensão, são absolutamente mais certos, que as mais evidentes conclusões de todas as Sciencias; porque estas fundão a sua verdade no discurso humano, que he fallivel; e os Artigos da Fé manaõ das revelações Divinas, que são necessariamente infalliveis.*⁵⁵⁷

Por ser falível, o discurso humano aproximar-se-á do fenómeno negativo da pluralidade, entendida como *confusio linguarum*. Por ser infalível, o discurso divino também terá as suas analogias com uma língua universal, monogenética. Seria essa a língua perfeita, para este admirador de Lúlio:

*Da Creação do Mundo até aos temerarios, e mal logrados principios da famosa Torre de Babel, pelo espaço de mais de mil e setecentos annos correrão as palavras todas irmans, e filhas da primeira, e unica lingua do Mundo, com tanta uniformidade, e confiança, que nunca entre ellas houve, outra diferença, que a que era precisa para a harmonia do discurso. [...] Estes, e todos os mais nomes daquele tempo, eraõ palavras da lingua farta, que naquelles primeiros séculos reynavaõ no Mundo; quando finalmente com o castigo da confusão das linguas na Torre de Babylonia, entrou a desconfiança nos homens, e nas palavras, desconfiavaõ os homens dos seus mayores amigos, porque não se entendiaõ; e a falta da intelligencia cruelmente trocava em injurias os beneficios, e os obsequios em afrontas.*⁵⁵⁸

⁵⁵⁷ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 224.

⁵⁵⁸ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 7. Leia-se sobre o assunto, Umberto ECO, «A Hipótese monogenética e as Línguas-Mãe», *A procura da língua perfeita*, pp. 81-118.

No artigo BABEL⁵⁵⁹, do Vocabulário, também é notória esta influência da tradição bíblica, nas questões em torno da linguagem:

*Depois de chegada a obra a certa altura, confundio Deos os espiritos, & as lingoas, & desta confusam lhe veyo o nome de Babel, que quer dizer confusam.*⁵⁶⁰

Na Dedicatória, Bluteau evoca o Éden e recorre à figura de Adão para evidenciar a superioridade do verbo. As palavras são a etapa que se segue ao humano e natural *Silêncio da Infância*. Adão, consignado por Deus para nomear a criação, detém a harmonia do discurso – essa perfeição monogenética, derrubada pela *confusio linguarum*.

*Escolher vozes, & accomodar palavras, não he improprio à Magestade. A primeyra occupação do primeyro Rey do mundo foy ver, & considerar, que nomes havia de por ás criaturas. Nesta curiosa nomenclatura gastou Adaõ as primeyras horas do seu governo, Legislador de vocabulos no preludio da vida, compositor do primeyro Diccionario, e neste nobilissimo exercicio, superior a todos os Potentados, seus successores, porque nascendo os Reys na abundancia dos bens da terra, jazem no berço faltos de palavras, & por ley da natureza, obrigados ao Silencio da Infancia.*⁵⁶¹

Usar da palavra, nomear, é usar a bondade de Deus que para tal incentivou Adão. O verbo, transmitido pelo académico ao rei, não é adâmico, mas reveste-se da humildade e da perfeição de Deus, agora em movimento inverso, de baixo para cima, do vassalo ao Rei, como do Homem a Deus:

Providencia de Deus chamo eu a esta falta, para que tivessem os pobres, que offerecer aos Princepes. Estava V. M. nas mantilhas da silenciosa idade, quando nos primeyros

⁵⁵⁹ Note-se sobre este assunto, a influência do jesuíta A. Kircher e da sua obra *Turris Babel*, frequentemente citados por Bluteau nas *Prosas Portuguezas* (leiam-se por exemplo, no vol. I, as pp. 70 e 339) e no *Vocabulario* (leia-se por exemplo o artigo «Babel», Tomo II, p. 5). Leiam-se ainda outra referências, nas *Prosas*, sobre o *Mundos Subterraneus*, v. vol. I, pp. 127 e 136, sobre *Musurgia Universalis*, v. vol. I, p. 164 e vol. II, p. 174, sobre Kircher no geral, v. vol. I, pp. 70 e 339.

⁵⁶⁰ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario portuguez, e latino...*, Tomo II, p. 5 (BABEL).

⁵⁶¹ Rafael BLUTEAU – «Dedicatória», *Vocabulario portuguez, e latino...*, Tomo I, p. III. Cf. a passagem do Génesis, em que se refere a nomeação primeira de todas as coisas, ainda no Paraíso (Gn 2, 19-20).

*tomos deste Vocabulario, ajuntava a minha curiosidade palavras, que na bocca de V. M. se haviaõ de converter em oraculos [...]*⁵⁶²

No princípio é o verbo, seja ele «imane»nt», seja ele «proferido».⁵⁶³ O primeiro é eterno, divino. O segundo é emitido, humano, representa o diálogo cíclico da criação. Ambos, quer o verbo gerador quer o verbo gerado, são originados pelo silêncio.

*[...] (e o mesmo acontece com o mito bíblico da g nese),   sempre através do pensamento sem palavras, isto  , do silêncio enquanto força cosmog nica primordial (matricial) que todas as coisas são criadas.*⁵⁶⁴

A palavra divina⁵⁶⁵ (perfeita) e a palavra ad mica (idílica) ainda dialogam com o silêncio.   somente a partir da rutura da palavra com o silêncio que se processa a Queda. Ao parafrasear Pl neo, Rafael Bluteau anuncia esta p s-“Idade dourada”, marcada pela mentira, comparada significativamente a um erro cirúrgico, um corte da veia da verdade, o canal de ligação entre o coração e a língua:

*MENTIRA. [...] * Vicio, cruelmente introduzido no Mundo pela conveniencia; segundo escreve Plinio, do coração para a lingua, fez a natureza passar huma vea, para que em favor da verdade estas duas partes se unissem. Passada a Idade dourada, o Interesse, pessimo Cirurgia , cortou esta vea, e acabou a correspondencia do coração com a lingua.*⁵⁶⁶

Assim nasce a palavra falsa, projecção da realidade ruidosa. Para tr s fica a palavra verdadeira, num tempo perdido, mas fiel ao silêncio inicial: «La parole v ridique est ench ss e dans le silence, son sens est recueilli d’un silence originel dont

⁵⁶² Rafael BLUTEAU – «Dedicatória», *Vocabulario portuguez, e latino...*, Tomo I, pp. III-IV.

⁵⁶³ Segundo Teófilo de Anti quia. Ver sobre este assunto, Léon-Dufour, 1988, p. 48 (*apud* Ione Marisa MENEGOLLA, *A Linguagem do Silêncio*, p. 25).

⁵⁶⁴ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito   Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 279.

⁵⁶⁵ Representada na Sagrada Escritura: «...  uma Obra Inspirada, denominada can nica. Ela   sagrada, perfeita, por ter sido dita pelo Verbo de Deus». (Ione Marisa MENEGOLLA, *A Linguagem do Silêncio*, p. 53).

⁵⁶⁶ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 239 (MENTIRA).

elle n'est que l'interprète.»⁵⁶⁷ Essa palavra verdadeira, e para sempre perdida, é substituída pela palavra falsa que resulta da mentira de Adão e do fracasso de Babel. Babel representará assim uma espécie de “pecado original” da palavra.⁵⁶⁸

Na tradição bíblica, a alternância da palavra, símbolo da imperfeição humana, é desde logo sentida no episódio da nomeação, como ato perfeito que logo se precipita para a queda. Para Carlos Carreto a nomeação de Adão traduz-se numa espada de Dâmocles (palavra/silêncio) que o homem, para sempre caído, imperfeito, terá de reequilibrar da melhor forma possível:

*Este apagamento da palavra [...] não é evidentemente a marca de uma deficiência da linguagem, mas o signo inatingível da sabedoria, da proximidade a Deus e de um saber transcendental. Neste sentido, o privilégio concedido ao primeiro homem transforma-se numa espécie de espada de Dâmocles: permite, decerto, o conhecimento, mas este conhecimento ficará doravante dependente das contingências dos seus significantes. [...] Na alternância palavra/silêncio no seio da linguagem, pode agora ler-se o signo da imperfeição, que o homem, na impossibilidade de regressar às origens absolutas, deverá gerir da forma mais equilibrada e harmoniosa possível.*⁵⁶⁹

Também para Bluteau a palavra divina, completa e perfeita, incentiva, por completude e antagonismo, o que é incompleto/imperfeito: a palavra do homem, ao mesmo tempo que a critica:

*[...] à nossa indiscreta curiosidade devemos attribuir a ignorancia, em que estamos das infinitas elegancias, argucias, delicadezas, harmonias, e consonancias da palavra Divina no texto, e versoens da Biblia, porque não cançamos o juizo na investigação dellas, e só em frivolas especulaçoens empregamos a nossa perspicacia [...]*⁵⁷⁰

⁵⁶⁷ Joseph RASSAM – *Le silence comme introduction a la métaphysique*, p. 33.

⁵⁶⁸ Cf. (Gn 3, 6).

⁵⁶⁹ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, pp. 438-9.

⁵⁷⁰ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, pp. 376-7. Como afirma o jesuíta Marc Bonnyers, «l'alliage de la parole et du silence est typique de l'homme et manifeste un esprit imparfait», reforçando assim a união imperfeita do verbo humano. (Marc BONNYERS, “Le silence”, *Revue ascétique et mystique*, (Outubro, 1950), p. 290). Por sua vez, o verbo divino manifesta a união perfeita entre o silêncio e palavra, como refere Louis Lavelle: «la Parole de Dieu à laquelle il ne manque rien et qui est une révélation totale, ne se distingue-t-elle pas du parfait silence» (Louis LAVELLE – *La parole et l'écriture*, p. 130).

Em suma, o silêncio divino gera a palavra humana. Isto é, existe uma palavra capaz de originar todos os livros do mundo e por isso envolta numa dinâmica entre unidade e pluralidade, gramaticalmente visível na alternância singular/plural.

*Em hum só livro deu esta palavra materia para todos os livros. Este livro he o Mundo, em cuja consideração, e lição fundaraõ os Authores tudo o que escreveraõ dos Ceos, dos Astros, dos elementos, dos mixtos, das creaturas, que caminhaõ, nadaõ, voaõ, e andaõ de rojo; e como neste mesmo livro ha principios fundamentaes de todas as Sciencias. [...] Fysica [...] Metaphysica [...] Geometria [...] Musica [...] Optica [...] Medicina [...] Arithmetica na creação do Mundo [...]*⁵⁷¹

O verbo criador, o espírito puro de Deus, é a palavra perfeita. A esta corresponde um silêncio perfeito, porque ao contrário do que acontece na palavra do homem, este não tem limites, apenas luz e verdade. Para Joseph Rassam, este género de silêncio iluminante representa o mistério da palavra, uma luz/fonte inesgotável, mas cuja explicação/nascente permanece inacessível ao homem: «le silence est ce mystère de l'être où toute parole puise sa lumière, mais qu'aucune parole humaine ne peut épuiser».⁵⁷² Tudo porque esta luminosidade misteriosa, esse silêncio interior da cada palavra, pertence ao verbo divino, ao transcendente. Só este silêncio se comporta como um astro iluminante, capaz de brilhar com a sua luz própria, contrário ao silêncio da palavra do homem, o astro iluminado, lembrando Bluteau que, estas «e outras representaçoens saõ da sua ineffavel perfeição imperfeitos reflexos»⁵⁷³. Como acrescenta Joseph Rassam, o homem «n'est pas à lui-même sa propre lumière, comme sa parole n'est pas à elle-même son propre fondement».⁵⁷⁴ Essa luz que ambos, homem e palavra, buscam no interior de si mesmos, conserva-se afinal no carácter inefável da palavra, no que não pode ser dito e queremos dizer:

⁵⁷¹ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. XII. A inferioridade ou insuficiência da palavra do homem distancia-o e aproxima-o da palavra de Deus, detentora do conhecimento total (enciclopédico): «A vós, infinitamente prodigiosa palavra, convem, que se dediquem todos os livros, e todas as palavras, porque sois palavra, em que toda a sabedoria se encerra.» (Rafael BLUTEAU, *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. IX).

⁵⁷² Joseph RASSAM – *Le silence comme introduction a la métaphysique*, pp. 35-6.

⁵⁷³ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, pp. 221-2.

⁵⁷⁴ Joseph RASSAM – *Le silence comme introduction a la métaphysique*, p. 36.

[...] *la parole retrouve, en même temps que sa limite, le principe même de sa lumière.*
*Ainsi l'unité du silence et de la parole exprime le sens du mystère qui définit l'homme.*⁵⁷⁵

Porém, se maioritariamente estamos perante um Bluteau que baseia as suas explicações na tradição bíblica, nem tudo é para ele resultado da intervenção divina. É o caso, por exemplo, da diversidade linguística, vista como um processo gradativo, em constante movimento, influenciado por fatores históricos, culturais e religiosos. Bluteau sabe que a hipótese da divisão em 72 línguas após Babel é estática e insustentável cientificamente, pela experiência documental:

*Na minha opinião ninguém até agora soube quantas linguas ha no Mundo; nem creyo, que daqui em diante se saberá o numero dellas, principalmente depois que pelas noticias do Brasil, dadas à luz pelo Padre Simão de Vasconcellos, da Companhia de Jesus, sabemos que só nas prayas do Rio Amazonas, se fallaõ mais cento e cincoenta diferentes linguagens, e essas (segunda affirma o Padre António Vieira) taõ diversas entre si, como a nossa, e a Grega.*⁵⁷⁶

Com efeito Bluteau, mais do que uma interpretação literal da Bíblia, busca interpretação metafórica e analógica em que cada momento e cada noção parecem reviver o discurso mítico-religioso: do Éden ao Apocalipse, do Apocalipse ao novo Éden. Da perfeição inconsciente à imperfeição consciente e desta à busca daquela.

No caso, Bluteau parece seguir um percurso idêntico, desde logo intelectual e político, da imperfeição para a perfeição. O rei, nascido nessa silenciosa idade, ou num estado imperfeito, terá o dever de se aperfeiçoar através da palavra. Este caminho revela-se por isso contrário ao momento idílico da criação (verbo perfeito) que termina no episódio babélico (verbo imperfeito). Ou não fosse a infância definida, por Bluteau, como a «Idade, assim chamada do Latim Infans, porque no principio della não tem a criança uso de fallar.»⁵⁷⁷

⁵⁷⁵ Joseph RASSAM – *Le silence comme introduction a la métaphysique*, p. 15.

⁵⁷⁶ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, p. 379.

⁵⁷⁷ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 212 (INFANCIA). Confunde-se por vezes o efeito renovador do Vocabulario com o seu autor. Monterroio Mascarenhas compara Bluteau a um tempo do amanhecer, momento de luta entre luz e sombra: «Quem nam dirá, que foy reputado por Sol entre tanto Astro brilhante daquella esféra literária? He o Sol entre tanto Astro o que he só capaz de decipar os horrores das trevas. Brilhar na escuridam, he

Contudo, convém sublinhar que esse silêncio, apenas inicial, da infância, apesar de (im)perfeito, pela ausência da palavra, não deixará nunca de ser «essa utópica "tábua rasa", límpida e profunda, onde tudo pode e deve ser inscrito.»⁵⁷⁸ Na imagem de Rafael Bluteau, o ignorante, o *tabula rasa*, necessita tanto de ideias e conhecimentos, como a tábua do pintor precisa das cores/tintas:

*TABULA RASA. Da sentença latina, que diz, Homo nascitur, tanquam Tabula rasa, in qua nihil est depictum, se originou o dizermos de hum ignorante, he hum Tabula rasa; porque assim como na taboa do Pintor, antes de aparelhada, & se assentarem as cores, não ha nada que ver, assim na cabeça do ignorante não ha idéas, nem noticias de sciencia alguma.*⁵⁷⁹

16. Babel como solução

A mais comum interpretação do mito de Babel celebra-o como paradigma da justiça divina: Babel é um crime que Deus castiga exemplar e definitivamente. Perante tal punição, é todavia perceptível esse contínuo desejo de um regresso ao Paraíso, essa ambição de se refugiar no silêncio da natureza, da compreensão, da escuta, para se afastar o mais possível do ruído, confusão e violência da cidade babélica condenada à impercetibilidade:

*Eis aqui me alonguei fugindo, e permaneci na soledade. Ali aguardava àquele, que me salvou do abatimento de espírito, e da tempestade. Destrói, Senhor, confunde as línguas deles, porque tenho visto a injustiça e a contradição na cidade.*⁵⁸⁰

efeito de qualquer luz: brilhar entre muitas luzes, he prerrogativa de Sol.» (Joseph Freire Monterroyo MASCARENHAS, «Oração», *Obsequio Funebre...*, p. 11).

⁵⁷⁸ Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 235.

⁵⁷⁹ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Tomo VIII, p. 12 (TABULA RASA).

⁵⁸⁰ (Sl 54, 8-10)

A unidade pertencerá a Deus. A pluralidade surgirá como um castigo, ao qual, com exceção dos “abençoados”, nenhum homem poderá escapar.

Nos livros dos homens, ou naqueles que os escrevem, a verdade pode, muitas vezes, ficar em silêncio e a mentira em palavra gravada, para ser lida e depois lembrada. E também aqui se distingue a verdade do silêncio, singularidade de Deus, da mentira da palavra, especialidade do Homem.

*Mas porque as admiraçoens são glorias instantaneas, sahiraõ os livros, para conservadores das memorias do passado. Porém quantas vezes as folhas, ou escritas, ou impressas perderaõ com a sua candura a sua fidelidade, adulterando verdades, e deixando em silencio successos dignos de huma eterna lembrança?*⁵⁸¹

Este fatal destino resultará da sua condição ruidosa, múltipla, em tudo semelhante à associação que Diderot estabelece entre uma cabeça repleta de ideias disparatadas e uma biblioteca cheia de livros desorganizados:

*Uma cabeça povoada de um número muito grande de coisas disparatadas assemelha-se bastante a uma biblioteca de volumes desaparelhados. [...] É como um comentário onde se encontra, amiúde, o que não se está procurando; raramente o que se procura; quase sempre, as coisas de que se necessita, mas perdidas na multidão de coisas inúteis.*⁵⁸²

Essa punição da pluralidade linguística é simbolicamente oposta às considerações de Leibniz, que «celebrara como positiva justamente essa *confusio linguarum* que os outros autores, em contrapartida, tentavam eliminar»⁵⁸³; ou às do patriótico francês Pluche que, um século depois, afastaria a pluralidade de um sentido negativo, babélico, e a consideraria um fenómeno positivo:

*[...] a multiplicação (que não é confusão) das línguas surge como um fenómeno, além de natural, socialmente positivo. [...] Há aqui algo mais do que a celebração do género das línguas: trata-se de uma inversão de sinal na leitura do mito de Babel.*⁵⁸⁴

⁵⁸¹ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. II, p. 4.

⁵⁸² Denis DIDEROT – *Carta sobre os surdos-mudos para uso dos que ouvem e falam*, p. 41.

⁵⁸³ Umberto ECO – *A procura da língua perfeita*, p. 254.

⁵⁸⁴ Umberto ECO – *A procura da língua perfeita*, p. 314.

Celebrar a pluralidade linguística de Babel é uma heterodoxia religiosa, no século XVIII ou no século XIX. É por isso muito interessante constatar aqui a inovação heterodoxa de Bluteau, construída através da ortodoxia.

Para Bluteau, e tal como sucede hoje nas teorias dos fractais, o todo decompõe-se nas partes e cada parte contém um registo do todo; «Será essa característica da linguagem que permite a missionação da palavra de Cristo pelos seus discípulos. Babel não era um castigo, mas ainda uma dádiva divina.»⁵⁸⁵

*De todas as Academias, que até agora houve nu Mundo, não sahio tanta, e taõ admiravel eloquencia [...] quando sahiraõ os Apostolos, prègando a diversas nações em diferentes linguas as verdades Evangelicas [...] Foy esta eloquencia [...] universalissima [...] na locução, de todos entendida, [se manifestou] a sua universalidade. Senhor, em que palestra scientifica se vio taõ prodigiosa facundia? Semeastes linguas, para colher corações [...] para enviar Missionarios a todas as partes do Mundo, por mil idiomas diferentes derramastes no mesmo tempo a mesma doutrina [...]*⁵⁸⁶

Deus, como totalidade, constitui-se a partir da realidade das partes. A linguagem dos apóstolos, uma glossalalia de mil idiomas diferentes, traduz-se numa linguagem total/universal.

*Também nesse sentido Bluteau, encavalitado cronologicamente entre o século XVII e o século XVIII, se revela um pensador que se projecta para a filosofia setecentista, em que a pluralidade passa a ser por muitos estimada. Inclusive a pluralidade linguística, e independentemente da pluralidade das nações.*⁵⁸⁷

Tudo isto nos leva a sugerir que o nó da questão residirá na passagem do plural (finito) para o singular (infinito) ou vice-versa. Como afirma Levi Malho, a condição humana não é mais do que essa «combinatória entre o individual e social, sendo bem difíceis de estabelecer fronteiras nítidas entre estes dois conceitos.»⁵⁸⁸

⁵⁸⁵ Ana A. RAFAEL – «Utopia e Espiritualidade nas Prosas Portuguezas de Rafael Bluteau», *Cadernos de Literatura Comparada – 19, Utopia e Espiritualidade*, p. 184.

⁵⁸⁶ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas*, vol. I, pp. XVII-XVIII.

⁵⁸⁷ Ana A. RAFAEL – «Utopia e Espiritualidade nas Prosas Portuguezas de Rafael Bluteau», *Cadernos de Literatura Comparada – 19, Utopia e Espiritualidade*, p. 184.

⁵⁸⁸ Levi António Duarte MALHO – *As origens do silêncio: Sobre o que não sabemos*, p. 24.

E por isso nos parece significativo, sendo muito importante realçá-lo, que Bluteau se preocupa precisamente com esse nó da questão, essa combinatória entre o individual e o social, ou o particular e o universal. Quando Bluteau se debruça obsessivamente pelo silêncio, interessa-lhe ver no silêncio esse local de passagem⁵⁸⁹ do plural (finito) para o singular (infinito), ou vice-versa.

⁵⁸⁹ Esse «oceano do ser que, como é próprio dos oceanos, ao mesmo tempo une e separa.» (Fernando GANDRA, *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 244).

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Em cada palavra há algo de silencioso, em cada silêncio há algo que fala.
(Ione Marisa Menegolla, *A linguagem do silêncio*)

1. *Ler Bluteau no espaço indelével entre as linhas*

Maria Luísa Malato, ao falar sobre a importância da retórica do silêncio no século XVIII, afirma sobre Jean Starobinski:

*Starobinski, entre muitos outros, ao analisar as imagens e os textos do século XVIII, realça invariavelmente o lado lunar das manifestações solares do século XVIII: na ordem vê a variedade, na festa a inquietude, na razão o sonho, no idílio uma possibilidade, na utopia uma nostalgia. Na palavra, o silêncio.*⁵⁹⁰

E da mesma forma que, no livro de Starobinski, a palavra se move na visibilidade da ordem, da festa, da razão, do idílio ou da utopia, também o silêncio impregna a indeterminação da variedade, da inquietude, do sonho, da possibilidade ou da nostalgia.

De igual modo, o silêncio parece sempre definir-se em contraponto. É Fernando Gandra quem claramente o expressa:

⁵⁹⁰ Maria Luísa Malato BORRALHO – *A Retórica do Silêncio na Literatura Setecentista*, p. 167.

*O silêncio [...] É o domicílio estático mas vibrante em que nada se diz e tudo se ouve. Pode, por isso, falar-se da ambiguidade ontológica do silêncio, da sua opacidade luminosa, da sua bruma esclarecedora, do seu ignorante saber.*⁵⁹¹

Nesse mesmo sentido, também Nancy Jay Crumbine, no seu artigo intitulado “On silence”⁵⁹², afirma:

*Silence if it is not nothing is the absence of saying. It carries meaning by virtue of its being an absence. It can “say” something because something has been left unsaid. Silence communicates its meaning by virtue of its being noticed, by virtue of it’s acknowledge presence (the presence of the absence of saying) [...] Silence within saying or silence accompanying symbolic gesture, is the silence which concerns us. Meaningful silence, which is carried by something which itself is meaningful, is juxtaposition of silence and saying which creates the third and crucial element: communication through silence of what alone (but not by itself) silence can communicate.*⁵⁹³

O silêncio traduz-se numa presença ausente. Este género de silêncio, com significado, é positivo e distinto do “silêncio mudo” e negativo, recordando uma dicotomia estabelecido por Rudolf Allers.⁵⁹⁴

As situações paradoxais são certamente inumeráveis, em diversos autores e em diversas épocas. Fernando Gandra, a respeito do sossego n’Os *Lusíadas*, afirmara: «A sua universalidade está em que Camões problematiza, equilibra, vê dos dois lados, isto é, não apenas os feitos mas também os defeitos [...]»⁵⁹⁵. E, sobre o episódio do Velho do Restelo, acrescenta: «Defrontam-se neste discurso dois ideais de vida [...]»⁵⁹⁶. Com isto quer ele contrapor a ânsia à quietude, a ambição da imortalidade a um

⁵⁹¹ Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 248.

⁵⁹² N. J. CRUMBINE – “On Silence”, *Humanitas: Journal of the Institute of Man*, vol. XI, n.º 2 (May, 1975), pp. 147-165.

⁵⁹³ N. J. CRUMBINE – “On Silence”, *Humanitas: Journal of the Institute of Man*, p. 147.

⁵⁹⁴ Cf. Rudolph ALLERS – *Freud. Estudo crítico da Psicanálise*, trad. Eduardo Pinheiro, Porto: Livraria Tavares Martins, 1946, pp. 141-2. Leia-se ainda sobre o assunto, Marizabel ALMEIDA, «O silêncio em psicanálise», trabalho apresentado no café da manhã, Escola Lacaniana da Bahia, 18 de agosto de 2007. (disponível on line: <http://www.elba-br.org/elb-publicacoes/pdf/2007-silencio-mizabel.pdf> última consulta em 25-08-2012).

⁵⁹⁵ Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 61.

⁵⁹⁶ Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 61.

contentamento silenciado. O questionar implica o uso de palavra, mas neste sentido transporta igualmente consigo o teor do desconhecido, da dúvida, do incerto, do silêncio.

[...] “o que sabemos” é incomensuravelmente inferior ao que “ignoramos”. [...] Digo, por conseguinte, que um grande Enigma nos habita. E um enorme “Silêncio” está dentro de nós, zona obscura, campo cego, presença indizível. Nada está escrito em sítio nenhum [...] ⁵⁹⁷

A universalidade de uma obra/de um autor parece coincidir com essa capacidade de ouvir o silêncio permanente das coisas e das palavras. Bluteau di-lo por outras palavras. Ou melhor, também por outros silêncios, entre linhas. Versando sobre os «TERMOS De cousas incertas, e duvidosas», Bluteau afirma: «Neste Mundo todo o saber do homem he duvidar, mas com este duvidar se alumea, e fortifica o seu saber.» ⁵⁹⁸

Com este carácter enigmático é natural que o silêncio esteja carregado de sentidos que oscilam numa ambivalência entre a forma positiva e a forma negativa, entre a palavra não-dita (ausência de palavra) e a palavra não-escrita (redundância de palavra), ou se preferirmos no «CIRCUNLÔQUIO. Circunlocução. Periphrasis. Parlenda. Parlanfrois. Rodeyo de palavras» ⁵⁹⁹. Neste sentido curioso será um dos sinónimos atribuídos ao «ESTYLO NO COMPOR»: «* Elocução, cuja perfeição consiste em huma certa mediania entre a escassez, e a redundancia dos vocabulos.» ⁶⁰⁰, artifício retórico que Bluteau usa, como fomos vendo, regularmente, mais ou menos

⁵⁹⁷ Levi António Duarte MALHO – *As origens do silêncio: Sobre o que não sabemos*, p. 30.

⁵⁹⁸ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Termos propios, e metaforicos...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 450 (TERMOS De cousas incertas, e duvidosas).

⁵⁹⁹ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 101 (CIRCUNLÔQUIO). Leia-se ainda, no *Vocabulario*, o verbete da “Circunlocução”: «Rodeo de muytas palavras, para explicar, o que se podera dizer em huma, ou duas. [...] *Periphrasis*, não significa todo o genero de circunlocução figurada, & que dá graça, & força, ao que se diz.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo II, p. 326); note-se a referência à perífrase, como um género de circunlocução figurada e, por vezes, figura de retórica: «PERÎPHRASIS He palavra Grega, que val o mesmo que Rodeyo de palavras. E às vezes he figura Rhetorica, que declara com muitas palavras o que se podera exprimir com poucas.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo VI, p. 432).

⁶⁰⁰ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 170 (ESTYLO NO COMPOR).

confundido com o eufemismo, neste seu esforço de dizer as coisas ousadas de forma suave, *fortiter in re, suaviter in modo*.

Em «Rosto precário», Eugénio de Andrade evidencia uma apologia do silêncio que é também uma apologia da cultura oriental, em contraposição à palavra gasta da cultura ocidental, como se uma se inscrevesse numa Idade do Ouro e outra do Ferro. Vejam-se as metáforas que utiliza:

*O silêncio é a minha maior tentação. As palavras, esse vício ocidental, estão gastas, envelhecidas, envilecidas. Fatigam, exasperam. E mentem, separam, ferem. Também apaziguam, é certo, mas é tão raro! Por cada palavra que chega até nós, ainda quente das entranhas do ser, quanta baba nos escorre em cima a fingir de música suprema! A plenitude do silêncio só os orientais a conhecem. Lao Tsé ensinou que quem sabe não fala, e quem fala não sabe. E Bashô, com um cânone de apenas dezassete sílabas, fez uma das mais esplêndidas poesias de que há memória. É da tentação do silêncio, da apetência do silêncio, da condenação ao silêncio que falam todos os meus “afluentes”, em prosa e em verso.*⁶⁰¹

Fernando Gandra demonstra um outro dualismo: *lato sensu*, o da institucionalidade e o da resistência a essa institucionalidade. O sim, temporal, dirá respeito ao discurso, à ação, enquanto o não, intemporal, prender-se-á com o silêncio, com a pausa. Há nele uma “retórica do não”⁶⁰², resiliência misteriosa ou resistência sublime, diferente da realidade ruidosa que atormenta a palavra.

*Só o sim, que é risonho e imprudente, envelhece. O não está fora do tempo. [...] O não é o centro mudo e intemporal de uma circunferência feita de ruídos, de blasfêmias, de pequenos escândalos e outros tormentos. [...] Entre o sim e o não há a mesma diferença que existe entre a realidade ruidosa e imprudente e a retórica que é contida e circumspecta.*⁶⁰³

Por isso F. Gandra nos recorda Boris Cyrulnik para quem a “resiliência” é fonte de energia e transformação.⁶⁰⁴ Neste contexto, a alternância exposta por Ione Marisa

⁶⁰¹ Eugénio de ANDRADE – «Rosto precário», *Poesia e Prosa*, 3.^a ed., vol III, Lisboa: Círculo de Leitores, 1987, p. 136.

⁶⁰² Cf. Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 239.

⁶⁰³ Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 230.

⁶⁰⁴ Sobre o conceito de resiliência (tudo o que nos limita, também nos torna mais fortes), leia-se: Boris CYRULNIK – *Resiliência*, Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

Menegolla é deveras significativa. As palavras representam a morada segura, ao passo que o silêncio é o labirinto incerto.⁶⁰⁵ Nas palavras há algo de permanente mas estático, enquanto no silêncio há mudança mas movimento, vitalidade.

*As palavras pronunciadas ou escritas são estáticas. Ao se dizer algo ou escrever, dá-se um atestado de conclusão, se bem que imediato. Enquanto o silêncio, por não falar, propriamente dito, é dinâmico, proporciona o imaginário, vislumbra perspectivas, movimenta-se entre os sentidos. Transita e deixa transitar. [...] E quando cessa a fala ou acaba a escrita, ainda fica o silêncio, habitando a escritura.*⁶⁰⁶

Nas palavras de David Le Breton «O silêncio questiona os limites de qualquer palavra, recorda que o sentido está contido entre barreiras estreitas em face de um mundo inesgotável, que está sempre atrasado em relação à complexidade das coisas.»⁶⁰⁷ Do mesmo modo, Carlos Clamote Carreto reforça as diferenças entre o silêncio e a palavra. O primeiro é solitário e unifica, a segunda é plural e divide.

*Com a palavra, o homem defronta-se inevitavelmente com o problema da hermenêutica: podendo ser – e sendo frequentemente – mal entendida, favorece as divisões. Em contrapartida, o silêncio é unificador e, aliado à experiência da solidão, permite ao homem, (re)pensar-se e (re)estruturar-se.*⁶⁰⁸

Mas adianta que, para além de uma relação antagónica, silêncio e palavra se complementam. A morte está para a vida, como o silêncio para a palavra.

Da mesma forma que a vida se inscreve sob fundo de morte, também as palavras se escrevem sob fundo de silêncio. O silêncio e a morte tornam os signos legíveis, ao mesmo tempo que os devoram. Por outro lado, se o sentido e as palavras não estivessem ligados por um insondável silêncio, há muito que tudo teria sido dito e gasto, tendo as línguas mergulhado numa plenitude utópica, mas estéril. Assim, o silêncio engendra uma falha na linguagem, movendo-se as palavras em torno desta falha sem nunca a conseguirem preencher. Continua-se a falar para calar o esquecimento e esquecer o vazio que, irremediavelmente, fragmenta a linguagem, na sua forma escrita assim como oral. Daí

⁶⁰⁵ Cf. Ione Marisa MENEGOLLA – *A Linguagem do Silêncio*, p. 28.

⁶⁰⁶ Ione Marisa MENEGOLLA – *A Linguagem do Silêncio*, p. 47.

⁶⁰⁷ David LE BRETON – *Do silêncio*, Lisboa: Instituto Piaget, 1999, p. 18.

⁶⁰⁸ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 284.

*que, ao mesmo tempo que o silêncio engendra o sentido, também o perturba, o põe incessantemente em causa e o destrói parcialmente.*⁶⁰⁹

A vida e a palavra nascem da morte e do silêncio, como a «manhã que vem/saindo lenta da própria essência da noite que era»⁶¹⁰, a manhã que, gerada na noite, simultaneamente a anula. Um processo de renovação igualmente exposto por Bluteau no artigo sobre o «Nascimento»:

*NASCIMENTO. [...] * Caminho certo para a morte, e da morte para outra vida. Das cousas visíveis deste Mundo qual he aquella, que depois de nascer não morra, e não torne a nascer? Na madrugada nasce o dia, morre na noite, torna a nascer na manhã, que se segue. Todos os dias nasce o Sol, todos os dias se põem, todos os dias torna a apparecer no Oriente. Nascem os tempos, quando principiaõ; morrem, quando passaõ; tornam a vir, quando circularmente se renovaõ.*⁶¹¹

Nesta relação, há mais do que uma perspectiva antitética, há de facto uma continuidade que a Retórica sempre teve em conta desde o argumento de Córax⁶¹²: uma dependência cíclica (criação/destruição). Como confirma Robert L. Scott, no seu artigo intitulado «Rhetoric and silence»: «In speaking we remain silent. And in remaining silent, we speak».⁶¹³ Ou como teoriza Carlos Carreto:

[...] falar em linguagem antinómica ou paradoxal não significa, todavia, que palavra e silêncio se apresentem como realidades contraditórias ou em ruptura. [...] Silêncio e

⁶⁰⁹ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 221.

⁶¹⁰ Fernando PESSOA – «Em toda a noite o sono não veio. Agora», *Obra Poética e em Prosa*, vol. 1, p. 203.

⁶¹¹ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 256 (NASCIMENTO).

⁶¹² A retórica constrói-se invariavelmente sobre uma anti-retórica: «Independentemente do seu uso, a Retórica será tanto melhor quanto menos explícita. No discurso literário, negar-se-á a Retórica, ainda que esta tenha de vestir as vestes da Anti-retórica. [...] Córax tem bem presente o quanto é prejudicial à verosimilhança de um facto ele parecer demasiado verosímil. Deve duvidar-se da culpabilidade de alguém que não tentou eliminar as provas que o incriminavam. O argumento tomou o nome de “argumento de Córax”: é a melhor prova da Retórica da Anti-Retórica.» (Maria Luísa MALATO e P. Ferreira da CUNHA – *Manual de Retórica & Direito*, pp. 25 e 43).

⁶¹³ Robert L. SCOTT – «Rethoric and silence», in *Western Communications Journal*, n.º 36, 1972, p. 146.

*palavra in-formam-se assim mutuamente, constituindo as duas faces indissociáveis de uma única, embora particularmente complexa, realidade.*⁶¹⁴

Este vínculo inefável que une silêncio e palavra é uma das preocupações centrais da obra de Max Picard: «La parole est seulement l'autre face du silence. On entend le silence à travers la parole, la véritable parole n'est rien d'autre que la résonance du silence»⁶¹⁵. Contudo, haveria claramente uma supremacia do silêncio. Ele teria dado origem à palavra, sendo prévio e autónomo em relação a ela. Ele precede a humanidade, é selvagem e somente através dela (palavra) se humaniza e domestica⁶¹⁶: «Par la parole, le silence cesse d'être dans un isolement démonique, il devient la sœur aimable de la parole».⁶¹⁷

O mesmo sucede no estudo de Joseph Rassam, onde se apresenta o silêncio como a essência da palavra, a sua origem, o fundo sobre o qual ela se inscreve:

*[...] parole elle-même [...] dans l'acte qui la constitue, présuppose un fond silencieux sur lequel elle se forme. La parole ne peut s'accomplir qu'en liaison intime avec un silence primordial, dont elle apparaît d'abord comme une rupture [...] On sait qu'une parole est d'autant plus riche qu'elle est chargée de plus de silence.*⁶¹⁸

Por isso, o silêncio é o lugar do sentido da palavra, a origem que lhe dá o significado, e sem o qual ela ficaria irremediavelmente incompleta:

*Et il est remarquable, en outre, que toute parole s'achève dans le silence [...] En s'achevant dans le silence, la parole ne fait que revenir à son origine. [...] La cessation de la parole coïncide avec l'avènement de son sens parce que la parole naît et s'accomplit dans le silence, lieu où se tient toute présence sans laquelle aucune parole n'aurait de sens.*⁶¹⁹

⁶¹⁴ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, pp. 18-9.

⁶¹⁵ Max PICARD – *Le monde du silence*, p. 10.

⁶¹⁶ Cf. Max PICARD – *Le monde du silence*, pp. 12-3.

⁶¹⁷ Max PICARD – *Le monde du silence*, pp. 32-33.

⁶¹⁸ Joseph RASSAM – *Le silence comme introduction à la métaphysique*, p. 17.

⁶¹⁹ Joseph RASSAM – *Le silence comme introduction à la métaphysique*, p. 19.

O silêncio, «ese espacio vacío que rodea a las palabras»⁶²⁰, revela-se assim o ponto de partida da palavra, mas também o seu ponto de chegada. Sobre Max Picard, Juan Rof Carballo afirmaria «según Picard, si la palabra nace del silencio es también cierto que en él muere.»⁶²¹ Tal pressuposto colocaria o silêncio como base essencial da palavra, a sua luz, o seu espírito. Para Pierre Macherey, «Silence as the source of expression. [...] the unspoken has many other resources: it assigns speech to its exact position, designating its domain. By speech, silence becomes the centre and principle of expression [...]»⁶²²

Mas não só. Como adianta Joseph Rassam, o silêncio atua como espaço espiritual adequado ao sentido que a palavra comporta. Sem esse espaço, ela perde o seu ser, a sua alma silenciosa, deixando por isso de desempenhar a sua função:

*Ce silence, où le sens est reçu, est une attente à laquelle la parole a pour fonction de répondre. Le silence est une préparation spirituelle à cette réponse que la parole est chargée d'apporter. Et de même que sans attente aucune possession spirituelle n'est possible, sans le silence la parole ne peut pas remplir sa fonction. La parole naît et s'accomplit dans le silence, parce que c'est dans le silence que se réalise la présence de l'esprit à lui même par son adhésion à l'être qui le constitue et l'éclaire.*⁶²³

Como procuramos demonstrar ao longo do nosso trabalho, tudo isto Rafael Bluteau evidencia. Subjacente à boa palavra está sempre o silêncio. Para que esta surja, é necessário contê-la nesse pré-estado, assim como a água que é contida pela barragem, para que depois de solta seja mais forte, arrojada e livre:

Excelente disposição, para dar á voz boa sahida. Zacarias, pay do Precursor de Christo, destinado para gerar a voz. Vox clamantis, &c. algum tempo antes ficou mudo. Assim

⁶²⁰ Juan Rof CARBALLO – *Entre el silencio e la palabra*, p. 66.

⁶²¹ Juan Rof CARBALLO – *Entre el silencio e la palabra*, p. 24.

⁶²² Pierre MACHEREY – *A theory of literary production*, trans. Geoffrey Wall, London: Routledge & Kegan Paul, 1978, p. 86.

⁶²³ Joseph RASSAM – *Le silence comme introduction a la métaphysique*, p. 34. Até segundo Jean-Paul Sartre, o poeta, quando divinizado, entra definitivamente no domínio do silêncio. Ele que, por não pertencer à condição humana, encontra na palavra uma barreira: «Le poète est hors du langage, il voit les mots à l'envers, comme s'il n'appartenait pas à la condition humaine et que, venant vers les hommes, il rencontrât d'abord la parole comme une barrière.» (Jean-Paul SARTRE, *Qu'est-ce que la littérature?*, p. 19).

como hum rio, depois de reprezado, rompe com força, e se espraya, assim quem muito tempo esteve sem fallar, dá vozes com liberdade, e falla com vehemencia.⁶²⁴

2. Ler Bluteau entre as vozes mudas

Assim como a palavra é indissociável do silêncio, também a leitura não pode ser concebida sem a escrita. A célebre imagem de Michel de Certeau contrapõe o escritor (o construtor de um lugar próprio) ao leitor (o viajante, o nómada), assim como paralelamente a escrita, ato duradouro mas fixo, é contraponto da leitura, ato efémero mas livre:

*Bien loin d'être des écrivains, fondateurs d'un lieu propre, héritiers des laboureurs d'antan mais sur le sol du langage, creuseurs de puits et constructeurs de maisons, les lecteurs sont des voyageurs ; ils circulent sur les terres d'autrui, nomades braconnant à travers les champs qu'ils n'ont pas écrits, ravissant les biens d'Egypte pour en jouir. L'écriture accumule, stocke, résiste au temps par l'établissement d'un lieu et multiplie sa production par l'expansionnisme de la reproduction. La lecture ne se garantit pas contre l'usure du temps (on s'oublie et l'on oublie), elle ne conserve pas ou mal son acquis, et chacun des lieux où elle passe est répétition du paradis perdu.*⁶²⁵

Nesta contraposição há uma teoria subliminar de complementaridade. Se a leitura não acontece sem a escrita, também esta perde todo o seu fundamento sem a primeira, pois um texto só ganha existência, se houver um leitor para lhe “dar vida”. Por isso acrescenta:

Qu'il s'agisse du journal ou de Proust, le texte n'a de signification que par ses lecteurs; il change avec eux; il s'ordonne selon des codes de perception qui lui échappent. Il ne

⁶²⁴ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Sinonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 365.

⁶²⁵ Michel de CERTEAU – *L'invention du quotidien*, Paris: Union Générale d'Éditions, 1990, p. 251.

*devient texte que dans sa relation à l'extériorité du lecteur, par un jeu d'implications et de ruses entre deux sortes d'«attente» combinées: celle qui organise un espace lisible (une littéralité), et celle qui organise une démarche nécessaire à l'effectuation de l'oeuvre (une lecture).*⁶²⁶

Ana Hatherly também confirma essa necessária função do leitor na dialética da escrita/leitura (singular/plural): «O leitor tem de preencher as lacunas, os vazios, as omissões, tem de ver o invisível sob o visível, ouvir o som mudo, receber a mensagem não dita, atingir o significado sob o significado.»⁶²⁷ Mais ainda, escrita e leitura complementam-se, interligam-se, através da partilha de um mesmo universo, o da imaginação simbólica:

*A escrita é fala muda, uma forma de materialização do imaginário que requer uma particular forma de leitura, uma forma de decodificação apropriada às suas próprias regras e exigências de comunicação. Escritor e leitor têm de se apoiar nas forças da imaginação porque, na escrita como na leitura, opera a função simbólica. Como vários pedagogos há muito verificaram, ler é apelar para o imaginário, pois a verdadeira leitura começa quando a presença do texto como que desaparece diante dos olhos, do mesmo modo que o autor desaparece na obra.*⁶²⁸

A escrita é fala muda, sublinhe-se, uma metáfora intertextual ao registo de Rafael Bluteau, quando sobre a «Penna de Escritor» afirma: «Lingua, que tacitamente fala [...]»⁶²⁹

Se a escrita é muda, a leitura assume muitas vozes, de diferentes tons/intensidades e de distintos modos. Nas práticas de leitura, ou na ligação entre o texto e a voz, é muito comum a variação entre uma leitura silenciosa (visão) e uma leitura oral (visão e audição). Para Michel de Certeau, a leitura silenciosa é um vício da atualidade, um hábito que consequentemente afasta o leitor do texto. A anterior intimidade recriadora da leitura oral dá lugar à frieza autónoma da leitura silenciosa, que

⁶²⁶ Michel de CERTEAU – *L'invention du quotidien*, p. 247.

⁶²⁷ Ana HATHERLY – *A casa das musas: uma releitura crítica da tradição*, Lisboa: Editorial Estampa, 1995, p. 197.

⁶²⁸ Ana HATHERLY – *A casa das musas: uma releitura crítica da tradição*, p. 195.

⁶²⁹ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 282 (PENNA DE ESCRITOR).

produz leitores incapazes de reviver mais sensorialmente a magia da intemporalidade da escrita:

*[...] la lecture est devenue depuis trois siècles une geste de l'oeil. Elle n'est plus accompagnée, comme auparavant, par la rumeur d'une articulation vocale ni par le mouvement d'une manducation musculaire. Lire sans prononcer à haute ou à mi-voix, c'est une expérience «moderne», inconnue pendant des millénaires. Autrefois, le lecteur intériorisait le texte; il faisait de sa voix le corps de l'autre; il en était l'acteur. Aujourd'hui le texte n'impose plus son rythme au sujet, il ne se manifeste plus par la voix du lecteur. Ce retrait du corps, condition de son autonomie, est une mise à distance du texte. Il est pour le lecteur son habeas corpus.*⁶³⁰

De facto, a história da leitura evidencia determinadas oscilações que acentuam as diferenças entre uma leitura concentrada (poucos livros, valorizada) e uma leitura dispersa (muitos livros, dessacralizada); uma leitura íntima (solitária) e uma leitura pública (coletiva); ou a referida variação entre uma leitura em silêncio (menos sensorial) e uma leitura em voz alta (mais sensorial).

O modo de ler em silêncio será uma prática relativamente recente, incentivada pelos níveis de alfabetização e a proliferação de textos impressos. Mas não será por sinal tão distante do carácter silencioso das leituras místicas do eremita ou das leituras praticadas pelas ordens monásticas. S. Agostinho recomendava-a.⁶³¹ Mas em relação ao período entendido entre os séculos XVI e XVII, confirma Roger Chartier:

*Nos séculos XVI e XVII, ainda com frequência, a leitura implícita do texto, literário ou não, constrói-se como uma oralização, e o seu «leitor» como o auditor de uma palavra leitora. Dirigida assim tanto ao ouvido como ao olho, a obra joga com formas e processos aptos para submeter a escrita às exigências próprias da performance oral.*⁶³²

Nesta progressiva «‘produção silenciosa’ que é a ‘actividade leitora’»⁶³³, o desafio joga-se entre o silêncio e a palavra, entre o olhar e o ouvido. Um dualismo que permite uma partilha, um modo de socializar, mesmo em contexto privado, e sobretudo

⁶³⁰ Michel de CERTEAU – *L'invention du quotidien*, pp. 253-4.

⁶³¹ Leia-se sobre este assunto Alberto Manguel – «Os leitores silenciosos», *Uma História da Leitura*, trad. Ana Saldanha, Lisboa: Editorial Presença, 1998, pp. 53-66.

⁶³² Roger CHARTIER – *A ordem dos livros*, p. 21.

⁶³³ Roger CHARTIER – *A ordem dos livros*, p. 41.

desvendar a mensagem a quem não for capaz de a entender. Até porque, como adianta Roger Chartier, «um grande número de ‘leitores’ só apreende os textos graças à mediação de uma voz que os lê.»⁶³⁴

Nesta época, ainda entra a cultura escrita e uma persistente cultura oral, não será por acaso que Bluteau dedica, no prólogo do *Vocabulário*, extensivas páginas a diversos tipos de leitores, aos quais se dirige: *benévolo, malévolo, impaciente, douto, indouto, pseudocrítico, impertinente, mofino, português ou estrangeiro*. Também ele saberá a importância do leitor na escrita. O problema da receção do discurso, por parte do leitor silencioso ou do ouvinte, merecerá decerto alguma reflexão, por parte do escritor ou do leitor-ator. Mas tal problemática não é novidade, havia já sido debatida, por exemplo, no âmbito da filosofia clássica. Encontrámo-la no *Fedro*⁶³⁵ de Platão ou na *Arte Retórica*⁶³⁶ de Aristóteles. Como afirma Maria Luísa Malato Borralho, no contexto teatral, o ator «Recriará o silêncio, através do gesto, das expressões faciais, das entoações, das palavras cortadas a meio, pois sabe que com o indizível emocionará o público.»⁶³⁷

A consolidação da escrita dá-se a partir da leitura. Neste processo, esta adquire um estatuto demasiado complexo para ser desvalorizado. Como nos diz Pierre Macherey: «Analysis is a repetition, another way of saying what has already been said; reading complements writing.»⁶³⁸ É no contexto da perfeição da escrita concisa, ou do escritor conciso, enquanto mestre da escrita, que Juan Rof Carballo retrata o leitor ideal. Mas é na arte de preencher espaços, silêncios entre as palavras, que identifica o leitor eficaz:

En la segunda vertiente de la vida, al alcanzar la maestría, el escritor o el poeta suelen reducir, en grado considerable, sus recursos expresivos. Alcanza en ellos entonces el lenguaje su máxima concisión. La expresión se vuelve sobria, concentrada, escueta. [...] Las palabras, al reducir su número, al volverse sencillas, menos pretenciosas, dejan entre ellas claros huecos por los que el lector, sin darse bien cuenta de ello, atisba las

⁶³⁴ Roger CHARTIER – *A ordem dos livros*, p. 38.

⁶³⁵ PLATO – *Phaedrus*, trans. Benjamim Jowett, [s/l]: Forgotten Books, 2008. Obra valorizada por Bluteau nas suas *Prosas...*, v. vol. I, p. 209.

⁶³⁶ Leia-se ARISTÓTELES, *L'art de la Rhétorique*, trad. C. Minoïde Mynas, Paris: Chez l'Éditeur..., 1837, especialmente o terceiro livro, pp. 282-391.

⁶³⁷ Maria Luísa Malato BORRALHO – *A Retórica do Silêncio na Literatura Setecentista*, pp. 159-60.

⁶³⁸ Pierre MACHEREY – *A theory of literary production*, p. 143.

*profundidades, esto es el curso secreto de las aguas que antes la algarabía del lenguaje no le dejaba percibir. En vez de verse arrastrado por la frase, el lector, ahora, se ha convertido de pronto, quiéralo o no, en alguien que escucha lo que ocurre en los intersticios de la misma. [...] a este propósito una frase del Libro de los Proverbios: «El hombre que escucha, habla a perpetuidad.» Lo que a perpetuidad habla en el fondo de la lengua es menester poder escucharlo y para ello que las palabras se espacien dejando entre ellas huecos silenciosos. Don al que sólo se accede en la cima más alta del arte de escribir.*⁶³⁹

Na articulação entre a escrita e a leitura, a interpretação do silêncio é certamente valorizada. O empenho ou a arte do escritor que semeia os silêncios na escrita reclama alguém que os colha, os oiça, os contemple ou os deguste. A exigência imposta ao leitor aumenta consoante a mestria da escrita. Quantos mais “silêncios” esta apresentar, mais ele terá de apurar a sua percepção auditiva/visual e interpretativa/simbólica.

Em *The persecution and the art of writing*, Leo Strauss retrata um tipo de literatura que requer um determinado tipo de leitor, aquele que consegue ler nas entre linhas de um discurso oprimido, perseguido. Neste género de escrita, ele terá de ser inteligente o suficiente para decifrar as limitações impostas ao escritor, quer sejam de ordem política, religiosa ou social. Um pouco como entre os pitagóricos, subentende-se um formato elitista, em que só os escolhidos manifestam potencialidades para decifrar as palavras do mestre.

*Persecution, then, gives rise to a peculiar technique of writing, and therewith to a peculiar type of literature, in which the truth about all crucial things is presented exclusively between the lines. That literature is addressed, not to all readers, but to trustworthy and intelligent readers only. [...] The fact which makes this literature possible can be expressed in the axiom that thoughtless men are careless readers, and only thoughtful men are careful readers. Therefore an author who wishes to address only thoughtful men has but to write in such a way that only a very careful reader can detect the meaning of his book.*⁶⁴⁰

⁶³⁹ Juan Rof CARBALLO – *Entre el silencio e la palabra*, p. 51.

⁶⁴⁰ Leo STRAUSS – *The persecution and the art of writing*, New York: Free Press, 1952, p. 25.

Segundo Roger Dragonetti, «Ainsi, toute la tâche de l'interprète des textes de littérature pourrait se résumer dans cette seule règle: *non impediās musicam*.»⁶⁴¹ A frase latina é do Eclesiástico (32, 5), não impedir a música implicará decerto um “ouvir em silêncio”⁶⁴². Não perturbar a música, a harmonia do texto, é ser capaz de entrar, simultaneamente, em sintonia com ele. Mas nem todos estarão preparados para, sem perturbar o sentido, interpretar tamanha sonoridade, uma vez mais.

É significativa a metáfora que vê no mundo um livro. Comumente divulgada na Idade Média, também ela entrará nas considerações de Rafael Bluteau:

[...] o Ceo he hum grande livro, composto por Deos, e aberto aos idiotas igualmente, que aos entendidos [...] ao que accrescento eu, que não só o Ceo, mas o Mundo todo he livro; com esta differença, que os idiotas olhaõ para elle, e não o lem; os Filosofos o lem, e o não entendem; os ricos se contentaõ de o folhear; os pobres buscaõ nelle remedios para o sustento; outros o estudaõ por outro genero de livros.⁶⁴³

Baseado em São Crisóstomo, ele fala do universo, o livro que traduz a pluralidade da Natureza e a subliminar necessidade de ser lido e decifrado. Um livro acessível a todos, agora, ainda que por todos incompreendido. Subjacente estará um sentido sempre ignoto, cifrado, codificado.

⁶⁴¹ Roger DRAGONETTI – *Le mirage des sources: l'art du faux dans le roman médiéval*, Paris: Seuil, 1987, p. 8.

⁶⁴² Cf. (Eclo 32,9)

⁶⁴³ Rafael BLUTEAU – *Prosas Portuguezas...*, vol. II, p. 175. Com Galileu a metáfora mantém-se, porém o mundo é substituído pelo universo. Os requisitos singulares, do leitor apropriado para interpretar este livro, intensificam-se, como nos adianta Selma Pousão-Smith: «Com Galileu o exclusivismo instala-se [...] para Galileu o universo continua a ser “um livro que é preciso ler e interpretar” só que, para realizar esta decifração e esta leitura, poucos apenas se encontram aptos.» (Selma POUSÃO-SMITH, Rodrigues Lobo, os Vila Real e a Estratégia da Dissimulatio, vol. 1, p. 482).

3. Ler Bluteau à sombra do silêncio

*Uma longa pausa expõe-se a uma situação ambígua: uns vêem nela fragilidade, outros solicitude, alguns subtil arrogância, muitos incerteza. Uns uma forma de exílio, uma oposição deliberada, outros o consentimento difuso de quem cala. Uns precaução, outros hostilidade, até uma ofensa.*⁶⁴⁴

A pausa expõe-se, como indica Fernando Gandra, a uma variedade de silêncios que pode assumir diferentes formas, maioritariamente bipolares, em diferentes situações ou contextos. E em todas essas formas, ela preconiza um conteúdo, um significado diferente. Como reforça Ione M. Menegolla:

*Há nas palavras um silêncio natural, mas há também nas palavras um silêncio forçado, incutido e também astuto. Há um silêncio que existe pelo fato de que a palavra, por mais que queira, não pode expressar tudo. Há também o silêncio que advém da falta de compreensão, pela ignorância e pelo preconceito diante das palavras, tanto por parte de quem as escreve, ou as pronuncia, quanto da parte de quem as lê ou as escuta.*⁶⁴⁵

Também Bluteau menciona a relatividade deste termo, o silêncio pontualmente multifacetado:

SILÊNCIO. Termo relativo, opposto à falla, ou qualquer ruido. Nas Religiões se observa silencio por obediencia, nas Igrejas por devoção, nas penas, & nos trabalhos por paciencia, & conformidade com a vontade Divina. O não responder a quem nos escreveo, he silencio descortez; o callar na defesa da razão, & da justiça, he silencio indiscreto, & criminoso. [...] Finalmente he o silencio , o hospede dos desertos, o oraculo da noyte, o milagre dos concursos, o interpete do descanso, o introductor do sono, o sono da discrição mais vigilante,

⁶⁴⁴ Fernando GANDRA – O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica), p. 224.

⁶⁴⁵ Ione Marisa MENEGOLLA – A Linguagem do Silêncio, p. 47.

*o extasis da prudencia, o mayor esforço do sexo mais fraco, a Rhetorica dos Anjos, & a eterna eloquencia da Divindade.*⁶⁴⁶

Há silêncios nas palavras, silêncios que falam, e cada um desses silêncios impõe um sentido diferente. O mesmo sucede quando pensamos nos silêncios que cercam a linguagem do ser. Na ontologia, o silêncio não será descurado, ou não fosse ele, e reiterando as palavras de Pierre Emmanuel, «Le fond de l’Être»⁶⁴⁷. Charles Long chega mesmo a falar de uma posição ontológica do silêncio face à linguagem:

*As I have tried to show in my previous remarks, silence does not mean absence; it rather refers to the manner in which a reality has its existence. The silence of the nonwestern world during the period of colonialism did not mean that these cultures did not exist; it only pointed to the mode of their existence and – as we have learned in our study of the history of religions – indicated that the expression of their existence through symbols and myths was at the same time the expression of an ontological position. It means that silence is a fundamentally ontological position, a position which though involved in language and speech exposes us to a new kind of reality and existence.*⁶⁴⁸

Na área da psicologia e nomeadamente na psicanálise, o silêncio terá hoje, à semelhança do contexto anterior, um papel preponderante.

[...] sean justamente psicoanalistas quienes, en los años últimos, se han ocupado con más interés y hondura del silencio, de su misterio y de su fecundidad. «En el principio fué el silencio», titula Teodoro Reik, que fué amigo y discípulo de Freud, uno de sus ensayos, el que trata, precisamente, de estudiar el silencio.⁶⁴⁹

Ainda neste sentido, note-se a crítica de Juan Carballo à obra de Max Picard, *Le monde du silence*, por excluir a investigação do silêncio na área da psicologia. Tal decisão deve-se, segundo Carballo, ao facto de Max Picard apenas conhecer as suas

⁶⁴⁶ Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo VII, pp. 643-4 (SILÊNCIO).

⁶⁴⁷ Pierre EMMANUEL – «Au commencement la parole», in *Esprit*, n.º 9, Septembre 1957, p. 228.

⁶⁴⁸ Charles H. LONG – «Silence and Signification: a Note on Religion and Modernity», *Myths and Symbols: studies in honor of Mircea Eliade*, p. 150.

⁶⁴⁹ Juan Rof CARBALLO – *Entre el silencio e la palabra*, p. 25. Leia-se o referido ensaio de Theodor REIK – *Listening with the third Ear: the inner experience of a psychoanalyst*, NY: Grove Press, 1956.

especulações iniciais (da psicologia dita tradicional), e por isso ser desconhecedor dos seus avanços, sobretudo no domínio da psicanálise.⁶⁵⁰

O silêncio do médico ou do psicanalista seria, de resto, um silêncio da nossa época. Um silêncio capaz de provocar no paciente uma viagem ao seu subconsciente. Capaz de fazer surgir, muitas vezes, provinda do lado secreto, silencioso, essa diferente linguagem, a manifestação externa da mais recôndita parte do seu interior.

A ordenação das palavras dependerá da ordenação do pensamento. E no contexto da *mala taciturnitas*, da palavra impedida pelo isolamento exacerbado, a linguagem surge como terapia, como organização do caos interior. Muito antes da psicanálise, portanto, a Igreja Católica pragmatizará esta ideia através da confissão⁶⁵¹. Neste processo, também o sacerdote escuta a linguagem secreta do confessado que consegue assim purificar-se através da renúncia deste estado condenável de interioridade.

A leitura do corpo, dos gestos, do olhar, assume uma importância fundamental na interpretação da linguagem interior.

*[...] o gesto aparece como uma outra forma de transcender as limitações da palavra. Com efeito, o gesto também privilegia a linguagem do corpo e o contacto imediato do olhar. [...] Nesta perspectiva, o olhar pode ser definido como o mais simples e elementar dos gestos, através do qual o silêncio reencontra a sua dimensão sacral.*⁶⁵²

Assim se compreende a dimensão perene do olhar/do gesto, como silêncio carregado de sentidos, face à dimensão efémera da palavra no discurso:

Por oposição ao carácter irreversível, efêmero e fragmentário da palavra no discurso (palavra que o tempo da resposta, por exemplo, apaga e condena parcialmente ao

⁶⁵⁰ Cf. Juan Rof CARBALLO – *Entre el silencio e la palabra*, pp. 24-5.

⁶⁵¹ Veja-se IV Concílio de Latrão (1215), cânone 21: «cada um deverá se confessar e comungar pelo menos uma vez por ano, na Páscoa, na igreja da sua paróquia.» (Catherine VINCENT, «Latrão IV (1215): o ímpeto pastoral», *História do Cristianismo: A Idade Média, nem lenda negra, nem lenda áurea* (2.^a Parte: séculos V-XV), dir. Alain Corbin, trad. Eduardo Brandão, São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 204).

⁶⁵² Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 295.

*esquecimento que, por sua vez, dá origem a novas dúvidas), a força do olhar e do gesto reside na sua fixidez, na sua permanência, na sua resistência ao decurso temporal.*⁶⁵³

Nesta apologia do silêncio, Carlos Carreto demonstra como uma linguagem corporal e silenciosa vai muito além de uma linguagem verbal: «[...] a palavra retira-se para deixar o lugar à força imediata do olhar e à evidência dos signos, ou da linguagem gestual, mais abrangente e unitária do que qualquer tentativa de verbalização.»⁶⁵⁴ O poder unitário do olhar silencioso transpõe os limites do discurso fragmentário: «Com efeito, no olhar contemplativo, transpõe-se os limites e as limitações da linguagem humana inevitavelmente fragmentária [...]»⁶⁵⁵

Também no *Vocabulario* de Bluteau, os olhos falam a linguagem da alma e do pensamento: «OLHOS. [...] Bocas, e linguas da Alma. [...] Interpretes dos pensamentos. [...] Mudos, que falaõ.»⁶⁵⁶ Por isso ele define a taciturnidade como silêncio desprovido de gesto, olhar, ou qualquer significado; porque os olhos falam e revelam o lado oculto do eu:

*Silencio, que não só consiste em ter a boca callada, mas tambem em não fazer acção, nem gesto algum. Falla-se com os olhos; e com acenos se falla; e (como advertio Polybio) no semblante de muitos se tem descoberto o que tinhaõ oculto, e reconcentrado no coração.*⁶⁵⁷

A ideia de impossibilidade de exprimir por palavras, ou da sua insuficiência, aparece regularmente refletida na literatura, nomeadamente ao longo do século XVIII. Denis Diderot afirmara: «[...] conseguiremos substituir as palavras por gestos praticamente equivalentes a elas. Digo praticamente porque há gestos sublimes que nem

⁶⁵³ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 296.

⁶⁵⁴ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 306.

⁶⁵⁵ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 312.

⁶⁵⁶ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 267 (OLHOS).

⁶⁵⁷ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 365 (TACITURNIDADE).

toda a eloquência oratória seria capaz de mostrar.»⁶⁵⁸ A articulação dos gestos, no contexto da representação teatral é, em todo o caso, uma das preocupações de Diderot:

*Outrora freqüentei muitos espetáculos; sabia de cor a maior parte das boas peças. [...] tão logo erguido o pano e iniciado o movimento, os demais espectadores preparavam-se para ouvir, enquanto eu tapava os ouvidos com os dedos, não sem algum espanto da parte dos que me cercavam [...] Constrangia-me muito pouco com o juízo alheio, e mantinha obstinadamente os ouvidos tapados, se a ação e o jogo dos atores pudessem conformes ao discurso de que me lembrava. Somente ouvia, se a isso fosse levado pelos gestos, ou cresse estar sendo por eles levados. [...] Mas prefiro falar-vos da outra surpresa que eu causava nos que me rodeavam, quando, sempre com os ouvidos tapados, viam lágrimas correrem de meus olhos nas passagens patéticas. [...] faziam-me ao acaso perguntas a que respondia friamente: “Cada um tem seu modo de ouvir; o meu é com os ouvidos tapados, para ouvir melhor.” Ria-me das palavras que minha bizarria aparente ou real levava-me a emitir, tanto mais ainda da ingenuidade de alguns jovens que punham os dedos nos ouvidos para ouvir a meu modo, muito espantados de não o conseguirem.*⁶⁵⁹

As lágrimas, ou a emoção de Diderot, note-se, traduzem outra face das manifestações da linguagem do corpo. Silenciosas, elas revelam a verdade do eu, formam-se no seu interior, escondidas, e manifestam-se em marcas exteriores, materializadas, expostas. E num sistemático dentro/fora, elas participam simultaneamente da plenitude e da dor. Tal natureza heterogênea é confirmada por Rafael Bluteau: «LAGRYMAS. [...] Vozes da alma. Interpretes do sentimento. Sangue do coração. Filhas da dor, e filhas do amor, e filhas da alegria.»⁶⁶⁰

Igualmente muito próximo está o mundo vegetativo ou o estado letárgico. Muitas vezes metaforizado pela literatura, encontrámo-lo no *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares:

⁶⁵⁸ Denis DIDEROT – *Carta sobre os surdos-mudos para uso dos que ouvem e falam*, p. 24.

⁶⁵⁹ Denis DIDEROT – *Carta sobre os surdos-mudos para uso dos que ouvem e falam*, pp. 28-9. Por isso pratica um “ver, sem ouvir”, reclamando a sua importância, tal como se presta à entoação do discurso um “ouvir, sem ver”: «...se para julgar sadiamente a entonação é preciso ouvir o discurso sem ver o ator, é natural acreditar que para julgar sadiamente os movimentos e os gestos é preciso considerar o ator sem ouvir o discurso.» (Denis DIDEROT, *Carta sobre os surdos-mudos para uso dos que ouvem e falam*, p. 29).

⁶⁶⁰ Rafael BLUTEAU – «Vocabulário de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulário Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 221 (LAGRYMAS).

*As minhas horas mais felizes são aquelas em que não penso em nada, não quero nada, não sonho sequer, perdido num torpor de vegetal / errado, / de mero / musgo / que crescesse na superfície da vida. Gozo sem amargor a consciência absurda de não ser nada o ante-sabor da morte e do apagamento.*⁶⁶¹

Para Rafael Bluteau o estado vegetativo pode, igualmente, comunicar. A “alma vegetativa” é uma qualidade que sustenta tudo:

*Vegetar. Em significação activa. Comunicar alma vegetativa. [...] VEGETATIVO. Alma vegetativa chamão os Filósofos, a que com o succo da terra, attrahido pelas raizes, & distribuido pelos ramos, dà às hervas, & às arvores o nutrimento, & o aumento [...] Tem a terra hum espirito vegentante, ou hua virtude, & faculdade vegetativa, que sustenta tudo.*⁶⁶²

A literatura, ou a arte em geral, tem, em todo o caso, a função de recuperar «o que ficou esquecido nas margens dos outros saberes: dá voz e organiza na memória o que foi recusado ou destruído pela passagem imperial do Tempo.»⁶⁶³

A tópica poesia/pintura situa-se à esteira deste saber. Para Friedrich Hegel, a poesia «só trabalha para a intuição interior cuja afinidade com o espiritual é maior do que a dos objectos exteriores na sua manifestação sensível e concreta».⁶⁶⁴

A expressão “ut pictura poesis”, utilizada por Horácio na sua *Arte Poética*⁶⁶⁵, ou até mesmo o *símile* pintura/silêncio anteriormente atribuído a Simónides de Cós (a

⁶⁶¹ Bernardo SOARES – «Livro do Desassossego», *Obra Poética e em Prosa*, vol. 2, p. 587.

⁶⁶² Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 381 (VEGETATIVO).

⁶⁶³ Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 26.

⁶⁶⁴ Friedrich HEGEL – *Estética*, trad. Álvaro Ribeiro Orlando Vitorino, Lisboa: Guimarães Editores, 1993, p. 536. Leja-se, sobretudo, o capítulo «Da poesia», a mais suprema e completa de todas as artes (pp. 529-668). Reservado, mas não exclusivo à poesia, este mundo interior reflete-se igualmente na pintura, como refere Fernando Gandra: «Foi desse refúgio insonorizado do Pacífico, dessa utopia muda, que Gauguin nos remeteu o brilho triste e prodigioso das suas telas. Admiramo-las com a respiração suspensa, contribuindo deste modo para que o silêncio seja, agora sim, o mais possível, absoluto. [...] é através do silêncio que a voz humana melhor comunica com a química de um instante de génio que pode ser uma tela de Gauguin.» (Fernando GANDRA, *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 47).

⁶⁶⁵ Obra valorizada por Rafael nas *Prosas Portuguezas...*, vol. I, p. 5.

poesia, pintura falante, e a pintura, poesia muda)⁶⁶⁶, foram, em todo o caso, reabsorvidos pela tradição ocidental, com múltiplas interpretações do que devia ser a pintura ou do que devia ser a poesia – em qualquer caso invariavelmente baseada na *mimesis*, isto é, na re-presentação, na imitação da natureza pela arte. Para Rafael Bluteau, a poesia é ainda uma «Pintura sonora»⁶⁶⁷ que imita, e por isso finge.

POESIA. Deriva-se do verbo Grego *Poisein*, que tem dous sentidos, & val o mesmo que *Fazer*, & *Fingir*, que são duas propriedades da Poesia, porque a sua perfeição está em *descrever*, *pintar*, & *representar as cousas ao vivo*, como se as acabára de fazer, & *juntamente tem liberdade para excogitar*, & *fingir o que quer*.⁶⁶⁸

A teoria do fingimento, tão cara à estética modernista, nomeadamente à pessoana⁶⁶⁹, traduz-se nessa capacidade de substituir o real. Por isso a pintura é latamente:

** Irmã da Poesia, e tão parecida, que entre huma, e outra só ha esta diferença, a pintura applica as cores callando, e a Poesia fallando as applica. * Tambem sahe a pintura cõ apparencia mera, e sabe metir, não menos q a Poesia.*⁶⁷⁰

Irmãs, a pintura e a poesia estão unidas pelo fingimento e pela relação entre as cores caladas e as cores falantes, num jogo entre o silêncio da imagem simbólica e a força da representação da palavra:

PINTURA. Arte liberal, imitadora das proporções da natureza, & não só muda representação, mas escritura, ou expressão, que falla, & com as cores, & o pincel faz fallar muitas cousas naturalmente mudas. Tanto assim, que o mais antigo, & natural modo de escrever, foy pintar os objectos, ou materias, em que se queria falar, donde veyo

⁶⁶⁶ Cf. Rensselaer W. LEE – *Ut Pictura Poesis: Humanisme & Théorie de la Peinture. XVe-XVIIIe siècles*, trad. Maurice Brock, Paris: Macula, 1991, p. 7.

⁶⁶⁷ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 289 (POESIA).

⁶⁶⁸ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Tomo VI, p. 567 (POESIA).

⁶⁶⁹ Ver sobretudo, Fernando PESSOA – *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, ed. Georg Rudolf e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa: Edições Ática, 1966.

⁶⁷⁰ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 287 (PINTURA).

a palavra, Pingere, & a composição dos Jeroglyphicos, que representados significavão o que se queria dizer.⁶⁷¹

É, também, significativa a aproximação que Bluteau⁶⁷² e a tradição ocidental fazem entre oratória e música, que ultrapassa em muito o dom, engenho ou génio tão necessários à poesia como à melodia.

Na escrita, na pintura, na escultura, o silêncio parece ser a condição das suas possibilidades. Mas o domínio das artes não estaria completo sem a música. É sobretudo aqui que o silêncio adquire uma importância primordial. A definição mais elementar da música di-la “sucessão harmónica de sons e silêncios, notas e pausas”. Philip Roth, defende mesmo ser o silêncio a condição ontológica da existência da música, afirma: «music is the silence coming true»⁶⁷³. Também no artigo de Gisèle Brèlet, «Music and silence», se sente bem presente esse silêncio primordial que precede a música e que a torna possível.⁶⁷⁴ Bem próximo por sua vez desse silêncio que segundo Dauenhauer precede a linguagem, e que segundo Picard precede a palavra primordial.

A necessidade do silêncio para ambos (discurso e música) percebe-se pelo simples sentido que ele lhes atribui. No ruído ambos se desorganizam, perdendo assim o sentido, ou pelo menos o sentido pretendido.

No seu estudo intitulado *Silence*⁶⁷⁵, John Cage evidencia claramente a distinção que se tece entre a música e o ruído. Este contrariamente à primeira surgiria como som desorganizado. Assim como a música, o silêncio partilha da organização, abnega o caos e pretende alcançar a sublime harmonia. Como declara Fernando Gandra, «A qualidade sonora do lugar mede-se pela cumplicidade silenciosa que permite, pelo recolhimento que suscita [...]»⁶⁷⁶ Nas disciplinas do silêncio, o ruído (ou a palavra ruidosa) é tido como uma profanação, uma obscenidade:

⁶⁷¹ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Tomo VI, p. 518 (PINTURA).

⁶⁷² Note-se a mesma associação, feita por Bluteau, no artigo sobre a «Oratória», ao citar o padre António Vieira: «Florece a Musica, florece a Oratoria. Vieira, tom.7.pag.8.col.2.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Tomo VI, p. 99).

⁶⁷³ Philip ROTH – *The human stain*, New York: Vintage, 2001, p. 44.

⁶⁷⁴ Gisèle BRELET – “Music and silence”, *Re-flections on art: a source book of writings by artists, critics and philosophers*, ed. Susan K. Langer, New York: Oxford University Press, 1961, p. 65.

⁶⁷⁵ John CAGE – *Silence: Lectures and Writings*, Middletown: Wesleyan University Press, 1961.

⁶⁷⁶ Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 47.

*Os monges, os músicos, os poetas e os filósofos dedicam-se a ciências severas para as quais o ruído é uma infracção, um desleixo ou uma incontinência. Há em todas estas disciplinas uma paixão ascética de onde devem ser excluídos todos os rumores ociosos como são as palavras que interrompem a espiritualidade do silêncio [...]*⁶⁷⁷

Não menos importante é pois o elemento que diferencia a música, quando comparada à pintura e à poesia:

*No mais, a música precisa, mais que a pintura e a poesia, encontrar em nós disposições orgânicas favoráveis. [...] A pintura mostra o próprio objeto, a poesia o descreve, a música apenas excita uma idéia dele. [...] Será que, por mostrar menos os objetos, ela dá mais liberdade a nossa imaginação? Será que, pelo fato de termos mais necessidade de agitação para nos comovermos, a música é mais apta que a pintura e a poesia para produzir em nós esse efeito tumultuoso?*⁶⁷⁸

Fernando Gandra testifica essa mesma distinção de Diderot entre poesia e música: «a poesia mantém uma ligação permanente à matéria da linguagem, as palavras, enquanto a música é fugidia, promove a dissolução das formas, é a arte do tempo.»⁶⁷⁹ Como tal a música adquire liberdade face às limitações da palavra. Ela torna-se “a mais sublime retórica do Ser” (interior) que a palavra pretende imitar (exterior). Este poder da música, para transmitir o intransmissível, é desde logo demonstrado pela cultura mitológica, sobretudo no mito de Orfeu⁶⁸⁰. Este que, com a sua lira, encantava tudo e todos, porque a sua melodia arrasta consigo um silêncio: a impossibilidade de ser decifrada. Como refere Ione M. Menegolla: «Orfeu é porta-voz de um segredo divino

⁶⁷⁷ Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 242.

⁶⁷⁸ Denis DIDEROT – *Carta sobre os surdos-mudos para uso dos que ouvem e falam*, p. 77.

⁶⁷⁹ Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 82. «É que se a palavra força energicamente a passagem em direcção ao Ser, permanece no seu limite, é-lhe exterior. A música é a límpida e próxima emanção do Ser, é a sua linguagem primeira e última [...] A música tenta e consegue o impossível: representar o irrepresentável, dizer o indizível. Nas suas infinitas modulações, os sons podem tudo. [...] é a simples e complexa revelação do Ser que se insurge contra o silêncio, mas que tem nele um aliado indispensável, poderoso, estruturante. [...] No seu incompreensível entusiasmo e reconforto, a música é a mais sublime retórica do Ser.» (Fernando GANDRA, *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, pp. 90-1).

⁶⁸⁰ Note-se que Orfeu acaba morto pelas selvagens e endoidecidas Ménades que, aos gritos, abafam a melodia da sua lira. Como castigo estas acabam transformadas em silenciosos carvalhos. (Cf. *Le regard d'Orphée: les mythes littéraires de l'Occident*, dir. Bernadette Bricout, Paris: Ed. du Seuil, 2001).

porque a sua melodia ecoa como um silêncio de algo não revelado; a magia que emana da sua melodia não pode ser explicada ou explicitada.»⁶⁸¹

Também Rafael Bluteau nos fornece alguns episódios em que o homem, sob o efeito encantatório da música, sussessão harmoniosa de sons e silêncios, se afigura rendido ao apaziguamento, à serenidade:

*MUSICA. [...] * Suavidade, que admittida pelos ouvidos, a espiritos varonis affemina.
[...] * Autora de prodigiosos effeitos. Com suave consonancia reprimio Empedocles o furor daquelle moço, que com o punhal na mão corria a matar o seu inimigo; ao som da harpa se mitigava a violencia do maligno espirito, que atormentava a Saul.*⁶⁸²

Mas nem só a música exerce este poder. No caso da oratória, também o orador, que saiba usar o silêncio e a palavra, convence e conquista.⁶⁸³ A este género de orador (o artista) não interessará tanto um discurso clássico, de bom senso (como o demonstrativo), mas um discurso engenhoso que, como um jogo de inspiração, age com persuasão e arrebatamento (como por exemplo o epidíctico).⁶⁸⁴

Sobre a transição de um discurso engenhoso (dito barroco) para um discurso racional (iluminista), António José Saraiva assinala uma metamorfose que se processa

⁶⁸¹ Ione Marisa MENEGOLLA – *A Linguagem do Silêncio*, p. 70.

⁶⁸² Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, pp. 254-5 (MUSICA).

⁶⁸³ «De lo que está entre la palabra y el silencio podemos aprender, por ejemplo, entre otros muchos, del orador; de ese orador – al que también algunos menosprecian – que arrebat y conmueve a las multitudes. [...] ese momento singular, en el comienzo de un discurso, en el cual quien lo pronuncia se esfuerza por entrar en contacto profundo con la multitud que le escucha. Este momento, cuando se consigue, tiene mucho de mágico, de milagroso.» (Juan Rof CARBALLO, *Entre el silencio e la palabra*, pp. 26-7)

⁶⁸⁴ «O discurso clássico, o de um Descartes ou o de um Bossuet, é resultado de um juízo. Neste tipo de discurso, as palavras são signos linguísticos, no sentido que lhes damos actualmente, e espera-se que se sucedam no discurso segundo a ordem do raciocínio. Não têm qualquer autonomia, porque são apenas representantes. Contudo, no discurso engenhoso as palavras não são representantes, mas seres autónomos que podem ser recortados como se se tratasse de matéria para dela extrair outras palavras que têm entre elas relações que lembram mais os elementos da composição musical ou geométrica do que os do «bom senso» cartesiano.» (António José SARAIVA, *O Discurso Engenhoso: Ensaio sobre Vieira*, Lisboa: Gradiva, 1996, p. 150). Para uma perspectiva favorável do barroco, v. João Adolfo HANSEN – «Juízo e Engenho nas preceptivas poéticas do século XVII», *Literatura e filosofia: diálogos*, org. Evando Nascimento e Maria Clara Castellões de Oliveira, São Paulo: Editora UFJF/Imprensa Oficial SP, 2004, pp. 89-112.

no interior da palavra. A palavra que anteriormente era autónoma e cheia de vida própria, unidade de som, imagem e sentido, passa a ficar limitada às características do significado. No fundo, o discurso continua, faltar-lhe-á apenas o engenho, essa arte de manipular a relação entre o significante e o significado nas palavras. Ou como refere Bluteau num dos artigos que dedica a este conceito:

*ENGENHO. Habilidade. Destreza. Espírito. Capacidade. Talento. Lume natural. * Indagador, e descobridor dos segredos da natureza. * Mestre das Sciencias, inventor das Artes. * Legislador de todas as nações, Governador das Republicas, Reytor dos Imperios. * Observador, examinador, e registrador de tudo o que ha no Mundo.*⁶⁸⁵

Não menos importante será, neste contexto, a definição mais limitada da “eloquência”, essa versátil capacidade de temperar o discurso, para que mais facilmente atraia o gosto e domine os ouvidos de quem sabe e escuta:

*ELOQUENCIA. Rhetorica. Facundia. Elegancia no falar. Elocução culta, e ornada de figuras. Adorno da pratica. Enfeite da frase. Concerto da lingoagem. Douta, e discreta affluencia de palavras. [...] * Rio, que não leva como o Tejo area, mas boccados de ouro, e enche de thesouros os ouvidos dos circunstantes. * Artificie peritissima, que sabe usar de todo o genero de instrumentos, e nelles destramente se converte [...]*⁶⁸⁶

Neste sentido, ressalve-se a importância da retórica. Segundo Carlos Carreto, «é através dela que a imaginação pode aceder a realidades que nem a palavra comum, nem o entendimento conseguiram atingir.»⁶⁸⁷ A retórica manifesta-se a arte total das

⁶⁸⁵ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 163 (ENGENHO). Leia-se ainda a definição do *Vocabulario...*: «ENGENHO. Força natural do entendimento, com a qual o homem percebe prompta, & facilmente o que lhe ensinão, aprende as sciencias, & artes mais difficultosas, inventa, & obra muytas cousas.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Tomo III, p. 117)

⁶⁸⁶ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 158 (ELOQUENCIA).

⁶⁸⁷ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 431. Aristóteles, na sua *Arte Retórica* (citada por Rafael Bluteau, nas *Prosas Portuguezas...*, vol. I, pp. 80 e 93, vol. II, p. 294.), mostrara esta tendência para esconder e revelar o discurso como um jogo de recursos infundáveis, que o homem deverá explorar sem receio: «Actualization (putting things before the eyes) consists in representing things in a state of activity (e.g. representing inanimate things as animate). It is produced by metaphors and similes, which must be taken from things

palavras, porque se constrói sobre uma reflexão alargada em torno delas, do *logos* ao *pathos* passando pelo *ethos*. Ou não fosse ela a racionalização da oração, a soma entre a razão (*ratio*) e a oração (*oratio*). Como refere S. Tomás de Aquino (ao lembrar a importância da retórica para Santo Agostinho), ela tem a função de verbalizar o indizível, de falar sem o dizer, conciliando a cada passo palavra e silêncio.

*La gracia se concede para realizar algo que está por encima de la naturaleza. Pero la razón natural inventó el arte de la retórica, con la cual puede uno hablar de modo que enseñe, deleite y mueva, como dice San Agustín en IV De Doct. Christ.*⁶⁸⁸

Para Belmiro Fernandes Pereira, no seu importante estudo sobre a pedagogia nas retóricas do Renascimento, a arte retórica situa-se entre Proteu e Prometeu, isto é, entre a necessária diversidade enciclopédica («imitação múltipla») e a unidade do conhecimento («imitação da perfeição divina»):

*[...] se Proteu corporiza a diversidade, a copia, as metamorfoses da retórica na enciclopédia humanista, a variedade de engenhos, a imitação múltipla, a busca da diferença, Prometeu representa a unidade essencial do saber, a força humanizadora do logos, ratio e oratio, a imitação da perfeição divina, o valor civilizacional da retórica.*⁶⁸⁹

that are familiar, but not obvious. Apophthegms, well-constructed, riddles, paradoxes, jokes, play upon words, proverbs (which are metaphors from species to species) and hyperbole are also smart and pleasant.» (ARISTÓTELES, *The “Art” of Rhetoric*, translated by John Henry Freese, London/New York: William Heinemann/ G. P. Putnam’s Sons, 1926, Book III, xi. pp. xliii-xliv). Para além da *Retórica*, notem-se outras obras de Aristóteles valorizadas por Bluteau, nas *Prosas Portuguezas: Meteorológicos*, vol. I, pp. 31, 203 e 221, *Política*, vol. I, pp. 73, 74, 286 e 301, vol. II, pp. 175, 300 e 301, *Física*, vol. I, p. 197, *Metafísica*, vol. I, p. 198, *Da alma* e *Das Partes dos Animais*, vol. I, p. 216, *Tópicos*, vol. II, p. 299, sobre Aristóteles no geral, v. vol. I, p. XI, 31, 51, 97, 117, 118, 125, 148, 180, 203, 221, 223 e 226, vol. II. p. 153.

⁶⁸⁸ S. Tomás de AQUINO – *Suma Teologica: segunda parte: segunda sección*, cuestión 177, artigo 1, 1.^a objeción. (disponível on line: http://www.dudasytexos.com/clasicos/suma_teologica_2_2.htm última consulta em 23-07-2012).

⁶⁸⁹ Belmiro Fernandes PEREIRA – «Entre Proteu e Prometeu: lugar da arte retórica na pedagogia humanista», *As artes de Prometeu: estudos em homenagem a Ana Paula Quintela*, org. Marta Várzeas e Belmiro Fernandes Pereira, Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Letras, 2009, p. 116.

Bárbara Cassin, no comentário à obra de Élio Aristides, reforça este carácter antagónico, mas complementar da retórica, que se constitui «como arte pública e privada, arte de combate e de paz [...]».⁶⁹⁰

Tal ambivalência também é sentida na arte oratória, nomeadamente na praticada pelos jesuítas⁶⁹¹, como refere Belmiro Pereira:

[...] o ciceronianismo jesuítico representa bem essa ambivalência da arte oratória. Confiam os membros da Companhia no poder da palavra humana [...] mas não esquecem também a lição erasmiana do Ciceronianus: sujeito à prudência, o princípio retórico do apte dicere regulará a acção segundo as necessidades de ajustamento às condições particulares e ao fim pretendido.⁶⁹²

No ensino jesuíta, a retórica passa a ser vista como «uma alfaia intelectual de grande poder sócio-religioso na luta contra a heterodoxia religiosa.»⁶⁹³ Relembre-se a preparação da retórica, como uma das principais apostas da formação teatina, que pretendia apresentar à sociedade exímios oradores. Tal parece ter sido o caso de Rafael Bluteau, desde tenra idade, desde logo no Colégio de La Flèche, como já foi abordado no capítulo da sua biobibliografia. A sua fama de grande pregador acompanha-o no seu percurso de deslocações geográficas (França, Itália, Portugal), em espaços maioritariamente restritos à nobreza (nas capelas reais, em conventos, na Casa da Divina Providência, etc.). Neles Bluteau se dirigia a uma audiência seleta e o seu discurso cativou a particular admiração da realeza (Luís XIV, Henriqueta Maria de França, D. João V).

Nesta formação oratória, as características eloquentes e engenhosas do pregador (o líder, portador da palavra sagrada) não serão descuradas:

⁶⁹⁰ Bárbara CASSIN – *O efeito sofisticado*, trad. Ana Lúcia de Oliveira [et al.], São Paulo: Editora 34, 2005, p. 349.

⁶⁹¹ Segundo Marc Fumaroli, a pedagogia jesuítica baseava-se na retórica ciceroniana, em Aristóteles e em Santo Inácio (*Exercícios Espirituais*). (Cf. Marc FUMAROLI, *L'âge de l'Eloquence: Rhétorique et 'res literaria' de la Renaissance au seuil de l'époque classique*, Genève: Droz, 1980, pp. 179-206).

⁶⁹² Belmiro Fernandes PEREIRA – «Entre Proteu e Prometeu: lugar da arte retórica na pedagogia humanista», *As artes de Prometeu: estudos em homenagem a Ana Paula Quintela*, p. 115.

⁶⁹³ Selma POUSÃO-SMITH – *Rodrigues Lobo, os Vila Real e a Estratégia da Dissimulatio*, vol 1, p. 494.

*PREGADORES. [...] Novos Hercules, formidaveis Aleides, que com a tocha da sua eloquencia reduzem a cinza a Hydra da Heresia. [...] Sabios imitadores da engenhosa Ariadna, que com o fio do discurso tiraõ do Labyrintho dos erros o Minotauro da Gentilidade. Sagrados Mercurios, que com o caduceo, ou vara de ouro da sua facundia, levaõ para onde querem os ouvintes.*⁶⁹⁴

Uma definição sem dúvida ainda muito próxima do discurso engenhoso que inspirou o período barroco. Em todo o caso, as similaridades entre Bluteau e, por exemplo, António Vieira são por muitos reconhecidas: «Comparando os índices das Primicias com os dos Sermões de Vieira, verifica-se que a estrutura de ambos é muito semelhante [...]»⁶⁹⁵. Quer na forma quer no próprio conteúdo, nas ideias defendidas, até na comum atração e aversão aos malabarismos da forma:

*Oradores Evangelicos, cujos discursos antigamente se mediaõ com Relogios de agua, e hoje com relógios de area se medem. Os Sermões eraõ agua, que fertilizava, regava, banhava, levava, e servia como de espelho, em que viaõ os ouvintes os seus erros, e defeitos. Nesta Era são os Sermões como area, e pó; o vento da vaidade por estes ares os leva, a cubiça os espalha, a conveniencia os multiplica. O fruto das prègaçoens se dà a conhecer na agua das lagrymas, e não no fumo dos applausos, que com a poeira da ambição se levanta, e cega o Pregador.*⁶⁹⁶

Neste discurso estéril dos oradores atuais (simbolizado pela areia/pó, que confunde, que cega), que é comparado ao discurso dos oradores antigos (simbolizado pela água, que lava, que clarifica), subentende-se a intertextualidade com o argumento de Vieira: «Como haõ de ser as palavras? Como as estrellas. As estrellas são muyto

⁶⁹⁴ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 293 (PREGADORES). Note-se, no artigo sobre o «Silêncio», a seguinte observação de Bluteau: «Deyxa o Orador em silencio as materias, de que por certo respeyto não faz menção.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino...*, Tomo VII, p. 643).

⁶⁹⁵ João Paulo SILVESTRE – *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*, p. 87. Note-se as várias referências feitas por Bluteau, nas *Prosas Portuguezas...*, quer ao padre A. Vieira quer aos seus *Sermões*, v. vol. I, pp. 12, 17, 23, 25, 379.

⁶⁹⁶ Rafael BLUTEAU – «Vocabulario de Synonimos, e Phrases...», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Supp. II, p. 293 (PREGADORES).

distintas, & muyto claras. Assi ha de ser o estylo da prégação, muyto distinto, & muyto claro.»⁶⁹⁷

Algumas decorrentes semelhanças com o método de pregar português devem-se, segundo Aníbal Pinto de Castro, a uma certa necessidade que Rafael Bluteau terá sentido em se adequar à preponderância do dito método. Todavia com sua certa dose de resignação, uma vez que Bluteau não deixa de evidenciar a predileção pelo método de pregar francês – que por esta altura se encontrava já distanciado do método português (ainda direcionado para a eloquência e para a teologia especulativa da escolástica renovada) – voltado para a razão e para a palavra «nua, e despida dos atavios, e filacterias de huma vã eloquencia.»⁶⁹⁸:

[...] Bluteau adoptou, ao subir aos púlpitos portugueses, o método que em Portugal se seguia. Esta adesão constitui sinal incontroverso de que tal método era unânimemente praticado visto que, portador de novidades na maneira de pregar, pelas quais podia salientar-se entre os nossos oradores sacros, e dotado de um espírito sempre aberto às inovações, o recém-chegado não ousava desafiar o gosto estabelecido, preferindo submeter-se ao uso local. No entanto, não concordava inteiramente com ele [...] Aderindo à corrente dominante, o Teatino era vencido mas nem sempre convencido. Quando nas Prosas Portuguezas, estabelece a diferença entre a “*Rhetorica de Deus*” e a eloquência humana, fundamenta-a no grau de ornato e de artifício. E significativamente adverte: «Na boca do Orador sagrado, o magnífico da elocução he como no corpo do Emperador Heraclio o pomposo adorno...»⁶⁹⁹

Conhecedor das debilidades e fraquezas que limitam a oratória, Bluteau pretenderá colmatá-las. Mas este parece ter sido um lugar-comum da época, presente

⁶⁹⁷ VIEIRA, António — «Sermam da Sexagesima Prégado na Capella Real...», *Sermoens. Primeyra Parte*, Lisboa: Off. Joam da Costa, 1679, p. 41.

⁶⁹⁸ Rafael BLUTAU – *Prosas Portuguezas...*, vol. I, p. 355. Leia-se o «VIII. Assumpto. A Rhetorica de Deos, simplez, e sem ornato, he mais efficaz, que todos os artificios da eloquencia humana», inserido na «Academia Theologica», pp. 327-62.

⁶⁹⁹ Aníbal Pinto de CASTRO – *Retórica e teorização literária em Portugal*, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1973, pp. 140-1. Leia-se, mais alargadamente, a (aqui valorizada) citação de Bluteau: «Na boca do Orador sagrado, o magnifico da elocução he como no corpo do Emperador Heraclio o pomposo adorno, com que elle queria passar com a Cruz às costas para o Templo, que Santa Helena mandara edificar no Monte Calvario. [...] Neste Templo não tem entrada faustosas elegancias, soberba elocução, metáforas arrogantes; todas ficão da porta para fóra.» (Rafael BLUTAU, *Prosas Portuguezas...*, vol. I, p. 355).

desde logo em Vieira, sem que houvesse uma clara cisão entre a reprodução do lugar-comum e a recomendação do seu uso moderado. Como assegura Aníbal Pinto de Castro, as recolhas de conceitos predicáveis foram muito abundantes no último quartel do século XVII e até ao início do século seguinte.⁷⁰⁰ Neste sentido, os contributos de Bluteau destacam-se pela intenção pedagógica que lhes está associada – a de facilitar a elaboração discursiva – e revestem-se, por isso, de alguma notoriedade. O «Antiloquio»⁷⁰¹, inserido no volume III das *Primicias...*, versa sobre os métodos de pregar; o colossal dicionário *Oraculum Utriusque Testamenti...*⁷⁰² trata os conceitos predicáveis; e as «Praeviae notiones...»⁷⁰³ é fundamentalmente um tratado sobre retórica.

No *Vocabulario*, numa das entradas da definição de «Conceito», é contemplado o “conceito predicativo” enquanto arte divina de ocultar e enquanto engenho humano de desvendar:

*He huma argucia da mente divina, lèvemente encuberta debaxo de algum dos sentidos da sagrada Escritura, & sutilmente explicado pelo engenho humano, em ordem a alguma sentença, ou documento moral.*⁷⁰⁴

Sublinhe-se nesta definição de Bluteau, a evidente apropriação do discurso de Emanuel Tesauro que, no «Índice delle Materie» do *Il cannocchiale Aristotelico*, e

⁷⁰⁰ Cf. Aníbal Pinto de CASTRO – *Retórica e teorização literária em Portugal*, pp. 134-8.

⁷⁰¹ «Antiloquio panegyrico, critico, e parenetico», *Primicias Evangelicas, ou Sermoens, e Panegyricos...*, Parte terceira, Paris: Joaõ Anisson, 1698, pp. 3-38.

⁷⁰² *Oraculum utriusque testamenti ad promiscuas in Sacra Biblia Interrogationes, servato literarum ordine, responsa reddens, & verbi divini Praeconibus viam aperiens ad innumerabiles argutas setentias, quas vocant conceptus praedicabiles, ex multiplici sacrarum literarum sensu, ac praecipuè literali, pro sermonis opportunitate eruendas*, Lilyssipone Occidental : Michaelis Rodrigues, 1734. Leia-se ainda sobre este assunto: «...*Oraculum utriusque testamenti*, um dicionário de concordâncias bíblicas com ordenação alfabética, proporcionava um constante acesso a citações, sentenças e desenvolvimentos retóricos em latim, aproveitáveis para o *Vocabulario*, cuja redacção decorria em simultâneo.» (João Paulo SILVESTRE, *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*, p. 83)

⁷⁰³ «Praeviae notiones ad conceptus praedicabiles inventionem, constructionem, variationemque utiles», *Oraculum...*, pp. 1-115.

⁷⁰⁴ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712, Tomo II, p. 432 (CONCEITO).

sobre o «Trattato de Concetti Predicabili»⁷⁰⁵, terá afirmado: «Concetto Predicabile, é un'Argutia leggiermente accennata dall'Ingegno Divino: leggiadramente svelata dall'Ingegno Humano; & riformata con l'Autorità di alcun sacro scrittore.»⁷⁰⁶

Na época do Renascimento, a pedagogia humanista parece estar centrada na importância da arte oratória e da eloquência, e «para comprovar o relevo da retórica na época do Renascimento, bastaria atermo-nos ao número de manuais então produzidos: do período incunabular conhecem-se pelo menos 117 retóricas impressas, do século XVI haverá mais de mil autores, mais de três mil tratados.»⁷⁰⁷

E, na obra de Bluteau há muitas passagens que revelam um saber canónico do que seja a Retórica, as suas partes e as suas técnicas. No artigo do *Vocabulario*, lemos: «RETÔRICA, ou Rhetorica. A arte de falar com propriedade, & elegancia, inculcando boas razões, para provar, & persuadir os ouvintes.»⁷⁰⁸ Após uma breve definição, Bluteau parte para uma divisão canónica da retórica, ao incluir a “memória” como quinta parte, todavia «segundo alguns», refere, uma vez que, assim como o “juízo”, esta também estaria subentendida nas demais partes:

As partes da Rhetorica são Invenção, Disposição, Elocução, & Pronunciação; a Memoria, que, segundo alguns, he a quinta parte da Rhetorica, não he necessario separalla das mais partes, porque em todas ellas, não só a memoria, mas tambem o juizo, tem seu lugar, & sem hum, & outro, não ha Arte, nem sciencia alguma perfeitayta. Destas quatro partes se usa em todos os discursos, & Orações, & nos tres generos principaes da Rhetorica, a saber, no genero Demonstrativo, que se occupa em louvor, ou condenar as

⁷⁰⁵ «Trattato de'concetti predicabili, et loro esempi», inserido no *Il canocchiale Aristotelico*, pp. 381-410.

⁷⁰⁶ Emanuel TESAURO – *Il canocchiale Aristotelico*, Venetia: Presso Paolo Baglioni, 1669, [s/p], («Índice delle Materie»).

⁷⁰⁷ Belmiro Fernandes PEREIRA – «Entre Proteu e Prometeu: lugar da arte retórica na pedagogia humanista», *As artes de Prometeu: estudos em homenagem a Ana Paula Quintela*, p. 105. Note-se ainda a «reorientação retórica de ensino gramatical», tal como propusera Quintiliano no *Oratoria*, adotada nas orações académicas, as quais «testemunham não só o esforço laborioso de dotar as classes de novos instrumentos pedagógicos como também um inegável interesse pela arte retórica.» (*ibid*, p. 108). Não será por acaso que o *Institutio Oratoria* é citado amiúde por Bluteau; leia-se, por exemplo, no *Vocabulario...*, tomo VII, o artigo «Retórica», ou nas *Prosas Portuguezas...*, vol. I, pp. 7, 204 e 229, vol. II, pp. 213 e 224.

⁷⁰⁸ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Tomo VII, p. 305 (RETÔRICA).

*peçoas, ou as acções, ou as cousas; no genero Deliberativo, que se exercita em persuadir, ou dissuadir; & no genero Judicial, que consiste em accusar, ou defender.*⁷⁰⁹

Para além destes três géneros principais, de raiz ciceroniana⁷¹⁰, Bluteau sobreporia, porém, uma outra estratificação ternária, agora relativa à retórica ou eloquência da arte de pregar:

*Destes tres generos tambem usa a Rhetorica Ecclesiastica, ou Eloquencia Euangelica na Arte de prégar, ou fallando mais individualmente tem a dita Rhetorica tres generos, que são o Panegyrico, com o qual louva a Deos, aos Anjos, & aos Santos; o Didascalico, com o qual expõem as Escrituras, & declara os mysterios de nossa Religião; & o Parenetico, que offerece razões, & motivos, para exhortar os Christãos a abraçar as virtudes, & aborrecer os vicios.*⁷¹¹

⁷⁰⁹ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Tomo VII, p. 305 (RETÔRICA). V. ainda a estratificação da retórica adotada por Bluteau, a Invenção corresponde à primeira parte e a Pronúnciação à última, quanto às restantes partes são apenas definidas como “partes da retórica”: «Invenção. A primeira das cinco partes da Rhetorica; que consiste em inventar argumentos verdadeiros, ou verisimeis para a probabilidade da materia em que se falla.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Coimbra: No Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713, Tomo IV, p. 182); «Disposição. (Termo da Retorica.) He huma das cinco partes da Retorica, com que o Orador poem em ordem as razoes, & as provas, que inventou.» e «Eloquência. He a parte da Rhetorica, que ensina o Orador a propriedade, & elegancia das palavras, o modo de as dispor em boa ordem, & tudo o mais, que serve para o ornato do discurso.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Tomo III, pp. 250 e 29); «Memoria, huma das cinco partes da Rhetorica, segundo Cicero [...]» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Tomo V, p. 417); «Pronúnciação. He a quinta parte da Rhetorica, que consiste na acção, & modo de fallar, & representar o que se diz.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Tomo VI, p. 776). Note-se, desde logo, a aproximação da Pronúnciação com a Acção (*Actio*): «Acção. [...] Acçoens de Pregador, Orador, Declamador, &c. Gestos, que consistem no movimento da cabeça, dos braços, & de todo o corpo. [...] As acçoens do Orador, são a voz, o movimento, & huma certa eloquencia do corpo.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Tomo I, p. 66).

⁷¹⁰ Cf. *Rhetorica ad Herennium*, de PSEUDO-CÍCERO. Leia-se a influência da obra de Cícero nas *Prosas Portuguezas* de Bluteau, sobre Cícero no geral, v. vol. I, pp. 117, 148, 167 e 225, vol. II, pp. 9 e 213, *De Divinatione*, vol. I, p. 24, *De Officiis*, vol. I, p. 60, *Tusculanae Disputationes*, vol. I, pp. 172 e 195, *De Natura Deorum*, vol. II, p. 85, *De Inventione*, vol. II, p. 158, *De Legibus*, vol. II, p. 295, *Epistulae ad Atticum*, vol. II, pp. 203 e 216, *Pro Plancio*, vol. II, p. 216.

⁷¹¹ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Tomo VII, p. 305 (RETÔRICA). Sobre os géneros judicial (*logos/docere*), deliberativo (*ethos/movere*) e epidíctico ou panegírico (*pathos/delectare*), v. Maria Luísa MALATO e P. Ferreira da CUNHA – *Manual de Retórica & Direito*, pp. 79-81.

Mas no vocábulo «Retorico», que surge associado ao “orador”, desde logo se alude à tópica da (des)valorização da retórica. Esta que, com o exemplo dos lacedemónios, passa a significar um artifício que em nada favorece a comunicação humana:

*Tiverão os ditos Rhetoricos algum tempo grande fama, mas como as melhores cousas nem sempre agradão a todos, ou (para dizer melhor) como nas melhores cousas deste mundo sempre ha imperfeições, & defeytos, pouco a pouco deu aquella artificiosa Rhetorica em grande bayxa. Em primeyro lugar os Lacedemonios desterrarão os Oradores, ou Rhetoricos, dando por razão, que os homens honrados havião de fallar sem artificio [...]*⁷¹²

Sempre a importância do silêncio aparece em tensão com a importância da palavra. Ao laconismo seguido e cultivado pelos romanos, Bluteau contrapõe o *De oratore*⁷¹³, de Cícero: nesta ambivalência se verifica a valorização da retórica que surge em protesto à desvalorização platónica da oratória:

*Seguirão os Romanos neste particular o parecer dos Lacedemonios com tão grande empenho, que Cicero foy obrigado a escrever os seus livros De Oratore, para provar, que a Eloquencia era antes filha do Entendimento, que da Arte, & que hum engenho superior pôde, sem soccorro da Rhetorica, levantar com expressões nobres, & figuras a humildade dos seus conceytos, & juntamente evitar a rasteyra vulgaridade da linguagem materna. Porém sempre a muytos pareceo acertada a doutrina de Socrates, que não admitte Oradores no governo da Republica, como sugeytos capazes de exercitar sedições populares.*⁷¹⁴

⁷¹² Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Tomo VII, p. 305 (RETORICO). Leia-se sobre a ligação do orador com a retórica e com a eloquência (e as influências de Cícero e Quintiliano): «ORADÔR. Aquelle que faz discursos oratorios, observando as leys da Rhetorica, & perfeyta eloquencia. Escreveo Cicero tres livros da instituição do Orador: escreveu Quintiliano outros doze sobre a mesma materia, & assim hum como outro foraõ excellentes oradores.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Tomo VI, p. 98).

⁷¹³ Leiam-se, sobre este assunto, os artigos «Oratória» e «Retórica» do *Vocabulario...* (tomos VI e VII), ou ainda nas *Prosas Portuguezas...*, vol. II, pp. 208 e 224.

⁷¹⁴ Rafael BLUTEAU – *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Tomo VII, pp. 305-6 (RETORICO). Note-se a referência ao historiador e teólogo humanista Rafael Volaterrano que se insurge contra os oradores romanos e gregos, causadores da ruína e da discórdia: «Raphael Volaterrano, hum dos mais curiosos Historiadores de Italia, escreve, que os mais eloquentes Oradores fôrão causa das mayores ruinas. Na

Neste contexto, interessa lembrar um dos discursos mais importantes de Élio Aristides: *Em defesa da Oratória*. Segundo Henrique G. Murachco, na introdução à obra de Luciano de Samósata (contemporâneo de Aristides), aqui se «discute o diálogo Górgias, de Platão, defendendo a primazia da retórica e seu carácter de “tekhne” [...]».⁷¹⁵ Como refere Belmiro Pereira:

*Com efeito, na indevidamente chamada II Declamação, Em defesa da oratória, 2. 395-399, Élio Aristides argumenta contra Platão e, tendo em vista sobretudo o Górgias [...] aidos e dike são virtudes políticas que só passaram a existir verdadeiramente quando Prometeu trouxe do Olimpo a arte oratória. [...] Para Aristides, portanto, o verdadeiro factor de civilização é a retórica, dádiva dos deuses.*⁷¹⁶

A versão do mito da origem do homem, de Élio Aristides, tenciona proteger a retórica que Sócrates ataca. Os homens, que no início da criação do mundo em silêncio pereciam, são premiados com a retórica, uma dádiva dos deuses. Símbolo de paz, nela encontram os homens um triunfo contra a confusão e o tumulto, um meio para inverter a sua inferioridade diante dos restantes animais:

(395) When human beings and the other animals had just been born, there was great disturbance and confusion upon the earth. [...] Thus they quietly perished. (396) [...] While the race was perishing in this fashion and gradually diminishing, Prometheus beheld it, and ever being in some way benevolent, he went up to heaven as an ambassador on mankind's behalf [...] Zeus, much impressed by Prometheus [...] ordered Hermes, one of his sons, to go to mankind with the art of oratory. (397) [...] yet he ordered Hermes not to divide oratory as if it were a distribution of the festival fund, so that all in turn might share in it, as in eyes, hands, and feet; but to select the best, the noblest and those with the strongest natures, and to hand the gift to them, so that at the same time they could save themselves and others. (398) When oratory had come in this way from the gods to mankind, men were able to escape their harsh life with the beasts,

realidade Bruto, Cassio, Gracco, Catão, Cicero, com seus emphaticos arrezoados acendêrão no Estado Romano guerras civis, & perpetuas discordias; & fez Demosthenes o mesmo no Estado de Athenas.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Tomo VII, p. 306).

⁷¹⁵ LUCIANO de Samósata – *Diálogos dos mortos: versão bilíngüe grego/português*, org. e trad. Henrique G. Murachco, São Paulo: Palas Athena/Editora da Univ. de S. Paulo, 2007, p. 12.

⁷¹⁶ Belmiro Fernandes PEREIRA – «Entre Proteu e Prometeu: lugar da arte retórica na pedagogia humanista», *As artes de Prometeu: estudos em homenagem a Ana Paula Quintela*, p. 111.

*and all men everywhere stopped being the enemies of one another, and they discovered the beginning of the community.*⁷¹⁷

A repartição igualitária de *aidos* e *dike* é substituída pela distribuição desigual da retórica, Hermes deverá repartir o dom retórico não entre todos, mas apenas entre os melhores.⁷¹⁸ Contrariamente a Platão, a legislação e a justiça constituem-se como partes da retórica, dependem dela, e não o inverso. Aristides reclama a autonomia da retórica, a sua importância, o seu protagonismo, a sua atualidade ou o seu carácter intemporal:

*(401) [...] legislation is done with once it has established its laws, and the art of the juror has no more concern after the vote. But oratory, like some sleepless guard, never ends its watch. At the beginning, it was joined with those two arts, guiding and teaching, and now alone it peruses every matter, making proposals, acting in missions, ever arranging present circumstances. And even if all injustice and error departed from mankind, it is no more because of that without use, in the way that there would be no need of laws and jurymen if this happened. (402) But work remains for oratory so long as men have dealings with one another privately and publicly.*⁷¹⁹

Deste modo, entenda-se a permanente presença e utilidade da retórica, como prática pedagógica do presente, uma apreciação igualmente considerada por Belmiro Pereira, no contexto do Renascimento:

Embora não seja possível, nem desejável, regressar à prática pedagógica do Renascimento, alguma vantagem haveria, decerto, pelo menos nas Faculdades de Letras, em considerar a primazia que nela se dava à arte retórica, de acordo com dois princípios

⁷¹⁷ Aelius ARISTIDES – «To Plato: In Defense of Oratory», *The Complete Works*, trans. Charles A. Behr, 2 vols., Leiden: E. J. Brill, 1986, vol. 1, p. 141.

⁷¹⁸ Note-se o exemplo, parafraseado por Bluteau no *Vocabulário*. O ensino da retórica parece estar reservado aos mestres (no caso Isócrates) e o homem loquaz (Careon) para ser ensinado terá de pagar, com sua certa dose de ironia, o dobro do normal – mais difícil do que o “saber falar” parece ser o “saber calar”: «Careon, homem loquaz, pedindo a Isocrates, que lhe ensinasse Rhetorica, pediu Isocrates dobrado salário, T& perguntando Careon a razão das duas pagas, respondeu Isocrates: Quero hua para ensinarte a fallar, & quero outra, para ensinarte a callar.» (Rafael BLUTEAU, *Vocabulário Portuguez, e Latino...*, Tomo V, pp. 181-2).

⁷¹⁹ Aelius ARISTIDES – «To Plato: In Defense of Oratory», *The Complete Works*, vol. 1, p. 142.

*basilares: a eficácia do ensino depende da gradação das dificuldades e de uma perfeita articulação entre a composição escrita e a expressão oral.*⁷²⁰

Não podemos deixar de refletir aqui sobre a oportunidade destas palavras no entendimento da obra de Bluteau. E não só no seu entendimento, mas também na utilidade do estudo, numa dimensão retórica e pedagógica, e não limitadamente histórico-literária.

4. Ler Bluteau na atualidade

Sob uma perspectiva retórica e pedagógica, a natureza do silêncio, a par da natureza da fala, diverge de cultura para cultura. Possui uma natureza versátil e por isso incapaz de se submeter ao espartilho de uma «regra universal»⁷²¹. Lido em e com Bluteau, o silêncio revela uma natureza multifacetada, gerada a partir das suas variadas relações, que vão da comunicação e da palavra à solidão e à morte, do discurso “religioso” ao discurso “científico”.

Começemos por relembrar a célebre distinção que se estabeleceu, desde logo na Antiguidade, entre laconismo e retórica. Ou melhor dizendo, entre os habitantes de Esparta (região da Lacônia, donde deriva o termo) e os habitantes de Atenas, já que estes ficaram conhecidos pelo uso da palavra e aqueles pelo não uso da palavra (pelo silêncio).⁷²²

⁷²⁰ Belmiro Fernandes PEREIRA – «Entre Proteu e Prometeu: lugar da arte retórica na pedagogia humanista», *As artes de Prometeu: estudos em homenagem a Ana Paula Quintela*, p. 115.

⁷²¹ David LE BRETON – *Do silêncio*, p. 29.

⁷²² Cf. Joseph RASSAM – *Le silence comme introduction a la métaphysique*, 2.^a ed., Toulouse: Editions Universitaires du Sud, 1988, p. 17.

Ela manter-se-á ao longo da história ocidental, até aos dias de hoje. O uso do silêncio na comunicação variou, desde sempre, entre duas variantes: por um lado como limite extremo da boa comunicação⁷²³, por outro lado como seu maior obstáculo.

Na sua relação com a palavra, a ambivalência permanece. Sobretudo se pensarmos na tão conhecida analogia que se tece entre a dor e o prazer. A dor de uma palavra que se silencia, que não se pode ou não se consegue dizer, a dor da palavra que se perdeu ou simplesmente se esqueceu... A dor ou o prazer de não ter palavras ou de apenas ter as palavras que dizem “não tenho palavras para lhe agradecer...”. Por vezes o silêncio também combate a angústia. Diríamos mesmo que existe o prazer do silêncio quando, por exemplo, relacionado com a paz. Negando o conflito, que causa a dor, o silêncio assemelhar-se-ia, agora, a uma escolha que abdica da discórdia. Dependente da sua relatividade o silêncio é e não é: dor e prazer, paz e conflito.

Que melhor exemplo para demonstrar esta ambiguidade que o olhar? Silencioso por excelência, ele será também o “espelho da alma”⁷²⁴. Na leitura do seu comportamento conseguimos perscrutar os seus dois lados: o olhar agitado e nervoso (conflito ou curiosidade) que oscila com o olhar sereno e tranquilo (paz ou indiferença).

Até mesmo nas suas conotações mais negativas, o silêncio se revela da mesma forma. Capaz de mostrar o outro lado, capaz de inverter a situação. Ainda que humana e comumente associado à solidão, o silêncio poderá, no caso específico do místico ou do religioso, significar a companhia de Deus que só em si mesmo se encontra. Ainda que vulgarmente associado à morte, o silêncio poderá, numa perspetiva existencial ou heideggeriana⁷²⁵, ser o termo ou o fim, e, numa vertente não-existencial, ser a expressão de um Eterno Retorno. Ou de uma *tabula rasa*.

Fim e continuidade, ser e não ser, a dimensão retórica do silêncio terá também de ser pensada. Começámos por Bluteau, mas é do conhecimento de todos que a linguagem, para filósofos como Heidegger e Wittgenstein, se identifica com o ser.

⁷²³ Veja-se ainda sobre este assunto o livro de Claude LÉVI-STRAUSS, *As Estruturas Elementares do Parentesco*, onde a palavra é sentida, por várias culturas, como um bem escasso e por tal deve ser preservada de um uso excessivo que frequentemente a gasta e vulgariza.

⁷²⁴ Expressão tradicional e vulgarmente empregue para designar a expressão do olhar.

⁷²⁵ Em que o homem será um “ser para a morte” (um ser no mundo é um ser para a morte). Ver sobre este assunto Martin HEIDEGGER – «A possibilidade da pre-sença ser-toda e o ser-para-a-morte», *Ser e tempo*, trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback, 10.^a ed., 2 vols., Petrópolis: Editora Vozes, 2002, vol. 2, pp. 15-51.

Bastará lembrar que para Heidegger «a linguagem é a casa do ser»⁷²⁶ e para Wittgenstein «*Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo*»⁷²⁷. Aparentemente o silêncio pareceria assim estar para o não-ser como a linguagem estaria para o ser. Aparentemente apenas, porque a plausibilidade desta situação dependeria de um postulado extremamente dúbio: o silêncio teria que ser o contrário da linguagem ou a sua ausência.

Ora, como procurámos demonstrar na vida e na obra de Bluteau, tal interpretação além de redutora, parece-nos errada. Até porque a sobrevivência do silêncio num mundo sem linguagem, adivinha-se escassa. Pensar a linguagem é pensar o silêncio que lhe está intrínseco, porque o silêncio proporciona a escuta e a escuta abre caminho à fala. Já Heidegger o afirmara: «A *escuta* e o *silêncio* pertencem à linguagem discursiva como possibilidades intrínsecas»⁷²⁸. E aqui seria mesmo o silêncio a sua condição de possibilidade. O ruído, porém, a sua nulidade. Como advoga Bluteau, redator do *Vocabulário* no retiro de um mosteiro, no silêncio pode-se pensar, no ruído não. Este sim estaria para o não-ser, como a linguagem e o silêncio estariam para o ser. O ruído como oposto extremo do silêncio e da linguagem é aliás um assunto abertamente exposto por Tito Cunha, quando afirma:

[...] *convirá pensar ser o oposto mais radical do silêncio não a linguagem mas o ruído. É que a linguagem participa, com o silêncio, da comunicação ao ponto de se tornarem ambas indispensáveis à ocorrência desta. Pelo contrário, o ruído é que é o radical inverso de ambas, da linguagem como do silêncio, uma vez que a sua simples presença implica já o seu enfraquecimento e no caso extremo a ambas impossibilita, impossibilitando assim qualquer comunicação.*⁷²⁹

Silêncio e ruído entram aqui, em todo o caso, na ordem do ser e do não-ser, respetivamente. Ao lermos o *Górgias*, percebemos a já então predileção de Sócrates pela pintura, para ele oposta à retórica, uma vez que aquela, contrariamente a esta,

⁷²⁶ Martin HEIDEGGER – *Carta sobre o humanismo*, Lisboa: Guimarães Ed., 1973, p. 37.

⁷²⁷ Ludwig WITTGENSTEIN – *Tratado Lógico-Filosófico: investigações filosóficas*, 5.6, trad. M. S. Lourenço, Lisboa: F.C.G., 1987, p. 114.

⁷²⁸ Martin HEIDEGGER – *Ser e tempo*, vol. 1, p. 220.

⁷²⁹ Tito Cardoso e CUNHA – *Silêncio e Comunicação: ensaio sobre uma retórica do não-dito*, Lisboa: Livros Horizonte, 2005, p. 61.

trabalha silenciosamente.⁷³⁰ Mas é sabido que, na filosofia socrática, as imagens icónicas entram decididamente na ordem do ser.

Tudo isto aliará inevitavelmente a atualidade ao ruído e ao não-ser e tanto mais assusta se pensarmos o quanto este fenómeno é recente. A imagem hoje deriva das novas tecnologias multimédia, sendo por isso irremediavelmente acompanhada por um natural e intrínseco ruído. A imagem passa da ordem do ser (o antes, o silêncio) para a ordem do não-ser (o depois, o ruído). Não será pois necessário relembrar as longínquas palavras de Platão, basta lembrar as de Max Picard, para quem aliás a cultura icónica também pertencia à ordem do ser, para percebermos o quão perto ainda estamos de um passado que nos parece todavia distante. Em meados do século passado, Picard declarava que ser e silêncio mutuamente se pertencem⁷³¹, reforçando o ainda vigor ontológico do silêncio que na era atual, das novas tecnologias, parece perder retoricamente todo o poder...

Com efeito, segundo David Le Breton, o *homo comunicans* encontra no silêncio um inimigo maior, quando comparado ao ruído. Isto porque o silêncio exige uma vocação interior, para a qual o homem, na turbulência de uma modernidade cada vez mais agitada, perde facilmente a predisposição:

*Mais do que o ruído, o silêncio é o inimigo reconhecido do homo communicans, a sua vocação implica, na verdade, uma interioridade, uma meditação, uma distância assumida em relação à turbulência das coisas, uma ontologia que não tem tempo de aparecer, se não estivermos atentos a ela.*⁷³²

E adianta que «a dissolução mediática do mundo conduz a um ruído ensurdecedor, a uma equivalência generalizada do banal e do horror que anestesia os sentidos e couraça as sensibilidades.»⁷³³

Fernando Gandra, ao declarar que a modernidade generalizou o ruído, contrapõe-lhe uma aceção utópica do silêncio. Este, compreendido num espaço ideal, sem ruídos, insere-se no registo de um paraíso para sempre perdido:

⁷³⁰ Cf. PLATON – «Gorgias, 450 c-d», *Oeuvres Complètes*, trad. Alfred Croiset, 7ème ed., Tome III, Paris: Les Belles Lettres, 1960, pp. 113-4. Obra valorizada por Bluteau nas suas *Prosas...*, v. vol. I, p. 416.

⁷³¹ Cf. Max PICARD – *The world of silence*, Chicago: Regnery, 1952, p. 77.

⁷³² David LE BRETON – *Do silêncio*, p. 12.

⁷³³ David LE BRETON – *Do silêncio*, p. 15.

*Há no silêncio uma química dos instantes, sem pressa nem vizinhos. É um refúgio fundador, uma utopia, em que o ruído, as aflições verbais, são apenas uma infeliz recordação. [...] Depois da universalização do ruído, o silêncio só pode ser captado de surpresa. Por isso uma filosofia do silêncio é quase impossível. Porque é cada vez mais rara, a quietude inscreve-se na dimensão ilocalizável do paraíso perdido.*⁷³⁴

Com este estudo sobre a retórica do silêncio em Rafael Bluteau interessa perceber que, independentemente da variabilidade temporal, o silêncio será invariavelmente, pelo menos para quem a ele for sensível, fiel à ordem do ser, assim como o ruído ao não-ser. Passando do ruído para o silêncio ou do silêncio para o ruído passar-se-ia por consequência do não-ser para o ser e do ser para o não-ser.

A cultura de massas pode ter tido de facto uma evolução retórica que indica a substituição do silêncio pelo ruído. Mas para o ator-espectador, aquele pensa no que assiste, não será de todo assim. Este, pelo contrário, tenderá a evoluir de um ruído (o antes) para um silêncio (o depois).

Com efeito, podemos estar simplesmente a desprezar uma cultura de elite, que sempre teima em ditar as suas regras, mesmo quando delas não tem consciência. O espectador teatral de hoje é mais contido nas suas manifestações, se pensarmos no exemplo do aplauso coletivo e organizado. No caso do espectador de uma galeria ou exposição contemporâneas, o panorama será um pouco mais ortodoxo. A regra é a do silêncio dominante, quando não constante, que não admite ruídos (organizados ou desorganizados), apenas abre espaço à contemplação das diversas formas de arte, que podem ou não aparecer em simultâneo: pintura, escultura, música, fotografia, artes-plásticas, etc...

Muito distante por isso de um tempo em que o pintor expunha as suas obras e os que assistiam opinavam, criticavam e até mesmo impunham certas modificações. O

⁷³⁴ Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, Lisboa: Fenda, 2008, p. 234. No silêncio da sabedoria, não haverá lugar para o ruído, símbolo de ignorância. Porquanto escuta, o silêncio adquire uma gramática perfeita, contrariamente ao ruído, incluindo o da palavra, imperfeito, muitas vezes perigoso e letal como um veneno: «É uma verdadeira soberania, por isso escuta com resignação aflita os destemperos da fala. Tem, pois, uma gramática, o silêncio, que é sóbria para agradar a Deus. O ruído (pode ser o da palavra) é um veneno, em sentido próprio, maldito. Maldito e mortal. Quanta gente morreu pelo que disse ou por o que dela se disse?» (Fernando GANDRA, *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 242).

espectador aqui exteriorizava ruidosamente as suas emoções, ao passo que atualmente interioriza-as, num museu ou galeria, numa biblioteca, espaços que são agora ou ainda entregues ao silêncio.

De tudo o que foi dito até aqui sobre Rafael Bluteau, se retém uma ideia fundamental. O silêncio é maioritariamente da ordem do ser, mas não podemos nunca esquecer a sua dupla face, o seu revés, a sua forma bilateral. Ele possui assim e constantemente um lado positivo e um lado negativo. O silêncio que se segue a uma pergunta pode exprimir uma negatividade. O silêncio enquanto puro nada. E aqui a ordem seria a do não-ser, tal como o ruído, pura negatividade. Por sua vez, o lado positivo manifesta-se claramente no domínio religioso. O silêncio a que Bernard Dauenhauer chamou de «litúrgico ou ritual»⁷³⁵, na tentativa de demonstrar a sua essência positiva.

Ainda pelo lado positivo, conseguimos inferir o carácter dualista do silêncio, já que pode ser sinónimo de ausência de ruído por um lado e presença de linguagem por outro.

Multifacetado, é o silêncio em Rafael Bluteau. Como noutros autores certamente. Num estudo relativamente recente de Adam Jaworski, encontraríamos mesmo as palavras que entram em concordância com tudo o que até aqui foi exposto: «silence has many faces»⁷³⁶. E de facto parece ser mesmo assim, não há uma regra universal que comande o silêncio, porque não existe o silêncio, mas os silêncios. Aquele que causa dor e prazer, aquele que pode unir, mas também pode separar, que pode revelar e esconder, que pode indicar extrema sabedoria ou profunda ignorância, em suma e pela cultura popular associado: “o silêncio é de ouro, a palavra é de prata”, e “a palavra oportuna mata”.

Num quadro de 1956, *Four Lane Road*, Edward Hopper, o pintor do silêncio e da solidão⁷³⁷, transpõe para a tela o tema central do silêncio. A sua leitura também revelará uma perspetiva ambivalente. O cenário é tipicamente de transição ou de

⁷³⁵ Cf. Bernard DAUENHAUER – *Silence: the phenomenon and ontological significance*, Bloomington: Indiana University Press, 1980, p. 60.

⁷³⁶ Adam JAWORSKI – *The power of silence: social and pragmatic perspectives (language and language behavior)*, Newbury Park: Sage, 1993, p. 24.

⁷³⁷ Leia-se sobre o assunto: Rolf G. RENNERT, *Hopper*, Los Angeles: Taschen, 2002 e Gail LEVIN, *Edward Hopper: na Intimate Biography*, Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1998. Note-se ainda sobre Hopper, o quadro de 1944 intitulado «Solitude».

passagem, como é característica de Hopper: uma espécie de estação de serviço numa estrada aparentemente desertificada; uma mulher à janela, pelo interior da casa, grita ou chama por um homem do lado exterior, sentado numa cadeira, de costas para ela; de olhar absorto, solitário, o homem fita o sol de frente, o sol que nós não vemos mas ele vê e sente. Atrás de si, a sua sombra e a mulher, à sua frente o sol e o silêncio. O sol que vem na direcção da estrada que se adivinha longínqua e contínua... Provavelmente o sol que por ser visto de frente o cega (não vê) também o silencia (não responde), o ver e o ouvir desde sempre associados. Talvez entregue ao silêncio que daí provém, não do espaço provisório da pintura em si, mas do espaço ininterrupto que se adivinha para além dela, os olhares são espelhos, diríamos mesmo, do silêncio absoluto e atemporal.

Os silêncios temporais correspondem à pontuação da linguagem, são pausas indispensáveis para a compreensão das palavras. Para Carlos Carreto, «As pausas que frequentemente reforçam as articulações narrativas engendram tempos de absoluto – embora efémero – silêncio que permite iluminar (na dupla acepção do termo) a riqueza latente do texto e, por conseguinte, gerar a significação e regenerar o próprio espaço de representação verbal.»⁷³⁸ E segundo Fernando Gandra, neste rotativismo entre silêncio e palavra, entre ouvinte e falante, concentra-se em grande medida o sentido da linguagem. Por isso a importância das pausas, das suspensões e das acelerações confunde-se com a importância da cadência, do ritmo, da música:

*De facto, para que a conversa continue é necessário que eu me cale quando os outros falam e eu fale quando os outros escutam. Este rotativismo elocutório implica uma disciplina do silêncio. No extremo de cada fala há mutismo o que nos indica que a palavra é uma ténue vibração que emerge do silêncio para depois a ele regressar [...] o silêncio é o destino das palavras porque está antes e depois de elas saírem, reflectidas ou precipitadas, de uma voz e irem alojar-se na inteligência auditiva de quem escuta. Esse minucioso trabalho de decifração tem em conta as pequenas pausas, as suspensões ou acelerações da sequência verbal. O sentido do que se diz ou escreve está em grande medida na cadência, no ritmo. É escansão do tempo, é música.*⁷³⁹

Mas o que nos parece mais significativo é o que liga o silêncio à ordem temporal: o discurso. Nele o silêncio e a palavra coexistem, entrelaçam-se nas elipses,

⁷³⁸ Carlos Fonseca Clamote CARRETO – *Figuras do Silêncio: Do Inter/Dito à Emergência da Palavra no Texto Medieval*, p. 322.

⁷³⁹ Fernando GANDRA – *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, p. 224.

nas metáforas, nas ironias, nas preterições, nas simulações e dissimulações, nas entrelinhas...

Uma outra analogia nos parece igualmente coerente. A que se estabelece em Bluteau entre o silêncio temporal e o discurso fragmentado, bem como entre o silêncio atemporal e o discurso absoluto. O primeiro pertenceria ao âmbito humano e o segundo a Deus ou pelo menos ao que dizemos “divino” ou “sagrado”. A exceção abrir-se-á ao homem que utilizar o silêncio à semelhança deste último. Esta será pelo menos a visão do ocidente cristão, onde o uso do silêncio implicou desde sempre a comunicação com Deus. Contudo o uso da palavra também lhe esteve desde sempre inerente, desta vez porém, na comunicação com os homens. Num sentido figurado, o apóstolo, o missionário ou o simples religioso, o anjo, o diplomata, o escritor, qualquer escritor, o leitor, qualquer leitor, será sempre um intermediário, aquele que escutará a linguagem silenciosa de Deus e a levará, através da palavra, aos homens.

Que o silêncio possa existir sem palavra, segundo Picard⁷⁴⁰, parece-nos, numa segunda análise menos aparente, uma ideia redutora. Achamos pois ser mais justo afirmar, por tudo o que até aqui foi dito, que o silêncio não poderá existir sem a palavra e a palavra não poderá existir sem o silêncio.

Pela constante ambivalência do silêncio, se acaba assim por perceber que a par de um silêncio absoluto se recusa a ideia de um discurso absoluto. A frequente defesa de um discurso absoluto humano adivinha-se cada vez mais frágil, até porque manifestamente excessiva. Coloca o homem estranhamente no lugar de Deus. O saber dificilmente é completo. Resta sempre o que fica por dizer e é esse resto que o silêncio arrecada, para se fortalecer... É no carácter fragmentário do discurso que o silêncio existe. Logo, ambos, discurso e silêncio, não podem ser completos, eles são antes as partes (fragmentos) de um todo que só assim poderá ser completo.

«Acerca daquilo de que se não pode falar [com clareza], tem que se ficar em silêncio».⁷⁴¹ No célebre *Tratado Lógico-Filosófico* de Wittgenstein, interiorizamos

⁷⁴⁰ Cf. Max PICARD – *The world of silence*, p. 27.

⁷⁴¹ Ludwig WITTGENSTEIN – *Tratado Lógico-Filosófico*, 6.54, p. 142. Segundo George Steiner, «Car le silence, qui entoure à tout moment le discours lui-même, semble aux yeux de Wittgenstein une fenêtre plutôt qu'un mur.» (George STEINER, *Langage et Silence*, p. 39). Ainda sobre o “Tratado”, note-se a dupla ironia constatada por Charles Long, entre a linguagem e os seus limites, entre a linguagem e o seu silêncio: «It is doubly ironic that a philosophical work which brought about the major orientation in philosophy to linguistic analysis speaks also of the limits and impotence of language. In a philosophical

decerto esse limiar que parece existir entre o discurso absoluto (dizer tudo) e o silêncio absoluto (não dizer nada). E se é certo que este último pertence a Deus, ao homem restará, neste sentido, o silêncio fragmentado ou incompleto. Bem mais próximo por sua vez da ideia desenvolvida pelo pós-freudiano Lacan, no contexto da psicanálise, ficando-se também ele pelo *mi-dire*.⁷⁴² Não se pode dizer tudo, porque há silêncios e é nesses silêncios (fragmentos) que muitas vezes se descobre a chave para a compreensão total do ser humano.

A linguagem encontrará, decerto, o seu limite naquilo que não pode ser demonstrado ou revelado, naquilo que não pode ser dito. Mas a intenção de Wittgenstein não será apenas a de colocar limites na linguagem, ele pretende igualmente valorizar tudo o que se mantém externo a este mundo, ou tudo o que se insere no registo do inefável.

Tudo parece afinal clarificar-se. O silêncio, como entidade absoluta, o *scilere*, por si e em si mesmo será distinto do calar, como entidade fragmentada, o *tacere*, a interrupção da fala. E, até porque, como afirma Jean-Paul Sartre, «se taire ce n'est pas être muet, c'est refuser de parler, donc parler encore»⁷⁴³.

Neste sentido tornar-se-á relevante repensar a vida e obra de Bluteau, entre a palavra audível e a palavra inaudível. É certo de que falamos de um tempo em que a palavra escrita substituiu a palavra dita ou a palavra lida em voz alta. A escrita sobrepôs-se à oralidade, depois de a ter englobado. Um contexto por ironia muito próximo de nós, o de uma atualidade em que se impõe cada vez mais a oralidade.

Cremos ter provado ao longo deste estudo a atualidade de uma leitura da obra lexicográfica de Rafael Bluteau à luz da Retórica e da Pedagogia. Procurámos demonstrá-lo desde logo com a vida do autor. Não só porque as suas biografias poderiam ser lidas como argumentos retóricos da sua obra, mas também porque, nos melhores autores, a primeira obra começa por ser a construção da sua própria vida.

Depois, organizámos o nosso estudo em duas vertentes: a da Retórica e Pedagogia da Palavra e a da Retórica e Pedagogia do Silêncio. Em ambos os casos

work devoted to language, we find one of the clearest expressions of silence. One of the most profound statements in the *Tractatus*, and, indeed, in all recent philosophy, is Wittgenstein's aphorism, "What can be shown cannot be said."» (Charles H. LONG, «Silence and Signification: a Note on Religion and Modernity», *Myths and Symbols: studies in honor of Mircea Eliade*, p. 148).

⁷⁴² Cf. Françoise FONTENEAU – *L'étiqúe du silence: Wittgenstein et Lacan*, Paris: Seuil, 1999, p. 59.

⁷⁴³ Jean-Paul SARTRE – *Qu'est-ce que la littérature?*, Paris: Gallimard, 1948, p. 32.

caminhámos como se de uma ponte se tratasse e construímos as nossas reflexões como Bluteau entendia a Palavra (uma via para o Silêncio) e o Silêncio (uma via para a Palavra).

Concluímos algo dispersadamente. Retomando coisas ditas e avançando perspectivas e re-interpretações se possíveis à luz do nosso contexto. Muito dissemos e muito ficou por dizer, como é natural que fique. E, no entanto, de que estamos nós falando ainda? Daquele que diz: «Sou a causa de não ser / Tudo o que se pódera dizer».⁷⁴⁴

⁷⁴⁴ Rafael BLUTEAU – «Prosa Symbolica...», *Prosas Portuguezas...*, vol. II, pp. 46-7.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

1. ATIVA

BLUTEAU, Rafael — *Instrução sobre a cultura das amoreiras, & criação dos bichos da seda: dirigida a conservação, e augmento das manufacturas dfa seda...*, Lisboa: Officina Joam da Costa, 1679. (disponível on line: <http://purl.pt/12030/1/> última consulta em 10-08-2012).

— *Oraculum utriusque testamenti ad promiscuas in Sacra Biblia Interrogationes, servato literarum ordine, responsa reddens, & verbi divini Praeconibus viam aperiens ad innumerabiles argutas setentias, quas vocant conceptus praedicabiles, ex multiplici sacrarum literarum sensu, ac praecipuè literali, pro sermonis opportunitate eruendas*, Lilyssipone Occidental : Michaelis Rodrigues, 1734.

— «Praeviae notiones ad conceptus praedicabiles inventionem, constructionem, variationemque utiles», *Oraculum...*, pp. 1-115.

— *Primicias Evangelicas, ou Sermoens, e Panegyricos...*, Parte terceira, Paris: Joaõ Anisson, 1698. (disponível on line: <http://purl.pt/14245/1/> última consulta em 10-09-2012).

— «Prosa Enigmática, Interpretativa. Dissertação Literaria, Cabalistica, e Moral, sobre o sentido de cento e trinta e sete letras, esmaltadas na circunferencia do pé, e garganta de hum antiquissimo Calix de ouro do Real Mosteiro de Alcobaça...», *Prosas Portuguezas...*, 2 vols., Lisboa: Officina Joseph Antonio da Sylva, 1727-8, vol. I, pp. 363-91.

- *Prosas portuguesas recitadas em diferentes congressos academicos*, 2 vols., Lisboa: Officina Joseph Antonio da Sylva, 1727-8. (disponível on line: <http://purl.pt/79/1/> última consulta em 15-09-2012).
- *Sermoens Panegyricos, e Doutrinaes...*, Tomo II, Lisboa Occidental: Officina de Joseph António da Sylva, 1733.
- «Supplemento ao Vocabulario Portuguez, e Latino, Parte I», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Lisboa: Officina Joseph Antonio da Sylva, 1727.
- «Supplemento ao Vocabulario Portuguez, e Latino, Parte II», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Lisboa: Patriarcal Officina da Musica, 1728.
- *Vocabulario Portuguez, e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dondrologico, Ecclesiastico, Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Geometrico, Gnomonico, Hydrographico, Homonymico, Hierologico, Ichtyologico, Indico, Isagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Musico, Meteorologico, Nautico, Numerico, Neoterico, Ortographico, Optico, Ornithologico, Poetico, Philologico, Pharmaceutico, Quidditativo, Qualitativo, Quantitativo, Rhetorico, Rustico, Romano, Symbolico, Synonimico, Syllabico, Theologico, Terapeutico, Technologico, Uranologico, Xenophonico, Zoologico, autorizado com exemplos dos melhores Escritores Portugueses, e Latinos; e offerecido a ElRey de Portugal, D. João V. pelo Padre D. Raphael Bluteau...*, 10 vols., Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1721. (disponível on line: <http://purl.pt/13969/1/> última consulta em 20-09-2012).
- «Vocabulario de Synonimos, e Phrases Portuguezas para facilitar composições em prosa, e em versos», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Lisboa: Patriarcal Officina da Musica, 1728, Supplemento II, pp. 57-414.
- «Vocabulario de Termos proprios, e metaforicos, em materias analogas, a quem quizer valer-se deste opusculo», *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Lisboa: Patriarcal Officina da Musica, 1728, Supplemento II, pp. 415-467.

2. GERAL

AA. VV. — *Qu'est-ce que les Lumières?*, ed. Jean Mondot, Saint-Etienne: Publications de l'Université, 1991.

A Arte da Cultura: Homenagem a Yvette Centeno/Colóquio “A arte da cultura – silêncios, símbolos, máscaras”, coord. Alda Maria Jesus Correia [et al.], Lisboa: Edições Colibri, 2010.

ABELLÁN, José Luis — *Mito y cultura*, Madrid: Seminarios y Ediciones, 1971.

ABRAHAM, Josaine Roelants — «La bibliothèque: hier, aujourd'hui, demain», *La bibliothèque universelle: défis technologiques*, Dir. e Ed. Josaine Roelants Abraham, Bruxelles: Editions du Centre de Lecture publique de la Communauté de française de Belgique, 1996.

ACCETTO, Torquato — *Della dissimulazione onesta*, ed. Salvatore S. Nigro, Génova: Costa & Nolan, 1983.

ADDISON, Joseph; STEELE, Richard — *The Spectator*, ed. Gregory Smith, introd. Peter Smithers, 4 vols., London: Everyman's Library, 1970.

AGOSTINHO — *De Doctrina Christiana*, (disponível on line: <http://www.ntslibrary.com/PDF%20Books/Augustine%20doctrine.pdf>, última consulta em 03-08-2012).

AGOSTINHO — «To consentius: Against Lying», *A Library of Fathers of the Holy Catholic Church...*, trans. by members of the English Church, London/Oxford: F. and J. Rivington, 1847.

AGOSTINHO, José — *História da Literatura Portuguesa*, Porto: A. Figueirinhas, 1927.

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de — *Teoria da Literatura*, 4.^a ed., Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

ALLERS, Rudolph — *Freud. Estudo crítico da Psicanálise*, trad. Eduardo Pinheiro, Porto: Livraria Tavares Martins, 1946.

ALMEIDA, Carlos Marques de — *O elogio do intelectual: a figura do “Sabio Christão” nas prosas portuguesas de D. Rafael Bluteau*, Lisboa: [s/n], 1996. [Tese de mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas, Universidade Nova de Lisboa].

ALMEIDA, Marizabel — «O silêncio em psicanálise», trabalho apresentado no café da manhã, Escola Lacaniana da Bahia, 18 de agosto de 2007. (disponível on line: <http://www.elba-br.org/elb-publicacoes/pdf/2007-silencio-mizabel.pdf> última consulta em 25-08-2012).

ALMEIDA, Teodoro de — *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna ou Arte de viver contente em quaisquer trabalhos da vida*, 2.^a ed. com um «Discurso Preliminar» de António das Neves Pereira, 3 vols., Lisboa: Regia Officina Typografica, 1786.

ANDRADE, António Alberto Banha de — «A posição filosófica de D. Rafael Bluteau», in *Brotéria*, vol. XLI, fasc. 6, 1945, pp. 540-53.

ANDRADE, Eugénio de — «Rosto precário», *Poesia e Prosa*, 3.^a ed., Lisboa: Círculo de Leitores, 1987.

ARÉOPAGITE, Denys — «De la Hiérarchie Céleste», *Oeuvres de Saint Denys Aréopagite*, trad. Abbé Darboy, Paris: Sagnier et Bray, Libraires-Éditeurs, 1845, pp. 177-248. (disponível on line: <http://books.google.pt/books?id=rQ0rAAAAYAAJ&printsec=frontcover&dq=Denys+l'Aréopagite,+google+books&source=bl&ots=Ubw441Vukh&sig=Q> última consulta em 08-09-2012).

ARÉOPAGITE, Denys — «De la Théologie Mystique», *Oeuvres de Saint Denys Aréopagite*, trad. Abbé Darboy, Paris: Sagnier et Bray, Libraires-Éditeurs, 1845, pp. 465-477. (disponível on line: <http://books.google.pt/books?id=rQ0rAAAAYAAJ&printsec=frontcover&dq=Denys+l'Aréopagite,+google+books&source=bl&ots=Ubw441Vukh&sig=Q> última consulta em 08-09-2012).

ARISTIDES, Aelius — «To Plato: In Defense of Oratory», *The Complete Works*, trans. Charles A. Behr, 2 vols., Leiden: E. J. Brill, 1986, vol. 1, pp. 78-150.

ARISTÓTELES — *De Anima*, trad. Maria Cecília Gomes dos Reis, São Paulo: Editora 34, 2006.

— *L'art de la Rhétorique*, trad. C. Minoïde Mynas, Paris: [s/n], 1837.

— *L'homme de génie et la mélancolie*, trad. Jackie Pigeaud, Paris: Rivages, 1988.

— *Obras Completas*, coord. António Pedro Mesquita, 5 vols., Lisboa: Imp. Nac. – Casa da Moeda, 2005.

— *Poética*, trad. Eudoro de Sousa, Lisboa: Imp. Nac. – Casa da Moeda, 1986.

— *The “Art” of Rhetoric*, translated by John Henry Freese, London/New York: William Heinemann/ G. P. Putnam's Sons, 1926.

AROUCA, João — *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVII*, coord. Manuela D. Domingos, apres. Fernanda Maria Guedes de Campos, Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001.

Arte de Organizar Bibliotecas públicas e particulares, org. Mário Gonçalves Viana, Porto: Editorial Domingos Barreira, 1958.

As artes de Prometeu: estudos em homenagem a Ana Paula Quintela, org. Marta Várzeas e Belmiro Fernandes Pereira, Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Letras, 2009.

ATTWATER, Donald — *Dicionário de Santos*, trad. Jorge Pinheiro, 2.^a ed., Mem Martins: Publicações Europa-América, 2002.

AVICENNA — *The Canon of Medicine*, trans. Oskar Cameron Gruner, New York: AMS Press Inc., 1973.

BALL, Raymond — *Pedagogia da comunicação*, trad. Jorge Sampaio, Mem Martins: Europa-América, 1973.

BARAQUIN, Noëlla — *Dicionário de filósofos*, trad. Pedro Elói Duarte, Lisboa: Edições 70, 2007.

BARRETTO, João Franco — *Orthografia da Lingua Portuguesa*, Lisboa: Officina de Joam da Costa, 1671.

BARTHES, Roland — *A Câmara Clara*, trad. Manuela Torres, Lisboa: Edições 70, 1989.

BARTHES, Roland — *Mitologias*, trad. e pref. José Augusto Seabra, Lisboa: Edições 70, 1984.

BARTHES, Roland — *O grau zero da escrita*, trad. Maria Margarida Barahona, Lisboa: Edições 70, 1984.

BATTLES, Matthew — *A conturbada história das bibliotecas*, trad. João Vergílio Gallerani Cuter, São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

BECHTEL, Guy — «A sublime biblioteca de Alexandria», *Os Grandes Livros Misteriosos*, trad. Isabel Braga, Lisboa: Edições 70, 2000.

BEM, Thomaz Caetano de — *Memorias Historicas Chronologicas da sagrada religião dos clerigos regulares em Portugal...*, 2 vols., Lisboa: Regia Officina Typografica, 1792-94.

BEM, Thomaz Caetano de — «Livro VI: Vida do Muito Reverendo Padre D. Rafael Bluteau», *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos*

Regulares em Portugal..., 2 vols., Lisboa: Regia Officina Typografica, 1792-94, vol. 1, pp. 283-317.

BENJAMIN, Walter — “L'Œuvre d'art à l'époque de sa reproductibilité technique”, *Essais*, trad. Maurice de Gandillac, Paris: Denoel, 1971, pp. 87-126.

BERDIAEFF, Nicolau de — *Cinco meditações sobre a existência: solidão, sociedade e comunidade*, trad. Ana Hatherly, Lisboa: Guimarães Editores, 1961.

BERNARDES, Manoel — *Nova Floresta, ou sylva de varios apophthegmas, e ditos sentenciosos, espirituales, & morales*, Lisboa: Officina Real Deslandesiana, 1711.

BERTRAND, Anne-Marie — *Les Bibliothèques*, Paris: Éditions La Découverte, 1998.

Bíblia Sagrada, trad. Antônio Pereira de Figueiredo, São Paulo/Rio de Janeiro: Paumape, 1979.

Biblioteca cosmos: um projecto cultura do Prof. Bento de Jesus Caraça, Lisboa: F. C. Gulbenkian, 2001.

Biblos: enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa, 5 vols., Lisboa: Verbo, 1995.

BIEDERMANN, Hans — *Dicionário Ilustrado de Símbolos*, trad. Glória Paschoal de Camargo, São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1993.

Biografos y panegiristas latinos, trad. Luis Escolar Bareno [et al.], Madrid: Aguilar, 1969.

BLANCHOT, Maurice — *L'espace littéraire*, Paris: Gallimard, 1955.

BODIN, Jean — *Les six livres de la République: un abrégé du texte de l'édition de Paris de 1583*, ed. Gérard Mairet, Paris: Librairie générale française, 1993. (Édition électronique, produit en version numérique par Mme Marcelle Bargerson, disponível on

line: http://classiques.uqac.ca/classiques/bodin_jean/six_livres_republique/bodin_six_livres_republique.pdf última consulta em 09-08-2012)

BOILEAU, Nicolas — *Œuvres Complètes. Dialogues, Réflexions critiques, Oeuvres diverses*, ed. Charles-H. Boudhors, 12.^a ed., Paris: Société les Belles Lettres, 1960.

BOILEAU, Nicolas — «Satire X», *Satires et Oeuvres diverses*, Amsterdam: Henri Schelte, 1740, pp. 69-92.

BOMPIANI — *Le nouveau dictionnaire des auteurs: de tous les temps et de tous les pays*, 7 vols., Paris: Robert Laffont, 1994.

BONNYERS, Marc — «Le silence», in *Revue ascétique et mystique*, Toulouse/Paris, Outubro, 1950.

BORGES, Jorge Luís — «A biblioteca de Babel», *Ficções*, trad. José Colaço Barreiros, Lisboa: Teorema, 1998.

BORGES, Paulo — «Saudade e Saúde. Saudar e Salvar. Para uma Teoria das Duas Saudades», in *Sobre a Saudade, Actas de IV Colóquio Luso-Galaico sobre Saudade*, coord. A. Braz Teixeira, Arnaldo Pinho, Celeste Natário, Renato Epifânio, Sintra: Zéfiro, pp. 65-74.

BORRALHO, Maria Luísa Malato — «A Retórica do Silêncio na Literatura Setecentista», in *Línguas e Literatura: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, (II série, vol. XX, 2003), pp. 145-69.

— «Academias: em Portugal», in *Biblos enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*, dir. José Augusto Cardoso Bernardes, Lisboa: Verbo, 1995, pp. 32-8.

— «Aux Marches du Palais: L’emblème d’une Académie portugaise du XVIIe siècle», in *Nowhere Somewhere: Wrigting, Space and the Construction of Utopia*, ed. José Eduardo Reis and Jorge Bastos da Silva, Porto: Editora U.P., 2006, pp. 87-108.

— «Italo Calvino e o século XVIII. As aventuras de um Barão Trepador», in *Nel Mezzo del Cammin. Actas da Jornada de Estudos Italianos em honra de Giuseppe Mea*, Porto: Sombra pela Cintura, 2009, pp. 465-490.

- «‘Nem muros, nem cidade’: o espírito utópico nas academias portuguesas», in *Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, 3 vols., Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, vol. 1, pp. 277-87.
- «O herói, o santo e o poeta. O discurso Literário em D. António Ferreira Gomes», *Nuno de Santa Maria. Herói e Santo.*, Lisboa: Alêtheia Editores, 2009, pp. 111-44.
- «O mito do legislador numa academia luso-espanhola», in *Península: Revista de Estudos Ibéricos*, n.º 0, 2003, pp. 401-12.
- «Porque é que a História esqueceu a Literatura Portuguesa do século XVIII?», *Actas do Colóquio Internacional Literatura e História*, 2 vols., Porto: FLUP/DEPER, 2004, vol. 1, pp. 63-83. (disponível on line: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6787.pdf>, última consulta em 11-09-2012).
- «Sobre a Perigosa Arte de Jardinar. A Missão Guerreira do Poeta na Academia dos Singulares.», *A Arte da Cultura – Homenagem a Yvette Centeno*, Lisboa: Edições Colibri, 2010, pp. 301-13.

BOTERO, Giovanni – *Della ragion di Stato*, ed. Chiara Continisio, Roma: Donzelli-Editore, 1997.

BRAGA, Maria Ondina [et al.] — *Bibliotecas: memórias e mais dizeres*, introd. Henrique Barreto Nunes, Braga: Biblioteca Pública, 1988.

BRAGA, Teófilo — *Recapitulação da História da Literatura Portuguesa — Os Arcades*, Lisboa: Imp. Nac. – Casa da Moeda, 1984.

BRAGA, Teófilo — *Traços Gerais de Filosofia Positiva: comprovados pelas descobertas científicas modernas*, Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1877.

BRANCO, Camilo Castelo — «Noites de Insónia oferecidas a quem não pode dormir», *Obras Completas de Camilo Castelo Branco*, dir. Justino Mendes de Almeida, Porto: Lello & Irmãos, 1991, vol. XIV, pp. 668-1445.

BRASÃO, Eduardo — *Diário de D. Francisco Xavier de Menezes, 4.º Conde da Ericeira: 1731-1733*, Sep. Biblos, 18, Coimbra: Coimbra Editora, 1943.

BRELET, Gisèle — «Music and silence», *Re-flections on art: a source book of writings by artists, critics and philosophers*, ed. Susan K. Langer, New York: Oxford University Press, 1961.

BRIGHT, Timothie — *A Treatise of Melancholie*, London: Thomas Vautrollier, 1586.

BROPHY, Peter — *The Library in the twenty-first century*, Londres: Library Association, 2000.

BRUN, Jean — *Aristóteles*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1986.

BRUNO, Sampaio — «As Academias», *Plano de um livro a fazer: os cavaleiros do amor ou a religião da razão*, org., posf. e notas Joaquim Domingues, Lisboa: Imp. Nac. – Casa da Moeda, 1996.

BURKE, Edmond — *Recherche philosophique sur l'origine de nos idées du sublime et du beau*, avant-propos, trad. et notes Baldine Saint Girons Paris: Philosophique J. Vrin, 1990.

BURKE, Edmund — *Works II*, Boston: Charles C. Little and J. Brown, 1839.

BURKERT, Walter — *Mito e mitologia*, trad. Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa: Edições 70, 1991.

BURTON, Robert — *The anatomy of melancholy*, introd. Holbrook Jackson, New York: NYRB, 1972.

CABRAL, Maria Luísa — *Amanhã é sempre longe demais: crónicas de preservação & conservação*, Lisboa: Gabinete de Estudos, 2000.

CABRAL, Maria Luísa — *Bibliotecas: acesso, sempre*, Lisboa: Edições Colibri, 1996.

CAEIRO, Francisco José da Gama — «Lulismo em Portugal», *Logos: Enciclopédia Luso-brasileira de filosofia*, dir. Roque Cabral [et al.], 5 vols., Lisboa/São Paulo: Verbo, 1991, vol. 3, pp. 527-31.

CAEIRO, Francisco José da Gama — «Ortodoxia e Lulismo em Portugal: um depoimento seiscentista», *Estudios lulianos*, Palma: Escuela Lulistica Mayoricense, 1960, vol. 4, pp. 233-56.

CAETANO, Anselmo — *Ennoea ou aplicação do entendimento sobre a Pedra Filosofal*, nota de apresent. Yvette Centeno, Lisboa: F.C.G., 1987.

CAGE, John — *Silence: Lectures and Writings*, Middletown: Wesleyan University Press, 1961.

CAILLOIS, Roger — *O Mito e o Homem*, trad. José Calisto dos Santos, Lisboa: Edições 70, 1980.

CALABRESE, Omar — *A Idade Neobarroca*, Lisboa: Edições 70, 1988.

CALVINO, Italo — *O Barão Trepador*, trad. José Manuel Calafate, Linda-a-Velha, Abril/Controljornal, 2000.

CALVINO, Italo — *Porquê ler os Clássicos?*, trad. José Colaço Barreiros, Lisboa: Teorema, 1994.

CAMUS, Albert — *Essais*, Paris : Bibliothèque de la Pléiade/Gallimard, [1981].

CANFORA, Luciano — *A biblioteca desaparecida: histórias da Biblioteca de Alexandria*, trad. Federico Carotti, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARBALLO, Juan Rof — *Entre el silencio e la palabra*, Madrid: Aguilar, 1960.

CARBONNIER, Jean — «A beau mentir qui vient de loin ou le mythe du législateur étranger», *Essais sur les Lois*, [s/l]: Répertoire du Notariat Defrénois, 1979, pp. 191-7.

CARCHIA, Gianni — *Retorica del sublime*, Roma: Laterza, 1990.

CARRETO, Carlos Fonseca Clamote — *Figuras do silêncio: do inter-dito à emergência da palavra no texto medieval*, Lisboa: Editorial Estampa, 1996. [tese de mestrado em Literaturas Comparadas, apresentada à Universidade Nova de Lisboa]

CARRION GUTIEZ, Manuel — *Manual de Bibliotecas*, Salamanca: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1987.

CASSIN, Bárbara — *O Efeito Sofístico*, trad. Ana Lúcia de Oliveira [et al.], São Paulo: Editora 34, 2005.

CASTELEIRO, João Malaca — «Les Dictionnaires Portugais», in *Dix-huitième Siècle: revue annuelle*, n.º 38, 2006, pp. 119-33.

CASTELO-BRANCO, José Barbosa Canais de Figueiredo — *Estudos biográficos ou notícia das pessoas retratadas nos quadros historicos pertencentes à Bibliotheca Nacional de Lisboa*, Lisboa: F. A. da Silva, 1854.

CASTIGLIONE, Baldassare — *Il libro del cortigiano*, Venetia: Apresso Gerolamo..., 1528.

CASTILHO, António Feliciano de — «S. Bruno», *Das Ordens religiosas em Portugal*, Lisboa: Typographia de J. J. A. Silva, 1853, cap. XLII, pp. 389-422.

CASTRO, Aníbal Pinto de — *Retórica e Teorização Literária em Portugal: Do Humanismo ao Neoclassicismo*, Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1973.

CASTRO, Fernando Alvia de — *Verdadera razon de Estado*, Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1616.

CELSON, Cunha; CINTRA, Lindley — *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1997.

CENTENO, Yvette K. — *A Arte de Jardim: Ensaios: Do Símbolo no Texto Literário*, Lisboa: Editorial Presença, 1991.

CERTEAU, Michel de — *L'invention du quotidien*, Paris: Union Générale d'Éditions, 1990.

Chambers biographical dictionary, ed. Magnus Magnusson, Cambridge: Chambers, 1999.

CHARTIER, Roger — *A Ordem dos Livros*, trad. Leonor Graça, Lisboa: Vega, 1997.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain — *Dicionário dos Símbolos, mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Lisboa: Teorema, 1994.

CIDADE, Hernâni — «Dom Raphael Bluteau», in *Revue de Litterature Comparée*, Paris: Boivin et Cie., 1938, pp. 69-82. [Numéro consacré au Portugal]

— *Lições de Cultura e Literatura Portuguesa*, 7.^a ed., Coimbra: Coimbra Editora, 1984.

— «Reacção contra o formalismo seiscentista anterior ao 'Verdadeiro Método de Estudar': Reacção da cultura científica e filosófica», *Lições de Cultura e Literatura portuguesa*, 7.^a ed., Coimbra: Coimbra Editora, 1984.

— *Portugal Histórico-Cultural*, 2.^a ed., Lisboa: Editora Arcádia, 1968.

CIPRIANO, S. — *O Grande livro de S. Cypriano...*, 3 vols., Lisboa : J. Andrade & Lino de Sousa, [18--], (disponível on line: <http://purl.pt/16504/1/> última consulta em 13-09-2012).

CLAUDEL, Paul — *Positions et propositions: art et littérature*, 6^{ème} ed., Paris: Gallimard, 1928.

COBARRUVIAS, Sebastian de — *Tesoro de la lengua Castellhana, o Española*, Madrid: Luis Sanchez, impressor del Rey N. S., 1611.

COELHO, Jacinto do Prado — «Academias Particulares em Portugal», *Dicionário de Literatura*, 4.^a ed., 5 vols., Porto: Mário Figueirinhas Editor, 1997, vol. 1, pp. 19-20.

COLE, George Watson — *The Ideally Perfect Library*, New Haven: Yale University Press, 1929.

COSTA, A. M. Amorim da — *Alquimia, um discurso religioso*, Lisboa: Vega, 1999.

COSTA, Leila de Aguiar — «O Abade, o Presidente e o Cavaleiro: a *disputatio* em Charles Perrault», *A Constituição da Tradição Clássica*, org. Luiz Marques, São Paulo: B.C.U., 2004.

COSTA, Ricardo da — «A Educação na Idade Média: a Retórica Nova (1301) de Ramon Lull», in *Notandum: something to be specially noted*, São Paulo/Porto, n.º 16, 2008.

COSTA, Sara Figueiredo — «Do silêncio», *A Regra de S. Bento em Português: estudo e edição de dois manuscritos*, Lx: Edições Colibri, 2006, p. 64.

CRATO, Nuno — «A Biblioteca do futuro», in *Jornal Expresso, Revista*, Lisboa: (09.05.1998).

CRAWFORD, Walt; GORMAN, Michael — *Future Libraries: dreams, madness & reality*, Chicago/London: American Library Association, 1995.

CRUMBINE, N. J. — «On Silence», *Humanitas: Journal of the Institute of Man*, vol. XI, n.º 2, May, 1975, pp. 147-165.

CULLEN, Guillermo — *Elementos de Medicina Prática*, trad. D. Bartolomé Piñera y Siles, Madrid: Benedito Cano, 1799.

CUNHA, José Anastácio da — *Obra literária: (com inéditos do autor)*, ed. Maria Luísa Malato Borralho e Cristina Alexandra de Marinho, 2 vols., Porto: Campo das Letras, 2001-2006.

CUNHA, Tito Cardoso e — *Silêncio e comunicação: ensaio sobre uma retórica do não-dito*, Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

CUNHA, Xavier da — «Filinto Elysio bibliophilo», in *Boletim da Sociedade de Bibliophilos “Barbosa Machado”*, Lisboa: 1912, vol. I, pp. 267-279.

CURTIUS, Ernst Robert — *European Literature and the Latin Middle Ages*, trans. Willard R. Trask, Princeton: Princeton University Press, 1973.

CYRULNIK, Boris — *Resiliência*, Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

D’HAUTCOURT, Françoise — «La bibliothèque universelle: défis technologiques», *La bibliothèque universelle: défis technologiques*, dir. e ed. Josaine Roelants Abraham, Bruxelles: Editions du Centre de Lecture publique de la Communauté de française de Belgique, 1996.

DAIX, Georges — *Dicionário dos Santos: do calendário romano e dos beatos portugueses*, trad. Augusto Joaquim, Lisboa: Terramar, 2000.

DAMIAN, Peter — *Sancti Petri Damiani Sermones*, ed. Giovanni Lucchesi, Turnholti: Brepols, 1983.

DAUENHAUER, Bernard — *Silence: the phenomenon and ontological significance*, Bloomington: Indiana University Press, 1980.

DELLA CASA, Giovanni — *Il Galateo*, Venezia: Nicolò Bevilaqua, 1558.

DERRIDA, J.; FERRARIS, M. — *O gosto do segredo*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa: Fim de século, 2006.

DERRIDA, Jacques — *A farmácia de Platão*, trad. Rogério da Costa, São Paulo: Iluminuras, 2005.

DERRIDA, Jacques — *Cómo no hablar y otros textos*, Barcelona: Proyecto a ediciones, 1997.

DERRIDA, Jacques — *L'autre cap*, Paris: Les Éditions de Minuit, 1991.

DESCARTES, René — *Discours de la méthode. Des principes de la Connaissance Humaine. Des Passions de l'Ame*, Paris: La Renaissance du Livre, 1928.

DEUS, Jacinto de — *Brachilogia de Princepes*, Lisboa: António Craesbeeck de Mello, 1671.

DEVAUX, Yves — *Histoire du Livre, de la reliure et du métier relieur au fil des siècles*, Paris: Technorama, 1983.

DIAS, José Sebastião da Silva — *Portugal e a cultura europeia: séculos XVI a XVII*, Separata Biblos, Coimbra: Universidade, 1953.

DIAS, José Sebastião da Silva — «O Ecletismo em Portugal no século XVIII: génese e destino de uma atitude filosófica», in *Revista Portuguesa de Pedagogia*, n.º VI, 1972.

DÍAZ-PLAJA, Guillermo — *O livro ontem, hoje e amanhã*, trad. Margarida Jacquet e Irineu Garcia, Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979.

Diccionario da Lingoa portugueza, publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa: Officina da Academia, 1793.

Diccionario de escritores célebres, dir. José Maria Martínez Cachero, Madrid: Espasa Calpe, 1995.

Diccionario biográfico universal de autores, ed. Valentino Bompiani, 5 vols., [s/l]: Artis-Bompiani, 1966.

Diccionario cronológico de autores portugueses, coord. Eugénio Lisboa e Ilídio Rocha, 4 vols., Mem Martins: Publicações Europa-América, 1990.

Dicionário cultural da mitologia greco-romana, dir. René Martin, trad. Fátima Leal Gaspar e Carlos Gaspar, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, coord. João Malaca Casteleiro, 2 vols., Lisboa: Editorial Verbo, 2001.

Dicionário de Biografias, coord. Manuela Monteiro, Porto: Porto Editora, 2001.

Dicionário de Literatura, Literatura Portuguesa, Literatura brasileira, Literatura Galega, Estilística Literária, dir. Jacinto do Prado Coelho, 4.^a ed., 5 vols., Porto: Mário Figueirinhas Editor, 1997.

Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro, dir. José Lello e Edgar Lello, 2 vols., Porto: Lello & Irmão Editores, 1988.

DIDEROT, Denis — *Carta sobre os surdos-mudos para uso dos que ouvem e falam*, trad. Magnólia Costa Santos, São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

DIDEROT, Denis — *Lettre sur le Commerce de la Libraire*, Paris: Librairie de L. Hachette, 1861.

DINOUART, Abade — *A Arte de Calar*, trad. Luís Filipe Ribeiro, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DRAGONETTI, Roger — *Le mirage des sources: l'art du faux dans le roman médiéval*, Paris: Seuil, 1987.

D. DUARTE — *Leal Conselheiro, o qual fez Dom Duarte..., seguido do Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda sella...*, Pariz: J. P. Aillaud, 1842.

DUMAS, Robert — «D'Adam à Babel ou la confusion des origines», in *Critique : Revue générale des publications françaises et étrangères*, dir. Georges Bataille, Paris (Décembre, 1995).

DURAND, Gilbert — *Mito, símbolo e mitodologia*, trad. Hélder Godinho e Vítor Jabouille, Lisboa: Editorial Presença, 1982.

ECO, Umberto — *A biblioteca*, trad. Maria Luísa Rodrigues de Freitas, 5.^a ed., Lisboa: DIFEL, 2002.

— *A procura da língua perfeita*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa: Editorial Presença, 1995.

— *História da Beleza*, trad. António Maia da Rocha, Miraflores: DIFEL, 2004.

— *O nome da rosa*, trad. Maria Celeste Pinto, Porto: Público Comunicação Social, 2002.

ECO, Umberto e CARRIÈRE, Jean-Claude — *A Obsessão do Fogo: Conversas conduzidas por Jean-Philippe de Tonnac*, trad. Joana Chaves, Lisboa: Difel, 2009.

EGIDO, Aurora — *La rosa del silencio: estudios sobre Gracián*, Madrid: Alianza Editorial, 1996.

ELIADE, Mircea — *Aspectos do Mito*, trad. Manuela Torres, Lisboa: Edições 70, 1989.

— *Mito e realidade*, trad. Pola Civelli, 4.^a ed., São Paulo: Perspectiva, 1994.

— *Mitos, sonhos e mistérios*, trad. Samuel Soares, Lisboa: Edições 70, 1989.

— *O Mito do Eterno Retorno*, trad. Manuela Torres, Lisboa: Edições 70, 2000.

ELIOT, T. S. — «Goethe as the Sage», *On Poetry and Poets*, London: Faber and Faber, 1971, pp. 207-27.

ELPINO DURIENSE (António Ribeiro dos Santos) — *Poesias de...*, Lisboa: Typ. Impressão Regia, 1812.

EMMANUEL, Pierre — «Au commencement la parole», in *Esprit*, n.º 9, Septembre 1957, pp. 221-32.

Enciclopédia Einaudi, dir. Ruggiero Romano, 43 vols., Lisboa: Imp. Nac. – Casa da Moeda, 1987.

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, Lisboa: Editorial Verbo, 1983.

ERASMO — *De civilitate morvm puerilium*, Basileae: [s/n], 1530.

ESCOLAR SOBRINO, Hipólito — *Historia de las Bibliotecas*, Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1985.

Estilhaços de Sonhos: espaços de utopia, org. Fátima Vieira e Maria Teresa Castilho, V.N. de Famalicão: Quasi, 2004.

FARIA, Joachim Leocadio de — *Obsequio funebre, dedicado a saudosa memoria do Reverendissimo Padre D. Raphael Bluteau, Clerigo regular pela Academia dos Applicados...*, Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734.

FARIA, Manoel Severim de — *Discvrsos varios politicos*, Lisboa: Officina de António Gomes, 1624.

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia — *A biblioteca de Jorge Cardoso (1669), autor do Agiológio Lusitano: Cultura, erudição e sentimento religioso no Portugal Moderno*, Porto: FLUP, 2001.

FERREIRA, Vergílio — *Pensar (442)*, Venda Nova: Bertrand Editora, 1992.

FICINO, Marsilio — *Three Books on Life (De vita libri tres)*, trans. Carol V. Kaske and John R. Clarke, New York: Renaissance Society of America, 1989.

FLORES, José — *Biografías Bíblicas*, Wheaton: Evangelical Literature Overseas, 1959.

FLOWER, Derek — *The shores of wisdom: the story of ancient library of Alexandria*, Ramsey: Pharos, 1999.

FONTENEAU, Françoise — *L'étiqúe du silence : Wittgenstein et Lacan*, Paris: Seuil, 1999.

FONTENELLE, Bernard — «Dialogues des Morts Anciens et Modernes», *Oeuvres*, Paris: Jean-Francois Bastien, 1790, vol. 1, pp. 473-598.

FOUCAULT, Michel — *História da Loucura na Idade Clássica*, trad. José Teixeira Coelho Netto, 6.^a ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

Frei Manuel do Cenáculo: Constructor de Bibliotecas, coord. Francisco A. Lourenço Vaz e José António Calixto, Casal de Cambra: Editora Caleidoscópio, 2006.

FUMAROLI, Marc — *L'âge de l'Eloquence: Rhétorique et 'res literaria' de la Renaissance au seuil de l'époque classique*, Genève: Droz, 1980.

FUMAROLI, Marc — *La Querelle des Anciens et des Modernes, XVIIe-XVIIIe siècles*, Paris: Gallimard, 2001.

FURETIERE, Antoine — *Dictionnaire Universel, contenant generalement tous les mots françois, tant vieux que modernes, & les termes des sciences et des Arts...*, La Haye et Rotterdam: chez Arnoud et Reinier Leers, 1701.

GADAMER, Hans-Georg — *Le problème de la conscience historique*, ed. Pierre Fruchon, Paris: Éditions du Seuil, 1996.

GALZIGNA, Lauro — *Il piacere estetico e i suoi fondamenti neurobiologici*, Venezia: Supernova, 2002.

GANDRA, Fernando — *O sossego como problema (peregrinatio ad loca utopica)*, Lisboa: Fenda, 2008.

GARÇÃO, Pedro António Correia — *Obras Completas*, Lisboa: Sá da Costa, 1958.

GARÇÃO, Pedro António Correia — *Qual é e em que consiste o Estilo do Sublime?* transc. e notas Maria Luísa Malato Borralho, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, (no prelo).

GATES, Jean Key — *Como usar livros e bibliotecas*, trad. Edmond Jorge, Rio de Janeiro: Lيدador, 1972.

Gazeta de Lisboa. Lisboa: Officina Luiz Joze Correa Lemos.

GOMES, António Ferreira — *Nuno de Santa Maria. Herói e Santo.*, introd. Guilherme d'Oliveira Martins, estudo crítico Maria Luísa Malato Borralho, Lisboa: Alêtheia Editores, 2009.

GOMES, J.; FERNANDES, R.; GRÁCIO, Rui — *História da educação em Portugal*, Coimbra: Livros Horizonte, 1988.

GONÇALVES, Maria Filomena — «Oratorio requerimento de palavras portuguesas, agravadas, desconfiadas e pertendentes: uma perspectiva da dinâmica lexical nos alvares do Iluminismo», *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, Porto: FLUP, 2005, Vol. 2, pp. 619-31.

GRACIÁN, Baltasar — *El Héroe, Oráculo Manual y Arte de Prudencia*, Madrid: Editorial Castalia, 2003.

GRACIÁN, Baltazar — *Arte de ingenio, Tratado de la Agudeza*, Madrid: Catedra, 1998.

GUAZZO, Stefano — *La civil conversazione*, Brescia: Tomaso Bozzola, 1574.

GUEDES, Fernando — *O livro e a literatura em Portugal: subsídios para a sua história (séculos XVIII e XIX)*, Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1987.

GUICCIARDINI, Francesco — *Maxims and Reflections*, trans. Mario Domandi, 4.^a ed., Pennsylvania: Harper & Row Publishers, 1992.

GUILLÉN, Claudio — *Entre lo uno y lo diverso: introducción a la literatura comparada*, Barcelona: Editorial Crítica, 1985.

HALL, Edward T. — *A linguagem silenciosa*, trad. Manuela Paraíso, Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1994.

HANSEN, João Adolfo — «Juízo e Engenho nas preceptivas poéticas do século XVII», *Literatura e filosofia: diálogos*, org. Evando Nascimento e Maria Clara Castellões de Oliveira, São Paulo: Editora UFJF/Imprensa Oficial SP, 2004, pp. 89-112.

HATHERLY, Ana — *A casa das musas: uma releitura crítica da tradição*, Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

HAZARD, Paul — *O Pensamento europeu no século XVIII*, trad. Carlos G. Babo, 2 vols., Lisboa/São Paulo: Ed. Presença/ Liv. Martins Fontes, 1974.

HEGEL, G. W. Friedrich — *Estética*, trad. Álvaro Ribeiro Orlando Vitorino, Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

HEIDEGGER, Martin — *Carta sobre o humanismo*, trad. Arnaldo Stein, pref. António José Brandão Lisboa: Guimarães & Ca, 1973.

HEIDEGGER, Martin — *O conceito de tempo*, trad. Irene Borges Duarte, Lisboa: Fim de Século, 2003.

HEIDEGGER, Martin — *Ser e tempo*, trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback, 12.^a ed., 2 vols., Petrópolis: Vozes, 2002.

HESSE, Hermann — *La bibliothèque Universelle*, trad. Jacques Duvernet, Paris: Librairie José Corti, 1995.

HIPPOCRATES — *I IPOPPHTIKON A/PRORRHETIC I*, ed. and trans. Paul Potter, Cambridge: Harvard University Press, 1995.

História de Portugal, dir. José Mattoso, 8 vols., Lisboa: Círculo de Leitores, 1992.

Historiografia Gramatical (1500-1920): Língua Portuguesa — Autores Portugueses, org. Simão Cardoso, Porto: Faculdade de Letras do Porto, 1994.

HORACE — *Odes et Epodes*, Ed. biling., texte établi et trad. François Villeneuve, Paris: Les Belles Lettres, 1981.

HOUAISS, Antônio — *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, 1ª ed., Rio de Janeiro: Objectiva, 2001.

HURET, Jules — «Paul Gauguin: devant ses tableaux», in *L'Écho de Paris*, (Paris, 23, febbraio), 1891.

INNOCENCIO (Francisco da Silva) — *Diccionario bibliographico portuguez: estudos applicaveis a Portugal e ao Brasil, Continuados e ampliados por P. V. Brito Aranha, Revistos por Gomes de Brito e Álvaro Neves*, 23 vols., Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1958.

JABOUILLE, Victor [et al.] — *Mito e Literatura*, Lisboa: Editorial Inquérito, 1993.

JACKSON, Stanley — «Melancholia and Partial Insanity», in *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, vol. 19, April, 1983, pp. 173-84.

JACOB, Cristian — «La Leçon d'Alexandrie», *La Bibliothèque*, dir. Richard Figuiet, Paris: Autrement, 1991, pp. 23-32.

JAEGER, Werner Wilhelm — *Paidéia: a formação do homem grego*, trad. Artur M. Parreira, 4.ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JANEIRA, Ana Luísa — «Modalizações do saber no século XVIII: Distribuições epistémicas nos espaços académicos portugueses antes da fundação da Academia Real das Ciências de Lisboa (1779)», *Anastácio da Cunha: 1744-1787: o matemático e o poeta: actas/ Colóquio Internacional*, coord. Maria de Lurdes Ferraz, José Francisco Rodrigues e Luís Saraiva, org. Comissão de Lisboa de Homenagem a Anastácio da Cunha, Lisboa: Imp. Nac. – Casa da Moeda, 1990. pp. 213-238.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo — *Dicionário Básico de Filosofia*, 3.^a ed., Rio de Janeiro, 2001.

JAWORSKI, Adam — *The power of silence: social and pragmatic perspectives (language and language behavior)*, Newbury Park: Sage, 1993.

JORGE, Lúcia — «Memória», *Bibliotecas: Memórias e Mais Dizeres*, Braga: Biblioteca Pública de Braga, 1988.

JUNIOR, António Salgado — «Conferências Eruditas (ou Conferências Discretas e Eruditas)», *Dicionário de Literatura*, vol. 1, pp. 195-96.

JÚNIOR, António Salgado — «Iluminismo», *Dicionário de Literatura*, ed. Jacinto do Prado Coelho, Porto: Figueirinhas, 1978, vol. 2, pp. 455-58.

KANT, Immanuel — «Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?/Réponse à la question: Qu'est-ce que les Lumières?», *Qu'est-ce que les Lumières?*, ed. Jean Mondot, Saint-Etienne: Publications de l'Université, 1991, pp. 72-86.

KAYSER, Wolfgang — *Análise e Interpretação da Obra Literária: Introdução à Ciência da Literatura*, trad. Paulo Quintela, 4.^a ed., 2 vols., Coimbra: Arménio Amado, 1967.

KELLY, Stuart — *O Livro dos Livros Perdidos*, trad. Ana Maria Mandim, Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2007.

KERRY, Neville — «Le défi du changement: entre vision et réalité», *La bibliothèque universelle: défis technologiques*, dir. e ed. Josaine Roelants Abraham, Bruxelles: Editions du Centre de Lecture Publique de la Communauté Française de Belgique, 1996.

KLIBANSKY, Raymond [et al.] — *Saturne et la mélancolie: études historiques et philosophiques*, Paris: Gallimard, 1989.

KURY, Mário da Gama — *Dicionário de mitologia grega e romana*, 6.^a ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

L'ABCdaire de tous les savoirs du monde, Paris: Flammarion/Bibliothèque National de France, 1997.

La bibliothèque idéale, dir. e org. Pierre Boncenne, pref. Bernard Pivot, Paris: Éditions Albin Michel, 1988.

LA FONTAINE — «Épître a Monseigneur L'Évêque de Soissons», *Oeuvres Diverses*, Paris: Libraire Ch. Delagrave, 1894, pp. 105-14.

LAUAND, Jean — «*Amthal* – a pedagogia de Deus», in *Collatio*, São Paulo, n.º 11, abr-jun, 2012, pp. 33-8. (disponível on line: <http://www.hottopos.com/collat11/33-38Jean.pdf>, última consulta em 15-09-2012).

LAUSBERG, Heinrich — *Elementos de Retórica Literária*, ed. e trad. R. M. Rosado Fernandes, 2.^a ed., Lisboa: F. C. Gulbenkian, 1972.

LAVELLE, Louis — *De l'intimité spirituelle*, Paris : Éditions Montaigne, 1955.

LAVELLE, Louis — *La parole et l'écriture*, Paris : L'artisan du livre, 1942.

LE BRETON, David — *Do silêncio*, trad. Luís Couceiro Feio, Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

LEE, Rensselaer W. — *Ut Pictura Poesis: Humanisme & Théorie de la Peinture. XVe-XVIIIe siècles*, trad. Maurice Brock, Paris: Macula, 1991.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm von — *Philosophical Essays*, trans. Roger Ariew and Daniel Garber, Indiana: Hackett, 1989.

LELLOUCHE, Raphael — «Borges, et l'enfer littéraire», *La Bibliothèque*, dir. Richard Figuiet, Paris : Autrement, 1991.

Le regard d'Orphée: les mythes littéraires de l'Occident, dir. Bernadette Bricout, Paris: Ed. du Seuil, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude — *Les structures élémentaires de la parenté*, 2.^a ed., Paris : Mouton, 1971.

LÉVI-STRAUSS, Claude — *Mito e Significado*, trad. António Marques Bessa, Lisboa: Edições 70, 1997.

LIMA, Manoel Gomes de — *Reflexões Críticas sobre os Escritores Cirúrgicos de Portugal... Reflexão 1 que compreende o Universal, e parte do Livro Primeiro de Antonio Ferreira Lisbonense, Recitado publicamente na Real Academia Medico-Portopolitana Por seu secretario...*, Salamanca: Off. Eugenio Garcia Honorato, [1752].

LOBO, Rodrigues — *Corte na Aldeia, e noites de Inverno*, ed. José Adriano de Carvalho, Lisboa: Editorial Presença, 1991.

LOCKE, John — *An essay concerning human understanding*, 29.^a ed., London: Thomas Tegg, Cheapside, 1841.

LOCKE, John — *Second Treatise of Government*, ed. C. B. Macpherson, Indiana: Hackett Publishing Company, 1980.

Logos: Enciclopédia Luso-brasileira de filosofia, dir. Roque Cabral [et al.], 5 vols., Lisboa/São Paulo: Verbo, 1989-1992.

LONG, Charles H. — «Silence and signification: a note on religion and modernity», *Myths and symbols: studies in honor of Mircea Eliade*, ed. by Joseph M. Kitagawa and Charles H. Long, Chicago: The University of Chicago Press, 1971, pp. 141-50.

LONGINO, Dionysio — *Tratado do Sublime*, traduzido da lingua grega na portugueza por Custodio José de Oliveira..., Lisboa: Regia Off. Typografica, 1771.

LOTMAN, Iuri — *A estrutura do texto artístico*, trad. Maria do Carmo Raposo e A. Raposo, Lisboa: Estampa, 1978.

LOUREIRO, Olimpia M. da Cunha — *O Livro e a Leitura no Porto no século XVIII*, Porto: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão/Fundação Eng.º António de Almeida, 1994.

LUCIANO de Samósata — *Diálogos dos mortos: versão bilíngüe grego/português*, org. e trad. Henrique G. Murachco, São Paulo: Palas Athena/Editora da Univ. de S. Paulo, 2007.

LUZURIAGA, Lorenzo — *Pedagogia*, trad. Lólio L. de Oliveira e J. B. Damasco Penna, 4.ª ed., São Paulo: Editora Nacional, 1966.

MACEDO, Diogo Rangel de — «Oração funebre e panegyrica...», *Obsequio funebre, dedicado a saudosa memoria do reverendissimo padre D. Raphael Bluteau...*, Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734, pp. 154-64.

MACEDO, Jorge Borges de — «Estrangeirados»: *um conceito a rever*, Separata *Bracara Augusta*, vol. XXVIII, fasc. 65-66 (77-78), Braga: [s/n], 1974, pp. 7-30.

MACEDO, José Agostinho de — *Obras de Horacio, traduzidas em verso portuguez por... Os quatro Livros das Odes, e Epodos*, Lisboa: Impressão Regia, 1806.

MACEDO, José Agostinho de — *O Espectador Portuguez, Jornal de Litteratura, e de Critica...*, Lisboa: Impressão de Alcobia, 1816-1817.

MACHADO, Antonio — *Poesías Completas*, Madrid: Residencia de Estudiantes, 1917.

MACHADO, Diogo Barboza — *Bibliotheca Lusitana: historica critica e cronologica...*, 4 vols., Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues, 1741-1759.

MACHEREY, Pierre — *A theory of literary production*, trans. Geoffrey Wall, London: Routledge & Kegan Paul, 1978.

MACHIAVELLI, Niccolò — *Il Principe*, [s/l]: [s/n], 1814. (disponível on line: http://books.google.pt/books?id=RSkUAAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false última consulta 07-09-2012).

MALATO, Maria Luísa; Cunha, P. Ferreira da — *Manual de Retórica & Direito*, Lisboa: Quid Juris, 2007.

MALHO, Levi António Duarte — *As origens do silêncio. Sobre o que não sabemos*, Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1998.

MALTESE, Diego — *La biblioteca come linguaggio e come sistema*, Milano: Editrice Bibliografia, 1985.

MANGUEL, Alberto — *Uma História da Leitura*, trad. Ana Saldanha, Lisboa: Editorial Presença, 1998, pp. 195-242.

MARQUES, António Henrique Rodrigo de Oliveira — *Dicionário de Maçonaria portuguesa*, 10 vols., Lisboa: Delta, 1986.

MARQUILHAS, Rita — *Norma Gráfica Setecentista. Do Autógrafo ao Impresso*, Lisboa: Imp. Nac. – Casa da Moeda, 1991.

MASCARENHAS, José Freire de Monterroio — *Oração recitada no obsequio funebre que dedicou a Academia dos Aplicados à memoria do... Padre D. Raphael Bluteau...* Lisboa Occidental: [s/n], 1734.

MATIAS, Elze Maria H. Vonk — «Seis Certames Generosos», in *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa: [3 (1-2), 1983], pp. 47-73.

MATIAS, Elze Maria H. Vonk — *As academias literárias portuguesas dos séculos XVII e XVIII*, Tese de Doutoramento, Lisboa: [s/n], 1988.

MEDICI, Lorenzo de — *Os Médicis. A nossa história*, trad. Carlos Aboim de Brito, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2003.

MELLO, Francisco de Pina e — *Arte Poética*, apres. Aníbal Pinto de Castro, Lisboa: Imp. Nac. – Casa da Moeda, 2005.

MELO, Francisco Manuel de — *Epanáforas de Vária História Portuguesa*, 3.^a ed., rev. e anot. Edgar Prestage, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

MELO, Francisco Manuel de — *Tratado da Sciencia Cabala, ou Noticia da Arte Cabalistica. Composto por Dom Francisco Manoel de Mello. Obra Posthuma...*, ed. Mathias Pereyra da Sylva, Lisboa Occidental: Officina Bernardo da Costa de Carvalho, 1724.

MENEGOLLA, Ione Marisa — *A Linguagem do Silêncio*, São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

MENESES, Francisco Xavier de — «Elogio do reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular, e Academico da Academia Real da Historia Portuguesa...», *Collecção dos Documentos e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa*, Lisboa: Pascoal da Sylva, 1734, pp. 1-17.

MERTON, Thomas — *Aux Sources du Silence*, trad. Jean Stiénon du Pré, 4.^e éd., Paris: Desclée de Brouwer, 1953.

MEYER, Michel — *Questões de Retórica: Linguagem, Razão e Sedução*, trad. António Hall, Lisboa: Edições 70, 1998.

MICHELSTAEDTER, Carlo — *La Persuasion et la Rhétorique*, trad. Marilène Raiola, Paris: Éditions de L'éclat, 1989.

MONTAIGNE, Michel de — *Essais*, éd. Pierre Michel, préf. André Gide, 3 vols., Paris: Gallimard/ Lib. Générale Française, 1965.

MONTEIRO, Ofélia Paiva — *D. Frei Alexandre da Sagrada Família. A sua Espiritualidade e a sua Poética*, *Acta Universitatis Conimbrigensis*, Coimbra: Coimbra Editora, 1974.

MONTEIRO, Ofélia Paiva — «No alvorecer do ‘Iluminismo’ em Portugal: D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde da Ericeira», in *Revista de História Literária de Portugal*, Coimbra: Coimbra Editora, 1962. [1.ª e 2.ª partes]

MORUS, Thomas — *Utopia*, ed. e trad. Aires A. Nascimento, introd. José V. de Pina Martins, Lisboa: F. C. Gulbenkian, 2006.

MOURÃO, José Augusto — «Modalizações do saber no século XVIII. Ver, Ouvir, Censurar. As *Prosas Académicas* do Pe. Rafael Bluteau», *Anastácio da Cunha: 1744-1787: o matemático e o poeta: actas/ Colóquio Internacional*, coord. Maria de Lurdes Ferraz, José Francisco Rodrigues e Luís Saraiva, org. Comissão de Lisboa de Homenagem a Anastácio da Cunha, Lisboa: Imp. Nac. – Casa da Moeda, 1990, pp. 239-248.

MOZART, Wolfgang Amadeus — «Die Zauberflöte», in *Livrets d’Opéra*, ed. Bilingue, 2 vols., Paris: Robert Laffont, 1991, pp. 885-939.

NADAUD, Alain — «Le Jardin Privé», *La Bibliothèque*, dir. Richard Figuiet, Paris: Autrement, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich — *A gaia ciência*, 3.ª ed., Curitiba: Hemus, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich — *Assim falou Zaratustra*, trad. M. Campos, 4.ª ed., Mem Martins: Publicações Europa-América, 2002.

NUNES, Henrique Barreto — «A biblioteca e o quotidiano: memórias, afectos e algumas banalidades», *Da Biblioteca ao leitor*, Braga: Biblioteca Pública Municipal de Braga, 1986.

NUNES, Henrique Barreto — *Da biblioteca ao leitor: estudos sobre a leitura pública em Portugal*, 2.^a ed., Braga: Instituto Português do Livro e da Biblioteca, 1998.

NUNES, Manuela Barreto — «Bibliotecas públicas: o livro para entender o mundo», *Cadernos BAD*, Lisboa, n.º3, 1994.

O Positivismo: revista de Filosofia, dir. Teófilo Braga e Júlio de Matos, Porto, 1878-1882.

O silêncio em psicanálise, org. Juan David Nasio, Lisboa: Papyrus, 1989.

OVÍDIO — *As metamorphóses de Publio Ovidio Nasão, poema em quinze livros*, trad. António Feliciano de Castilho, Tomo I, Lisboa: Imprensa Nacional, 1841.

— *Metamorphoses*, trans. Frank Justus Miller, rev. G. P. Goold, 6 vols., Cambridge: Harvard University Press, 1976, 4.º vol, pp. 63-118.

— *Tristes*, ed. biling., texte établi et traduit Jacques André, Paris: Les Belles Lettres, 1968.

Padre Rafael Bluteau, Visual Gráfico, Lisboa: Biblioteca Nacional, imp. 1981. (disponível on line: <http://purl.pt/23298/1/P1.html> última consulta em 15-10-2012).

PAINE, Thomas — *Rights of Man*, ed. Hypatia Bradlaugh Bonner, London: Watts & Co., 1906.

PALMA-FERREIRA, João — *Academias literárias dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982.

PASCAL, Blaise — *Pensées*, Paris: Éditions du Seuil, 1962.

PEREIRA, Belmiro Fernandes — «Entre Literatura e História: a chria na pedagogia retórica», *Literatura e História – Actas do Colóquio Internacional*, Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Letras, 2004, vol. II, pp. 63-70.

PEREIRA, Belmiro Fernandes — «Entre Proteu e Prometeu: lugar da arte retórica na pedagogia humanista», *As artes de Prometeu: estudos em homenagem a Ana Paula Quintela*, org. Marta Várzeas e Belmiro Fernandes Pereira, Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Letras, 2009, pp. 105-16.

PEREIRA, Belmiro Fernandes — *Retórica e eloquência em Portugal na época do Renascimento*, Coimbra: [s/n], 2005.

PERELMAN, Chaïm — «Argumentação», *Enciclopédia Einaudi: oral/escrito, argumentação*, dir. Ruggiero Romano, 43 vols., Lisboa: Imp. Nac. – Casa da Moeda, 1987, vol. 11., pp. 234-65.

PERRAULT, Charles — *Parallele des Anciens et des Modernes, en ce qui regrade les arts et les sciences*, 4 vols., Paris: Jean Baptistes Coignard, 1693.

PESSOA, Fernando — *Obra Poética e em Prosa*, org. introd. e not. António Quadros, 3 vols., Porto: Lello & Irmão – Editores, 1986.

PESSOA, Fernando — *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, ed. Georg Rudolf e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa: Edições Ática, 1966.

PETERS, F. E. — *Termos filosóficos gregos: um léxico histórico*, trad. Beatriz Rodrigues Barbosa, 2.^a ed., Lisboa: F.C.G., 1974.

PIAGET, Jean — *Pedagogia*, trad. Joana Chaves, Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1999.

PICARD, Max — *Le monde du silence*, trad. Jean Jacques Anstett, préf. Gabriel Marcel, Paris: Presses Universitaires de France, 1954.

PICARD, Max — *The world of silence*, Chicago: Regnery, 1952.

PIMENTA, Alberto — *O silêncio dos poetas: precedido de reflexões sobre a função da arte literária*, Lisboa: A Regra do Jogo, 1978.

PLATÃO — *A República*, 9ª edição, trad. Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa: F.C.G., 2001.

—«Gorgias», *Oeuvres Complètes*, trad. Alfred Croiset, 7ème ed., tome III, Paris: Les Belles Lettres, 1960, pp. 87-224.

— *Phaedrus*, trans. Benjamim Jowett, [s/l]: Forgotten Books, 2008.

PONTES, Maria do Rosário — «O Simbolismo do Centro nas Narrativas Maravilhosas», in *Revista da Faculdade de Letras «Línguas e Literaturas»*, Porto, n.º XVI, 1999.

POUSÃO-SMITH, Selma — *Rodrigues Lobo, os Vila Real e a Estratégia da Dissimulatio*, Tese de Doutoramento, 2 vols., Lisboa: [ed. autor], 2008.

Primitivisme et mythes des origines dans la France des Lumières : 1680-1820, org. Institut de recherches sur les civilisations de l'Occident Moderne, textes réunis par Chantal Grell et Christian Michel, Paris : Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1989. [actes du colloque (24 et 25 mai 1988)]

PROUST, Marcel — *Contre Saint-Beuve: suivie de nouveaux mélanges*, préf. Bernard de Fallois, 18ème ed., Paris: Gallimard, 1954.

PROUST, Marcel — *Sobre a leitura*, trad., pref. José Augusto Mourão, Lisboa: Vega, 1991.

PUGLIESI, Marcio — *Mitologia Greco-romana: arquétipos dos deuses e heróis*, 2.ª ed., São Paulo: Madras, 2005.

PUNGITORE, Verna L. — *Innovation and the Library: The Adoption of New Ideas in Public Libraries*, London: Greenwood Press, 1995.

RACINE, Jean — «Iphigénie en Aulide», *Oeuvres Poétiques*, Paris: Typographie de Firmin Didot Frères, 1854, vol. 3, pp. 3-9.

RAFAEL, Ana A. — *O vivente livro: o mito da biblioteca ideal nas Prosas Portuguezas de Rafael Bluteau*, Tese de mestrado apresentada na FLUP, Porto: [s/n], 2008.

— «Os autores e as obras esquecidos: Rafael Bluteau e o seu *Vocabulário*», Comunicação apresentada no colóquio «Por prisão o infinito: censuras e liberdade na literatura», org. Grupo de Estudos Lusófonos (GEL) da FLUP. (disponível on line: <http://web.letras.up.pt/porprisao/Ana%20Ara%C3%BAjo%20Rafael.pdf> última consulta em 12-09-2012).

— «Utopia e Espiritualidade nas Prosas Portuguezas de Rafael Bluteau», *Cadernos de Literatura Comparada – 19, Utopia e Espiritualidade*, Porto: Edições Afrontamento, 2008, pp. 179-93. (Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da FLUP).

RASSAM, Joseph — *Le silence comme introduction a la métaphysique*, 2.^a ed., Toulouse : Editions Universitaires du Sud, 1988.

REIK, Theodor — *Listening with the third Ear: the inner experience of a psychoanalyst*, NY: Grove Press, 1956.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. — *Dicionário de Narratologia*, 7.^a Ed., Coimbra: Livraria Almedina, 2002.

REMÉDIOS, Mendes dos — *História da Literatura Portuguêsa*, Coimbra: F. França Amado Ed., 1914.

RIBEIRO, José Silvestre — *História dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia*, 18 vols., Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1871.

RICOEUR, Paul — *Ideologia e Utopia*, trad. Teresa Louro Perez, Lisboa: Edições 70, 1991.

RIFFARD, Pierre — *Dicionário do Esoterismo*, trad. Maria João Freire, Lisboa: Teorema, 1994.

RODRIGUES, Graça Almeida — *Estudo de História Literária: Os autores e as épocas*. Lisboa/São Paulo: Ed. Presença/Martins Fontes, 1979.

ROTH, Philip — *The human stain*, New York: Vintage, 2001.

SAINT-EVREMONT — «Sur la dispute touchant les anciens & les modernes», *Oeuvres Meslées*, Paris: chez la veuve de Claude Barbim, 1700, vol. 1, pp. 280-6.

SANTOS, Zulmira — *Literatura e espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida*, Porto: [s/n], 2002.

SARAIVA, António José — *O discurso engenhoso: ensaios sobre Vieira*, Lisboa: Gradiva, 1996.

SARAIVA, António José — *O discurso engenhoso: estudos sobre Vieira e outros autores barrocos*, São Paulo: Perspectiva, 1980.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar — *História da Literatura Portuguesa*, 17.^a ed., Porto: Porto Editora, 1996.

SARTRE, Jean-Paul — *Les mots*, Paris: Gallimard, 1964.

SARTRE, Jean-Paul — *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*, trad. Paulo Perdigão, 11.^a ed., Petrópolis: Vozes, 2002.

SARTRE, Jean-Paul — *Qu'est-ce que la littérature?*, Paris: Gallimard, 1948.

SCHÖKEL, Luis Alonso — *La palabra inspirada: la Biblia a luz de la ciencia del lenguaje*, 3.^a ed., Madrid: Ediciones Cristiandad, 1986.

SCOTT, Robert L. — «Rethoric and silence», in *Western Communications Journal*, n.º 36, 1972, pp. 146-158.

SÉNECA — *Cartas a Lucílio*, trad., pref. e notas J. A. Segurado e Campos, Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 1991.

SENNETT, Richard — *The fall of public man*, New York: Knopf, 1977.

SÉRGIO, António — *Educação Cívica*, Porto: Renascença Portuguesa, 1915.

SILVA, Jorge Miguel P. Bastos da — *A Mundividência Heróica e a Instituição da Literatura: Poética e Política das Letras Inglesas na Época de Addison e de Pope*, Tese de Doutoramento apresentada na FLUP, Porto: [s/n], 2007.

SILVA, Jorge Miguel P. Bastos da — *Utopias de cordel e textos afins: uma antologia*, V.N. Famalicão: Quasi, 2004.

SILVESTRE, João Paulo — *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*, Lisboa: Imp. Nac. – Casa da Moeda, 2008.

SMITH, Adam — *An Inquiry into the nature and causes of the wealth of nations*, 3 vols., London: A. Stranan, T. Cadell and W. Davis, 1799.

SOARES, Ernesto e LIMA, Henrique — *Dicionário de Iconografia Portuguesa: retratos de portugueses e de estrangeiros em relações com Portugal*, Lisboa: Instituto para a Alta Cultura., 1947.

SOUSA, Eudoro de — *Mitologia, história e mito*, apres. de Constança Marcondes César, Lisboa: Imp. Nac. – Casa da Moeda, 2004.

STAROBINSKI, Jean — *Histoire du traitement de la mélancolie des origines à 1900*, Bâle: J. R. Geigy, 1960.

STAROBINSKI, Jean — “L’idylle impossible”, *L’invention de la liberté (1700-1789)*, Genève : Éditions d’Art Albert Skira, 1964, pp. 159-61.

STEINER, George — *Langage et Silence*, trad. Lucienne Lotringer, Paris: Éditions du Seuil, 1969.

STEUDING, Hermann — *Mitología Grieca y Romana*, trad. J. Camón Aznar, 3.^a ed., Barcelona: Editorial Labor, 1930.

STIEGLER, Bernard — «Machines à lire», *La Bibliothèque*, dir. Richard Figuiet, Paris: Autrement, 1991.

STRAUSS, Leo — *The persecution and the art of writing*, New York: Free Press, 1952.

SWIFT, Jonathan — *The batttle of the books and other short pieces*, introd. Henry Morley, London: Cassell and Company, 1909.

TACITE — «Annales», *Oeuvres complètes*, traduction de Dureau de Lamalle, Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1866, Tome premier.

TAVARES, Jorge Campos — *Dicionário de Santos: hagiológico, iconográfico de atributos, de artes e profissões, de padroados, de compositores, de música religiosa*, Porto: Lello & Irmão, 1990.

TESAURO, Emanuel — *Il cannocchiale aristotelico*, Venetia: Presso Paolo Baglioni, 1669.

TRESSIDER, Jack — *Os símbolos e o seu significado: um guia ilustrado da interpretação de mais de 1000 símbolos*, trad. Marisa Costa, Lisboa: Editorial Estampa, 2000.

TROUSSON, Raymond — *Thèmes et mythes: Questions de méthode*, Bruxelles: Éditions de l’Université de Bruxelles, 1981.

VERDELHO, Evelina — *Lexicografia sinonímica portuguesa o “vocabulário de sinonimos, e phrases” de Rafael Bluteau e o “Ensaio sobre alguns synonymos” do Cardeal Saraiva*, Sep. Biblos, 57, Coimbra: FLUC, [1982], pp. 171-221.

VERNEY, Luís António — *Verdadeiro método de estudar*, ed. António Salgado Júnior, 5 vols., Lisboa: Sá da Costa, 1949-1952.

VIEIRA, António — «Sermam da Sexagesima Prégado na Capella Real...», *Sermoens. Primeyra Parte*, Lisboa: Off. Joam da Costa, 1679, pp. 1-86.

— «Sermam de S. Antonio. Pregado na Cidade de S. Luis do Maranhão, anno de 1654...», *Sermoens. Segvnda Parte*, Lisboa: Off. Migvel Deslandes, 1682, pp. 309-45.

— *Sermoens. Primeyra Parte*, Lisboa: Off. Joam da Costa, 1679. (disponível on line: <http://purl.pt/297/1/> última consulta em 10-09-2012).

— *Sermoens. Segvnda Parte*, Lisboa: Off. Migvel Deslandes, 1682. (disponível on line: <http://purl.pt/292/1/> última consulta em 10-09-2012).

VILELA, A. — *O Livro e as suas técnicas*, ed. David Jorge Pereira, Braga: Editora Correio do Minho, 1992.

VINCENT, Catherine — «Latrão IV (1215): o ímpeto pastoral», *História do Cristianismo: A Idade Média, nem lenda negra, nem lenda áurea (2.ª Parte: séculos V-XV)*, dir. Alain Corbin, trad. Eduardo Brandão, São Paulo: Martins Fontes, 2009, pp. 202-6.

VOLTAIRE — *Lettres Philosophiques*, Amsterdam: Chez E. Lucas, 1734.

WATKIN, Alan — «Go west young man: public libraries in Portugal», in *Public Library Journal*, Somerset, vol. 7, n.º 3, May-June, 1992, pp. 73-6.

WITTGENSTEIN, Ludwig — *Tratado Lógico-Filosófico: investigações filosóficas*, trad. M. S. Lourenço, Lisboa: F.C.G., 1987.

YATES, Frances — «Las academias italianas», in *Ensayos Reunidos II*, Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1991.

YATES, Frances — *L'art de la mémoire*, trad. Daniel Arasse, Paris: Gallimard, 1966.

YOUSSEF, Ahmed — *Les sept secrets de la Bibliothèque d'Alexandrie*, Monaco: Editions du Rocher, 2002.

ZAGORIN, Perez — *Ways of Lying: Dissimulation, persecution, and conformity in early modern Europe*, Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 1990.